VOCABULARIO INDIGENA

Em uso na Provincia do Ceará,

COM

EXPLICAÇÕES ETYMOLOGICAS,
ORTHOGRAPHICAS,
TOPOGRAPHICAS, HISTORICAS, THERAPEUTICA, ETC.

POR

PAULINO NOGUEIRA.

A

ABACATE : planta originaria do norte do Brasil ; no Pará é espontanea, e no Crato abundante. — O fructo tem um decimetro de comprimento, casca lustrosa e resistente ; dentro contém uma massa verde saborosa, que se come com assucar, limão ou vinho. — Ha o redondo, de gargalo e o rôxo ou de *Cayenna*, assim chamado, porque foi importado desse paiz em 1808. Braz Rubim, *Vocabulos Indigenas e outros introduzidos no uso vulgar*, na *Rev. do Inst. Hist.*, *T. 45*, *P. 364*. O albumen é empregado contra dysenterias ; e de infusão com vinho branco toma-se como aphrodisiaco. Barbosa Rodrigues, *Rev. cit.*, *T.* 44, *P. 35*. — O caroço tem uma utilidade singular : serve para marcar roupa. Posto sob o panno e picado a alfinete larga no tecido uma tinta

inalteravel á acção da lavagem. S. de Frias, *Uma Viagem ao Amazonas*, *P. 141—Ety:*—Silva Guimarães, no seo *Diccionario da Lingua Geral dos Indios no Brazil*, diz que na lingua principal dos indios do Pará essa fructa tem o nome de *anacatahy*; mas inclino-me a crêr que o vocabulo é indigena, corruptéla de *iba* fructa e *catú* bôa. E' frequente nessa lingua o — *i* inicial mudar-se em— *a*, e possivel a syllada longa final tornar-se bréve. Bem merece este nome —

..... o abacate olente,
Cuja polpa supera a fina crême,

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 251.)

Chama-se a arvore *abacateiro*. A terminação *eiro*, *eira*, juncta aos nomes de fructo ou fructa, significa arvore.

ABACAXÍ : a melhor especie de ananaz, de que differe no tamanho, grossura, côr e sabor ; a casca arroxêada, um pouco amarrellada, quando maduro, e o miólo branco. Abunda muito no norte, sobretudo no Pará. Para o sul váe degenerando e perdendo suas excellentes qualidades. — *Ety:* — corruptéla de íba fructo e *catì* rescendente. Baptista Caetano, *Vocabulario das Palavras Guaranis*, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, T. 7, P. 185. Pelo cheiro e sabor merecia de preferencia o elogio que fizeram os poétas ao ananáz. (Vide).

AÇAHÍ : (*E. edulis*, M.) : palmeira oriunda do Pará e Amasonas. Os cachos crescem até meio metro, formados de coquinhos do tamanho de um bago de uva. E' um nucleo espherico, coberto de uma pellicula finissima da côr da amora madura. Reduzem-no á bebida, derramando uma porção em uma gamella com agua e esfregando os côcos com as mãos ; destaca-se a pellicula, e tinge-se a agua de uma côr negro-carminea. Passado tudo por um panno, fazem uma bebida muito agradavel com consistencia e gosto approximados do leite. Com assucar é refresco da melhor qualidade. Esta combina-

ção, como o guaraná, é invento dos indios. Hercules Florence, *Esboço da Viagem de Langsdorff no interior do Brasil*, *Rev. do Inst. cit.*, *T. 39*, *P. 176* — *Ety* : — abreviatura de *uaçahí* fructo saudavel, de *uá* fructo e *eçaí* saudavel, são. — Escreve-se geralmente *assahí*; mas impropriamente, porque o indigena não dobra vogal, nem mesmo o — *s*, que corresponde ao — *c* cedilhado, porque a lingua repelle o sibillo, que lhe é proprio. Couto de Magalhães, O *Selvagem*, *P. 1 e 14*, e Faria, *Compendio da Lingua Indigena Brasilica*, *P. 2*. No Maranhão e Alagôas é conhecida por *jussára*.

ACARACÚ : rio que deo o nome á cidade ; nas grandes cheias tem dado communicação até Sobral por canôas. Em 1839 foi a primeira ; em 1875 a segunda. (Vide *Cearense* de Abril de 1875)—*Ety* :—*acará* peixe, *acá* corno e *hy* agua:—rio de peixes de cornos, ou *acará*, *goaçú* grande, e *hy* :—rio de peixes grandes. Martius, *Glossaria Linguarum Braziliensium*, P. 489 ; — *acará* garça e *có* buraco—rio do ninho das garças. J. de Alencar, *Iracema*, *Notas*, *P. 169*. Nenhuma, porém, é acceitavel ; pois nem o rio tem peixes grandes nem de cornos, nem *có* significa buraco, como assevéra B. Caetano na *Rev. Bras.*, T. 2, P. 351. A verdadeira me parece: *acará* garça e *có* quinta ou roçado—quinta de garças, de que as margens do rio são abundantes ainda hoje: garças brancas, grandes e pequenas ; pardas, grandes e pequenas ; e azúes, conhecidas pelo nome de *tamatião*. (Vide Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, *Collecção de Etymologias de Nomes Brasis*, na *Rev. do Inst.* cit. T. 8, P. 70 — Por Decreto de 5 de Setembro de 1832 a povoação foi elevada á freguezia com a denominação de *Barra do Acaracú*, para onde foi então removida a freguezia da Almofala ; mas a lei provincial n.° 1814 de 22 de Janeiro de 1879, art. 1.° § 6.°, mandou escrever *Acarahú*, e outra lei n.° 2019 de 19 de Setembro de 1882 elevou a villa á categoria de cidade com a só denominação de *Acarahú*. Com est'outra orthographia official a sinificação será então : *rio das garças*, de *acará* e *hú* agua. (Vide B. Caetano, *Ensaios de Sciencia*, T. 2. P. 113).

ACARACÚ-MIRIM: riacho, affluente do Acaracú. *Ety:* — *Acaracú*, e o diminuitivo *mirim* pequeno.

ACARACUSINHO: lagôa na freguezia de Arronches. Nos terrenos adjacentes ha minas pobres de chumbo e outros metaes, cuja exploração infructifera já foi concedida por Decreto n.º 5356 de 23 de Julho de 1873 — *Ety:* — A mesma do vocabulo antecedente, já traduzido o deminuitivo *mirim*.

ACARAPE: serra, freguezia e villa á margem da Estrada de Ferro de Baturité, proximo desta cidade. Por causa da má qualidade do fumo, que primitivamente ahi se fabricou, o nome *acarape* servio por muito tempo de qualificar o máu fumo de qualquer localidade, e até qualquer outro objecto; mas tornou-se celebre por ter sido o primeiro municipio na Provincia e no Brasil livre de escravos. (a 1 de Janeiro de 1883) — *Ety:* — *acará* peixe e *pe* caminho, caminho ou canal do peixe, Martius cit. P. 489. Prefiro — caminho das garças. J. de Alencar cit., P. 182. *Acará* tanto significa peixe como garça, de cujas pennas os indios faziam seos pennachos (G. Dias, *Diccionario da Lingua Tupy*) Sendo o rio pobre de peixe é mais natural a ultima versão.

ACARÍ: peixe cascudo, d'agua doce, de um palmo de comprimento, quando muito, semelhante ao bagre na forma. E' saboroso estando gordo. Ha o *barbado, cachorro* e *sovela*. *Ety:*—*cáa* mato e *iri* andar junto; por que anda em cardumes. Chama-se tambem *peixe do mato* (Vide *Camboatá*).

ACAUÁN *(Herpetothéres cachimano):* ave da cabeça grande, côr cinzenta, barriga, peito e pescoço vermelhos, costas pardas, azas e cauda pretas, malhadas de branco. Mata cobras, sustenta com ellas os filhos e pendura-lhes como trophéos as pelles na arvore em que habita. Passa por agoureira. Os indios, quando esperam algum hospede, affectão conhecer pelo canto desta ave o tempo em que aquelle deve chegar e o tempo que se demoram na jornada. Os ovos seccos e feitos em pó são contra-veneno do de cobra.- G. Dias cit. e *Brasil e Oceania*, *Obras Posthumas*, T. 6, P. 133. Dizem que as cobras

fogem quando ouvem o seu canto. Martius cit. P. 434. Seo canto, que só se faz ouvir nas noutes de luar, produz nas jovens tapuyas tal abalo que causa-lhes ataques hystericos, conhecidos pelo nome do passaro. B. Rodrigues, cit. P. 66. Mas pela caça que dá ás cobras é considerada pelos indigenas como um natural protector do homem. Walppœus, *Brazil Geographico e Historico*, Edic. condensada de Capistrano de Abreu e Valle Cabral, P. 213 — José Gonçalves da Fonseca, *Primeira Exploração dos Rios Madeira e Guaporé*, 1749, P. 401, dá o seo testemunho de ter visto um indio de Marajó, no Pará, restabelecér-se da mordedura de uma *surucucú* com o bico da *acauán* e do unicornio da *inhaúma*, redusidos a pó, depois do emprego de outros remedios, sem proveito ; e Baéna, *Ensaio Corographico no Pará*, diz tambem que o bico, redusido a pó, serve de triága. — *Ety:* — *cáa* páu e *uán* do verbo — *u* comer: — come páu J. de Alencar cit., P. 177. Mas esta ave não come páu ; por isto é preferivel :—*acá* e um suffixo—briguento ; ou *acaê* ou *acab* brigar, donde *acauáe* brigador. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 19 e 213. Tambem é conhecida pelo nome de *macaguá*, contracção de *mboi-acá-har* aquelle que briga com as cobras. B. Caetano cit. P. 213. Pode tambem ser voz onomatopaica, corruptéla de *uacauán*, expressão do seo canto, como opina B. Rodrigues cit. — Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit. T. 3.°, P. 225, escreve — *cauán ;* Martius cit., P. 465 — *oacaoán*, e G. Dias cit. — *maucaoán ;* mas a orthographia mais seguida é a do texto.

AGUAPÉ : nymphêa, a rainha das flôres, a que os indios chamavam— *milho d'agua* ou *jaçanàn*, por servir de ninho á essas aves paludáes ; nasce branca, e com a luz do sol váe-se rosèando até se tornar escarlate. J. de Alencar, *Ubirajára*, Notas, P. 205. Em alguns rios, como na bacia do Rio da Prata, esta planta aquatica cobre a agua com um tecido tão basto e compacto que sustenta em cima um homem deitado ; e quando nas primeiras enchentes o rio destaca algum pedaço desse immenso tapete para arrastal-o em sua serena e vagarosa corrente, os tigres costùmão-se embarcar em cima, e assim viajão dias. Lá essa planta é uma especie de

lyrio aquatico, de flôres brancas em cachos, com o calice da corólla ás vezes rôxo, ás vezes côr de rosa. Couto de Magalhães. O *Selvagem*, cit. P. 161. *Ety* :—corruptéla de *ig* agua e *potira* flor. Os portuguezes corromperam esta palavra, transformando-a de *iguapé* em *aguapé*. J. de Alencar cit. Mas B. Caetano no seo *Vocab.* cit., P. 25, dá-lhe melhor significação — redondo, chato, nome de varias nymphêas ; e Moraes, no seo *Diccionario Portuguez*, verbo *Agua*, dá-lhe significação inadmissivel :— especie de vinho muito aguado e fraco, da mistura d'agua com o succo da uva já exprimida.

AIPIM : nome por que no sul é conhecida a nossa macacheira ou mandióca doce. F. Tavora, *O Cabelleira*, P. 310, Nóta. Batata excellente, quando enchuta, por isto cantada pelos poétas —

Do aipim farinhento, côr de jaspe
Os cylindros que o pão vencem no gosto,
Qual vence o mangustão a pera iberia.

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 253).

Os aipins se aparentam
Co'a mandióca, e tal furor alentam,
Que tem qualquer, cozido ou seja assado,
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.

(Botelho de Oliveira, *A Ilha da Maré*).

Chama o agricultor raiz gostosa
Aipí por nome ; e em gosto se parece,
Com a molle castanha saborosa,

(Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 29).

Ety : — *aim fructo* e *ip* secco — fructo secco, enchuto. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 29 — Moraes cit. dá quatro especies : *açú*, *branca*, *preta* e *pexà* ; e escreve—*aipim*, *aipii*, *impim* ; mas a verdadeira orthographia é a do texto.

ALUÁ : no Oriente è doce de farinha com manteiga e jagra ; no Brasil — bebida de arroz com assucar, fermentada em agua. Moraes cit.—No Maranhão chama-se *mocororó* ao *aluà* de arroz, G. Dias, *Dic.* ; e no sul — champanhe de ananaz ou de abacaxí. Macedo Soares, *Rev. Bras. cit.*, *T. 3*, *P. 225*, *Nota 1.ª* Mas no Ceará é o milho torrado, fermentado com agua e rapadura—*Ety.* : — agua na lingua dos negros, Moraes cit. ; — pode ser introducção d'Asia, mas alguns o tem por africano. Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, T. 1.º P. 185 ;— *ualuà* termo da lingua bunda. Ivens e Capello, *Viagem de Benguéla às Terras de Iàca*. Mas Sylvio Romero, *Rev. Bras. cit.*, T. 6, P. 213, o dá por tupí, e Macêdo Soares, na mesma *Revista*, T. 3, P. 225, Nota 1.ª, acha possivel que seja corruptéla de *aruá*—cousa agradavel, boa cousa, gostosa, apreciavel, como é esta nossa bebida popular. Penso tambem assim ; pois, si na lingua indigena não ha—L —, o— R, que é muito brando, muda-se constantemente em— L.

AMENDOÍM *(Arachis Hypogœa*, Linn) : planta,cujas sementes dão um oleo, que substitúe o azeite nos usos culinarios. *Ety* :—corruptéla de *mandubi*. B. Caetano, *Vocab*. cit. P. 217. (Vide *Mudubim).*

ANACÈS : tribu que habitava a bacia do Jaguaribe até o Mundahú ; docil, facilmente se acommodou com os européos : mas em 1713, em consequencia dos máos tractos que recebeo destes, investio contra o Aquiraz e depois contra a Paupina, perecendo na lucta 200 pessoas entre homens, mulheres e meninos. Araripe, *Historia do Ceará*, P. 112. *Ety* : — quasi parentes. Varnhagen, *Hist.* cit., P. 100.

ANANAZ *(Bromelia ananàs)* : é raiz com folhas de feição das do *croatá*, seccas e fibrosas, com picos recurvos ; do centro sáe o fructo sobre o talo cylindrico, com a casca amarella e o miôlo amarellado, corôado de folhas, como as do pé, porém mais pequenas. D'ahi os elogios que tem merecido dos poétas, que o qualificaram de rei das fructas -

Das fructas do Brasil a mais louvada
E' o regio ananáz, fructa tão bôa,
Que a mesma natureza enamorada
Quiz como a rei cingil-a da corôa:
Tão grato cheiro dá, que uma talhada
Sorprende o olphato de qualquer pessoa
Que a não ter do ananaz distincto aviso,
Fragancia a cuidará do Paraiso.

(DURÃO, *Caramurù*, C. 7, E. 43).

Vereis os ananazes
Que para rei das fruitas são capazes:
Vestem-se d'escarlata
Com magestade grata
Que para ter do imperio a gravidade
Logram da corôa verde a magestade;
Mas quando tem a corôa levantada
De picantes espinhos adornada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas,
Não ha corôa no mundo sem espinhos.
Este pomo celebra toda gente,
E' muito mais que o pecego excellente,
Pois lhe leva a vantagem gracioso
Por maior, por mais doce e mais cheiroso.

(BOTELHO DE OLIVEIRA, *A Ilha da Maré)*.

Enchia a taba, rescendendo o aroma
O rei das fructas, o ananaz olente
De cota de couro e kanitar de bronze;
E juncto o vinho, em naturaes gomilhos,
Fervendo a essencia do guerreiro pomo.
E' fama secular que a ruim tristeza
Esta fructa real leda rechaça!

(PORTO ALEGRE, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 250)

Do fructo faziam os indios o *manauy*—vinho de ananaz, que dizem ser melhor quando fabricado do fructo inchado. O succo é recommendado aos doentes do figado e estomago, e ainda aos que soffrem de pedras no figado

e na bixiga urinaria ; diuretico e desobstruente ; pode-se applicar aos enfermos de febres continuas ou mesmo agudas, como salutar refrigerante. *Ety* : de *a* fructo e *nânâ* rescendente, modificado de *nê*. B. Caetano, *Vocab. cit.*, P. 34 — Moraes tem-no por originario das Indias, donde foi transplantado para a America ; mas Varnhagen cit., T. 2, *Pref.*, P. 13, e *Notas*, P. 446, tem o vocabulo por guarani, e G. Dias, *Dic.*, por *tupi*.

ANCORÍ : sitio, lagôa e serrote no municipio de Mecejana. *Ety* :—supponho corruptéla de *aricorí (côcos coronata)*, palmeira que cresce espontanea no norte. Diz o Dr. H. Leal que o succo do fructo verde é empregado contra ophthalmia. De *aricorí* fez-se *acorí* e por fim como no texto.

ANDÁ-AÇÚ *(joamésia princeps)* : arvore alta, copada e cultivada. As sementes são purgativas e perigosas ; pelo que são muito pouco empregadas. B. Rodrigues, *Rev. Bras. cit.*, P. 42. Planta medicinal, caustica, semelhante ao oleo de cróton. E' conhecida com a denominação de *Purga do gentio*, *Purga dos paulistas*, *Fructa da arára*. Pompêo, *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará*, T. 1.° P. 167, Nota 2.ª As sementes se empregam tambem em emulsão emeto-cathartica nas febres palustres rebeldes aos sáes de quinina. Barão de Villa Franca, *Nóte sur les plantes utiles du Brésil*. *Ety* :—corruptéla de *ê* — em — *eng* de sahir, de evacuar, e *á* fructo — fructo purgativo. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 34 ; e *açú* augmentativo-grande, abreviatura de *turuçú*, que na composição perde a 1.ª syllaba. C. de Magalhães, *O Sel vagem* cit., P. 7 ; ou corruptéla de *çur* com o prefixo *a* —o que excresce ou elle excresce. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 24 — *Oçú*, *uaçú* e *guaçú* são variações que significam a mesma cousa. G. Dias, *Dic.*

ANDIRÓBA *(Carapa Guayanensis, Aubl.)* : arvore elevada; os fructos do tamanho da cabeça d'uma criança e cheios de amendôas triangulares, mas o azeite muito amargoso e só serve para alumiar e fazer sabão. Walpœus cit. P. 247. Serve tambem para curar em fricções as erysipélas, inchações, rheumatismo e feridas prove-

nientes de mordeduras de insectos; assim como é bom preservativo da ferrugem, applicando-se-o sobre o ferro. Diz S. de Frias cit., P. 219, que esse azeite é extraido das sementes por meio d'agua a ferver. — A casca é igualmente amargosa e medicinal; serve, em cozimento, para matar vermes intestinaes, nas febres intermitentes; e externamente emprega-se contra as impigens e as affecções cutaneas, provenientes tambem das picadas dos insectos. Martius, *Syst.* de *Mat. Med.*—*Ety.* :—*nandy*, *jandy* oleo, e *yroba* muito amargoso. B. Rodrigues, *Rev. do Inst. cit.* P. 42, e Fr. Maranhão cit. P. 71.

ANDREQUICÉ: capim ou graminea, cujas folhas cortam como faca. (Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 4, P. 269), preferido pelos cavallos, que com elle muito engordam. Freire Allemão, *Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua geral brasiliana*, *Rev. do Inst.* cit., T. 45, P. 353. É muito abundante na serra do Araripe. — *Ety.*: — corruptéla de *andirà* morcego e *quicê* faquinha — quicê de morcego, pela semelhança com este animal, que fere e chupa os animaes, soprando-os; da mesma forma por que este capim, não obstante cortar os cavallos, engorda-os.

ANINGAÍBA OU ANINGA *(Arum sp.)*: arvore aquatica; os caules verdes acinzentados, folhas sagittiformes, que formam verdadeiras estacadas, impenetraveis, chamadas *Aningáes*. Walppæus, P. 233. O fructo assemelha-se ao de um ananaz, pequeno, com corôa, porém acre e caustico. John Luccok, *Vocabulario da Lingua Tupy*, *Rev. do Inst.* cit., T. 44, P. 22. A casca é uma especie de cortiça branca com que os aborigenes afiavam suas quicés. A folha machucada, applicada em cataplasmas sobre ulceras atonicas, é modificativo; assim como o cozimento em banhos é de bom resultado para o rheumatismo. Nicoláu Moreira, *Supplemento do Dic. de Plantas Medicinaes do Brazil.* A mesma raiz, ralada e posta sobre a mordedura da cobra, depois de sarjada a ferida, é bom antidoto — Com pedaços do caule amarrados em cordas caçam os indios os jacarés quando esfomeados, porque atiram-se á essa isca e ficam com ella

presa nos dentes, e por ella são puxados para a terra. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., T. 44, P. 44. *Ety.*:— *aninga e iba* arvore, — arvore da aninga.

ANÚM *(Crotophaga)*: ave voraz, sustenta-se de insectos que apanha por modo muito curioso. É quasi do tamanho de uma gralha e assemelha-se tambem á ella na côr. O bico é bifurcado e grosso, porém termina em uma ponta aguda. A cauda comprida e de oito pennas; vive perto dos campos cultivados. J. Luccok. cit., P. 7. Tem por habito, ao meio dia, mais ou menos, subirem todos á uma arvore e fazerem uma cantarola á maneira da *guariba*; donde vem ao povo a crença de que é ave agoureira. É seo entretenimento predilecto emmaranhar as crinas dos cavallos em que podem pousar. — Andam em bandos, e depõem os ovos em um só ninho por camadas. Os ovos são azúes, cobertos de um pigmento. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., T. 44, P. 44 — *Ety.*: — Vem da tal ou qual semelhança do seo grito desagradavel. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 174; — canta pronunciando o seo nome. Moraes cit. e Caldas Aulete. *Dic. Contemp. da Ling. Port.*; — só, solitario, Martius, *Gls.* cit., P. 34, e C. de Magalhães cit., P. 193, nota;—o comedor, o glutão, do verbo *u* comer. J. Luccok cit. P. 7. —Melhor: aparentado, conjuncto, porque esta ave vive em sociedade, B. Caetano, *Vocab. cit.*, P. 37. Este vocabulo escripto com *nh*, á portugueza, traria confusão com *anhó (ang-hó) animæ*, ire, *suspirus*, e *añó-solus*, *unicus*. B. Caetano. *Ens. de scien.* cit., T. 1.°, P. 59.

APÁRA *(Cervus rufus, F. Cuvier)*: especie de viado, da cabeça afilada, do pellagio escuro-vermelhado, galhos simples. Habita os bosques e interna-se pelas grandes florestas, onde vive solitario e aos pares, nutrindo-se da folhagem tenra das araceas, fetos e grelos de algumas gramineas. É a especie de carne mais saborosa. Walppæus, P. 298—É hoje raro na Provincia—*Ety.*:—*apára* torto, por causa da conformação dos chifres tortos.

APUJARÉS: tribu errante e feroz, descendente dos *tobajáras* e *tapuyos*, sem outras armas mais do que suas maças—páus agudos em forma de dardos. Mello Moraes,

Corog. cit. T. 2., P. 376, Theberge, *Esboço Historico sobre a Provincia do Ceará*, *Part. 1.°* P. 6.—*Ety.* : — poderosos, Roberto Southey, *Hist. do Bras.*, T. 1.°, P. 136.

AQUIGIROS ou Aquihiros: tribu de pegmêos, mas muito valente. Theberge cit. P. 6.—*Ety.*: corruptéla de *iki-gi-i* junto, machado pequeno; porque andavam armados de machadinhas (de pedra), proporcionadas a seo tamanho.

AQUIRAZ: villa, antiga capital da Capitania, á 7 legoas da Fortaleza. *Ety.* : — Araripe, *Hist. cit.* P. 110, dá como nome portuguez de uma antiga villa de Portugal; mas não resta duvida que é indigena. Si não o fosse deveria constar do *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, ou do *Diccionario Geographico* de Paulo Perestelo da Camara; e entretanto de ambos nada consta. Por outro lado, si ainda assim não fosse, a *Aquiraz* deveria ter precedido um nome indigena, como acontece com os demais logares da Provincia; e tambem nada consta a este respeito. Ao contrario, folheando-se os antigos registros da Camara Municipal do Aquiraz, nelles encontra-se, repetidas vezes,—*Aquiras*, *Akirás*, *Akirazes*, — gentio desta terra. Ora, não é possivel que para o *gentio da terra* os colonos fossem buscar o nome de uma villa europêa, sendo antes certo que geralmente a denominação das tribus indigenas era acceita e não imposta pelos mesmos colonos. Estes applicavam aos selvagens os nomes que ouviam elles dar a si ou aos outros; só por factos muito singulares os povoadores civilisados do logar tiravam nomes para os indios, como succedeo com os *botocudos*, *canoeiros*; *cavalleiros* e outros, os quaes tinhão aliás suas denominações proprias, conhecidas no seo idióma, como *purús*, *payaguás*, *guaycurús* etc. Mas o que acaba de resolver toda a duvida é a seguinte Nota, em latim, do Padre John Breiver (que esteve 10 annos na Ibiapaba e no Ceará em 1751) no jornal allemão *Christoph Gottlieb Von Murr*, *Journal Zur Kunstgeshuchichite Allegemeinem Litteratur*, *Part. XVII*, *Pag. 273—274*, *Impr. Niemberg*, *1789*: «*Notandum in oppido hujus Capitaniæ principali — Agoai-*

kirá, dicto (Lusitani corruptè vocant — Aquirás vel Aquiraz) et ejus vicinia pluviam communiter incipere ad solis occasum et durare usquè ad meridiem sequentis diei.» A qual traduso: «Deve-se notar que na principal cidade desta Capitania, chamada *Agoaikirá* (Em portuguez chamam-na por corruptéla *Aquirás* ou *Akiraz)* não só nas visinhanças desta a chuva principia commumente do pôr do sol, como tambem dura até ao meio dia do dia seguinte.» — Vê-se d'aqui que *Agoaikirá* ainda não é o nome primitivamente indigena; este devia ser *Igikirá*, de *ig* agua, *iki* pouco, visinho, perto, e *yrá* adiante; significando — agua pouco adiante. Depois corrompeo-se em *Agoaikirá*, já tradusido para o portuguez—*ig*, como se encontra ainda em muitos vocabulos, como *Aguatú*, orthographia de Pompêo tanto no seo *Dic. Top.*, como *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 37, e que é corruptéla de *ig-catú* agoa boa, potavel, nome de uma das maiores lagôas da Provincia, o qual passou ultimamente para a cidade e municipio a que pertencia. (Vide *Igatú)* A etymologia e significação são naturaes; pois o Aquiraz está situado sobre uma collina, banhada pelo rio *Pacoty*. O indigena, que ahi chegasse, diria naturalmente — *ig-iki-yrá*, *agoaikirá*, ou *aquiraz*, como actualmente se escreve; isto é,—agoa pouco adiante.— Resta a resolver uma objecção. O marquez de Pombal, receioso de que, pela importancia que ia tomando na colonia a lingua *tupi*, viésse a ser prejudicada a portugueza, entre outras medidas, tomou a de ordenar ao Governador de Pernambuco, por Carta Regia de 6 de Maio de 1758, que elevasse á categoria de villa, com os nomes de logares da metropole, as aldêas fundadas pelos jesuitas, e que contassem, cada uma, de 50 fogos para cima; pelo que aquelle Governador baixou ao Capitão-mór da Capitania do Ceará a Ordem de 6 de Agosto de 1763, em virtude da qual passaram *Macaboqueiro* á Granja, etc. *Aquiraz* não soffreu mudança de nome, porque já era villa, e a Ordem não podia retroctrahir á ella, do mesmo modo por que não pôde retroctrahir ao *Ceará*, antiquissima denominação da Capitania, antes *Paiz do Jaguaribe*.

ARAÇÁ *(arvore do genero psidium, familia das myrtaceas):* A arvore chama-se *araçazeiro*, grande, pela mór parte dá-se em terra fraca na visinhança do mar. A fructa é saborosa e presta-se a excellente doce.

Os araçazes grandes ou pequenos,
Que na terra se criam mais ou menos;
Como a pera da Europa engrandecidas,
Como ellas variamente parecidas,
Tambem se fazem dellas
De varias castas marmelladas bellas.

(BOTELHO DE OLIVEIRA, *A Ilha da Maré.)*

Ha diversas qualidades: *Araçaguaçú* ou grande, araçá-pedra, araçá-*peróba*, araçá de umbigo, araçá-*raná* ou brabo, araçá de veado e araçá-*mirim* ou pequeno, que é o melhor. O cozimento deste serve para lavar feridas velhas e de garganta, em gargarejos.—*Ety.*: de *ar* tempo e *ahá* nascimento; estação, epocha. Nome dado a diversos *psidiuns*. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 47.

ARACATÍ: cidade, cujo primeiro nome foi *Cruz das Almas*. Candido Mendes, *Memorias do Maranhão*, T. 2° P. 160, Nota 3.ª—*Ety.*:—*Pedra branca compri. para cima*, no logar *Passagem das Pedras*. Barba ... ardo, *Memoria sobre a Capitania do Ceará*, na *Rev. do Inst.* cit., 1871, P. 262; — *bonança, opportunidade*. G. Dias, *Dic.*; mas a verdadeira é --bons ares, de *ará* tempo e *catú* bom. Martius, *Glos.* cit. P. 539. Era assim que os selvagens do sertão chamavam ao vento do norte, que soprava regularmente das 7 para as 8 horas da noute, e se derramava pelo interior da Provincia, refrescando-o da calmaria abrasadora do verão. D'ahi veio chamar-se *Aracati* ao logar donde vinha a monção. Ainda hoje no Icó o nome é conservado á brisa da tarde, que sopra do mar. J. de Alencar, *Irac.* cit. P. 171. Entretanto Pompêo, no seo *Ens. Est.* cit. P. 53, diz que esse vento, como o Siróco nos desertos d'Africa, é prejudicial á salubridade! Não diz isto a tradição constante, que o dá como um refrigerio das populações por onde passa, sem lhes causar o minimo damno.

ARACATÍ-AÇÚ : rio, que dá o nome á uma villa do interior. *Ety.* : — aracatí grande, de *aracati* e *açù* augmentativo.

ARACATÍ-MIRÍM : rio pequeno, que divide a villa da Imperatriz da cidade de S. Anna. É geralmente conhecido por *Mirim*. *Ety.*:—aracatí pequeno, de *aracati* e *mirim* diminutivo.

ARACOIÁBA : rio na serra de Baturité ; suas aguas são tão excellentes que uma lei provincial n.º 1428 de 12 de Setembro de 1871 já concedeo previlegio de 30 annos a quem as canalisasse para o abastecimento da cidade—*Ety.*:—*ara* ave, *coi* fallar e a desinencia *ába* significando o logar em que a cousa se faz : onde as aves gorgeiam.

ARAPIRÁCA : arvore grande, frondosa, da folha miudinha, assim como a fructa, que o gado come. A madeira é alva, duradoura, e presta-se á construcção grosseira—*Ety.*:—páu liso, corruptéla de *muirapiróga*, de *muira* páu, e *piróga* calvo, liso. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 49.

ARAPÓNGA (*Casmarrhynaes nudicollis*) : passaro preto, quando novo. e branco, quando adulto, com o pescoço azul esverdeado. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit. T. 44, P. 48. Quanto mais velho tanto mais alvo é elle, de um branco luzente semelhante a alvaiáde. Silvio Dynarte (Taunay) *Rev. Bras.* cit., T. 1.º, P. 102, Nota 1.ª

Sahio de branco a Araponga
Com tão galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves
Pela alvura que mostrou.

(P.e Nuno Marques Pereira, *Romance.)*

Do tamanho de uma pequena pomba; tem o bico largo na raiz, um pedaço depennado e de côr verde á roda dos olhos. Pousa no tôpo da mais alta arvore dos bosques, e ali passa a maior parte do dia em um canto mavioso, que imita bem o ferrador atarracando ferradura na bi-

gorna. P.e Manoel Ayres de Cazal, *Corographia Brasileira*, T. 1.º, P. 127 —

E o echo ainda mais funebre e monotono,
Como o som do martello sobre a incúde,
Da immovel araponga, que soluça
De ancião jequitibá na altiva coma.

(MAGALHÃES, *Confederação dos Tamoyos*, C. 4º, P. 113.)

A cinzenta iraponga, cujo malho
Concute as rochas, e a deveza abala.

(PORTO ALEGRE, *Colombo*, T. 2º, C. 29, P. 255).

—*Ety.*: seu nome vem do seo canto. J. Luccok, *Vocab.* cit. P. 7; *uirapó* ave branca. B. Rodrigues cit.; *ará* ave e *pungá* inchação; ave de papo, porque incha no pescoço quando canta. Martius, *Glos.* cit. P. 452; a legitima denominação indigena é *guirapungá*, que quer dizer — passaro que incha, allusão conceituosa á papada, até carnosidade que estas aves tem por baixo do bico, e que se entumescem e inchão. É tambem chamada *ave de verão*, porque só canta durante a estação calmosa, *alma de caboclo*, *ferreiro*, *serralheiro* e *ferrador*. Silvio Dynarte cit. Mas penso que a verdadeira é a do mestre: *passaro martellante*, de *guira* ou *uira* passáro e *pong* soar. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 145—G. Dias, *Dic.* cit., escreve *guiraponga*, B. Rodrigues cit. *uiraponga*, Lacerda, *Dic. da Ling. Port. arapenga*, e Durão, C. 7, E. 62,—*hiraponga*, e diz que é no gosto regalada.

ARAPÚCA : armadilha de varinhas para pégar passarinhos. Juvenal Galeno, *Scenas Populares*, P. 273. —*Ety*:—*ara* ave, e *pug* cahir, rebentar, —no que cahe passarinho. (Vide *Quixó*).

ARÁRA *(da secção das aras);* ave do bico revolto, semelhante ao papagáio, porém de maior corpo, e a maior do genero, com uma grande cauda, que a impede de descer continuamente ao chão, e com pennas de varias côres. Moraes, cit.

Qual das bellas aráras traz vistosas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas.

(DURÃO, *Caramurú*, C. I. E. 22).

Ety.: — Os indigenas como augmentativo usavam repetir a ultima syllaba da palavra; *arára* vem a ser, portanto, augmentativo de *ará*. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 155; seu grito forte e aspero parece dizer *ará*, de que se lhe originou o nome. Moraes, cit. e J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 8; fallador, parlador, derivado de *aro*, que na lingua dos Aymarás significa lingua, palavra, mandamento, licença. B. Caetano, *Notas aos Indios do Brazil de Fernão Cardin*, P. 77; semelhante ao dia, á luz. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 48. Figuradamente: logro, pêta, baléla. E' mui gorda a *arára*, não passou. C. Aulete, *Dic.* cit.

ARARÉNA: taba ou aldêa historica, onde foram hospedados pelos *tobajáras*, na serra da Ibiapaba, os Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, recemchegados — *Ety.*: — corruptéla de *irarana* mel falso, de *yra* mel e *rana* falso, parallelo a *Irapuám* Melredondo, um dos caciques, que dominavam as tribus e *tabas* da Ibiapaba — Claudio de Abbeville cit., Cap. 12, P. 80, escreve *Araienda*, que já é corruptéla tambem do nome do texto.

ARARÍPE: serra; a chapada é secca e summamente fresca, abundante d'agua em suas faldas e sobpés, donde correm abundantes arróios, que utilisam todo o extenso valle do *Cariri*. Todo esse terreno é bem cultivado, produz canna, legumes, mandiócas e algum café: e passa sinão pelo terreno mais fertil da Provincia, pelo mais extenso, pelo que offerece mais proporções para desenvolvimento da cultura. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1.° P. 141. Em seus [illegible]éos existem sal-gemma, sulphato de magnésia de sôda. *Brasil na Exposição de Vienna d'Austria*, 1873, P. 53. *Ety.*: *arára* e *ype* habitação: logar de arára. Martius, *Glos.* cit., P. 491.

ARAÚNA: passaro azul ferrete. G. Dias. Dic.—*Ety.*: —*sug* azul e *una* preto. J. Luccok cit., P. 8. A literal é:

ardra, e *una* que significa *preto*. Martius, *Glos.* cit., P. 438 e Taunay, *Céos e Terra do Brazil*, P. 18, Nota 1ª. Mas nem sempre *una* significa *preto;* tambem a côr chegada ao negro ou escuro. (Vide *Una*) — E' tambem arvore corpolenta, que vegeta nos terrenos fortes e floresce em Setembro. A madeira serve para architectura.

ARATÁNHA : serra fertil em café, em cuja falda está situada a villa da Pacatuba. *Ety.*:—bico de ave, de *ará* e *tánhe*—dente. (J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 184)—No Ceará e Alagoas é tambem o nome de um camarão pequeno e branco; e no Piauhy o das vaccas pequenas. Beaurepeare Rohan, *Glossario de Vocabulos Bras.*, na *Gazeta Litteraria*, da Côrte, 1883, P. 87.

ARATANHAÍ : serrote na costa, entre Acaracú e Camocim. — *Ety.* : — *aratanha* e o diminutivo—*i*, aratanha pequena; porque é parecido com essa serra.

ARATICÚM *(do genero anóna):* especie de pinha molle, cheia de massa amarellada, com caroços da mesma côr, casca fina verde, com picos porém molles e curtos; saborosa e sadia. Moraes cit. dá 3 qualidades : *aticú-cagão* (assim chamado em Pernambuco), *ariticú-apé* ou do mato (*rollinea selvatica*, *Mart.*), branco e doce, e *araticú-pana*, que dizem ser venenoso, porque aos carangueijos que o comiam (diziam os indios) fazia mal. Conhecemos mais : *açú* de sabor agridoce, *arenario* ou d'areia, de *embira*, *ponhé*, do *rio*. (*Anóna spinesceno*, *Mart*). O cozimento da casca ou raiz do *pana* serve para rheumatismo e contra o veneno da cobra ; assim como a raiz serve para afiador de navalha e para rolha de garrafa. As sementes do do *rio*, reduzidas a pó e postas sobre as ulceras comichosas das crianças, dizem que matam o bicho das sarnas e curam-nas em pouco tempo. As folhas do *apé*, bem quen[illegible]tas sobre os tumores inflammatorios, promovem a supp[illegible]ação com brevidade. O suador do cozimento das folhas faz desapparecer as febres intermittentes. As folhas machucadas e applicadas sobre bobões syphiliticos os faz suppurar com rapidez. O chá dos grelos é contra a dôr de colica — *Ety :* — *ardra* e *tyk* sumo ou succo, sumo de

arára—J. Luccok. *Vocab.* cit. P. 13;—comida de arára, de *aràra* e *ticù* liquido, massa. B. Rodrigues, *Rev.* do *Inst.* cit., P. 50;—*a-ratî-cui*, cuia ou vaso de cabaço ou sabugo de fructas. B. Caetano, *Vocab.* cit.. P. 48. — A arvore chama-se *araticuzeiro*. Moraes cit.; mas C. Aulete cit., sem fundamento, diz que é *araticueiro!*

ARERÉ : *(anas viduata)* marreca pequena ; tem a cabeça preta toucada de branco, o peito pardo — avermelhado, e as costas pardas pintadas. Domestica-se facilmente. B. Rodrigues, *Rev. do Inst cit.*, P. 49.—*Ety.*: — corruptéla de *ererè*, proveniente do seo canto, que é um assobio, parecendo dar ás syllabas—*é-re-ré*. B. Rodrigues cit. Este autor escreve *araré* ou *ereré* ; mas Martius, *Glos.* cit., P. 449, verbo *Quaère*, escreve *arerè*, como vulgarmente se diz entre nós. — Tambem serra muito á margem do Jaguaribe, distante legoa e meia do Aracatí; pequena e pedregosa, com uma caverna celebre por sua profundidade. Pompêo, *Dic. Top.*

ARERIBÚ : nome primitivo do actual *Riacho das Russas*, assim chamado hoje, porque banha esta cidade. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 2. P. 57.—*Ety.* : — *arerè* e *pù* estrondo; grito da *arerè*.

ARERIÚS : tribu selvagem, que habitava a bacia do Acaracú; bravia e indocil. Araripe, *Hist. cit.*, P. 14 — *Ety.*: — agua de areré, de *arerè*, e *u*—agua.

ARIBÁ : *ety.* : — corruptéla indigena da palavra portugueza—*alguidar*, usada nos nossos sertões na linguagem vulgar: um *aribà* de pirão, de feijão, de arroz, etc.

ARIRÓN : serra secca e deserta no municipio de Canindé. Pompêo, *Ens. Est.* cit., P. 167—*Ety.* : — corruptéla de *ariri* (palmeira, *cocos schizophylla*, M.) e que literalmente significa — em nascimento, fazer nascer. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 506.—Pompêo no *Dic. Top.* escreve *Airirón*.

AROÉIRA (*ibatan astronium*) : arvore de extraordinaria grandeza ; o miólo tão rijo que não broca nem fende, donde o ditado popular — *tubida* de *aroëira* o *diabo que queira*, porque a abelha não tem onde faça a

colmêa. Dura seculos enterrada no chão. Sua casca é excellente adstringente, assim como o cozimento emprega-se nas affecções rheumaticas. D'ella se extráe tinta côr de rosa com que se tinge algodão para fazer rede. O extracto dos olhos emprega-se nas dyarrhéas— *Ety.*: — abreviatura de *araroeira* vocabulo hybrido, composto de *aràra* e da terminação portugueza — *eira* com a significação de arvore: arvore da *aràra*, porque é a arvore em que de preferencia essa ave pousa e vive. — Os indigenas tambem chamavam-na *ibatan* arvore dura, pela rigidez do seu amago. — É tambem arbusto de folhas aromaticas, que dá umas camarinhas vermelhas. Moraes cit.; assim como serrota secca e pedregosa no municipio da Imperatriz.

ARUANÃ: tartaruga de inferior qualidade, com cujos cascos cobrem-se bahusinhos e outros objectos delicados—*Ety.*: — corruptéla de *urud* (vide) e *nã* semelhante, tartaruga parecida com o *urud*.

ASSARÉ: villa central, cabeça de comarca — *Ety.*: — corruptéla de *içá* estaca, e *eré* particula affirmativa. Naturalmente alguma estaca alli encontrada pelos indigenas e que attrahio-lhes a attenção.—Acceitei a orthographia do texto por ser já official.

ATAPÚ: busio grande ou caramujo, que serve de trombeta ao nosso jangadeiro quando quer chamar os companheiros ou freguezes ao mercado do peixe. J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 273. Este uso foi abolido na capital em 1842, prohibindo as patrulhas da policia que se tocasse o busio na feira (vide acta da Camara Municipal da Fortaleza de 18 de Maio de 1842) — *Ety.*: — corruptéla de *itá* pedra e *pú* estrondo; grito de pedra.

ATTA *(anóna)*: pinha do Brazil, conhecida em algumas Provincias por *fructa do conde*. Passa geralmente pela melhor fructa da Provincia,e é muito apreciada nas outras Provincias. A arvore vegeta nos terrenos arenosos,onde dá ás vezes fructos maiores do que o côco da Bahia. A madeira é fina, torta e imprestavel para qualquer obra por sua porosidade e leveza, mas muito combustivel. O caroço passa por venenoso—*Ety*:—de *tatá* fogo

se fez,por metathesis,—*atta*, por causa da facilidade com que queima-se o páu. J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 14. — Moraes, Aulete e os demais diccionarios escrevem *ata*, mas a orthographia etymologica é a do texto, de que tambem usa B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 52. A arvore chama-se *atteira*.

AUÁ: pòvoado no caminho da Estrada de Ferro de Sobral, perto dessa cidade—*Ety.* :—abreviatura ou raiz de *apgauá* homem. C. Magalhães cit., P. 26.

B

BACURÁU *(Caprimulgus)*: ave nocturna,parda, com as pontas das azas brancas, bico curto e a abertura muito larga ; cauda e pés cinzentos; vôa baixo, ás vezes como que cahindo, e pousa de preferencia em arvores seccas e isoladas. Alimenta-se de insectos ; por isso habita de preferencia as praias e varzeas. Tem a especialidade de sempre estar gorda ; passa por uma das nossas bôas caças—*Ety* :—*ba* cahir, *açú* muito e *rau* falsamente, o que cahe muito falsamente, de sorpresa — Teixeira de Mello, *Rev. do Inst.* T. 49, P. 53, confunde-a com a *noitibó*, ave differente. (Vide *Oitibó).*

BACURÍ *(symphonia globulifera)* : arvore e fructo. G. Dias, *Dic.* cit. — A arvore dá excellente filaça para calafetar navios, e é bôa madeira de construcção. C. Aulete, *Dic.* cit. — Do fructo faz-se afamado doce no Maranhão—*Ety* :—o que cáe quando amaduréce, de *ba* cahir, e *curi* logo. B. Rodrigues. *Rev. do Inst. cit.*, P. 54.

BACURUMICHÁ, (*bumeliæ sp.*) : arvore grande; deita um fructo pequeno, oblongo, cheiroso e doce, que se come. Flóra em periodos indeterminados, com longos intervallos ás vezes ; donde vem ao povo dizer que dá de sete em sete annos, quando passa muito mais tempo sem florar—*Ety* :—corruptéla de *ibà* arvore, *kyrymi* pequeno, *uá* fructo,—arvore de fructo pequeno—Martius e C. Aulete cit. escrevem *Cumichà*.

BAIACÚ : peixe pequeno, vulgarmente conhecido por *peixe-sapo*, pela forma que toma deste animalejo inchando, como uma bola, quando se lhe toca. A carne é venenosa. Os indios assavam-no e serviam-se da carne para matarem ratos. Martius, cit. P. 439.—Ha casos de terem morrido pessoas que comeram-no com o fél, que é onde dizem que está o veneno—*Ety* :—corruptéla de *pajé* feiticeiro e *u* comer — comida de feiticeiro — Era tambem o nome das tribus *Canindé* e *Genipapo*. Araripe, *Hist. cit.*, P. 15. Escreve-se muitas vezes *Paiacú*.

BANABUIHÚ : rio, nasce na serra de S. Rita, em Maria Pereira e, engrossado pelo Quixeramobim e Sitiá, lança-se no Jaguaribe confundidas suas aguas com as do Salgado, no Limoeiro, depois de um curso de mais de 50 leguas. Diz Milliet, *Dic. Geog., Hist. e Discrip. do Imp. do Bras.* T. 1.°, que as suas aguas não são *salobres* como as do Salgado, quando as aguas do Salgado são talvez as melhores da Provincia! Deveu esse rio o nome a um Salgado, colono aventureiro que em antiquissimos tempos percorreu-o desde as suas cabeceiras, do mesmo modo que um riacho em Russas tomou o nome de *Palhano* do de um portuguez deste nome, que possuio terras em suas margens—*Ety* :—corruptéla de *panamby* borboleta, e *hú* agua. Martius cit., P. 492.

BATIPUTÁ (*gomphia caduca*) : arvore agreste ; deita uns fructinhos em cachos, que dão grande quantidade de oleo empregado em usos medicinaes e industriaes. *Revista de Hortecultura*, 1879, P. 188 — E' especifico contra o rheumatismo, e usa-se para o adubo da comida —*Ety*:—corruptéla de *abatiputá* arvore de muito fructo (cachos), de *iba* arvore, *ti* fructo e *etá* muito, interposto o—*p* por euphonia.

BATURITÈ : cidade á 15 leguas da Capital [illegible]a Estrada de Ferro do seo nome. Antiga aldêa. Elev. da á villa em 1763 com a denominação de — *Monte-mór o Novo d'America*, nome de uma villa do Alemt[illegible] em Portugal, manteve o nome indigena pela lei provincial n.° 226 de 9 de Janeiro de 1841, que a elevou á com[illegible]ca, e por outra n.° 844 de 9 de Agosto de 1857, que lhe deo

a categoria de cidade — *Ety:* — narsega illustre, de *batuira* narsega e *eté* surperlativo no sentido incorporeo, correspondendo na linguagem figurada a valente nadador. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 182: certo aço, corruptéla de *epo* por ventura e *itá-reté* aço. Martius cit. P. 492. Não me parece acceitavel a 1.ª por ser simplesmente uma combinação engenhosa para realce de um poéma de imaginação, pois não é crivel que o indio, intelligente em denominar as cousas, désse á uma serra o nome de nadador! A 2.ª porque, não conhecendo o indio o ferro, com maioria de rasão não devera conhecer o aço, que já é uma transformação artistica deste metal. A verdadeira me parece corruptéla de *ibi* terra, tira alta, isto é, serra, e *eté* em muito, por excellencia, verdadeira. De *ibi tira-eté* se fez Baturité serra verdadeira ou por excellencia. Em tupi é frequente a quéda do *i* inicial e a mudança em *a;* assim como as contracções. —Era tambem o nome de uma tribu, que habitava a serra do mesmo nome, e os sertões ao sul della. — Theberge, *Esboço Historico sobre a Provincia do Ceará* T. 1.º, P. 6.

BEBERIBE: freguezia no municipio do Cascavel — *Ety:* — corruptéla de *viba* canna e *pype* logar onde: onde cresce a canna. Martius cit., P. 462 — E' tambem o nome de uma fructinha, que se come, de um amarello encarnado, do tamanho do murici.

BEIJÚ: massa de tapióca ou de farinha de pàu, aplanada e cozida no forno. Moraes cit.—*Ety*:—corruptéla de *mbeiyú* (*mbi-iù* queimado, com translação de significação para o effeito de queimar), bôlo ou filó de farinha torrada. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 229 — Este vocabulo já se encontra em todos os diccionarios portuguezes.

BEIJUPIRÁ: tambem chamado *cação de escama*; passa pelo melhor peixe dos nossos mares, tanto que antigamente o pescador, que o pescava, arvorava uma bandeirinha no tôpo da véla da jangada e, ao chegar á terra, pagava *patente* aos demais jangadeiros, como se tivesse pescado o rei dos peixes—*Ety*:—peixe de bôlo

por causa da qualidade da sua carne, ou alterado de *pejub* pelle amarella, ou *apejub* casca, escama amarella. B. Caetano, *Vocab. cit.*, P. 229—Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 68, escreve *Berupirá*, e Magalhães, *Conf. dos Tam.*, C. 3, P. 38—*Jurupirá*. Mas a orthographia seguida é a do texto.

BERTIÓGA : *Ety* :—corruptéla de *buriqui-ôca* covil de buriquis (macacos). Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 53. Serróta no municipio do Icó.

BIBÓCAS : *Ety* :—corruptéla de *ibibóg* abertura de terra, de *iby* terra e *bog* rachada, fendida. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 190—Não vem ainda nos diccionarios portuguezes ; mas é um vocabulo de muito uso na linguagem familiar : caminhos cheios de *bibócas*, isto é, de buracos, etc.

BOAÇÚ : povoação no termo da Palma e o pico mais elevado da serra da Aratanha—*Ety* : *boya* cobra e *açù* grande. Martius cit. P. 193. E' preferivel : *mboiçù* traga cobra, donde naturalmente o nome *mboi-cuaí* o que traga muitas cobras, nome dado á uma especie de *giboia*, que devóra as outras cobras. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 250.—Esta cobra é denominada *sucuriú*, *sucurijú* e *sucury*, nomes differentes, mas que significam o mesmo animal. C. Mendes. *Memorias do Maranhão*, T. 2, P. 304 e Nota. (Vide *Gibóia* e *Sucurijù*)

BOIPÈBA : cobra pequena, fina, rajada, abundante nos brejos e cannaviaes—*Ety.* :—cobra má ou venenosa. Frei Maranhão, *Collecção de Etymologias* cit., P. 71. Mas, alem de não ser essa cobra tão venenosa que autorise esse nome, acresce que a verdadeira etymologia é : *boya* cobra e *apeba* chata, Martius, *Glos.* cit., P. 493 : chata, ou porque, quando ferida contrahe-se e fica mais larga, como diz Anchiêta, *Carta* nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* cit., Vol. 1.°, P. 287 ; ou porque assemelha-se á uma correia no chão. B. Caetano. *Vocab. cit.*, P. 250. — O povo chama-a tambem *Goipeba* contra a melhor orthographia.

BORÈ : instrumento musical dos indios. J. Galeno, *Lendas* e *Canções Populares*, *Notas*, P. 398 ; instru-

mento musico de guerra; dá apenas algumas notas, porém mais asperas e talvez mais fortes que as da trompa. G. Dias, *Cantos*, *Notas*, P. 645; flauta de bambú. J. de Alencar, *Irac.*, P. 170. — *Ety.*: — corruptéla de *mbiré* (pret. de *mbig-pig* soprar, talvez contracção do part. *mimbirér* o soprado); especie de trombeta ou flauta. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 234.

BRAÚNA (*meanolexin brauna*): arvore de espinhos curtos e rijos. O cerne é pardo-escuro quasi prêto e empregado em construcção civil e dormentes. Della extráe-se uma tinta pardo-escuro, com que tingem algodão. E' arvore que não attinge a mais de 25 metros de altura. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 57 e 81. —Madeira rija, que resiste ao chão, e de que faz-se engenho de moêr canna, carros de bois, pilões, etc.—E' um anti-escorbutico brando, mas activo, sem acrimonia, e é ainda dotada de propriedades anti-hysthericas e nevrosthenicas. A resina é estimulante incisivo. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 185—*Ety.*: *baraúna* páu ou madeira preta, corruptéla de *muira* páu e *una* preta. B. Rodrigues cit.

BUGRE: *Ety.*:—escravo. Varnhagen, *Hist.* cit. T. 1.°, P. 101, Conego Gay, *Hist. da eRp. Jes. do Parag.* P. 78—A escravidão dos indios nasceo, por um lado, da ambição dos colonos, que escravisavam-nos e até ferravam-nos, como ao gado, para empregal-os nos seos engenhos de assucar e fazendas (C. Mendes, *Memorias cit.*, P. 504, Nota 4); por outro, pelo máu procedimento delles. Homens affeitos á caça, não sabiam procurar outro meio de subsistencia para si; conquistados, esbulhados dos terrenos, não podiam resignar-se; estranhos á civilisação, não tinhão noções de propriedade, nem podiam comprehendel-a. Para corregil-os, o governo não recusava o titulo de capitão-mór das *entradas* aos fazendeiros, que se propunhão á fazer-lhes guerra, e concediam aos ditos capitães-móres as terras de que os desapossassem. Assim o assassinato de um indigena não entrava na ordem dos delictos. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 2.°,

P. 266 e 268—*Bugre* é nome injurioso, synonimo de vil, infame.

BURITÍ (*mauritia vinifera*, *M.*) : a mais bella e mais alta das palmeiras do Brasil, e suas palmas são em forma de leques. O envolucro, que contém o fructo, é escamoso, assemelhando-se ao do pinheiro. Logo abaixo do segmento encerra o fructo uma polpa amarella oleosa, doce que, macerada de mistura com agua e assucar, é uma bebida nutriente e extremamente grata ao paladar. Tão fino, porém, é o oleo que contém esta polpa, que transpira pelos póros, dando á pelle dos que fazem constante uso delle, como alimento quotidiano, a côr amarellada do mesmo oleo, sem prejudicar as funcções do organismo. Em tempos de fome o povo erra pelos sertões do norte em busca deste fructo e do succo vinhoso e inebriante contido no espique desta palmeira, para mitigar a fome e a sêde. Alem da polpa agradavel, tem o fructo uma amendoa comestivel, que fornece não pequena quantidade de oleo para usos domesticos. Barão de Villa Franca, *Plantas que tem oleos, resinas, gommas. balsamos*, etc. na *Rev. de Hort.* cit., 1879, P. 13. Diz Labre, *Noticias do Rio Purús*, P. 41, que o verdadeiro nome desta palmeira é *muriti*, mas nos campos chama-se *buriti;* entretanto B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 58, sustenta que são palmeiras differentes, posto que no facies muito semelhantes : a *murity* ou *mirity* não tem liquido algum e vive nas margens dos rios e logares alagadiços—*Ety.* :—fructo nutritivo, corruptéla de *moró* nutrir e *ti* fructo. Martius, *Glos.* cit. P. 439—

> O bronzeo burity, que adora as fontes,
> E o côco ingente, que namora o pégo,
> Dá leite á infancia e limonada ao homem.

(Porto Alegre, *Colombo* cit., T. 2, C. 29, P. 253).

Mas o mestre dá est'outra mais conforme com as regras da lingua : corruptéla de *imbiriti* arvore que emitte liquido. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 234—Rio, nasce na serra do Araripe ; e povoado no Crato, celebre pelo san-

guinolento combate que nelle se ferio no dia 27 de Novembro de 1831 entre as tropas imperiaes e as de Pinto Madeira.

BURUÇANGA : pequeno cacête com que o jangadeiro bate e mata o peixe que pesca—*Ety.* :—corruptéla de *myraçanga* porrête, de *myra* páu e *çanga* estendido. J. Verissimo, *Scenas da Vida Amasonica*, P. 39. Entre nós já anda corrompido em *araçanga*, como pronunciam os nossos jangadeiros. (Vide *Jangada).*

C

CABÓCLO : nome dado aos indios pelos europêos em represalia ao de *embobbas* nome de uma ave *calçuda*, segundo a versão mais natural e commum. Este appellido tornou-se tão injurioso para os indios que o governo portuguez, para contental-os, teve de declarar por Alvará de 4 de Abril de 1755 que o ouvidor fizesse expellir da comarca, dentro de um mez, sem appello nem aggravo, aquelles que os chamassem por esse ou outro qualquer epytheto injurioso; acrescentando que os casamentos dos colonos com indios não eram infamantes, antes motivo de consideração e de preferencia para os cargos publicos. Consoante com estas ideias de dignidade o Marquez do Lavradio, por portaria de 6 de Agosto de 1771, rebaixou a um indio do posto de capitão-mór, por ter casado com uma preta, e assim manchado seo sangue e mostrado-se indigno do cargo — *Ety.*: — pellado, corruptéla de *cabôca* pellar. (Martius, *Glos.* cit., P. 37, ou porque os indios usavam de arrancar os cabellos do corpo e da cara (Varnhagen, *Hist. cit.*, T. 1°, Pag. 101, 1.ª *Ediç.* Abreu e Lima, *Synopses* da *Hist. do Bras.*, P. 163, Nota); ou porque elles rapavam os cabellos até as orelhas (Macedo, *Liç.* de *Hist. do Bras.* cit., P. 40).

Nem se lhe vê nascer na barba o pello,
Chata a cara e nariz, rijo o cabello.

(DURÃO, *Caramurú*, C. I, E. 20.)

Na 2.ª edição de sua *Historia* Varnhagen muda de opinião e dá est'outra etymologia : — corruptéla de *cuá—boquá* vergontea, ramo. Mas, a ser assim, como explicar a injuria que esse appellido fazia ao indio? Menos rasão teve C. Mendes, *Notas para a Historia Patria*, na *Rev. do Inst. cit.*, T. 41, P. 102, Nota 38, para dizer que *cabóclo* é corrupção de *curibóca* (vide) — Moraes cit., distinguindo sem criterio, *cabóclo* (côr avermelhada, tirante a cobre) de *caboucolo*. diz que este é o nome que se dá na America aos portuguezes casados com indias ou aos que nascem deste matrimonio ; e Alexandre Rodrigues Ferreira—que o verdadeiro *cabóclo* é o filho do indio com preta! O *cabóclo* cearense é o mesmo indio, de côr avermelhada, acobreada, estatura mediana para baixo, pé pequeno, pouca ou nenhuma barba, cabellos muito corridos, pretos, duros e levantados; por isto chamados vulgarmente de—*espeta-cajú*. Neste sentido tambem o emprega Durão no seo *Caramurú* ; C. 1, E. 77; C. 3, E. 85; C. 7, E. 46 e 59. Pela côr avermelhada de suas pennas chama-se tambem *cabócla* uma especie de rôla ; assim como, pela mesma rasão da côr, *gerimú-cabóclo*, *feijão-cabóclo*.

CABORÉ (da familia dos *strigidœ)*: especie de mocho ou coruja, pequeno, anda aos saltos pelos matos e estradas — *Ety.* : — corruptéla de *caboca* fallar. J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 8 ; — habitador do mato; corruptéla de *cáa* mato e *porá* ou *purè* morador. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 64, C. Magalhães, O *selv.* cit., P. 84. Não me parecem acceitaveis : a 1.ª, porque o *caborê* nada diz que indique fallar; a 2.ª, porque confunde com *caipóra*, que é muito diverso. Parece-me mais natural : — salto do mato, corruptéla de *cáa* e *poré* salto. Martius, *Glos.* cit., P. 537 — No sul *caboré* é o filho do indio com a negra, cujo cruzamento deo em resultado uma raça mestiça, intelligente, côr de azeitona, cabellos corridos e extremamente negros. Em Matto Grosso e Goyaz corresponde ao *vaqueiro* ou *matuto* entre nós, ao *caipira* em S. Paulo e Paraná, e ao gaúcho no Rio Grande do Sul. C. Magalhães cit. P. 84.

CABUÇÚ: abelha preta, grande, ordinariamente fabrica a colmêa em buraco ou ôco de páu; só produz mel e faz suas casas de cavaquinhos de madeira, que arranca com as mandibulas; a massa é uma especie de papel. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 118 — *Ety.*: — *cáa* arvore e *coaú* cidra, arvore da floresta. J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 15; — *caba* abelha e *açu* grande. Martius, *Glos.*, P. 493. — A verdadeira *é*: *cabucê* abelha e *ù* preta. B. Caetano — *Vocab.* cit., P. 102. Diz-se tambem *capuxú*, que é a mesma.

CACÁU (theobroma): arvore do Pará, que pouco cresce, mas esgalha muito. O fructo, além da semente, come-se, e da polma adocicada, que envolve as mesmas sementes, prepara-se o *vinho* de *cacáu*, muito saboroso e nutriente. No preparo do chocolate apura-se um oleo fixo e solido, conhecido por *manteiga* ou *banha* de *cacáu*, empregada com bons resultados na racha dos beiços e dos seios, como nos accessos hemorrhoidarios. B. Rodrigues, *Rev. do Inst. cit.*, P. 58.

Em alcofas enormes rouxeando
O oleoso cacáo, mimo dos bailes,
E moeda do Azteca.

(PORTO-ALEGRE, *Colombo* cit. T. 2.°, C. 29, P. 253.)

—*Ety.*: — parece introduzido na lingua tupi do *cacahuatl* dos mexicanos. Martius, *Glos.* cit., P. 427. G. Dias o dá no seo *Dic.* por *tupi*; e Durão o canta como arvore originaria do Brasil no seo *Caramurú*, C. 7, E. 47: —

Nas preciosas arvores se conta
O cacáo, droga em Hespanha tão commua,
Pouco n'altura mais que arbusto monta,
E rende novo fructo em cada lua:
A baunilha nos cipós desponta,
Que tem no chocolate a parte sua,
Nasce em baïnhas, como páos de lacre,
De um succo oleôso, grato o cheiro e acre.

— Na linguagem chula quer dizer—dinheiro.—Moraes cit. — C. Aulete cit. diz que a arvore chama-se *cacauzeiro*, mas o mesmo G. Dias dá *cacáu* nome da arvore e do fructo.

CACÍQUE: nome que se dá ao indio, de quem os da sua nação se consideram vassallos. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 371, Nota. É uma especie de rei ou senhor de 30, 80 e 100 familias, que o obedecem, o acompanhão com affeição, lhe pagão algum tributo, lavrão suas terras e recolhem seus fructos. O cacicado passa de pais a filhos, herdando-o o primogenito e, em falta deste, o segundo e terceiro filho. Mas, si o indio se torna celebre por suas proézas militares e adquire muitos adherentes, estes o chamão cacique, e o constituem seu rei, sem usurpação a direitos adqueridos. Toda distinção entre nobreza e plebe se recebe dos caciques. Os que não descendem destes são tidos por plebeos, mas os da sua raça são tractados com o respeito e veneração com que na Europa são tractados os membros das familias reaes. Conego Gay, *Hist.* cit., P. 88 — *Ety.*: de *car* obrigar, compellir, governar, e *cic* todos; o que governa a todos.

CACHIRINGUENGUE: — *Ety.*:—voz hybrida, composta do vocabulo guarany *quichiri* resto de faca, faca que se gastou e ficou faquinha, quicé, corrompido em *cachirin*, e do vocabulo bunda *ndenghi* pequeno, corrompido em *guengue*. (Vide Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 4, P. 260 e 261) — Côto de faca, que não tem serventia, á tôa. É quasi o mesmo que *quicê*. Entre nós emprega-se vulgarmente com applicação geral á tudo quanto nos parece sem prestimo: é um *cachiringuenge;* isto é, um ente, um objecto inutil, sem valor, despresivel.

CAETITÚ (*dicotyles torquatus labiatus*): especie de porco, vive sempre em *varas* (ou magotes); a carne é bôa e o couro tem o prestimo do do porco ordinario. É offensivo no estado selvagem, manifestando sua raiva por forte roncaria e bater de dentes; mas facilmente se domestica e até affeiçôa-se á pessôa que o alimenta. — Já são raros na Provincia, *Ens. Est.* T. 1, P. 211, Nota. 5

— *Ety.*: — caça do mato virgem, de *caeté* mato grande e *suu* caça, mudado o —*s* em —*t* por euphonia. J. de Alencar, *Irac.*, P. 176; — tatú do mato, de *caa* mato e *tatú*, para differençar do tatú dos campos abertos. J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 3; — corpo queimado, de *cai* queimado e *teté* corpo, pelo aspecto de suas serdas, constituindo o unico pello deste genero. E. Liais, *Climats, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brèzil*, P. 405. Mas a verdadeira é: o que bate os dentes, de *tâ-i-tú* ou *taiitú*. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 475. No Amasonas é conhecido tambem por *tayaçú* — dente grande, contracção de *tanha* dente e *açú* grande. B. Rodrigues. *Revist do Inst.* cit., P. 68 — chama-se tambem *caetetú* o rodête da engenhóca de desmanchar mandióca, em rasão da roncaria que produz, semelhando o que faz o animal quando o enfurecem. Araripe Junior, *Luizinha, Notas*, P. 237; ou, como querem outros, porque este animal devóra quanta mandióca encontra nos roçados, como faz o rodete.

CAIÇÁRA : cerca feita de páus estendidos sobre estacas cruzadas em forma de trincheira. Faz-se commumente nos roçados, no tempo proprio da plantação, dos páus, que ficam da *coivára*—*Ety* :—o que se faz de páu queimado, de *cai* queimado, e a desinencia *ara* que tem ou que faz, anteposto—*ç* por euphonia. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 188 ;—páu de jussara, de *caa* páu e *jussara* palmeira ; ou—logar silvestre que em certo tempo se queima, de *cai* queimado e *ára* tempo. Martius, *Glos.* cit., P. 494 ;—curral em que os indios tinhão escravos. G. Dias, *Brasil* e *Oceania* na *Rev. do Inst. cit.*, T. 30, P. 282 ; trincheira, arraial, G. Dias, *Dic.* cit. —A verdadeira :—corruptéla de *caa-iça* estacas de mato, esteios de mato, varas ou páus de mato, estacada, trincheira, tapume, cerca de páu. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 63 e 75 — *Caiçára* foi outr'ora o nome de uma simples fazenda, que passou á curato com a invocação de N. S. da Conceição da *Caiçára do Acaracú*—Foi elevada á villa em 5 de Julho de 1779 com o nome de Sobral, em Portugal, de origem latina : de *suber* souvereiro (arvore) com

a terminação portugueza *al*, abundancia, alterou-se em *Sobral*, que quer dizer abundancia de *souvereiros*, da mesma forma por que *carnaubal* quer dizer abundancia de *carnaúbas*. Pela lei provincial n.° 229 de 12 de Janeiro de 1841 foi elevada á cidade com a denominação de *Fidelissima Cidade Januaria do Acaracú*, em homenagem á princeza Januaria, actual *Princeza de Joinville*, mana de D. Pedro II ; mas no anno seguinte outra lei, n.° 244 de 25 de Outubro, art. 2, restabeleceo o nome tão sómente de *Sobral*, que ainda se conserva.

CAIPÓRA : entidade phantastica, representada ora por um *caboclinho* encantado :—

É caboclinho feio
Alta noite na matta a assoviar;
Quando alguem o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas,
Se põe a esconjurar !

È alma de um Tapuyo
Fazendo diabruras no sertão....
Cavalgando o queixada mais bravio,
Transpõe valles e rios
Com um cachimbo na mão.

Assombro das manadas,
Enreda a onça em moitas de cipó ;
De montanha em montanha váe pulando,
Váe quasi que voando,
Suspenso n'um pé só !

(Mello Moraes Filho, *Mythos* e *Poémas*).

Ora por um homem *colosso*. C. Magalhães, *O Selv.* cit. P. 130—Máu agouro é encontral-o, donde vem chamar-se *caipóra* ao homem a quem tudo sáe ao revez. G. Dias. *Dic.* cit. E' o mesmo que *guignon* em francez : ando encaiporado, tudo anda-me ás avessas. Araripe Junior, *Luizinha* cit. P. 241—De *caipóra* já se fez *caiporismo*, que passou para os diccionarios portuguezes : azar, con-

tinuação de mallogros em todos os empregos. C. Aulete, *Dic.* — *Ety*: — talvez corruptéla de *caa-póre* cabóclo bravo. J. Galeno, *Scenas Populares* cit.. P. 280 e *Lendas e Canções Populares* cit., P. 407 ; — habitador dos matos, de *caa* mato e *póra* habitador. Martius, *Glos.* cit., P. 494. Prefiro — *caapóra* o que ha no mato. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 63 e 413.

CAJÁ *(pondias)* : arvore fructifera, floresce no estio, dá fructos no verão. G. Dias, *Dic.* cit. Cria na ponta das radiculas um tuberculo semelhante á mandióca, que dá uma farinha ou gomma usada nos tempos de penuria. O fructo é do feitio de uma grande ameixa amarella, de caroço acre-dôce, que dizem ser diuretico. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 204, Nota 1.ª—Sua casca vidrenta presta-se á obra ligeira de esculptura — *Ety.* : — corruptéla de *acajá* fructo de caroço, de *acá* caroço e *já* fructo. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 21—A arvore chamamos *cajazeira*, mas o indio—*cajayba*, arvore da cajá—Ha a *cajarana* que é a *cajá* braba, de *cajá* e *rana* falsa. E' doce, mas não fica amarella, e é maior do que a outra. A casca amarissima é medicamento empregado usualmente nas sezões, febres graves, catharráes. E' poderoso tonico, que suppre no Ceará ao páu-pereira, columba e genciana, Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1, P. 182 e 197.

CAJÚ *(anacardium occid.)*: fructo da feição de um cone truncado, amarello ou encarnado, de sabor mais doce que agro.

De varias côres são os cajús bellos,
Uns são vermelhos, outros amarellos,
E como varios são nas varias côres
Tambem se mostram varios nos sabores.
E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.

(BOTELHO DE OLIVEIRA, *A Ilha da Maré.)*

A castanha, que é o verdadeiro fructo, tem um oleo caustico ; e a amendoa, que se come assada ou coberta de assucar, tem segundo algumas versões effeitos aphro-

disiacos. O pedunculo, a que vulgarmente se chama fructo, tem um succo aquoso refrigerante e anti-syphilitico, do qual se preparam limonadas, cajuadas, *mocororó*, vinho *(acajù-y)* e vinagre. Esse mesmo pedunculo, antes de amadurecer, chama-se *maturi*, e se emprega em guisados. B. Rodrigues, *Rev. do Inst. cit.*, P. 36—Do penduculo ainda se faz excellente doce, que os indios chamavam—*acajù-êm*. A *cajuada* de manhã em jejùm é estomacal, desenfastienta e dissipa febres—O succo expresso é excellente remedio para a ascites e a syphilis inveterada. Pompêo, *Ens. Est.* cit. T. 1.°, P. 169, Nota 1.ª—Da polpa secca fazia-se farinha que os naturaes preferiam á qualquer outra, como o melhor acepipe. R. Southey, *Hist.* cit., T. 1, P. 337—*Ety*:—corruptéla de *acajù*, de *acà* caroço e *jú* suffixo. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 21—A arvore é, segundo o mesmo R. Southey, a mais util da America. As folhas de um cheiro aromatico e as flores de deliciosa fragancia; do tronco resuma-se resina limpida, abundante e medicinal —

Chorava o tronco lagrimas de ambar,
Que umas sobre outras em christáes pendiam:
Desta resina o pó n'agua solvido
È para os indios grata medicina
De balsamico aroma; de seus fructos
Fabricam elles precioso nectar;
E quem mais talhas tem deste aureo vinho
Mais rico se reputa entre os selvagens.

(MAGALHÃES, *Conf. dos Tam.* cit., C. 3, P. 66.)

Muitas tribus contavam os annos pela fructificação do *cajueiro*, pôndo de cada vez uma castanha de parte. A epocha da colheita era um tempo de folgança e alegria como a vindima em outros climas. Por isso o sitio, em que o *cajueiro* crescesse em abundancia, tinha tal importancia que ás vezes provocava guerra. A madeira é rija, e tem sido usada para cavernas de botes grandes. *Hist. do Bras.* cit. T. 1.°, P. 331—Floresce em agosto e setembro, flores brancas a principio, depois purpureas,

fructifica em Dezembro e Janeiro. G. Dias, *Dic.* cit. Para isso vem logo no começo do verão leves aguaceiros, chamados *pirajá*, porque a melhoria deste fructo dellas depende. Varnhagen, cit., T. 1.°, P. 92; e os chamavam os indios *pirajà*,que quer dizer literalmente—fructa de peixe, porque ao tempo da floração coincidia com o apparecimento de muito peixe na costa,e elles suppunham que era para comer essa fructa — Da resina *acajù·icica* servem-se os livreiros do norte de preferencia á gomma arabica, não só por ser mais barata, como porque preserva pelo seo amargo os livros de serem atacados dos bichos. G. Dias, cit.—A casca é adstringente, as folhas em alta dóse capitosas, e a raiz purgativa. Pompêo, *Ens. Est.* T. 1.° P. 182. (Vide *Sambaiba).*—Ha ainda o *cajuí* cajú pequeno, mais raro, porém muito apreciado pela belleza e excellencia. Abunda na serra da Ibiapaba.

CALUNDÚ : capricho; termo empregado vulgarmente:—*Supportar minha raiva, meos calundús* (chula) —*Ety.*: corruptéla de *acá-nundù*, v. intr. febricitar, ter febre (sentir, soar ou zunir a cabeça). B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 20 e 210.

CAMAPÚM *(physalis edulis)*: vegetal, cujo caule attinge de 5 a 8 decimetros de altura. O fructo é como baga, de côr verde, com pequenas pintas brancas, quando verde: branco-amarellas, como o ovo de capote, quando maduro. Tem sabor amargo, e é considerado tonico — O cozimento concentrado é util nos rheumatismos chronicos. Nicoláu Moreira, *Supplem. ao Dicc. de Plant. Med. Bras.* — O succo é indicado nas dóres de ouvido. Chernoviz, *Form.* ou *Guia Medica.* Entre o povo é gabado contra a itericia. — Herva resolutiva amarga, que nos suppre o alkekenge, e tem analogia de operação com a dulcamára. Pompêo, *Ens. Est.* cit., P. 196. O povo applica-a tambem nas fumicações, queimando-a para beneficiar a atmosphera viciada. — *Ety.*: *cama* peito de mulher e *pú* estalo; estalo do peito, porque o fructo, quando verde, com a armação da casca, tem o feitio do peito da mulher, e estala ao bater-se sobre algum objecto, como fazem as crianças, batendo-o na

testa. — E' tambem conhecido por *Juà-poca* herva de estalo, de *cahã* herva e *puca* estalar. Pizarro, *Solamina Brasileira*, P. 77—Em Pernambuco chama-se *bate-testa*, e no sul *canapii*.

CAMARÁ *(lantana camará)*: arbusto de capoeiras, faz grande moita; dá uma especie de malmequeres amarellos; a fructa preta, quando madura, é do tamanho de um caroço de chumbo. A rama é aspera, mas de que o gado gosta muito, e lhe serve de bôa alimentação nos tempos máos — Della preparam-se banhos aromaticos. As flores são peitoraes. Pompeo, *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 188 — *Ety:* — corruptéla de *coaporá* herva ou folha variegada, de muitas côres ou coloridas. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 65.

CAMBÈBA: *ety.*: — cabeça chata, corruptéla de *acanga* cabeça e *peba* chata. G. Dias, *Brasil* e *Oceania* cit., P. 180, Nota 254, e B. Rodrigues, *Ens.* de *Scien.* cit., T. 1.°. P. 180,—É o nome de um peixinho dos nossos rios e riachos, da cabeça chata; peixe singular, pois é crença geral que delle não se pode arrancar uma escama em quanto vivo ou crú; é preciso que seja cozido primeiramente. — E' tambem o appellido que davam os portuguezes á tribu dos *Omaguas* ou *Omáuas*, do Solimões, no Amazonas, porque ella costumava apertar a cabeça, desde criança, entre duas taboas até ficar á moda de mitra; ou para evitar de ser escravisada pelos mesmos portuguezes (Mello Moraes, *Corog.* cit., T. 2., P. 379), ou para differençar-se dos anthropophagos. (B. Rodrigues, cit., T. 2.°, Estancia 2.ª)—Amasonas no seo *Romance Historico* cit., Nota 12, diz que esse achamento era á imitação do de uma qualidade de tartaruga deste nome; e J. Verne, *Jangada*, P. 166, acrescenta — que essa tribu *(Omaguas* que quer dizer cabeça chata) achatava a cabeça por moda e que, passada esta, a cabeça tornava á forma natural, de maneira que hoje não se encontra mais vestigios da antiga deformidade! Não é exacto, porque em Luiz Figuier, *As Raças Humanas*, P. 531, ainda encontra-se a Figura n.° 239 desses indios com as *cabeças chatas*--O cearense é tambem geralmente

conhecido por *cabeça chata*, não pelo defeito dos *Omaguas*, mas por um tal ou qualquer achatamento da protoberancia occipital —

CAMBÍCA: caldo do muricí amassado, sem caroço, com agua, assucar e leite, muito agradavel ao palladar — *Ety.*: — do guarani – *cambi* leite.

CAMBÔATÁ: peixe cascudo, de escama, preto, pequeno, gostoso quando gordo; crêa-se nos rios, riachos e pantanos — É vulgarmente conhecido por *soldado* ou do *mato*, porque, quando ha os primeiros repiquetes da enchente, sóbe com as aguas que inundam os *matos*, e quando estas descem, elle fica sobre as folhas seccas do chão a desôvar ahi, onde espera o segundo repiquete para voltar ao rio. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 84, verbo *Indià*. — Anda facilmente no secco, e resiste tanto á morte que, mesmo depois de tiradas as tripas, se arrasta a buscar a agua, e manifesta vida ainda na panella até o gráu de fervura. Moraes, *Dic.* cit.—*Ety*: —corruptéla de *cuabo—oatà* o que anda pelo mato. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 478 — Moraes tambem escreve *tamoatá* contra a etymologia.

CAMOCÍM: porto em communicação com o mar, á margem do qual está situada a villa do seo nome. Passa pelo melhor da Provincia, comquanto Lisbôa (*Obras*, T. 2, P. 2, L. 89) diga que em 1614 Diogo de Campos, explorando a barra, achou-a perigosa, a terra núa e desprovida do necessario, pelo que não teve outro remedio sinão voltar para *Jericoacoára*, onde estava fundeada sua esquadrilha. Chamam-no erradamente — rio: Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 2°, P. 226, confunde-o com o *Curiahú*, e Milliet cit. diz tambem que os indios, que viviam na parte superior, o appellidavam *Croahiú*; e C. Mendes, *Memorias* cit. T. 2, P. 459, Nota, accrescenta que já se chamou *rio de S. Cruz de S. Francisco*. —*Ety.*:—*caa* páu e *mocyne* polir, páu lavrado, Martius cit., P. 494;—corruptéla de *co* buraco, *ambyra* defuncto e *anhotim* enterrar. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 171. E' mais natural: corruptéla de *camotim*, pote, mudado

o — *t* em — *c* por euphonia. (Vide B. Rodrigues, *Ens. de Scien.* cit., T. 2.°, Nota).

CANCÁN : ave da grandeza de um melro ; tem o bico grosso e curto, o peito, cóllo e parte anterior da cabeça ezevichados, um martinete ou pennacho da mesma côr ; a plumagem do dorso escura ; a do ventre branca, as pennas da cauda longas e denegridas, com uma orla ou faxa branca na extremidade. É' de indole muito colerica, e persegue as outras aves, comendo-lhes os ovos e os filhos ainda implumes. Moraes, *Dic.* cit.— Especie de falcão, habita os logares pouco frequentados, e com voz estridula annuncía a chegada de alguem. G. Dias, *Dic.* cit. Corajoso, não foge quando o aggredem ; mas, voando proximo ou em torno ao aggressor, chega ás vezes a encontral-o, donde vem o povo dizer que elle tira o chapéo a quem o aggrede — *Ety.* : — seo nome é onomatopaico, vem do seo grito, que parece dizel-o perfeitamente. — Os sertanejos chamão-no — *quem-quem* ; Martius (*Glos.*, P. 542) — *tentem* ; Moraes *cancão*, e G. G. Dias como no texto — *Cancàn* é tambem o nome de uma dansa franceza, de movimentos rapidos e confusos. C. Aulete, *Dic.* cit.

> Desenfream-se os saltos do cancán ;
> Erguem-se os pés á altura do nariz ;
> E apanham-se os vestidos ás mãos cheias,
> Com a graça irritante das seréias
> Dos bordéis de Pariz.

(Guerra Junqueiro, *A Morte de D. Juan*, P. 103).

Ety. : — Becherelle (*Dicc. Nation.*) dá a etymologia do latim *quamquam*, ou talvez d'anomatopéa do grito massante e fatigante do ganso e do pato ; mas Litré (*Gr. Dicc,*), com mais criterio, a dá do antigo francez *caquehan* assembléa tumultuaria, algazarra, querella. Provavelmente proveio do emprego de algum folhetinista para significar o tumulto e confusão que reinão em uma sala onde dansão o *cancàn*. O mesmo se deo com a antiga palavra hebraica *tohubohu*, que os francezes hoje

empregam muito para exprimir a confusão nas multidões; e *galimatias*, corruptéla de *gali mathia*, para o descurso descosido.

CANGAMBÁ: é a mesma *jaritacáca* ou *maritacáca* (vide)—*Ety.*:—gambá do mato, de *caa* mato e *gambá* (vide)—

CANGAPÉ: ponctapé que a mergulhar a criança ligeira e geitosamente dá no corpo dentro d'agua em animada brincadeira. J. Galeno. *Scen. Pop.* cit., P. 274, Consiste em dar-se com o pé na cabeça de outrem mergulhando. — *Ety.*: — corruptéla de akangapé casco da cabeça. (Vide B. Caetano, *Ens. de Scien.* cit., T. 2.° P. 103.

CANGATÍ: peixe de coiro, semelhante ao bagre; cresce até um palmo — *Ety.*: — *acanga* cabeça, e *catú* boa — cabeça boa; porque a cabeça deste peixe é saborosa.

CANGÍCA: angú do polmo do milho ou da farinha do milho, com assucar, leite de côco ou de vacca, borrifado de canella—*Ety.*:—Moraes diz que talvez se derive de *canja* termo d'Azia, e Fausto Barreto (*Diss. sobre Themas e Raizes*, P. 47) pensa que é de origem africana. Deriva-se do vocabulo guarani *caguãi* milho quebrado, e *yí* cozido. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 65, Costa Rubim, *Vocabulos* cit., P. 367.

CANGUÇÚ: onça de pintas ou malhas grandes, que dizem ser filha da pintada com a sussuarána; é o leopardo do Brasil. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 211, Nota 4—Do cruzamento desta com a tigre dizem que sáe a preta manchada — *Ety.*: — *acanga* cabeça, e *uçú* grande. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 20, e B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 61. Tem realmente a cabeça grande. Pelas malhas tambem lhe veio o nome de *jaguaripe*, de *jaguar* onça e *igpé* nodôa, mancha. Malta cit., P. 249.

CANINÁNA *(coluber pœcillostoma)*: cobra longa, de escamas aguçadas, amarellas e pretas. E' muito venenosa. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 61. Não dá botes, mas acommette dando pulos, pondo-se ora em pé

sobre a cauda, ora de cabeça erguida correndo tão ligeira que o povo diz que vôa. Entretanto Moraes e C. Aulete cit. dizem que é cobra inoffensiva e que se domestica! *Ety.* :—*cainia* dentes. J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 29. A mais natural é corruptéla de *ñacaninâ* a que briga em pé, ou a que tem a cabeça em pé ou alerta *enâ*. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 311 — E' tambem uma especie de cipó *(chicocca densifolia)*, cuja raiz serve de remedio para as molestias syphiliticas.

CANINDÉ : especie de *arára* ou guacamayo formosissimo.

> O Canindé, qual Ires relusente,
> Mas fallão menos da pronuncia avaras,
> Gritando as formosissimas aráras.
>
> (DURÃO, *Caramurú*, C. 7. E. 64).

Não ha cousa mais vistosa que o jequitibá carregado de sua folhagem abundante e pittoresca, servindo de azylo aos canindès, que parecem flôres dessa agigantada arvore ; si estas aves ouvem algum ruido desusado, de repente abrem suas grandes azas de purpura, e volteiam junto dos seos ninhos, fazendo vibrar na solidão o seo grito sonóro ; e então, si os raios do sol sobre suas pennas reverberam, fazem como um resplendor de purpura e azul a este rei das florestas. Ferdinand Diniz, *Brézil Pittoresque*, P. 68.—*Ety.* :—teo mato ? de *caa* mato e *ndé* teo ? Martius, *Glos.* cit., P. 38 e 495 ; talvez contracção de *araracâ* arára muito retincta. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 67—Tribu da raça tapuia, assáz bravia, difficilmente submetteo-se á aldeiamento. Occupava as margens do Banabuihú e Quixeramobim. Araripe, *Hist.* cit., P. 15. Foi reunida em missão aos *Quixelós* e *Baturitès* pelos jesuitas no logar, que ainda hoje conserva o nome. Theberge, *Esb.* cit., P. 5.—E' tambem o nome de um rio e de uma villa, cabeça de comarca.

CAPÁNGA : assassino assalariado, caceteiro. C. Aulete, *Dic.* cit.—Entre nós é mais propriamente o guarda-costas, o peito-largo, o cangaceiro do potentado—*Ety.* :

—*caa* mato e *punga* inchaço, topéte: o topetudo do mato ou dos sertões. E' possivel que corresponda originariamente a *matuto*, vindo a ter hoje significação translacta. (Vide Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit. P. 229.)

CAPÃO: *Ety:* — corruptéla de *caa* mato e *puám* redondo. Martius cit., P. 36, Dias Carneiro, *Poésias, Nótas*, P. 233, — Taunay, *Céos e Terras do Brasil* cit., P. 12, Nota 1.ª;—na lingua da terra valia tanto como dizer — *ilha de mato* ou *mato ilhado*, nome que se dá aos oásis ou boscagens no meio dos campos desertos. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 93; — corruptéla do tupi *cahapôm*, são zonas estreitas, mas extensas, de bosques muito densos e ás vezes muito elevados. C. de Magalhães, *O Selv.* cit., P. 161;—vem do guarani— *kaa* mato e *paúm* o que está no meio: bosque no campo, mato isolado no meio do campo, como a ilha solitaria na vastidão do mar; ilha de arvoredo. Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 3, P. 324;—E' esta tambem a etymologia do mestre: B. Caetano, depois de ter dito no *Ens. de Scien.* cit., T. 2, P. 127 — *puám* ou *puá* significa levantar-se, de modo que *caa* ou *kaa-puám* ou *puá* nada significaria, acrescenta no *Vocab.* cit. P. 63 e 363—*kaa paú* mato erguido, mato isolado no meio do campo—Está de acôrdo J. Verissimo *Scen. da Vida Amas.*, P. 39.—J. de Alencar, *Gaúcho*, T. 1.°, Nota 7, manda escrever impropriamente—*capoão*, do mesmo modo por que se escreve—*capoeira*.

CAPÉBA *(piper macrophyllon)*: arbusto do caule nodoso, e applica-se contra as hydropesias. — Tonico estimulante, incisivo. Usa-se da raiz em cozimento. As folhas são detersivas. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1°, P. 196. — *Ety.:* — folha chata, de *caa* folha e *apeba* chata. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 58—Tambem emprega-se vulgarmente por camarada, companheiro, amigo. Moraes e C. Aulete, cit.

CAPÉMBA: envolucro do caixo da palmeira quando nova, ou o pé da folha. Chama-se *capemba* da carnaúba, da macambira, do croatá o pé da folha—*Ety.*:--a mesma de *cabeba*, de que já é corruptéla. Encontra-se tambem com a mesma significação *capema*, ou *capenga*.

CAPÊTA : traquinas: este menino é um *capêta*, ninguem o atura (vulgar). *Ety* : — é vocabulo *tupi*. Sylvio Romero, *Rev. Bras.* cit. T. 6, P. 213. Talvez corruptéla de *câpê* o que tem osso quebrado, manco, e *etá* muito, muito aleijado, disforme, por ampliação, o *demo*.

CAPÍM *(Tristegis glutinosa)*: *ety.*:—*caa* herva e *pe-i* rasteiro. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, P. 410, Nota 2.ª; —corruptéla de *caa-i-pe* herva pequena no caminho. Martius cit., P. 37 e 388. A do mestre *é*: *caapii* mato fino, herva. B. Caetano, *Vocab.* P. 67. Não esqueçamos que C. Aulete cit., diz que vem do baixo latim *capitum!*—De *capim* nos veio o verbo *capinar*, pôr a limpo o mato (C. de Mag., O *Selv.*, P. 77) ; assim como *capina*, *capinal*, *capinador*, *capineiro* e capinação. — Em algumas provincias, e entre a gente baixa, *capinar* tem tambem a significação de furtar-se sem deixar nada. G. Dias, *Dic.* cit. — Conhecemos diversas qualidades: de *planta*, especial alimentação dos cavallos de estimação ; *açú*, cresce em moitas, e tem as folhas tão duras que cortam, especie de *andrequiçê*, mas não se presta á alimentação de animal algum; *amargoso;* de *burro*, estende e penetra tanto no chão que, uma vez plantado, permanece a semente a despeito da maior sêcca; *rasteiro*, pasto mais commum dos herbivoros ; *milhán* ou *milhano ; mimoso*, semelhante ao arroz, e o mais afamado para a creação do gado ; *papúan ; pé de gallinha*, assim chamado, porque a flôr parece-se com o pé deste bipede; de *roça*, e o *cheiroso*, por causa do cheiro que rescende, sobretudo depois de secco. O chá deste é estomacal.

CAPIVÁRA *(hydrochœrus capybára)*: especie de porco, que costuma viver no capim, donde lhe veio o nome. G. Dias, *Dic.* cit., verbo *Capiuára*. A cabeça é comprida, um pouco comprimida lateralmente com o focinhe arredondado ; os membros dianteiros tem quatro dêdos e os trazeiros tres, armados de umas unhas pretas, fortes e um pouco curvas. Seo pello, duro e pouco aspero, é pardo amarellado pelas costas e esbranquiçado pela barriga. Não tem cauda, e apenas um pequeno tuberculo indica seo logar. Nada e mergulha perfeita-

mente, e até caminha pelo leito do rio, onde demora-se muito. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 61.—Amphibio, mas vive quasi sempre n'agua, cabello russo e aspero, os pés como os de porco, mas com membranas entre os dedos. Pompêo, *Ens.* cit., T. 1.°, P. 211, Nota 2.ª—É proprio para comer-se; domestica-se e cria-se em casa como cão, sáe para pastar e volta por si mesmo. Anchiêta, *Carta* nos *Annaes* da *Biblioth. Nacion.* cit., T. 1.°, P. 284—*Ety.*:—o que vive ou habita no capim, de *capim* e *uára* o que mora ou habita. G. Dias, cit., verbo *Póra*, Martius cit., P. 442;—decompondo-se vê-se que significa o *campineiro*, o que vive e sustenta-se de capim; *capy* quer dizer capim, e a dicção *uára* indica frequencia, naturalidade. Com effeito o *capiuára* não é só herbivoro, como habita os capins das margens dos rios e dos lagos. B. Rodrigues cit.—Alteração de *capiguára* comedor de herva, derivado de *capi* ou capim, herva, e *guara* tempo do verbo —*u*, significando o que come. Este nome é derivado dos habitos deste animal, que é completamente herbivoro. O nome *capybára*, empregado pelos naturalistas por nome especifico da especie, não pode ser admittido, porque é uma alteração espanhola da mesma palávra, e Azzára tinha já recolhido do Paraguay o nome de *capiygua*, no qual se encontra o—*g* primitivo, e onde falta somente a ultima syllaba, cuja pronuncia é quasi muda. E. Liais, cit., P. 545 — E' tambem um arbusto trepador. C. Aulete cit.

CAPUÁBA: casa de gente pobre, choupana despresivel. F. Tavora, Nota ao *Cabelleira*—*Ety.*:—*caa-ramo*, e *puúme* em pé, casa tapada com ramos.

CAPUÉIRA: roçado, que não dá mais colheita e por isso foi abandonado ao mato, para ser depois queimado e com o adubo das cinzas fazerem-se novas plantações e obterem-se novas colheitas.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.
(DIRCÊU, Parte 3.ª, *Lyra* 3.ª)

—*Ety.*: — mato renascente, de *caa* mato, e *pyr* mais. Martius cit., P. 39, Nota — É tanta a força vegetativa nos districtos quentes intertropicaes que ao derribar-se ou queimar-se qualquer mato virgem, si o deixamos em abandono, dentro em poucos annos ahi veremos já uma nova mata intransitavel, e não produzida, como era de crêr, pelos rebentões das antigas raizes; mas sim resultantes de especies novas, cujos germens ou sementes se não encontram nas extremas da anterior derruba, e se ignoram donde viéram. A este novo mato se chama *capóeira*, derivando esta significação de ser analoga essa vegetação á dos *capões*. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 93;—*caa*, *apuám*, *era* mato raso, por já ter sido cortado, ilha de mato cortado uma vez. J. de Alencar, *Gaúcho* cit., T. 1.°, Nota 7, *Irac.* cit., P. 212; — transformação de *có-pueira*, *có* roça e *pueira* preterito. Essa transformação é devida pura e simplesmente á semelhança dos dous vocabulos, semelhança que falicitou a mudança do—*o* em—*a*; como *tobatinga* se transformou em tabatinga, *tobajára* em *tabajára*, *cariboca* em *coriboca* ou curiboca; e na propria lingua portugueza *devação* em *devoção*. Beaurepaire Rohan, *Rev. Bras.* cit., T. 3.°, P. 391, — Verdadeira etymologia na nossa opinião: — de *caa* mato, mata, floresta, mato virgem, e *puêra*, *coêra*, preterito nominal, o que foi: mato que foi, actualmente mato miúdo, que nasceo no logar do mato virgem; mato virgem que já não é, que foi botado abaixo, e em seo logar nasceu muito fino, miúdo e raso. Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 3, P. 228, e T. 8, P. 120 — Moraes, Aulete e outros escrevem *Capóeira*, mas preferi a orthographia do texto por mais etymologica—*Capueirão* ou *capueruçú*, augmentativo de *Capueira*, vegetação que sobrevem ao mato virgem depois de derrubado. Machado de Oliveira, *Rev. do Inst.*, 1856, P. 444—Tambem ave *(ondontophorus rufa)*, pequena perdiz de vôo rasteiro, de pés curtos, de corpo cheio, listrada de vermelho escuro, cauda curta, e que habita em todas as matas. É caça muito procurada e que se domestica com facilidade. Tem um canto singular,

que é antes um assobio tremulo e continuo do que canto modulado. Walppœus cit., P. 332.

.....a capoeira
Que a flauta pastoril na selva entôa.

(PORTO ALEGRE, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 255.)

Ety.: — Vem naturalmente de frequentar capueiras. Na generalidade das provincias é conhecida por *Urú.* (vide). Beaurepaire Rohan, *Glos.* cit., P. 415, Allain, *Quelques Données sur la Capitale et sur la administration du Brésil*, P. 142.

CAPUÉIRO: especie de veado, vermelho, do tamanho de um bizerro; o mais commum e maior na Provincia. Excellente caça; sustenta-se de flôres a mór parte do tempo.—*Ety.*:—gosta de pastar nas *capuéiras*, donde lhe veio o nome. Chamão-no tambem *catinga*, porque pasta nas *catingas* (G. Dias, *Dic.* cit.)—Preferí a orthographia do texto por mais etymologica.

CARÁ *(chromis acará)*: peixinho d'agua doce e de escama de meio palmo de comprimento, quando muito, com listas amarellas. *Ety.*: — abreviatura de *acará* peixe (Martius, *Glos.* cit., P. 443), mas escamoso, cascudo, nome de grande numero de peixes escamosos. B. Caetano, *Vocab.* cit, P. 68—Tambem especie de inháme, e neste caso tem outra etymologia e significação: *carâ* redondo, do feitio da batata. B. Caetano cit. Ha diversas qualidades: *mimoso*, *nambú*, *da costa*, *barbado* e *açú*.

CARÃO (*ardea scotopacea*, *L.*): ave aquatica, de pennas e bicos longos e rôxos, côr parda como a do jacú, e cauda comprida. Sustenta-se de peixe, pelo que frequenta assiduamente as margens das lagôas, lagos e rios. Canta ao anoitecer, e seo canto é muito apreciado dos sertanejos, porque dizem que presagía chuva. E' de muita sagacidade, de sorte que é muito difficil pégal-a e até matal-a a tiro—*Ety.*:—O canto é um grito alto, que se ouve longe, e parece dizer *ca-rão*, donde onomatopaicamente lhe veio o nome. E' vocabulo indigena

importado da lingua geral. Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 3, P. 225.

CARAPÈBA : excellente peixe de escama, d'agua doce ; cresce mais de um palmo, muito chato. *Ety.* :— *cará* peixe e *apeba* chato.

CARAPECÚ : peixinho maior do que o cará, porém do mar, branco, de escama; aclimata-se nos rios e lagôas. *Ety.* :—*cará* peixe e *pecù* comprido ou fino.

CARAPÍNA : carpinteiro. G. Dias, *Dic.* cit. *Ety.* :— corruptéla de carpinteiro. Martius cit., P. 38—Em tupi carpinteiro é *miraiupançára* o que trabalha em páu. C. de Magalhães cit., P. 31. Penso que o vocabulo é guarani : de *carapîn* raspar a casca grossa, lavrar, cercear, cortar em roda.

CARAPINIMA : arvore de folhas grandes, recortadas; cresce até grande altura, e produz um fructo semelhante ao melão, mas venenoso. Faria, *Nov. Dic. Port.* O cerne, muito fino, é vermelho-escuro, pintado de preto. A madeira é empregada em arcos pelos indios e em objectos de marcenaria de luxo. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 64—E' tambem chamada *madeira-tartaruga* ou de *letras*, por causa de suas manchas negras sobre o campo *marron*, imitando as esquamosidades da tartaruga. E' excessivamente preciosa. S. Anna Nery, *Le Pays des Amasones*, P. 88—Sua madeira é susceptivel de um bello polido, pelas manchas imitando letras. Becherelle, *Dic. Fr. Naction.* — *Ety.* : — páu ou madeira miudamente pintada, corruptéla de *muira* páu e *pinima* miudamente pintada. B. Rodrigues cit.—Sobrenome do tenente-coronel José Feliciano da Silva *(Carapinima)*, um dos compromettidos na revolução da *Republica do Equador*, nesta Provincia, em 1824.

CARAPITANGA : peixe do mar, de escama, do feitio da sióba — *Ety.* : — *cará* peixe e *pitanga* vermelho.

CARATEÚS : tribu que habitava o sertão, que ainda hoje conserva seo nome, entre a serra da Joanninha e da Ibiapaba; bravía como a dos *Areriús*. Araripe, *Hist.* cit. P. 15.—*Ety.* :—*cará* batata, e *teù* lagarto—batata de teú.

CARCARÁ *(polyborus vulgaris sp.)* : especie de gavião, tem a parte superior da cabeça negra, e as pennas podem levantar-se em forma de crista ; o pescoço, peito e espaduas de um cinzento aloirado e claro ; o resto da plumagem pardo annegrado, á excepção da cauda que é de um branco sujo e termina em preto ; o bico azulado na base, côr de corno na ponta ; o ires annegrado ; as mandibulas avermelhadas e as pernas amarellas ; contenta-se com toda qualidade de alimentos, immundicias, reptis, insectos, que até na pelle dos bois os busca ; revolve a terra para procurar os vermes, vive aos pares, e ás vezes só ; reside ordinariamente em cima das arvores e das casas ; raras vezes ataca as capoéiras ou pateos das aves domesticas. Mourloup e Duval, *Historia Natural dos Tres Reinos da Natureza, P. 146, n.° 10* — E' damninha á creação miúda : n'um rebanho de carneiros e cabras mata ou estraga todos os cordeiros e cabritos que apanha, despedaçando-lhes o cordão umbilical, furando-lhes os olhos e cortando-lhes a lingua de preferencia ; pelo que os fazendeiros pôem grande interesse em dar-lhe caça. Para evital-o em algumas partes costumam ensinar cães. Na provincia de Corrientes, diz Pedro Posser, vimos o cão de gado tão activo como intelligente, correndo solicito em volta do rebanho, que elle só conduz e guarda, sem nunca consentir que o carcará se aproxime impunemente. *Maravilhas da Creação*, P. 23—Quando fui promotor no Saboeiro (1866) ouvi á pessôa séria dizer que toda a força de um homem é insufficiente para arrancar uma aza deste abutre. — Vive em guerra continua com o urubú, por causa da presa, como descreve Taunay, *Céos e Terra do Brasil*, P. 15.

Qual carcará que o furto segue
Do urubú, e no ar desputa a presa.

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 34, P. 389).

Na mythologia dos *Mbayas* representava o papel de mensageiro ou embaixador. Gay, *Hist.* cit., P. 65 — *Ety.* : — *carâi*, *car* arranhar e *âi* dente, farpa. B. Cae-

tano, *Vocab.* cit., P. 68 — A raiz *car* ou *ra* envolve a ideia de delaceração e entra na composição de muitos vegetaes providos de espinhos retorcidos como garras, nos das aves e animaes que têm garras, ex:—*taquàra, caragua-á, carandá, marujá* (vegetaes de espinhos retorcidos); *caracará* gavião, *carará* lobo, *caraîn* arranhar, esfollar. C. de Mag., O *Selv. cit.*, P. 87, n. 1. — Outros dão o nome por onomatopaico. O grito agudo, prolongado e triste é considerado pelos indigenas como signal de máu agouro. Walppœus cit., P. 312.

CARIMÀN: mandióca lavada por tres ou mais dias, feita em bolos, de que se fazem papas ou mingáu — *Ety.*: — *caric* correr e *mani* mandióca, mandióca corrida. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 189 — G. Dias, *Dic.*, escreve *caarimá* especie de farinha de mandióca; e Martius, *Glos.* cit., P. 94 e 383 — *caa-rimà* raiz de molho depois de secca: o amido da farinha da mandióca— Já vem no *Dic.* de C. Aulete.

CARIRÍ: — tribu tapuia, rolhos, refeitos do corpo, de cabellos negros; viviam da caça e das fructas das arvores, especialmente de côcos. No descobrimento do Brasil habitava a cordilheira da Borborema, que reune a Parahyba a Pernambuco. Os colonos depois deram-lhe o nome de *Cariris velhos* em contraposição á parte, que mais tarde viéra habitar o valle do Araripe, por isto chamada *Cariris novos*. Mello Moraes, *Corog.* cit., T. 2, P. 378, e Milliet. cit.—Foi aldêada pelos Carmelitas em Missão Velha e Nova, na Salamanca, hoje Barbalha, e no Miranda, actualmente Crato. Theberge cit., T. 1, P. 6—Em 1780 foram d'ahi expulsos pelo corregedor José da Costa Dias e Barros, por ordem do Capitão General de Pernambuco, José Cesar de Menezes, porque causavam depredações aos novos colonos. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 2, P. 111. Com effeito esses indios eram extraordinariamente rapinas e tão pessimo conceito conquistaram que os colonos converteram-lhes o nome de *cariri* em *caro* e *ruim* — *Ety.*: — mel do mato, de *caa* mato e *ira* mel; ou *cai* queimado, *ira* mel ou *riré* depois que. Martius, *Glos.* cit., P. 494—R. Southey, *Hist.*

cit., T. 1.°, P. 318, confunde-os com os *kiriris*; mas B. Caetano, *Ens. de Scien.* cit., T. 1.°, P. 23, dá a tribu e a lingua *cariri* ou *kariri* por differentes da *kiriri*.—Em virtude da Carta Regia de 6 de Maio de 1758 foi a povoação dos *Cariris* elevada, em 1764, á categoria de villa com a denominação portugueza de Crato, com que se celebrisou D. Antonio, Prior do *Crato*, candidato á corôa de Portugal, em 1580, por morte do rei, Cardeal D. Henrique O Crato é hoje cidade importante, e sempre foi um dos terrenos mais ferteis da Provincia. Por duas vezes, em 1834 e 1846, a deputação cearense tentou, debalde, fazel-a capital de uma nova provincia, desmembrada desta e da de Pernambuco.

CARIHÚ: rio, nasce da serra de S. Maria e do Brejo Grande, engrossa o Bastiões e despeja na margem direita do Jaguaribe, pouco abaixo de S. Mathéos: suas margens são muito frescas e muito ferteis para legumes, mandióca, fumo e canna. Pompêo, *Dic. Top.* cit.—*Ety.*: —O visioneiro padre Francisco Telles de Menezes, na sua *Lamentação Brasilica*, descobrindo por toda parte *thesouros escondidos*, dá as duas: *quaurijuba* rio, corrente dobrada, ou *corijuba* alforge ou sacco de ouro; porque, diz elle, á margem deste rio havia tanto ouro, que os indios o apanhavam em lascas para fazer preácas para suas flexas, tendo depois sepultado em sexos todo o que estava sobre a terra, em consequencia de desgostos que tiveram. Desta versão, porém, toda filha de uma imaginação enferma, não se encontra mais noticia em parte alguma. O rio é tão pobre de ouro quanto o autor de criterio. A verdadeira etymologia é: agua sahida do mato, de *caa-ry-hú*, allusão ás cabeceiras, que ficam n'uma serra das mais cobertas de mattas.

CARNAÚBA (*corypha cerifera Arr.*): é uma palmeira preciosissima e de prestimo espantoso. Marcos de Macedo, em sua *Notice sur le Palmier Carnaúba*, prova com uma estampa que della e com ella sómente se pode fazer uma casa completa para vivenda—O tronco ministra as madeiras principaes, esteios e outros materiaes de construcção civil e de marcenaria, assim como optimas

estacas para cercas divisorias, as quaes enterradas em terrenos banhados pela agua salgada chega a petrificar; os talos ou nervuras das folhas servem de caibros, e estas de telhas e as cascas de cordas. Milliet. cit., verbo *Ceará*. Talvez não se encontre em nenhuma região arvore que se applique a tantos e variados usos; donde veio chamar-se *carnaúba* ao politico que presta-se a todas as politicas. Resiste a intensas sêccas, conservando-se constantemente viçosa. E' de uma duração secular, e presume-se que leva mais de duzentos annos para chegar ao seo completo desenvolvimento. As raizes produzem os mesmos effeitos medicinaes da salsaparrilha. Do tronco obtem-se fibras rijas e leves que adquirem o mais lindo brilho. Do palmito, que quando novo serve de alimento apreciado e muito nutritivo, faz-se vinho, vinagre e uma substancia saccharina, e tambem grande quantidade de gomma parecida com o *sagú*, cujas propriedades e gosto possúe. Tem muitas vezes servido de sustento aos habitantes em occasiões de excessivas sêccas. O povo, diz R. Southey, faz da madeira uma farinha, e desta prepara uma massa, azéda e repugnante ao paladar de um estrangeiro, mas capaz de entreter a vida. *Hist.* cit., T. 6, P. 416 — Do tronco fabricam-se instrumentos de musica, tubos e bombas para agua; assim como delle extráe-se sal, uma especie de *maizena*, e um liquido bastante alvo, igual ao que produz o côco da Bahia. A substancia tenra e fibrósa do amago e das fôlhas substitúe perfeitamente a cortiça. A polpa do fructo é de agradavel sabor, e a amendôa, assás oleósa e nutritiva, é, depois de torrada e reduzida a pó, usada como café pela pobreza. Das fôlhas sêccas fazem-se esteiras, chapéos, cestos e vassouras, do que já se exporta porção para a Europa, onde é empregada no fabrico de chapéos finos, que em parte voltam para o Brasil, calculando-se em cerca de mil contos de réis o valor de sua exportação annual no Brasil e da que é aproveitada na industria nacional. Suas folhas produzem cêra applicada ao fabrico de vélas, que tem extenso consumo nas provincias do norte, principalmente nesta, onda já é ramo importante de commercio. (Vide *Exposição Uni-*

versal do Brasil em Vienna d'Austria, de 1873, P. 38). Fazemos tambem das fôlhas sêccas urús, abanos, e dos talos gaiólas, giráos, camas (catres), portas de choupanas, capoeiras de gallinhas, e brinquedos para crianças (enfeitados com giquiritĺ). Do fructo verde ainda faz-se o *moncusá*, que é alimentação soffrivel e sadía. Parece que Deos, por abençoar tão utilissima planta, deo-lhe a estampa perfeita da *Custodía*, em que se guarda a sagrada forma. Seo nome mais conhecido na sciencia é *Copernicia cerafica*, mas tambem o é pelo de *Arrudaria cerafica*, do nome do nosso naturalista *Arruda Camara*, o primeiro que ensinou o processo de extrahir-lhe a cêra. Um dia, diz Pompêo, quando os poderes sociaes cuidarem sériamente de seos interesses, se lembrarão tarde de pór cobro á destruição de uma arvore, que é uma verdadeira riqueza. *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 170, Notá 1.ª. Esse dia já havia chegado antes do illustre cearense escrever essa apostrophe, em 1863; pois já pela lei provincial n.° 543 de 20 de Outubro de 1851, artigo unico, era prohibido em toda a Provincia o córte da carnaúba, sob pena de 4$000 de multa ou 15 dias de prisão por cada uma que se derrubasse; e nenhuma outra lei ainda a revogou—Um phenomeno: No municipio de Oeiras (Piauhy), diz João Alfredo da Costa, encontrei uma carnaúbeira que compunha-se de oito galhos, graciosamente dispostos; o que é uma verdadeira raridade, uma bem pronunciada anomalia; porque tem uma haste, que prende uma extremidade ao sólo, erguendo para o espaço a outra, que expande-se em festões de palmas veridentes. *Excursão pelos dominios da Ontologia*, Cap. 4, P. 66, Nota 7. — *Ety.*: — arvore que arranha, da contracção de *caranhe* arranhar, e *úba* arvore; porque esta palmeira, quando pequena, conserva em roda do tronco porção enorme de talos com duros e abundantes espinhos, que a tornam inaccessivel; donde veio ao povo chamal-a *cuandú*, animalejo, especie de porco espinho, que se assanha todo com quem se lhe aproxima, apontando os espinhos, com que tambem se torna inaccessivel. Por aqui se vê que erram C. Aulete, *Dic.* cit.; e outros que escrevem *carnaubeira*, porque

esta decomposta traduz-se literalmente por — arvore da arvore que arranha ; pois no portuguez a terminação—*eira*, junta aos nomes de fructo, significa—arvore. Ex. : *cajá*, *cajazeira*. — De *carnaúba* temos *carnaúbal*, abundancia de carnaúbas.—Nome tambem de uma tribu, que vagava entre os rios Salgado e Jaguaribe, dominando as ribeiras do Bastiões e do outro rio, que della tomou o nome. Araripe, *Hist.* cit., P. 15.

CARÓBA *(bignonia brasiliana)* : arbusto medicinal, de folhas amargas, empregadas no tratamento de ulceras e molestias venéreas—*Ety.* : folha amarga, de *caa* folha e *ob* amarga. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 63.

CARUÁRA : formiga que dá nas arvores, cuja mordedura faz tal coceira como se fosse sarna, donde lhe veio o nome. E' tambem o nome de uma abelha pequena, cujo mel é nocivo tambem.—*Ety.* :—Parece palavra não corrompida, derivada da raiz, até hoje não de todo decifrada, *kara* e a desinencia *guàra*, *uára*, *àra*, que tem muitas significações e com a qual ora adjectivavam ora substantivavam os verbos. J. Verissimo cit., P. 40 — *Caruára* tambem significa sarna, corrimento, inchação, humor. G. Dias, *Dic.* cit. ; mas aqui significa literalmente habitante das arvores, de *caa* arvore, e *uára* logar donde é natural. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit. P. 66.

CARURÚ : beldroéga, João Gomes. G. Dias, *Dic.* cit.—E' uma comida saborosa e substancial deste nome, especial da Bahia, feita desta herva, com azeite de dendê, côco amarello, com pimenta : *caruru* de quiábos, de camarões.—*Ety.* :—corruptéla de *caa-rerú* folhas em vazilhas. Os europêos, sem profundo conhecimento do *tupi*, tem muitas vezes trocado nomes indigenas por expressões da lingua dos negros ou alterado-os para as palavras formadas do portuguez, a ponto de se tornarem desconhecidos. Assim por exemplo : *caa-rerú*, que designa uma planta de legumes (propriamente beldroéga) muda-se em *carerú*, *cariru*, *carorú*, *carourú*, *carurú* e *carerú*, significa ora esse vegetal, ora a phytotacea decandra. Martius — cit., P. 379 e 390, Macedo Soares,

Rev. Bras. cit., T. 3, P. 229;—herva inchada ou grossa. folha aguada ou viçosa. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 64 — Encontra-se já em Moraes e Aulete.

CATAPÓRA: bexigas doudas, benignas, variolas — *Ety.*: — fogo interno, corruptéla de *tatá* fogo, madado o — *t* em — *c*, e *póra* interior. Molestia que resulta desse fogo interior. G. Dias, *Dic.* e *Bras.* e *Ocean.*, P. 14, Nota 1.ª — Já se encontra nos *Dicc.* de Moraes e de Lacerda.

CATINGA: *ety.*: — contracção de *caa* mato e *tinga* alvo, mato rasteiro. Martius cit., P. 391 e 495;—mato rasteiro e talvez de côr esbranquiçada; d'aqui vem chamar-se *catinga* a um logar de mato infesado. G. Dias, *Dic.* cit.; — mato espesso, garrunchoso. J. Galeno, *Scen. Pop.* cit., P. 277; mato baixo, mas difficil de romper. Araripe Junior, *Luizinha* cit., P. 247; pequenas arvores. E. Liais cit., P. 409; corruptéla do guarani *caatî* mato branco. B. Caetano, *Vocab.* P. 561; — mato brancacento, Varnhagen, *Commentario ao Roteiro do Brasil de Gabriel Soares*, *Rev. do Inst.*, 1851, P. 183— Tambem significa máu cheiro, bodúm, bolor, e nesta accepção é vocabulo africano, bunda. Cannecattim, *Collecção de observações Grammaticaes da Lingua Bunda ou Angolense* e *Dicc. abrev. da Ling. Congueza*, e Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 1.°, P. 592, T. 4, P. 254; mas que é indigena decidem-se: G. Dias, *Dic.* cit, Martius, cit., B. Caetano, *Rev. Bras.* cit., T. 3.°, P. 35: vocabulo tupi levado para a Africa pelos portuguezes depois que começou o trafego dos escravos negros; e *Vocab.* cit., P. 591: tambem significa bolor (vegetação cryptogamica) e por estensão os cabellos dos sobacos.— Pacheco Junior, Rev. cit., T. 5, P. 404 acrescenta: Inclinamos-nos a crêr que tiram origem da lingua brasileira (*cati* e *caa*-tinga). No 1.° caso parece-nos deo-se uma das modificações accidentaes do systema phonetico (anastrophe); as syllabas iniciaes da palavra *tindapiquicati* perderam-se, por serem breves, persistindo a tonica, como acontece aos vocabulos infiltrados pelo ouvido (*cotigui*, *catingui*, ou de interlocução euphonica,

o que alias é muito usual, *catinga*) — De *catinga* já temos *catingar* exalar máu cheiro. C. de Magalhães, cit., P. 77, J. Verissimo cit., P. 40.

CATÚ : rio, nasce no Aquiraz, passa uma legoa acima da villa, — lança-se no mar — *Ety.* : — bom, são, logar salubre. Martius cit., P. 496 — Tanto este vocabulo, como o seo derivativo *catucáua* ou *catucaba* bondade, ou exprimem qualidades moraes ou bondade que não se veja, como de uma planta efficaz para uma molestia. A bondade physica para o indigena é o mesmo que boniteza e vice-versa. C. deMag. cit., P. 65. Si porém essas propriedades se referem ao espirito diz-se então — *Tecô angaurama*, G. Dias, *Dic.* cit., verbo *Catuçaba*.

CATUÁBA: arbusto, abundante no Crato, Ipú e outros logares. Emprega-se a casca como aphrodisiaca — Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 185. — *Ety.* :— *acatuab* direito, dextro, habil. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 104.

CAUAÇÚ : especie de tabóca ou palma com as folhas grandes e duras. Da vara ou páu fazem-se cabos de vassouras — *Ety.*: — *caa* folha e *açú* grande. Martius cit., P. 391.

CAUCÁIA : antiga missão da nação dos Petiguáres, administrada pelos Jesuitas. Foi elevada á freguezia a 5 de Fevereiro de 1759, e á villa a 15 de outubro do mesmo anno, em cumprimento da Carta Regia de 6 de Maio do anno anterior, com a denominação de *Soure*, nome de uma antiga ordem honorifica de Portugal (dos Moinhos do Soure) e de uma villa e freguezia do bispado de Coimbra. A villa foi extincta pela lei provincial n.° 2 de 31 de Maio de 1833 e a freguezia por outra n.° 16 de 2 de Junho do mesmo anno. Pela de n.° 1361 de 5 de Novembro de 1870 foi restabelecida a freguezia com a mesma denominação de *Soure* e a villa por outra n.° 1772 de 23 de Novembro de 1878 com a denominação de *Villa Nova de Soure*. Dista 3 legoas da Capital — *Ety.* :—Vinho queimado, talvez aguardente. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°; *Introd.*, P. 15, Nota 2. Mas os indigenas não tinhão bebida que se podesse traduzir por *vinho queimado* : á aguardente chamavam elles *cauin-*

tatá vinho fogo. G. Dias, *Dic.* cit. Acresce que a aguardente só foi conhecida dos indios depois da colonisação, antes muito da qual já existia *Caucàia*. Parece-me antes corruptéla de *caa* mato e *cai* queimado; traducção esta que tem por si a autoridade de Barba Alardo, *Memoria* cit., P. 262: *bem queimado está o mato.*

CAUÍN: vinho. G. Dias e Martius cit., P. 39 — Bebida de mandióca ou milho muito predilecta dos indios — *Ety.*:—corruptéla do guarani *iga-ûi* liquido ardente, ou farinha de liquido ou de fermento, porque o *cauin* era realmente um sorda fermentada, e não vinho propriamente. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 65.

CAUÍPE: rio, nasce na serra do *Joá*, termo de Soure, despeja no mar ao norte, formando uma barra constantemente atterrada, depois de um curso de 10 a 12 legoas. *Ety.*:—*cauin* vinho e *ipe* logar do vinho. Martius cit., P. 494 — Tambem peixe de escama, d'agua doce, semelhante ao piáu, porém alvo como a piába, de pouco mais de um palmo de comprimento.

CEARÁ: nome do rio e da primeira aldêa, da Capitania e da Provincia, primitivamente *Paiz do Jaguaribe* — *Ety.*: — canto da jandáia, de *cémo* cantar forte, clamar, e de *ará* pequena arára ou periquito grasnador. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 163 e 179, Ayres do Cazal, *Corog.* cit., T. 2.°, P. 195; — corruptéla de *ciará*, especie de papagáio. Milliet. cit., verbo *Ceará*, Martius, cit., P. 496 (Pompêo, *Dic. Top.*, e *Ens. Est.* cit., limita-se a acceitar estas duas);—corruptéla de *suiá* caça. Pizarro, *Memoria Historica do Rio de Janeiro*, T. 8, P. 221, Nota 1.ª (Milliet parece tambem não repellir esta); — pequeno caranguejo redondo ou do alagado, de *Siarà-mirim* ou *Syrag-mirim*, corruptéla de *ciriapuà*, depois por contracção — *ciri-á*, *ciriá*, *Ceará*. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, *Introd.*, P. 64, Nota, (Catunda, *Estudos de Historia do Ceará*, P. 13, descorda das duas anteriores, e abraça esta); rio verde, de *dzu* (com o— *d* pouco sensivel, e o— *u* soando á franceza, aproximadamente como o participio passado do verbo *savoir)*, e *era* verde, vocabulo da lingua *cariri*. Do nome do rio, em

cujas margens se fundou uma fortaleza,se foi chamando — fortaleza do Ceará, e este nome com o tempo se foi estendendo á capitania. Capistrano de Abrêu, *Gazeta de Noticias*, da Côrte, n.° 270 de 27 de Setembro de 1886 e *Quinzena* (da Fortaleza), n.° 5 de 15 de Março de 1887. Nenhuma me parece acceitavel—A 1.ª, porque *ará* não significa pequena *arára* nem periquito grasnador, mas é uma abreviatura corrompida de *guira*, *mira* ave, passaro em sentido geral, e assim encontra-se na composição de muitas palavras; ex: *araponga*. Mas quando assim não fosse, não comprehende-se que o indigena, querendo dizer —*canto da jandáia*, omittisse este ultimo vocabulo da sua lingua, embora alterado, para substituil-o por *ará*, que não pode dar ideia exacta dessa ave; pois a jandáia nem é grande como a arára nem pequena como o periquito; e seo canto aspero não pode exprimir por anomatopêa — *Ceará*. Sobreleva que o indigena, regra geral, compõe as palavras como o inglez, pospondo o possuidor á cousa possuida (ex: — *ubirajára* senhor do cacete, de *ubira* cacete e *jára* senhor), como na lingua ingleza — *reform-club*, club da reforma. Por tanto, conforme com as regras da lingua a palavra deveria compôr-se— *aracemo*, arace, que não é forma tupica — A 2.ª, porque nenhum chronista falla dessa especie de papagáio *ciará*, como assevéra C. Mendes; e Gabriel Soares, *Noticia do Brasil*, P. 87, falla apenas da ave *sijá*, do tamanho do papagáio, mas não papagáio, o que é muito differente; A 3.ª, porque caça em *tupi* nunca foi *suiá*, mas *çoo*, *sôo* ou *sûu*, como se pode verificar em todos os diccionarios, desde Martius até G. Dias. — A 4.ª, porque presuppõe uma elaboração tão longa, lenta e trabalhosa que não se conforma com a indole do selvagem em tudo rapido e expressivo. Mas não é só isto. O indigena, attestão todos os chronistas, não davam nomes á cousas ou pessôas sinão do que o impressionasse. Ora, não é crivel que em um litoral estenso e abundante de toda a sorte de crustaceos só o caranguejo redondo ou do alagado o impressionasse! O proprio autor tão pouca confiança tem na sua interpretação que admitte outras de concomitancia, tirando-lhe

assim o valor e prestigio—A 5.ª, porque, tendo sido dado o nome *Ceará* ao nosso territorio pelos petiguáres, da nação tupí, quando pela primeira vez viéram do Rio Grande do Norte com Pedro ou Pero Coelho de Souza, como assevéra C. Mendes, não é crivel que elles preferissem um vocabulo da lingua *cariri*, de uma tribu *tapuia*, sua inimiga irreconciliavel delles —

> Que por toda parte se estenderam
> Sempre em frente do mar em guerra aberta
> Co' os Tapuyas, que o centro procuraram,
> E que jámais comnosco paz quizeram.
>
> (Mag. *Conf.* dos *Tam.*, C. 5, P. 145).

Depois nenhum chronista diz positivamente que os *cariris* tivessem estado no nosso litoral ; antes ha certeza de nunca cá terem vindo : da cordilheira da Borborema, centro da Parahyba e Pernambuco, onde foram encontrados pelos portuguezes no descobrimento do Brasil, (Milliet cit. e M. Moraes, *Corog.* cit., T. 2, P. 378) passaram parte para o valle do Araripe, donde não mais sahiram. Como de lá, sem possivel ou provavel communicação, poderião dar o nome ao litoral na distancia de mais de 90 legoas? A versão do interprete hollandez Elias Erckman—de todos os annos virem os *cariris* ao litoral somente comer cajú, de que gostavam muito, é de todo inacceitavel ; pois, tendo elles os melhores e na maior quantidade á mão, na chapada da Araripe, não tomariam annualmente tão perigoso encommodo de uma viagem ao litoral, onde habitavam seos inimigos figadaes. Nem tão pouco pode crêr-se que o nome se désse primeiro ao rio do que ao territorio ; porque, conforme com os documentos officiaes da maior valia o nome antigo era *Ceará Grande*, já traduzido para o portuguez o augmentativo *açù* ou *guaçù*, da mesma forma porque ainda hoje se chama na côrte—*Andarahy Grande*. Sendo o rio *Ceará mirim*, do Rio Grande do Norte, muito maior do que o nosso rio, com certeza os *petiguáres*, ou quem quer que o denominasse, não chamaria *grande* precisamente o

menor. O qualificativo só assentaria no territorio, que é muito maior do que o da provincia visinha—Quer-me parecer que a verdadeira etymologia vem a ser corruptéla de *çoo*, *soo ou suu* caça, *ára* tempo e a particula pospositiva—*á*, com que o indigena dava mais força á expressão, significativa de uma convicção forte, fóra do commum ; querendo assim dizer : *verdadeiro tempo de caça !* A abundancia de caça no nosso litoral é attestada por todos os chronistas ; devia, por tanto, impressionar agradavelmente o indigena, que della vivia exclusivamente —

Vagamos sempre, e nunca em firme assento
Nos deixam ter da *caça* os exercicios :
Buscamos nella os proprios alimentos,
E habitamos onde *a ha* ou della indicios,
E estes são de continuo os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios :
Verás as gentes em continuo choque
Sobre a quem o terreno ou praia toque.

(Durão, *Caramurú*, C. 3. E. 63).

Muito commum tambem aos naturaes era esta expressão, que passou aos colonos, e de que ainda hoje usa-se geralmente :—*tempo de inverno*, *tempo de verão*, *tempo de cajú*, *tempo de caça*, etc.. em vez de estação do inverno, etc.—A orthographia primitiva *Siará* ainda mais corrobóra esta interpretação, que dá caça na versão *tupí* com *ç (çôo)* e com *s (sôo* ou *sûu) :* e ás vezes se encontra corrompida em *si*, como em *Siupé*, outras em su, como em *Sucatinga*. Em *Ceará* encontra-se a principio corrompida em *si*, depois em *ce*, como actualmente.—Refutando-nos, Capistrano de Abreu apresenta-nos estes dous argumentos : 1.° A' vista das irregularidades das estações em nossa Provincia não podia haver caça que chamasse a attenção ; 2.° As palavras de uma lingua se transformam segundo leis regulares ; por conseguinte *sôo* não pode dar ao mesmo tempo *Siará* e *Siupé*—Ao 1.° respondo que na nossa Provincia nos tempos de sêcca

é quando apparecem, pelo menos, mais certas qualidades de caça, de modo até maravilhoso, como acontece com as rôlas de arribação, vulgarmente *avoantes*, que fazem nuvens de escurecer o tempo! (Vide Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 213, Nota 2.ª) Ao 2.° respondo com Abel Hovelacque na sua *Linguistica* : A etymologia em si e por si não passa de advinhação ! E Martius, *Glos.* cit., P. 376, exemplifica :—Quem reconheceria em *Burahém*, como agora chamamos, a palavra composta de—*ymira* arvore, e *êem* doce, por causa da casca doce? Tratando-se de um trabalho de alguma forma historico, cremos conveniente não omittir uma outra interpretação, que não merece refutação, mas ser conhecida :—« Si foi este nome posto pelo Hollandez, como alguns escrevem :— *Seâra :* voltando achamos : *Araes :* tú és a ára lapida ; porque vem de *ardor* ou de *aviditas*, a secura ; sobre a qual ardiam antigamente os animaes, que se sacrificavam. E da mesma sorte que ainda hoje arde de amôr sobre ella o *Cordeiro de Deus* nas mãos dos homens para nos salvar ; assim tambem ardendo esta seára, do meio do incendio sahirá a faisca a tocar o coração, guardando sequioso, dará o signal na purificação das mesmas áras, donde emana todo o bem. Si mudamos o *e* em *i*, acharemos a raiz, isto é, *Raiz*, que d'entre a seára brotará a este para depois do grelo do olho sacar o pombo a folha para o signal. Conjecturas do tempo futuro ; e para nós já presente. Si foi imposto pelos indios naturaes, devemos escrever *Ci-ára* : mãe da *ara*, isto é, *ci* mãe, *ara* d'ara ou pedra superior. Ou tambem *Ci-iára* senhora mãe,porque *iára* quer dizer : senhora. O que tudo vem a conferir quasi com o mesmo sentido supra, não obstante ser a ultima. » Padre Francisco de Menezes, *Lamentação Brasilica* cit.

CHIBÁTA : *Ety.* : do hebrêo *shebet* vara, açoute, insignia ou emblema de autoridade, sceptro. Moraes cit. Mas é vocabulo guarani, derivado de *yibatâ (y-ib-atâ)* o que é vara ou virga dura). B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 591.

CHIMANGO (milvago chimango) : especie de carcará,

alimenta-se de carne corrupta, de vermes, larvas e insectos, mas não ataca as aves nem os mamiferos. P. Posser, *Maravilhas da Creação* cit., P. 24 — Não sei com que fundamento Sylvio Romero diz na *Rev. Bras.* cit., T. 6, P. 213, que é uma especie de rato!—*Ety.* :— O mesmo Sylvio Romero o dá por vocabulo *tupí*, mas não dá-lhe a etymologia. Provém de *chimachima*,nome de algum gavião, que dão como onomatopaico, mas que se explica por *kibà* caça piolho. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 100—Foi por muito tempo a denominação do partido liberal na Provincia. (Vide *Saquarèma).*

CHORÓ : rio em Canindé, lança-se no mar com um curso de 45 legoas. Tem a correnteza muito forte, de modo que as enchentes são sempre acompanhadas de estragos e grande ruido—*Ety.* :—de *chorórom* murmurar (voz onomatopaica). Martius cit., P. 496—Tambem nome de uma ave pequena, cocurutada, do papo branco e costas pretas, mescladas de branco ; as femeas tem as costas vermelhas. Chamam-na tambem *Choró-choró.*

CIPÓ (*Convolvulus colubrinus*) : *Ety.* : — raiz. Martius cit., P. 406 ; — contracção de *h-ib-pó* o que é fibra de arvore ; ou de *ci* pégar e *pó* fibra : filamento que péga-se á arvore. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 94 e 198 —De *cipó* já temos *cipoál* abundancia de cipó (Moraes e Aulete cit.), *cipóada* pancada com cipó (Aulete) e *cipoar* bater com *cipó* (J. Verissimo cit., P. 40). Cobra de *cipó (coluber bicarinatus)*, assim chamada, porque imita tanto o *cipó* na grossura e cór que entre os *cipós* destingue-se apenas pelo movimento. O veneno é lento, não mata, porém aleija, fazendo seccar a parte lesada — *Cipó de chumbo*, pela cór deste metal ; medicinal, diuretico.

CIPOÚBA : arvore fina, parecida com o cipó ; sua madeira presta-se á cercas.—*Ety.* :—*cipó* e *uba* arvore, arvore de cipó.—O povo chama *cipaùba* contra a etymologia.

CÓCO : fructo do coqueiro, do dendê, da pindoba, etc. *Ety.*:—vocabulo africano. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°,

P. 185; — termo brasileiro. Moraes cit. — Dubois Requefort, *Dic. Ety. de la Lang. Fr.*, diz que é voz americana. Tenho-o tambem por guarani, corruptéla de *cog* alimentar e *cùi* vaso; vaso de alimento ou que contém alimento, allusão á casca rija, que cobre a amendôa alimenticia. (Vide B. Caetano. *Vocab.* cit., P. 80).—Durão o cantou como fructo originario do Brasil no seo *Caramurú*, C. 7. E. 45: —

> Distingue-se entre as mais na forma e gosto,
> Pendente do alto ramo o côco duro,
> Que em grande casca no exterior composto,
> Enche o vaso int'rior de um licor puro:
> Licor, que á competencia sendo posto,
> Do antigo nectar fôra o nome escuro;
> Dentro tem carne branca como a amendoa,
> Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

Direi por demais que Faria, *Dic.*, concorda com Barros em que os portuguezes deram o nome de côco á *palmeira coqueiro*, em rasão de offerecer a noz interior delle parecença com uma caraça com olhos e nariz mui propria para metter medo ás crianças! — Chama-se *velado* o côco que não tem agua, sómente a amendoa. Dizem as crianças que a lua bebeo-a — É tambem nome de uma ave *(strix flammea)*, indigena da Loanda.

CÓCÓ: rio, conhecido pela fama de suas excellentes taínhas (Vide Tipuhú); nasce na serra da Aratanha, e lança-se no mar a leste do Mucuripe, depois de um curso de 8 legoas, formando, ás margens, grandes salinas — *Ety.*: — *Coco* (sem accento) quer dizer *tio*. (Vide Martius, *Introd.*, P. 14, Walppœus, P. 431. Será esta a etymologia, vindo o vocabulo mais tarde a receber o accento na vogal final, como tem acontecido com outros? Pode ser o nome de algum cacique, que o dêo ao rio. Tenho duvidas.

COITÉ: *(crescentia cujeté*, M.): arvore *(cuyeira)* — *Ety.*: — *cuyté* derivado de *cuya* taça. J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 13. —Preferivel:— corruptéla de *cuy*, e *eté*

cabaceiro, já aportuguesado. B. Rodrigues, *Rev.* do *Inst.* cit., P. 75 — Emprega-se a particula superlativa — *eté* com os substantivos para se lhes dar e por assim dizer prolongar a significação. G. Dias, *Dic.* cit. — Martius cit., P. 381, fundado na autoridade de Humboldt, diz que este vocabulo foi um d'aquelles, que espalharam-se alem dos limites da lingua, á que pertenciam originariamente, e depois em toda a America. — Já é vocabulo usado no portuguez como synonimo de *cuia* — Nomes de duas povoações em Baturité e Milagres.

COIVÁRA : fogueira em que se queimam os ramos que escapam ao incendio geral do roçado. D'ahi *encoivarar*, do uso dos nossos agricultores como synonimo de queimar nas coiváras. J. Galeno, *Lend.* e *Canç. Pop.* cit., P. 44 — *Ety.* : — corruptéla de cogibá, de *có* roça e *îbá* galhos : o mato secco, os gravetos da roça, os galhos, a galharada da roça. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 75 — Tambem já se diz *encoivaramento*. J. Verissimo cit., P. 40.

COMBÚCA : fructo da *cuyeira*, aberto por cima, em que as indias guardavam as suas curiosidades G. Dias, *Dic.*, verbo *Iamurú* ; ou em que carregavam agua. Moraes cit. — *Ety.:*—corruptéla de *cuiambuca* ou *bukecuia*, de *cuya* e da palavra portugueza *boca*. Fr. Maranhão cit., P. 78, Nota *D* ; — corruptéla de *cuyambuca* vaso para carregar agua ou guardar liquido. B. Rodrigues, *Rev.* do *Inst.* cit., P. 75 ; — cabaço comprido, de *cuya* e *mbucu*, longo, comprido, largo. Malta cit., P. 257 — Prefiro por mais natural : — cuia furada, de *cuia* e *mbogua-mboca* escavar, furar, fazerôco. J. Verissimo cit., P. 41 — *Ficar na combuca* — aquillo que não se quer expôr ao publico, ou guarda-se com reserva. G. Dias, *Dic.* cit. — E' tambem armadilha para pégar o macaco. Quem pretende dar caça a este animal, enterra em diversos logares uma especie de cabaço, com uma pequena abertura, por onde só possa caber a mão do animal, e deita-lhe milho dentro. O macaco, lambarino como é, tendo prédilecção especial por esse legume, que

é uma das suas primeiras gulodices, mete a mão espalmada, enchendo-a a mais não poder. O buraco, porém, só lhe dá passagem á mão vazia; e o bruto, agarrado á prêsa, que segura com avidez, vendo a impossibilidade de retirar o braço, estribucha, grita, fraquêja, não se lembra de meio algum de salvação, e deixa-se agarrar estupidamente. E d'ahi vem o dizer-se, quando se quer chamar espertalhão a um individuo: *Oh! este é macaco velho; já não mette a mão em combuca*. S. de Frias cit., P. 168.

CONDURÚ: *(brosimum condurù)*: arvore, cuja madeira é muito procurada para taboados, chaprões e cambões de carro de bois, por sua rigidez e duração; e no Pará, diz B. Rodrigues, P. 68, que serve para construcção civil e naval. O fructo, do feitio da pinha, porém mais pequeno, come-se. A folha e casca são aromaticas —*Ety.*:—*caa* páu e *ndurù* que tine, porque a madeira, quando secca, como que tine, *(sonat)*. Martius cit., P. 388 — Appellido de um celebre faccinora da Provincia.

COPAÍBA *(copaifera jacquini* D. C): arvore elegante, que fornece boa madeira de lei, e é medicinal —

A copaíba em curas applaudida,
Que a medica sciencia estima tanto.

(DURÃO, *Caramurú*, C. 7, E. 51.)

O cerne vermelho — escuro — O oleo empregado como anti-syphilitico e nos catharros chronicos, assim como nas dôres uterinas e ferimentos dos pés para evitar inflammação e tetano. B. Rodrigues, *Rev.* do *Inst.* cit., P. 72 — Nasce nos centros das mattas nas partes seccas e livres, sobretudo, de aguas estagnadas. G. Dias, *Dic.* cit.—O trabalho da extracção do oleo é bastante encommodo e insalubre por ser feito de inverno, e por isso exclusivo dos indios. Labre cit., P. 37, Nota 6 — O oleo não tem manipulação alguma; conserva-se conforme sáe. Na epocha competente, em occasião de grandes, calores, procede-se como se o tronco fosse um barril de vinho: faz-se um pequeno furo, á certa altura, para a

introducção do ar, e sangra-se a arvore, que dá de si, sem mais trabalho, o oléo que tiver. E é que a *copaifera*, não sendo furada, arrisca-se a arrebentar. Quando isso acontece, o tiro, que ella despede, pode comparar-se ao estampido de uma bôa peça de artilharia. S. de Frias, cit., P. 233— *Ety.* : — Vocabulo guarani. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 445 e T. 2.°, *Pref.*, P, 13 ;—*cuapa* arvore e *yg* agua: arvore que verte gomma ou oleo. J. Luccok, *Vocab.* cit., P. 16 : — corruptéla de *copyiba* arvore do copim, pela semelhança que tem o desenvolvimento do tronco, onde se accumula o oleo, com os ninhos que os copins edificam nos troncos. B. Rodrigues cit.—Este autor escreve — *copaiyba*, *copaiba*, *copauva*, *copiuva*, *copahiba*, *copahyba*, *cupahy*, e *cupiuba;* G. Dias—*cupaúba*; e Moraes diz que a melhor orthographia é *cupaiba;* mas a do texto é a mais conforme com a etymologia.

COPIAR : alpendre, varanda, entrada da casa. *Ety.*: *cog* casa e *piá* caminho—Macedo Soares. *Rev. Bras.* cit., P. 229. O vocabulo *tupi* escreve-se *copiára*. B. Baetano, Vocab. cit., P. 76, G. Dias, *Dic.* cit., Araripe Junior cit., P. 239, Mas em Moraes e C. Aulete já vem como no texto — O vulgo já pronuncía *copiá*, com quéda da consoante final.

COPÍM *(termites devastans, termes cumulans)*; formiga pequena, esbranquiçada e gorda, que se nutre do farello do lenho dos edificios. Suas casas tem a forma pyramidal, cheia de cellulas, salões, corredores; resistem por muitos invernos ás tempestades, mas um só momento ás garras do tamanduá, que as desmancha e come os habitantes. Suas mandibulazinhas são fortissimas, cortando como navalhas, e produzindo, quando em actividade, um ruido perceptivel á distancia. Ayres do Cazal cit., T. 1.°, P. 58—Em Cuyabá faz cumulos de terra escura, em forma de tubos ou columnas, que chegão á altura de um homem a cavallo. Os remadores, para se livrarem dos mosquitos, servem-se dessa terra, a que tambem chamão *copim*, reduzindo-a á fumaça espessa. Hercules Florence cit., P. 399 e 436.—A mandióca plan-

tada sobre um ninho de *copim* ou se sobre ella o *copim* se aninha, torna-se phosphorescente e muito venenosa ! B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 75 — *Ety.* : — *có* buraco, e *pim* ferrão. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 190. A do mestre: *copi*, de *co* ou *caa* roça ou páu, e *pïr* picar, cortar, roçar. B. Caetano, *Vocab.*, P. 76—Moraes, C. Aulete cit. e outros escrevem *cupim* ; mas a orthographia do texto é a etymologica—De *copim* temos *copineira* ou *copira* abelha de copim, de *copim* e *yra* abelha, assim chamada, porque esta abelha habita as casas abandonadas do copim.—Ha vermelha e preta.

CORÓ : especie de rato nocturno, com o pello acastanhado e fusco ; a cauda longa e pilosa. Grita muito alto de noute, com o que se agouram os indios. Quando grita deixa perceber a voz—*coró*, donde lhe vem o nome. Valle Cabral, *Annaes da Bibliotheca Nacional*, T. 1.°, P. 184—Tambem peixe de escama, do mar, com listas pardas por todo o corpo ; do tamanho de um palmo. Depreciado quando magro—*Ety.* :—abreviatura de *cororô* (onomatopaico)—o que ronca ; porque este peixe ronca ao se lhe pégar.

CRAÚBA : arvore da casca muito amargosa, coberta de folhas amarellas como o páu d'arco : os veados comem-lhe as folhas (G. Dias, *Dic.* cit.) ; por isso os caçadores escolhem-na para *espera* de veados—*Ety.* : Contracção da *carahiuba* dos indios pelo uso dos nossos sertanejos. J. de Alencar, *Ubur.* cit., P. 164—E' contracção de *carà* por *ymira* páu e *úba* arvore ; arvore de páu, porque esta arvore em certo tempo, como o pàu d'arco, despede-se das folhas e fica no páu.

CRAUÇANGA : formiga vermelha, da cabeça grande ; faz a casa n'um buraco fundo. A sua picada é terrivel, dá febre e levanta empolas— *Ety.* : contracção de *coára* buraco e *çanga* fundo, da profundeza da sua casa.

CROAHÚ : rio, nasce da Ibiapaba, passa pela Granja, e lança-se no mar, formando o porto do *Camocim*. *Ety.* : —rio do croá, de *croá* (Vide *Croatá)* e *hú* agoa.—

CROATÁ : bromelia espinhosa, parecida com o pé de ananaz, de que se tirão fibras tanto ou mais fortes que as do linho, das quaes se fazem soadores de sella, cordas de rede, cabrestos de cavallo — Da *capemba* extráe-se uma massa, que come-se. A fructa vermelha, da forma da abobora, é muito cheirosa e de sabor agradavel. Dizem que, reduzida á garapada, é bom remedio para inflammações e um poderoso vermifugo. A semente é muito diuretica—Pela fermentação colhe-se uma aguardente agradavel ao paladar. Graty cit., P. 289 — *Ety.*: — contracção de *caragoatà* herva que arranha o viandante, de *caranhe* arranhar e *oâtá* o que anda, por causa dos espinhos. Martius cit., P. 377 e 497 — E o mesmo que *crauá* e *croà*. G. Dias, *Dic.* cit., verbo *Caraoá*.

CROATAHY : especie de vegetação aquatica, que cresce no fundo dos rios e poços, pela secca, a ponto de impedir a pescaria. Onde a ha o peixe é abundante, gordo e saboroso — *Ety.* : —*croatà* e *hy* agua, agua do croatá.

CRUÈIRA: a parte grossa da mandióca, que não passa na peneira ou *urupemba*. Moraes e C. Aulete cit.—*Ety.*: —o que foi comida, contracção de *caruéra*, de *carù* comida, alimento, com o preterito *ér* que foi. Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 8.° P. 120. Melhor: *kui* farinha e *èra* preterito: farinha que já não é, por ser grossa de mais. J. Verissimo cit., P. 41.

CUANDÚ *(ouriço cacheiro)*: passa o inverno no covil n'um profundo somno. Carnivoro, devóra insectos e reptís ; trepa arvores para colher fructas; não sáe sosinho de noite, e come de dia. É de natural manso e póde-se domesticar. Hourloup e Duval cit , P. 109, N° 2 — Come-se a carne, que é gostosa. G. Dias, *Dic.* cit.— *Ety.*:—Martius, P. 380, escreve *quandú*, *coandú*, e *coendú* e diz que estes vocabulos viéram da lingua dos negros. Mas é *tupi*:—pode-se reportar a *guandú guâ*, de *hâ* pello e *tu* querer, de *mbotu* quer, alterado de *tî*. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 85. Preferivel á do mestre : *cua* cintura e a particula *ndu*, que serve para mostrar o uso de alguma cousa; assim refere-se á cauda deste animal;

que é agarradora, isto é, forma uma cintura em torno do objecto que segura. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 74.

CUATÍ *(nasua solitaria, v. New.)*: animalejo; dorme nas arvores como o macaco, mas de dia desce a caçar. Sustenta-se de minhócas, cobras ainda que sejão venenosas, e até de *jabotys*, comendo-lhes pés e mãos até onde lhe chega o focinho. G. Dias, *Dic. cit.*—Costuma viver em bandos, e é damninho.—*Exposição Universal do Imperio do Brasil em Philadelphia*, 1876, P. 34 — Ha de duas especies: *social* que vive sempre em bando, e *solitario*, que vive isolado. O 1.° chama-se tambem *cautì-mondé*, porque deixa-se facilmente pégar com cilada. E. Liais cit., P. 427 — *Ety.*:— nariz na cintura, de *cuá* cintuta, e *ìi* nariz, porque dorme com o nariz na cintura. G. Dias; — *quâ* molle e *ty* focinho, que os indigenas sempre observadores lhe deram, alludindo á consistencia e ao movimento, que tem o focinho. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 70; — *aquatî* nariz de poncta, nariz ponctuado, focinho. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 45 — G. Dias escreve — *Cuatí* ou *Cuatim*.

CÚIA: cabaço aberto pelo meio e limpo do miólo; serve para comer-se ou beber-se nelle, e para outros misteres.—*Ety.*:—de *cui*. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 75;—vaso de comer, de *cui* vaso em geral, e do verbo —*u* comer. B. Caetano, *Notas aos Indios do Brasil* de *Fernão Cardin* cit., P. 89.— É vocabulo *tupi* já admettido no portuguez. C. de Mag., *O Selv.*, P. 47— Moraes escreve, *cuya*, e C. Aulete como no texto, cuja orthographia é a mais commum.

CUMARÚ (*diptrix odorata Wied, cumarana odorata Aubl.*): é a mesma imburana de cheiro. Arvore de marcenaria. As flores são côr de purpura. O fructo contém uma semente cheirosa, semelhante á uma fava, e que costuma—se botar no rapé para dar-lhe aroma — Della extráe-se um oleo fino e aromatico, empregado nas perfumarias. Labre cit. P. 37, Nota. Das folhas faz-se *opodedoc* contra dôres rheumaticas; e o succo da entrecasca, com assucar, dizem que é excellente romedio

para belidas — A casca é anti-spasmodica e sedativa, usada em banhos para as dôres rheumaticas; é analeptica, diaphoretica, e emmenagoga. Pompêo, *Ens. Est.*, cit., T. 1.°, P. 169, Nota 7, e P. 179, Nota, *in fine* — *Ety.* : — corruptéla de *cumbarù* tempo, de *cû* alimento, e *mboorú* alegrar. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 81—Acho preferivel: *curu* comprido, *ua* fructo, semente, e *arú* do verbo *rub* eu tenho: o que tem semente comprida; porque o fructo, que é uma drupa alongada, com o endocarpo osseo, contém uma só semente. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 75 — *Cumarim*, arvore do fructo menor, corruptéla de *cui* fructo, e *mirim* pequeno. Martius, P. 392.

CUMATÍ (*psidium albidum*) : arvore e fructo. Da casca as indias fazem uma infusão, que serve de oleo e tambem de mordente para pintar *cuias* e pól-as lustrosas. G. Dias, *Dic.* cit., verbo *Cruéira*. O fructo é menor do que o do araçá, doce e cheiroso, do feitio de um peitinho — *Ety.* : — corruptéla de *cú* alimento, comida, *uá* fructo e — *i* diminutivo, anteposto o — *t* por euphonia : fructo pequeno que se come — C. Aulete escreve *Cumaty* contra a indole da lingua; pois o *y* final é de ordinario designativo d'agua. Ex: — *Taquarí* taquára fina ; *Taquary* agua ou rio da *taquára*.

CUNHÃ: antigamente, a femêa de qualquer animal. G. Dias, *Dic.* cit.—*Sensu primitivo mulier, de animalibus sexum fœminium significat.* Martius cit. P. 446 — Já é admittido geralmente na linguagem commum como synonimo de mulher india ou cabócla — Em guarany — cunã—*Ety.* :--compõe-se de lingua despégada ou aberta, singular etymologia, que leva a crêr que a mulher guaraní se serve profusamente do dom da palavra. Graty cit., P. 200. — Parece provir antes de *coyá*, *coñá*, o que ermana, emparelha, a companheira, a mulher. É notavel este nome, porque ainda se lhe podem dar muitas derivações: de *côy* par, pode ser *coyar* a que faz par, a companheira ; de *cû* alimentar concebe-se *cujâ* a que alimenta e ainda outras. A melhor parece levar a *co* o ser, *yang* anima (alma), ou *yab* nasce. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 78 e 82.

CURIBÓCA: vocabulo tupi, porque se conhecião os nascidos das raças cruzadas, mas o uso fez preferir o nome de *mameluco*, porque ainda hoje se conhecem no Pará os descendentes mestiços das raças africana e americana. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 172 — Entre nós é o homem de côr escura, entre cabóclo e negro. J. Galeno, *Lend. e Canç. Pop.*, P. 411; de pelle avermelhada escura, cabellos lustrosos e amarellados. Araripe Junior cit., P. 240 — *Ety.* :—corrupção de *cariuóca* tirado do branco, de *cariua* e *oca* tirar. C. Mendes, *Notas para a Hist. Patria cit.*, P. 101, Nota 38, J. Verissimo cit., P. 11 — Martius, P. 38, escreve mais orthographicamente — *caribóca* homem mestiço; mas a orthographia do texto é a do commum dos escriptores.

CURIMÃ : peixe de escama dos nossos rios; cresce até palmo e meio, e é um dos mais apreciados d'agua doce— *Ety.* : — corruptéla de *quirî-báe* o que é tenro, o que é delicado. B. Caetano, *Vocab. cit.*, P. 438— Temos tambem a *curimaì*, mais fina, de—*curimã* e *ì*—diminutivo.

CURIMATÃN *(schizodon fasciatus)*: peixe d'agua doce, de escama, de palmo e meio de comprimento; muito apreciado pelo sabor. Anda sempre em cardumes, aos saltos, como a taínha, procurando as correntes e cachoeiras — *Ety.* : — *curimã e antán* grossa. J. Lucook cit., P. 28.

CURÚ : rio, nasce na serra do Machado, em Quixeramobim, e lança-se no mar, no logar *Pará do Norte*, depois de um curso de mais de 45 leguas, formando um porto accessivel a pequenos navios. Pompêo, *Dic. Top.* —*Ety.* :—Camisa, camisola sem mangas, lençol que se amarra em roda do corpo, ordinariamente das mulheres, Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 4.°, P. 250, Nota;— *curú*, *curub* sarna, seixos, pedras pequenas, cascalhos. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 84;--escraboso. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., *Notas ao Vocabulario* ; abundancia, por toda parte. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, *Introd.*, P. 12. E' esta derivação a que me parece preferivel, pelo menos explicavel pelo facto historico. Quando, a 17 de Setembro de 1614, Diogo de Campos explorou

esse rio, achou em suas margens e aguas infinita caça e pescaria, inclusive uns buzios de feição a botijas, com muito que comer dentro, de modo que somente nesse logar poude dizer que a sua gente não soffreo fome. Lisbôa, Obras cit., T. 2.°, P. 88. É provavel que dessa abundancia viésse o nome.

CURUMÍM: menino. G. Dias, *Dic.* cit., e J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 280. Mas não todo menino: recem-nascido—*mitangaí*, ou menino pequeno; até dous annos — *mitanga;* até sete—*curumim-mirim;* de sete até quinze —*curumim; curumim-guaçú* ou rapaz, se já se empregava na caça ou na pesca. Ives d'Euvreux, *Viagens ao Norte do Brasil durante os annos de 1613 e 1614*, Ed. 1864, Cap. 21—*Ety.*:—Moraes cit. escreve— *Curubim*, e diz sem fundamento que o vocabulo é aziatico, significando o indio moço de servir, ou servo addito á gleba; e no Brasil—rapaz ou moço de servir alugado; podendo ser que os jesuitas missionarios déssem este nome das duas Indias promiscuamente, não obstante ser um só idióma, ou que seja um dos que são communs ao Brasil e á India, como acontece em nome de terra de uma e outra região—*Ety.*: *kyrymi-curumi*, de *kyry* pequerrucho, criancinha — J. Verissimo cit. diz que a forma mais correcta seria *kynymï* ou *cunumi*, no abaneenga ou guaraní primitivo — Entre nós o vocabulo está vulgarmente corrompido em *Culumim*, com a mudança commum do *r* em *l*, letra que aliás o indigena não conhecia, como já ficou dito.

CURUMINJÚBA: serra em Maranguapé — *Ety.*: — menino amarello, de *curumim*, e *juba* amarello. Martius, *Glos.* cit., P. 496.

CURURÚ (*pipa*): sapo grande e preto, difficil de andar e, quando anda, é aos pulos como o coêlho. Expelle um leite que produz ophtalmia e cegueira. G. Dias, *Dic.* cit. Dizem que tem tanta força magnetica que colhe os passarinhos que o fitam, e os proprios bizerros, pelo que os sertanejos são solicitos em dar-lhe caça. Tem pequena protuberancia na cabeça, donde vem chamarem-no tambem *sapo de chifre.* (Vide Martius cit.,

P. 447) — *Ety.* : — em guaraní — vagaroso, que chega tarde. Graty cit., P. 200;—Onomatopaico—ronco, roncante, soando pela garganta. Pode tambem provir de *curúrub*—que tem ou faz sarna ; pois segundo a crença vulgar o simples passar do sapo pelo corpo, e até só pela roupa, produz uma erupção cutanea. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 84 — Ha tambem uma cobra chamada *cururù-boia* cobra do *cururù ;* ou porque alimenta-se do sapo, como diz Alexandre Rodrigues Ferreira ; ou porque se aninha nas raizes das arvores, e se enrosca no tronco como sapo, segundo Baêna. E' mais grossa do que as outras e verde, pelo que tambem a chamam *cobra verde :* pois entre as folhas se distingue pelo movimento — *Cururù* tambem uma qualidade de cipó muito forte e duradouro, que se presta para amarrar cercas e paredes de casas de taipa. O succo deste cipó, bebido com agua, é remedio efficaz contra os vomitos de sangue. Moraes cit. Os selvagens do Amasonas extráem desta planta um veneno muito activo, com que hervam as suas settas. *Rev. de Hort.* cit., 1879, P. 52.

CUTÍA (*dasyprocta caudata*): animalsinho ; habita nos bosques, collinas e varzeas, fazendo raras vezes tóca para viver, por preferir os troncos ôcos das arvores. Corre com velocidade, dando grandes saltos como a lebre, com a qual muito se parece na timidez e agudeza do ouvido. Alimenta-se de raizes e fructas, preferindo entre todas as da palmeira. Em captiveiro come carne e peixe. Assenta-se sobre as cadeiras, e leva com as mãos o alimento á boca. A cór é de um pardo cinzento amarellado, com uma tintura de amarello por baixo ; as pernas negras. Bôa caça, e a pelle muito forte. Hourloup e Duval cit., P. 138 — Parece pouco intelligente, ainda que de orgãos dos sentidos muito apurados. As pernas anteriores são muito mais longas do que as de deante. Tem a urina fetida. Vive ás vezes em bandos de 7, 8 e até de 15 a 20. Walppœus cit., P. 285. Do couro fazem-se bons sapatos, tão bom e macio é. *Ety.* : — vigilante, do verbo *acutí* esperar, acautelar, espreitar, como quem váe pé ante pé. G. Dias, *Dic.* cit., verbo *Acutí*, Walppœus cit., P. 184, B. Rodrigues, *Rev. do*

Inst. cit., P. 72, E. Liais cit., P. 534 — Talvez de *a* gente, *cûr-tê* modo de comer ou tragar, com as patas dianteiras ; ou de *a-coti* saltar de cabeça para baixo, porque esse animal tem as pernas posteriores demasiadamente altas de modo que fica inclinado o corpo para a cabeça. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 22 e 84 — Ha tambem a *cobra de cutia*, assim chamada, por ser este animal o seo sustento mais commum. G. Dias, *Dic.* cit. Dizem que esta cobra açouta com a cauda aos que a molestam. Braz Rubim cit., P. 365.

CUTUCAR : *Ety.* :—tupi—*tucá-tucá* dar murros, acotovelar. G. Dias, *Dic.* cit., verbo *Tucà ; kutug, kutuc* furar ; bater, tocar, mas tocar com um objecto pontudo, com uma faca, com o dedo, com o cotovêlo.—E' um dos verbos mais expressivos que a lingua popular do Brasil herdou do tupi. J. Verissimo cit., P. 41 ; — verbo guarani *cutug*, composto de *quitti* esfregar, raspar, rapar, limpar, afiar : bater roupa, sovar. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 438 ; ou furar, do substantivo verbal *kutukab*, de *kutug*. C. Caetano, *Ens. de Scien.* cit., T. 2.° P. 106 —E' vocabulo admittido geralmente no portuguez por tocar com a ponta. C. de Magalhães, *O Selv.* cit., P. 77 ; ou por tocar no corpo, empurrando. B. Caetano, *Vocab.* cit. Mas no Sul se diz *Catucar*. J. Verissimo, cit.

E

EMBIÓCAR: *ety.* : verbo de origem tupica, empregado em portuguez como synonimo de entrar no buraco *(ôca)*. C. de Magalhães cit., P. 77. Do uso familiar, significando encolher-se, murchar, e até calar-se.

EMBÍRA *(xilopea sericea)*: especie de cordão feito da casca interior (fibra) de algumas arvores. Durão, Nota ao *Caramurú*.—*Ety.* :—corruptéla de *ybira* casca. Martius, P. 48; de *mbir-pir* a pelle, a casca. J. Verissimo, P. 41; ou antes — pelle de arvore, entrecasco, alburno. B. Caetano, *Vocab.* P. 203. Pode ainda ser corruptéla de *ymbira*, de *yb*, mudado o *b* em *m* arvore, e *pira*, mu-

dado o *b* em *p* pelle: *arboris pellis*, *arboris cutis*. B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 1.°, P. 62. Moraes escreve *Envira*, de todo desusado.

EMBIRATÁNHA *(bombacis sp.)*: planta que dá embira ou fibras tão rijas, que servem para cordas. J. Galeno, *Scen. Pop.*, P, 274. Dá uma batata comprida; quando nova é tenra e de um adocicado agradavel. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 204, N. 2 — *Ety.*: de *embira* e *tanha*, corruptéla de *ïtân* de pedra, dura, rija: embira forte.

EMBIRÍBA *(canna clauca)*: arvore pequena, das folhas miudas e despontadas; dá um fructinho cheiroso de gosto ardoso e é adstringente. O vulgo attribúe-lhe qualidades medicinaes. Della extráe-se a *embiribina*, xarope medicinal— *Ety.*: embira, e *îba* arvore, arvore da embira.

EMBIRICÍCA: *Ety.*: — embira cortada, de embira, e *cica* cousa partida — Pedaço de embira, de que se serviam os indios, e ainda hoje os nossos pescadores para enfiarem o peixe, formando a *cambada*, que conduzem em páu ao hombro, ou no dedo. Já se ouve *embiricica* de *peixe* por *cambada* de *peixe*.

EMBOÁ *(zufus)*: centopêa, cujo corpo é formado de pequenas conchas, como o tatú, de côr escura e lustrosa, de fragil consistencia. As extremidades, como as da cobra de duas cabeças *(ibijára)*, são tão parecidas que com difficuldade distingue-se a cabeça da cauda. Os maiores attingem a 3 polegadas, e não excedem da grossura de um cipó regular—*Ety.*:—B. Caetano, *Vocab.* cit.. P. 32 e 478, escreve *amboá* centopéa, em geral insectos de pellos erguidos, corruptéla de *tâ-bi-á* o que tem pellos hirtos. Mas o nosso *emboá* não tem pellos; a casca é vidrenta fragil e lustrosa— Penso que vem de *mboà* o laçador, o que arma laço; porque esta centopéa, ao tocar-se-lhe, embola-se de repente, á maneira do tatú-bola, como que armando um laço.

ENCANGAR: geralmente admettido no portuguez por metter os bois no jugo — *Ety.*:—de *acanga* cabeça.

C. de Magalhães, *O Selv.*, P. 77. Já vem em C. Aulete, significando—perder o movimento, etc.

EXÚ : abelha pequena.—*Ety.* :—corruptéla de *eirú*. Martius cit., P. 448. A verdadeira é: corruptéla de *eichù* busca mel, de *ei* mel e *chù* buscar, especie de abelhas negras. B. Caetano; *Vocab.* cit. P. 115 e 172 — C. de Magalhães cit., P. 14, escreve *ichù;* e Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 218 — *enxú* — Ha tambem uma abelha menor, de côr pardacenta — *exuí*, de *exú* e o diminutivo—*i*; laboriosa, que constróe favos de delicioso mel. — Pompêo, e Taunay, *Céos e Terras do Brasil*, P. 112, escrevem *Inxuhy*, *injuy*, contra a etymologia.

G

GAMBÁ *(D. cancriovora, temm. didelphides)*: quadrumano, do genero dos mamiferos *marsupiáes*. — É quasi do tamanho de um pequeno gato. O focinho e a cabeça parecem-se com os do cuatí; tem tambem os mesmos dentes e a lingua formada como a do tamanduá. O pello dos hombros e pernas é espesso e cinzento e o da barriga amarellado. Cauda comprida, pellada, meia escamosa e acinzentada. Como o *cangambá* tem um fetido insupportavel, e delle differe no nome e nos habitos: aquelle habitante das florestas; este dos logares onde a vegetação é desenvolvida. É bôa caça, sendo bem tratada. J. Luccook. cit., P. 6.— O nome *marsupiáes*, derivado do latim *marsupium* (bolsa) foi a principio empregado para designar o grande grupo ou antes a classe inferior dos mamiferos, de que nos occupamos, porque muitas das femêas desses animaes tem no abdomen uma dobra longitudinal da pelle de cada lado do corpo, disposta de maneira a poder recobrir as mamas, e formar assim uma especie de bolsa contendo estes orgãos e fechada com o auxilio de musculos. Os filhos nascem mal desenvolvidos. Os orgãos dos sentidos, notadamente os olhos e as orelhas,não estão ainda bem formados quando elles deixam o seio materno. Neste estado se ligam ás têtas da mãe até completar seo desenvolvimento, sendo

protegidos por essa bolsa. Mais tarde deixam as mámas, e sahem para começarem a andar e nutrir-se no exterior, mas se refugiam ainda por algum tempo na bolsa ao indicio do menor perigo, sendo tambem desta maneira que as mães os transportam de um logar para outro. Quando crescem não é possivel trazel-os todos na bolsa, a mãe conduz algumas vezes 2 ou 3 delles nas costas. E. Liais cit., P. 114 e seguinte—Muito agil em subir as arvores, a cujos topos chegam com extrema facilidade a favor da sua cauda apprehensora. Dá caça ás gallinhas e pombos; e á semelhança dos Putorius (Doninhas) devóram os óvos com tal delicadeza que os deixa vasios sem quebrar-lhes a casca. Walppœus cit., P. 276--Tem notavel predilecção pela aguardente. Quem os quer apanhar colloca em logar, onde lhe seja facil a entrada, algumas vasilhas com o liquido tentador, que elles saborêam soffregamente, e só deixam depois de bebados. E' bom divertimento vel-os neste estado a pular, a revolver-se e a guinchar, como se déssem gargalhadas de jubilosa embriaguez. S. de Frias, cit., P. 194 —Chamam-no vulgarmente *cassaco*, corruptéla de *com sacco* da dobra no abdomen, especie de sacco—*Ety.* :— de *came* ou *game* mama, peito, e *mbáe* objecto, cousas, e que equivále a *mamas encobertas*. E. Liais cit., P. 329— (Vide *Cangambá*, *Jaritacáca*, *Sariguê e Timbú*).

GAMBÓA : caneiro que se faz dentro d'agua, onde se toma o peixe, tapando a entrada quando a maré vasa para despescar a *gambóa* ou *cambôa*. Moraes cit.—*Ety.* : derivado da lingua *abañeê*, onde se pode explicar por *cercado d'agua*, atalho do rio para designar o *curral do peixe*. B. Caetano, *Rev. Bras.* cit., T. 3.°, P. 26.

GARÁPA : agua com mel de abelha, ou com assucar, limão, ou com o succo de fructas acidas, como tamarindos, laranjas azêdas, maracujás, etc.—Entre nós é especialmente a calda da canna de assucar. Com esta significação C. Aulete escreve, sem fundamento, *guarapa* —*Ety.* : — o liquido escorrido, de *igarapa*, gerundio de *ŧy-arab* (*ŧ-yar-ar* colher a agua que cáe) apanhar o escorrido, o distillado. B. Caetano, *Vocab*, cit., P. 212.

GARAPÚ (*servus simplici-cornis, III, cervus nemorivagus, Fr. Cuvier.*): veádo pequeno, vermelho, com pintinhas brancas. Tem as orelhas grandes, donde veio o chamar-se *orelhas de garapú* ao individuo, que as tem grandes e *acabanadas*—*Ety.*:—corruptéla de *caa* folha, *ri* muitas vezes, e *acú* que se divulga entre alguma cousa; assim chamado por dormir entre a folhagem, e não lhe apparecer mais do que o lombo. G. Dias, *Dic.* cit., verbo—*Çuaçú-cariacú.*

GARGAÚBA: arvore, de cuja casca se tira a embira, com que se faz a corda chamada *poita.*— A fructa é do tamanho de uma cereja, de côr amarella, gosto adocicado, mas com travo. Moraes. cit.—*Ety.*:—a mesma da *craùba*, de que é corruptéla.

GENIPABÚ: riacho entre a Pavuna e Tapery — *Ety.*: — agua do genipápo, de *genipapo*, mudado o *p* em *b*, fructa, e *ù*, abreviatura de *hu* agua.

GENIPÁPO (*genipa brasiliensis L.*): fructo da arvore *genipapeiro*; do tamanho e feitio de um limão grande; pardo por fóra, com a casca engelhada e molle quando maduro; tem dentro uma polpa amarellada agridoce e adstringente, muito substancial e estomachal. Quando verde applica-se a rupturas para recolher o intestino, e sobretudo ás rescentes para apertar o annel relaxado. Quando maduro cáe d'arvore espedaçado, donde dizer-se vulgarmente *cahio como um genipapo maduro* do individuo que deo uma grande e desastrada quéda. Dá tinta preta, e vem d'ahi chamar-se tambem *genipápo* á uma malha escura sobre as cadeiras dos mulatos recemnascidos, o que é prova de não ser branco—*Ety.*: — *ñandi* azeite e *iba* fructa: fructa de azeite. B. Caetano, *Vocab.*, P. 313 e 569 — Chama-se já muito *geni*ⁱ (abreviatura do nome), com que tambem já váe sendo conhecida a *gingibirra* (bebida popular) por ser mais commumente feita do *genipapo* — Era igualmente o nome de uma tribu tapuia, que occupava a chapada da serra de Baturité, e os sertões ao sul d'ella. Theberge cit., T. 1.°, P. 5; assim chamada, porque pintava-se com a tinta

preta do *genipapo*, pelo que erão tambem esses indios conhecidos por *negros*. Araripe cit., P. 15.

GERIMÚ *(cucurbita major rotunda)*: abobora—*Ety*: corruptéla de *yèribú* o que faz agua, emergir, sahir, ensopado, aguado, embebido. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 184 e 592.—A especie mais commum é o *arára* e a mais apreciada—o caboclo, que é comida agradavel com o leite.

GIA: rã grande, abundante nos nossos riachos e correntes. Come-se, e dizem que é saborosa como a gallinha —*Ety.*:—G. Dias, *Dic.* cit., o dá por *tupi*, mas não dá a etymologia. Parece-me provir de *ig* (por metathese) *gi* agua, e de *a* fructo e, por extensão—o que brota, o que surge: o que procéde d'agua.

GIBÓIA *(boa constrictor)*: é das serpentes maiores e muito notavel pelo comprimento, força, belleza das córes e regularidade das malhas. A's vezes chega a 30 e 40 pés de comprimento; o focinho tem a parença com o de um cão de caça; as escamas quadradas, e ao comprimento do costado uma camada seguida de grandes malhas ováes, de pardo escuro, postas tranversalmente duas a duas. Ainda que tão enorme reptís sejão destituidos de veneno, a sua força, agilidade e astucia os fazem temiveis. Ou pendurados das arvores, ou mergulhados n'agua, ou escondidos por entre a herva, espreitam a présa, arrojam-se á ella, e a enleiam, apertam e machucam com as suas roscas. Quando o animal está inteiramente ralado, o estende no chão e, depois de o untar com a bába, começa de o tragar. Nesta especie de deglutinação dilata consideravelmente as queixadas, e parece que devóra um corpo mais volumoso que o seo. A's vezes é pilhado o monstro nesta penosa obra, e então é facil matal-o, porque nem pode fugir nem desengasgar-se. As tribus selvagens lhe tributam culto sob varias denominações, e os mexicanos tinhão como presagios importantes os assobios mais ou menos fortes que ella dá. *Panorama*, T. 1.°, P. 169—Depois de tão fiél descripção veja o leitor a falta de criterio de Porto Alegre, no seo *Colombo*, T. 2, C. 35, P. 406, attribuindo á

gibóia o que se conta da *cobra preta*, animal muito differente !

> Alli, a esposa o filho ao seio encosta
> Sem que a surda *gibóia* a rêde chegue,
> Chupe o leite materno, e ponha a cauda
> Nos tenros labios do enganado infante,
> Em quanto o somno lhe entorpece a madre.

Ety. :—cobra de arremesso, de *gi* machado e *boia* cobra, porque esta serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado. J. de Alencar, *Irac.* cit , P. 174 ;—cobra de arremesso *(quæ procumbit, descendit)*, de *jub-boya.* Martius cit., P. 498—A verdadeira é :—cobra d'agua de *ig* (por metathese) *gi* ou *i* agua e *boya* ou *mboi* cobra. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 591, B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 55, Moraes e Lacerda cit. — Felizmente já não temos mais a *giboia*, mas seo nome é tão conhecido e repetido ainda entre nós, que não pude esquecel-o. (Vide *Boaçù* e *Sucurijú*).

GIJÓCA : grande lagôa, a 6 legoas ao norte da cidade do Acaracú, a cujo municipio pertence ; com perto de 10 legoas de circumferencia ; muito piscosa, pelo que na ultima secca servio de grande refrigerio e alimentação á pobreza—*Ety.* :—*ig* (por metatheze *gi*) agua, e *jóca* lavar : agua que se presta á lavagem.

GIQUÍ : especie de manga tecida de *cipós* e *taquáras* : serve para pesca e caça (G. Dias, *Dic.* cit.), ou covos afunilados, ás vezes com duas sangas, que se mettem nos caneiros. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1, P. 117 — O *copim* desfeito no *giquí* é um dos melhores attrahentes do peixe—*Ety.* :—*y ique-i* o em que se entra. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 587—Já vem nos *dicc.* de Moraes e Aulete—Povôado no Aracati—J. Verissimo cit., P. 441, escreve *Jequi.*

GIQUIÁ : cesto ou covo para apanhar peixe—*Ety.* : —*y-iquiá* o que entra, apanha. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 587.

GIQUIRÍ : arvore das folhas miúdas, de espinhos curvos para os dous lados, agarrando por ambos como os da chamada *unha de gato*—*Ety.* :—*y-iqui* o que entra, e *ri* muitas vezes, alludindo á forma dupla do espinho, que agarra.

GIQUIRITÍ (*abrus precatorius*) : especie de trepadeira, cujas sementes são usadas como remedio energico nas ophtalmias rebeldes ou granulosas. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1, P. 172, Nota 1.ª—Segundo Nicoláu Moreira é narcotico ; e Freire Allemão Sobrinho—muito venenosa : determina perda dos sentidos e convulsões. As folhas são empregadas contra molestias de garganta, tosse, etc. Os indios serviam-se da semente secca, do tamanho de um caroço de chumbo bastardo muito encarnado, com o olhinho preto, para enfeites dos seos collares e maracás ; e as creanças ainda hoje as empregam tambem para enfeites de brinquêdos — *Ety.* : — *giquiri* e *ti* fructo, semente ; semente de *giquiri*.

GIRÁU : casa ou terraço feito sobre forquilhas, serve de canteiro, paiol ou ventilador. G. Dias, *Dic.* cit. ; ou sobre forcados em sitios alagadiços. Martius cit., P. 59. — Na jangada é uma especie de estrado onde acommodão-se os passageiros. Em geral é qualquer estiva elevada do sólo e suspensa em forquilhas. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 263, e C. Aulete cit.—Leito de varas sobre forquilhas ; serve para guardar a louça, panellas, pratos e legumes. J. Galeno, *Lend. e Canç. Pop.*, P. 395 — *Ety.* :— corruptéla de *yirab* o que é para colher a comida. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 598—Moraes escreve *jurão*.

GITIRÁNA (*argyreia alagoana*) : especie de trepadeira, que vegeta muito nos brejos e cannaviaes. Ha de 2 qualidades : das flores brancas e roxas, delicadas, do feitio de uma campanhia — *Ety.* :—batata falsa, de *yeti* batata, e *rana* falsa. Braz Rubim cit., P. 371 — E' preferivel : *ñatirana*, *yatirana*, *getirana* (*in-até-rá*) o que é para amarrar ; liga. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 315.

GOIÇÁMA : linha fina, sem anzol, de pescar agulha para isca de peixe de corso — *Ety.* : — corruptéla de *cuma-âi, cumamâi* dente ou farpa para ser engolido, especie de fio com que pescam ; verbo transitivo—pescar com linha sem anzol. B. Caetano, *Vocab.* P. 81.

GOYÁNA : *Ety.* : — gente estimada, corruptéla de *guaya* gente e *na* estimada. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.° P. 100, Nota 3; ou antes — parente dos alliados, ou alliados parentes, corruptéla de *coya* unidos, ligados, alliados, e *nâ* misturado ou parente. B. Caetano, *Notas aos Indios de Fernão Cardin*, P. 97 — Povôado na Granja.

GOYANÁZES: tribu tapuia, docil, das que mais depressa se alliáram aos portuguezes. Habitava os arredores da Capital. Mello Moraes cit., T. 2, P. 385. Diz Araripe, *Hist.*, P. 16, que este vocabulo é uma denominação particular dos *Anacés* — *Ety.* : — a mesma que a de *Goyána* — Varnhagen cit. escreve — *Guianazes ;* G. Dias, *Brasil* e *Oceania* cit., ora *Goyanazes* (P. 37 e 38), ora *Goianazes* (P. 269). Mas Gabriel Soares, *Noticia do Brazil* cit., escreve como no texto, que é a orthographia commum.

GOYANÍNHA : povoação em Missão Velha — *Ety.* : — Goyana pequena, de *Goyàna* e *mirim* já traduzido para o portuguez.

GRAJÁU : *Ety.* : — contracção de *guira* passaro e o verbo *yar* estar pégado, unido : cesto em que se guardavam passaros. Hoje applica-se tambem á guarda de outros objectos : *grajáu* de laranjas etc.

GRAUÇÁ : especie de caranguejo, que se encontra em pequenos buracos na areia da praia, de que tem a côr. Alimenta-se de immundicias, e é usado como resolvente nos tumores. *Ety.* :—contracção de *coàra* (mudado por antithese) o *c* em *g*) buraco, e *uçá* caranguejo : caranguejo do buraco para differençar do do mangue.

GRAÚNA : um dos nossos passaros mais apreciados pelo canto ; de uma côr preta luzidia. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 164—*Ety.* :—contracção de *guira* passaro

e *una* preto — Sílvio Dynarte (Taunay) na *Rev. Bras.* cit., T. 1.°, P. 108, n.° 2, e B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 64, escrevem *caraúna* contra a etymologia, e dizem que em algumas provincias este passaro é conhecido pelo nome prosaico de *vira-bosta !* — No norte da Provincia é conhecido apenas por *cupido*, talvez pela semelhança das nôtas do seo canto, as quaes dizem perfeitamente. — *có-pio.*

GROAHÍRA : rio ; nasce nas terras altas,que dividem Quixeramobim de S. Quiteria, e entra pela margem esquerda do Acaracú, 5 legoas acima da cidade de Sobral, depois de um curso de mais de 30 legoas. *Ety.* :— contracção de *guira* e *yra* mel : mel de passaro, ou de que os passaros gostam.

GRUMIXÁMA *(eugenia brasiliensis)* : fructo como o da cereja ; tem embaixo uma corôasinha verde —

..... a grumixáma
Cuja flôr tropical o sol festeja.

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 251).

Ety. : — corruptéla de *curumí* menino e *cama* peito. Martius cit., P. 394 — Moraes escreve *Igramanixama* e C. Aulete *Grumuchama* !

GUABIRÁBA, ou

GUABIRÓBA : arvore parecida com a *goiabeira*, principalmente o páu, mas a folha é mais lisa. A madeira é muito forte. O fructo é pequeno como a jinja, mais amarello e de excellente sabor — Diz Pinheiro Chagas, *Virgem Guaraciába*,P. 257, que dá um azeite detestavel —*Ety.* :—bago amargo, de *gua* bago e *yrob* amargo. Martius, P. 294 ; ou : *guabirab* ou *guabirob*, de *guabi* ao comer-se, e *rob* amargo. desabrido. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 130 e 185 ; ou folha cheirosa, de *guam* cheiro, *bi* pelle e *ob* folha. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 80. — No *Imp. do Bras. na Exp. de Philad.* cit., P. 59, e em C. Aulete encontra-se *guabirába (cordia rotundifolia)* e *guabirába (psidium multiflorum, psidium corym-*

bosum) como arvores distinctas.—J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 172,e Pinheiro Chagas escrevem *guabiróba;* mas G. Dias, *Dic.* cit., escreve *guabiràba*, assim como Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 1, P. 591—B. Rodrigues escreve tanto *guabiràba* como *guabiróba*, *guadiràba* como *guadiróba*. Moraes —*guabiràba*. Na Provincia é uma mesma arvore, com a differença que no litoral chama-se *guabiràba*, e no sertão *guabiróba*.

GUABIRÚ : rato grande, maior do que o *catìta* ou *camundongo*, e menor do que o *punarè*. Habita as casas, mas é damninho e não se come—*Ety.* :—corruptéla de *guab-porú* o que devóra a comida. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 130.

GUÀIÁ : caranguejo grande, encarnado, sarapintado de branco ou amarello. Vive no mar, e sómente se encontra nas rochas. Nunca sáe d'agua. Dizem que o casco, dissolvido n'agua, é remedio excellente para o fluxo das mulheres ; assim como tambem que, dissolvidas moscas n'agua, servem de remedio interno para retensão de ourinas, e externo para molestias dos olhos. J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 274 — *Ety.* : — *guâ* de côres variadas, e *uá* fructo, semente ou tudo que emerge do sólo : o que brota da rocha de côres variadas, allusão ao seo constante viver na rocha, e ás côres variadas do casco.

GUAIÁBA : *(psidium)* : arvore, cresce pouco, sem copa espessa ; a madeira flexivel, porém muito forte. O fructo chega até o tamanho do sapotí—Ha de 3 qualidades : branca ou da China, amarella e côr de rosa. As suas cascas e grêlos, pela quantidade de tanino, que contém, são empregados nas dyarrhéas e leuchorréas. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 79—*Ety.* :—Martius cit., P. 381, diz que este foi um dos productos naturaes que foram espalhados alem dos limites da lingua, á que pertenciam originariamente, e depois em toda America.—Marcgrav, *Hist. Nat. do Bras.*, P. 104, diz que este fructo foi introduzido no Brasil, e Moraes—que a arvore é tanto do Brasil como das Antilhas. Mas Varnhagen, *Hist.* cit., T. 2, *Pref.*, P. 13, sustenta que o

vocabulo é tupí, já conhecido na Éuropa. De feito, ou vem de *coyá-coñá*, *coyhab* ermaniento,emparelhamento, ou de *guayab* agglomerado de fructos ou de sementes. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 78 e 137—C. Aulete escreve *goyaba* e Moraes — *goiaba* ou *gaiaba*. O doce chama-se *guaiabada*, e é muito apreciado.

GUAIAMÚ : *Ety.* : — irmão do *guaià*, de *guaiá* caranguejo deste nome, e *mó* irmão ; porque este crustaceo é da familia dos *guaiás* : não vive em mangue, mas em buraco pedregoso ou secco. Moraes escreve *guayamú*. È a mesma orthographia de B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 137, que decompõe o vocabulo tupí : *gua* redondo, com *i* pospositivo, mais o suffixo *a*, ou de *qua-i-* de furados (covos), *bur* emerge. Prefiro a outra.

GUAINAMBÍ : nome que os indios dão ao beijaflor ou colibrí, a que attribúem o dom de levar e trazer noticias do outro mundo. Nota 14 ao *Caramurú*, P. 101 (Vide *Sacy*).

Uma ave, entre outras ha, que se descorre,
Ou fama certa seja, ou voz fingida,
Que do jardim a nós, de nós la corre,
Como fiel correio d'outra vida.
Dizem que vôa, quando algum lá morre
E exprime no seo canto enternecido
O que alma passa nas eternidades
E que nos leva e traz doces saudades.

(Durão, *Caramurú*, C. 3, E. 36.)

—*Ety.* :—brinco das flôres. Os selvagens tiraram naturalmente esta designação do modo, por que o colibrí tremula, como suspenso á flôr, para chupar-lhe o mel, semelhante ao movimento das arrecadas suspensas ás orêlhas, o que elles chamam *namby-póra*. J. de Alencar, *Ubir.*, P. 192; — costumam os autores traduzir *raios de sol*, quando com bom fundamento creio que significa — *pescocinho mimosamente pintado*, de *guâ* pintura, o adjectivo *guai* formoso, lindo, expressão terna e *anhumi* pescoço pequeno. Silvio Dynarte (Taunay), *Rev. Bras.*

cit., T. 1.°, P. 107, Nota 2.ª ; — creio que o verdadeiro nome é *guanamby*, de *gua* pintura, e *namby* orelha, referencia ás pennas brilhantes, formando mesmo em algumas especies como que orelhas na avesinha. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 79. A do mestre: De *guâi-aibi (quai-aibi* passa de subito) fez-se *guai-raibi*, *guainambi* beija-flôr, pica-flôr, colibrí ; ou *guïramimbig* passaro scintillante. B. Caetano, *Vocab.*, cit., P. 132.— É o verdadeiro nome de um antigo sitio no caminho de Mecejana, o qual anda corrompido em *Eguanambi* e até em *Aguanambi!*

GUAJERÚ *(multicaulis icaco)*: arbusto fructifero, rasteiro, vegeta em logares arenosos. G. Dias, *Dic.* cit. — O cozimento das folhas é remedio para rheumatismo — *Ety.*: — *gua* pintado e *jurú* boca, porque o fructo tinge os labios de quem o come.

GUARÁ *(ibis rubra)*: ave de côr rubra luzidía —

Os guarazes pelo ostro tão luzidos,
Que parecem de purpura vestidos.

(Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 63).

Nasce branca, torna-se preta, e por fim de um encarnado vivissimo. G. Dias, *Dic.* cit. Mas Frei S. Carlos no seo poéma *Assumpção da Virgem*, C. 2.° — diz que nascem já negros —

..... e os vermelhos
Guarás, que pennas trajam sendo velhos
De escarlate, se bem que negros nascem.

Conserva sempre as extremidades das azas pretas. Ayres do Cazal, *Corog.* cit. — Em algumas partes é tambem conhecido por *João Fernandes*, Braz Rubim, cit., P. 371 — *Ety.*: — arára d'agua, de *ig* agua e *ará* arára. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 165 ; — talvez pennas para enfeites, de *guay* enfeites e *rab* pennas. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 135 — Prefiro : *guâ* variada de côres, e *ará* contracção de *guira* passaro ; ave de variadas côres ;

allusão ás que toma desde que nasce até que envelhece. —*Guará*, tambem nome de um cão selvagem, lobo brasileiro. Neste sentido tem etymologia diversa: provém do verbo *u* comer, do qual se forma com o relativo *g* e a desinencia *ára* o verbal *guára* comedor. A syllaba final longa é a particula pospositiva *á*, que serve para dar força á palavra. J. de Alencar cit., P. 175—Não é mais do que uma corruptéla de *yauará* cão. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 81—Outros, porém, pensam que veio-lhe este nome do pello avermelhado da côr da ave *guará*. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, P. 330, Nota 1.ª—Não é exacto, porque o pello deste cão é cinzento ou pardo, mais claro no ventre. B. Rodrigues cit.

GUARÍBA (*simia seniculus*, *s. belzebuth.*): macaco do queixo inferior muito sahido, cabeça pyramidal e cauda longa. É menos agil do que os das outras especies. Antes de romper o dia, ou depois de anoitecer, solta uivos prolongados, que produzem um sinistro effeito na solidão das florestas americanas. Estes uivos, que parecem uma funebre ladainha, o que faz com que os plantadores digam quando ouvem — *Lá estão os guaribas resando*,—tem impressionado todos os viajantes. Ferdinand Diniz assevéra que esses gritos se assemelham ao psalmear dos frades, Eschege — que fazem lembrar o canto dos judéus nas synagogas. Saint Hilaire acrescenta que á essa vozeria succede um ruido semelhante ao que faz o rachador, quando decepa uma arvore com o machado. P. Chagas cit., P. 257 — As femêas conduzem os filhos nas costas, á maneira das indias e muitas vezes se devotam a ellas. S. Anna Nery, *Le Pays des Amasones*, P. 58—*Ety.*: — Pode ser, ou corruptéla de *guahur-îb* o uivador (literalmente chefe dos cantores ou berradores), ou de *huguari* de cauda, *ib* o primeiro, o principal de cauda. (B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 136);—ou de *uariba*, de *uâ* cauda e *ib* levantada — (B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 106).

GUAIÚBA: peixe vermelho com ligeiras listas esverdeadas; de escama e do mar, do tamanho da garôpa. —*Ety.*:—*gua* variadas côres, e *ib* principal; o primeiro

dos peixes de variadas côres — Tambem nome de um rio, que nasce na serra da Aratanha e corta a povoação da *Guaùba* á 6 legoas da Capital pela Estrada de Ferro de Baturité — Pompêo. *Dic. Top.*, diz que este rio se chama tambem *Aratanha e Rio Formoso—Ety.*: — por onde vem as aguas do valle; de *goatà* valle, *y* agua, *jur* vir, e *be* por onde. J. de Alencar. *Irac.* cit., P. 184. É forçada. O nome do rio e da povoação vem tambem do do peixe.

QUAXINÍM: especie de raposa, de côr cinzenta, e muito valente; de orelhas pequenas, rosna á gente como cachorro, pelo que o chamam vulgarmente — *cachorrinho do mato* — Sóbe ás arvores com facilidade e alimenta-se de carne, hervas, óvos, etc. É pequeno, tem o pello lustroso, cinzento— pardo nos lados, esbranquiçado no ventre, com uma listra preta entre as orelhas, e a ponta do nariz preta. No Amazonas é conhecido por *iguaudra* cão d'agua, de *y* agua e *iaudra* cão. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 82 — È indigena d'America Meridionol, muito commum no litoral do Brasil; é um plantigrado semelhante ao lavandeiro d'America do Norte. *Imp. do Brasil na Exp. Univ. de Phil. 1876*, P. 34.—*Ety.*:—corruptéla de *igudra—xuim*, de *igudra* cão, e *xuim* rasteiro. B. Rodrigues cit.

I

IBIAPÁBA: uma serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao sertão das praias do Camocí, e mais parecidas ás ondas do mar alterado, que a montes, se vão succedendo e como encapellando, umas apoz outras em districto de mais de 4 legoas: são todas formadas de um rochedo durissimo e, em partes, escalvado e medonho, e em outras de verdura e terra lavradia. Da altura destas serras não se póde dizer cousa certa, mas que são altissimas, e que se sóbe, as que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que é forçoso usar em muitas partes. Mas depois que se

chega ao alto dellas pagam bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos os mais formosos paineis, que por ventura formou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, valles, rochedos, picos, bosques e campinas dilatadissimas, e de longe do mar, no extremo dos horizontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, que como é cousa tão parecida do Céo, não só causam saudades, mas já parecem que estão promettendo o mesmo que se vem buscar neste deserto. Os dias do povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do sol cobrem-se com as nevoas, que são continuas e muito espessas. As ultimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para a parte do occaso são mais visinhas e levantadas. As noutes, com ser tão dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que iguala os grandes frios do norte, e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado. As aguas são excellentes, mas muito raras, e á esta carestia attribuem os naturaes ser toda serra falta de caça de todo genero. A. Vieira, *Relação* da *Missão* da *Serra* da *Ibiapaba*, Cap. 8—*Ety.*:—terra cortada ou partida. Frei Maranhão cit, P. 80;—fim da serra, de *iby* serra e *apaba*, porque a significação do verbo *apab* é acabar-se. Malta, Corog. cit., P. 256, Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 2.°, P. 217, Nota;—fim da terra. Silva Guimarães, *Vocab.* cit. *(Tribu Jupuróca)*, P. 24, Ignacio Accioly, *Informação e Descripção Topographica e Politica do Rio S. Francisco*, P. 25, Nota; — serras altas que vistas de longe se assemelham ás ondas. Silva Guimarães cit. *(Lingua dos Tupinambás)*, P. 23; —acabou-se a serra, porque a Villa Viçosa fica quasi na extremidade da serra. Barba Alardo cit., P. 271; — terreno descoberto, de *ibi* terra e *pabe* tudo; assim como — á uma região montanhosa que apresentava uma vasta extensão núa, com algumas arvores grandes, chamavam os indianos *yby-pabe* donde *Ipiappaba*. Martius, *Gloss.* cit., P. 501 e 538; — terra plana, de *iby* terra e *paba* ou *peba* plana. Na composição esta desinencia *paba* ou *peba* pedem de ordinario uma vogal antes de si, e parece que

se não consulta alguma regra de grammatica, mas a simples euphonia. Freire Allemão, *Questões* cit., P. 358. Mas a verdadeira é: terra talhada. A. Vieira cit., Lisbôa, *Obras*, T. 2.°, P. 410, C. Mendes, *Memorias*, cit., T. 2.°, P. 272, G. Dias, *Dic.*, Theberge cit., P. 55, J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 166 e o proprio Martius, P. 50; porque da banda em que fica a costa é quasi inaccessivel: cortada como a prumo, parece uma muralha, fabrica da natureza e imperfeição da arte, tão alta que assombra as mesmas nuvens, e aos mesmos olhos tira a vista. J. de Moraes, *Hist. da Comp. de Jes.*, Cap. 4. Concorda B. Caetano, no *Vocab.* P. 189:—córte de terra, terra em barranco, alcantilada, de *îbi-áb*, v. transcortar terra, cavar terra, fazendo barranca.

IBIAPINA: villa (S. Pedro de) na serra da *Ibiapaba*, da comarca de S. Benedicto—*Ety.*: — *res crepitus ventris, nullius pretii.* Martius cit., P. 492; terra tosqueada, de *iby* terra e *apino* tosquear. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 179.

IBOAÇÚ: *Ety.*: —agua quente, de *hy* agua e *moaçú* quente. Martius cit., P. 510—A' povoação deste nome, na Granja, não póde caber esta significação (Vide *Ipuaçù).*

ICÓ (*colicoendron ycó*): arvore, abunda nas margens do Jaguaribe e resiste ao verão sempre verde; dá uma fructinha do tamanho de uma pitomba, nociva aos animaes, porque os embebeda. Diz Pompêo que o antidoto é ourina nos ouvidos. *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 173, Nota 7.ª— *Ety.*: — agua ou rio da roça, de *yg* agua, e *có* roça —Frei Maranhão cit., P. 74. Melhor: sua roça, de — *i* sua, e *có* roça. G. Dias, *Dic.* cit., Malta cit., P. 250, Faria, *Compendio da Lingua Brasileira*, P. 133 — Era tambem o nome de uma tribu tapuia, numerosa, que habitava as serranias entre o rio Salgado e do Peixe; foi attrahida para a missão do Rio Grande do Norte. Theberge cit., P. 6 — Cidade, comarca e freguezia no centro.

ICOSÍNHOS: tribu tapuia, que habitava o sitio, em

que se acha hoje a cidade do Icó — Theberge cit., P. 6 —*Ety.* : — *Icós* pequenos, de *Icó* e *mirim* já traduzido.

IGAÇÁBA : talha grande para agua—Moraes, C. Aulete e Lacerda cit. ; outr'ora—especie de cantaro ou vaso de que os indios serviam-se para a agua e para o vinho. Pinheiro Chagas cit., P. 257;—louça—G. Dias. *Dic.* cit. —*Ety.* :—pote d'agua, de *ig*, agua e *çaba* cousa propria. J. de Alencar, *Irac.*, P. 166;—talha grande d'agua, de *i* ou *ig* agua e talha. Moraes e Lacerda cit. ;—corruptéla de *igassáua* vazilha de carregar agua, de *ig* agua e *sara* carregar. B. Rodrigues, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 19, Nota 1.ª ;—receptor ou conductor d'agua, vaso d'agua, pote, tina. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 199 ; — ou especie de cantaro ou vaso de que se serviam os indios para a agua e para o vinho. P. Chagas cit., P. 257— Ha de duas especies : para agua e deposito de bebida inebriante, e a que servia para urna funeraria, cujos feitios são diversas, e por isto tem outras etymologias. B. Rodrigues, P. 19.

> Já o cadaver dentro da *igaçaba*,
> Com as guerreiras armas, de que usava,
> Tinha sido enterrado em funda cova.
>
> (MAGALHÃES, *Conf. dos Tam.*, C. 1.°, P. 18).

— G. Dias, *Bras.* e *Ocean.*, *Obras Posthumas*, T. 6.°, P. 200, Nota 4, escreve *kiçaba* talha em que os indios enterravam o defunto, para differençar de *igaçaba*, que era o nome que davam ao pote; mas á pag. 229 escreve *igaçaba*, tambem como significando—urna. A differença não está na orthographia, mas na etymologia—*Igaçaba*, pote, confunde-se perfeitamente com *igaçaba* urna. *Iguassáuas*, corruptéla de *iuçáua*, do verbo *iuçá* matar com a terminação verbal *áua*, *àba* de Anchieta que faz *çàua* ou *çába* por terminar o verbo em vogal; significa o logar onde se mata, ou se enterra um morto e ás vezes o instrumento. B. Rodrigues, *Ens. de Scien.* cit., T. 2.°, P. 9, Nota.

IGATÚ : lagôa na Telha, talvez a maior da Provincia. Na ultima secca (1877 a 1879) suas margens foram de uma fertilidade espantosa em cereáes—*Ety.* :—*Igatú* ou *icatù* agua bôa ou rio bom, de *ig* ou *i* agua e *catú* bom. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 201—No *Dic.* cit. de Milliet, encontra-se *Icatú*, cidade antiquissima do Maranhão, elevada em 1616 por Jeronymo de Albuquerque á villa com a denominação de *Aguas Bôas*, traducção literal do vocabulo — Pompêo no seo *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 37 e *Dic. Top.*, escreve *Aguatú*,com a forma hybrida ; e a lei provincial n.° 3035 de 20 de Outubro de 1883, deo á cidade, comarca, municipio e freguezia da Telha o nome da lagôa, mas com a orthographia *Iguatú*, como ainda não vimos escrito ! A do texto é a mais etymologica e usada.

IGUÁPE : enseáda, porto do Aquiraz, a 2 legoas da villa. — *Ety.* : — onde a agua faz cintura, de *ig* agua, *cua* cintura e *ipe* onde ; enseáda. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 181.

IMBAÚBA (*cecropia peltata, L*) : arvore do tronco branco e grandes folhas ; são as formas que mais dão na vista. Walppœus cit., P. 220—E' medicinal—*Ety.* : —corruptéla de *ayg, ay, ai* ou *unai* preguiça, e *ùba* arvore ; arvore da preguiça ; porque este animal vive de preferencia nesta arvore, de cujos grêlos faz exclusivamente o seo alimento. (Pompêo, *Ens. Est.* cit., Tom. 1.°, P. 167, e B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 40). Tambem se escreve *Ambaùba*.

IMBÈ (*philodrendron imbê, Sckolt*) : cipó forte, muito fino, que serve para cestinhos e baláios. (J. Galeno, *Lend. e Canç. Pop.*, P. 404)—Muito delicado e flexivel.

O imbé pasmoso, qual torcida serpe,
Vertendo fios côr de sangue morto.

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 30, P. 285).

— *Ety.* : — arvore que se arrasta, trepadeira (cipó), de *im* por *ìb* arvore, e *bè* por *he* pende. B. Caetano, *Vocab.*

cit., P. 203—C. Aulete tambem o dá com a significação de cipó de amarrar.

IMBOÁCA: morro no Parazinho, entre o Pecém e o Mundahú, o qual se avista do mar — *Ety.*: — ponta ou pico de terra, corruptéla de *ibi* terra e *acà* caroço, protuberancia, ponta, pico.

IMBÚ: fructo do *imbuzeiro*, mais pequeno do que o ôvo de uma gallinha; debaixo de uma casca aspera contém uma polpa succulenta de agradavel cheiro, ao mesmo tempo acida e doce. Com leite e assucar se faz do seo sumo um acepipe, a que dá-se o nome de *imbuzada*. R. Southey, *Hist.* cit., T. 6; P. 157 — *Ety.*: — expremido dá uma grande quantidade d'agua donde seo nome, de *uu* beber, ou de *ambàe-ú* cousa que póde beber-se J. Luccok — cit., P. 13; ou abreviatura de *iba imbù* fructo que faz vir ou que dá agua. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 203. Escreve-se tambem *ambú* e *umbù*.

IMBURÁNA *(burserva leptophlocos)*: arvore pequena da casca muito cheirosa, que se usa na roupa para deitar-lhe cheiro — *Ety.*: — imbuzeiro falso, de imbú ou imbuzeiro, e rana falso. Martius, *Glos.* cit., P. 501.

IMBUZEIRO *(spondias tuberosa, Arr.)*: arvore, abunda nas serras, sobretudo do Araripe; mas já vae-se aclimatando no litoral — Tem nas raizes, que são horisontaes e á flôr da terra, *bolbos* de um palmo de diametro, cheios d'agua, como melancia, a que se devem muitas vidas. R. Southey cit., T. 6, P. 157 e Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 204, Nota 3. A esses bolbos o povo chama *cunca*, especie de batata, do feitio da mandióca, doce e branca; chupa-se como a canna de assucar. Na estação calmosa é refrigerio dos vaqueiros e caçadores, que com elles matam a sêde—*Ety.*:—arvore do imbú, de *imbú*, e a terminação portugueza *eiro* arvore.

INGÁ *(ingà edulis)*: fructo da *ingazeira*, da feição de uma fava, contendo diversas selulas, com caroço em cada uma, cobertos de uma polpa tenue, delicada e doce —

O ingá velloso, protector dos rios,
No verde estojo recolhendo a polpa
Que a sêde acalma nas estivas horas.

(PORTO ALEGRE, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 251).

Ety. : — fructo de caroço, corruptéla de *ib* fructo e *cá* caroço. Moraes cit. escreve *Angá* ; mas a orthographia do texto é a mais commum.

INHÁMÉ *(dioscorea)*: batata sadía e saborosa—*Ety.*: —vocabulo africano, Moraes cit. ; mas Durão, no seo *Caramurú*, C. 7, E. 34, a dá por oriunda do Brasil ; e J. Luccok, *Vocab.* cit., 27, tem o vocabulo por tupí, corruptéla de *yk* e *mano* raiz que féde. Tenho duvida.

INHAMÚM : sertão que se estende desde as cabeceiras do Jaguaribe até Igatú, e comprehende Tauhá, Arneiroz e Cococí—A lei provincial n.° 52 de 25 de Setembro de 1836 crêou a comarca de *S. João do Principe dos Inhamuns—Ety.* :—irmão do diabo, corruptéla de *amô* solitario, *demo*, e *mó* irmão, J. de Alencar, *Sertanejo*, T. 2, P. 188 — Veio-lhe este nome, diz Barba Alardo cit., P. 269, da tribu *jucá* (Vide), que habitava essas paragens.

INÚBIA : trombeta de guerra dos indios. G. Dias, *Brasil* e *Oceania* cit., P. 182. Era tão grossa e comprida que media um diametro na abertura, Lery, *Viagem feita na terra do Brasil*, P. 22. Especie de corneta usada pelos brasiliensis. Nota ao *Caramurú*, P. 134. Tinha um som estridente que se fazia ouvir á immensa distancia. Araripe Junior, *Jacina A Marabá*, P. 324—*Ety.* : —os poétas nos seos versos tem fallado em inúbia, cousa que nem os guaranis das missões, nem os tupís da costa, nem os omaguas do sertão conheciam ; o nome generico da flauta em *abañeênga* era *mimby*, que escrito *mybu* e tambem *mubu*, depois tornou-se *inubie*, expressão que ajunta letras, ao meo ver, de um modo avesso á indole do *abañaeênga*. B. Caetano. *Ens. de Scien.*, T. 1.°, P. 38, e T. 2.°, P. 4. Não vem ainda nos *dicc.* port.

INUÇÚ : rio, corre na Ibiapaba, limita o Campo Grande de S. Benedicto, tomando o nome de *Macam-*

bira no sertão deste nome até despejar no *Poty*. *Ety*. :— rio grande, de *i* ou *hy* agua, e *uçú* grande. Tambem se escreve *Inaçú*.

IPÉ *(bignomia tecoma)* : é o nosso páu d'arco. G. Dias, *Bras. e Ocean.* cit., P. 93, B, Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 85, J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 12, Araripe Junior, *Jacina A. Marabá* cit., P. 317 e *Imp. do Bras. na Exp. de Vienna d'Austria* cit., P. 36—Tomou o nome de páu d'arco, porque delle se serviam os indigenas para fazer os arcos das suas fléchas. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 113, e Agassiz, *Viagem ao Brasil*, P. 44. Madeira rija, de construcção grosseira, mas uma das mais bellas arvores do Brasil. Alta, de casca dura, folhas lustrosas, oblongas e compostas. Quanto mais velha mais magestosa —

> Mais valido e robusto envelhecera
> Como envelhece o *Ipé*. Deram-lhe os annos
> Mais cerne ao tronco — magestade á rama.

(G. Dias, *Póêma Americano*, *Obr. Posth.*, T. 1°, P. 118).

Pelo verão, quando despoja-se de sua folhagem, cobre-se de tantas flôres como folhas, o que lhe dá um aspecto o mais bello que se pode imaginar. Almeida Pinto, *Dic. de Bot. Bras.* cit.

> Loureja a flôr do ipé, antes das folhas,
> Qual arauto venal.....

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 30, P. 285).

Ety. :— corruptéla de *ib* arvore, e *é* para dar mais força : arvore verdadeira, por excellencia—Em S. Paulo é conhecida por *ipeuva* ou *piuva*, corruptéla de *ipé* e *yb* arvore : arvore do ipé. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 85. Vem já nos *dicc.* de Faria e Aulete.

IPECACUÁNHA *(cœphelis ipecacuánha, Rich.)*: planta cujas raizes contém propriedades emeticas, muito apreciadas —

Tolteca fora, viajante e medico :
A quina descobrio e a ipecacoánha !
Contra a putrida febre o povo invoca ;
Conduz seo vulto em procissão solemne
Onde o ar impestado infunde a morte.

(PORTO ALEGRE, *Colombo* cit., T. 2, C. 22, P. 69).

Ha *preta* e *branca*, sendo mais pronunciadas as propriedades medicamentosas desta—*Ety.* :—Varnhagen dá o vocabulo por guarani. *Hist.* cit., T. 1.° P. 446 ; e Martius cit., P. 377 e 396, explica a sua formação :—de *pe* caminho, *caa* herva, *guéne* vomitar—herva do caminho que produz vomitos —, fez-se primeiramente — *pe-ca-cuén* (Gabriel Soares, *Noticia do Brasil*, Part. 2, Cap. 61) ; depois — *picahonha*, e pela semelhança desses vegetaes com a estimada e geralmente conhecida *ipecacuanha*, estendeu-se á esta aquelle nome ; e, para distinguil-o das especies maiores, chamaram *I* (pequeno) *pé-ca-guéne*, donde *ipecacuânha*. Preferivel : de *ipeca* pato, e *conha* membro viril, allusão feita á disposição das raizes, que são em aspiral, como são os penis dos palmipedes do genero *Anas*. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 85 — *Anseris penis*. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 204 — Martius cit. diz que o nome popular desta planta é *poáya* (Vide) — Nos autores estrangeiros ella vem escrita *ipeca*, como tambem escreve C. Aulete ; mas o nome mais popular entre nós é do texto, que o povo já corrompeo em *papaconha*, como já se encontra escrito em Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1, P. 191.

IPÚ : terreno de um barro preto, massapé, que tem muito humus vegetal ou decomposição vegetal e animal, que as aguas acarretam das serras, e por isto muito substanciosa, humedecido pelas correntes, que destas descem e correm para alguma extensão—Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1, P. 140 — *Ety.* : — contracção de *ipohú* alagadiço, pantano, o que tem agua ; ou de *ipoçú* atoladiço ou sumidouro d'agua. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 206 e 422 — Em virtude da C. R. de 6 de Maio de 1758 a povoação do *Ipú Grande* passou á villa com a

denominação de *Villa Nova d'El-Rei*, comprehendendo o Campo Grande; mas eram tantas as intrigas nesse logar (dizem Ayres do Cazal cit., T. 2, e Milliet cit.,) que o povo passou antes a chamal-a *Villa Nova dos Enrêdos*. As leis provinciaes n.os 200 de 26 de Agosto de 1840 e n.º 261 de 3 de Dezembro de 1842 transferio a villa para o Ipú Grande com a denominação de *Villa Nova do Ipù Grande*. Outra lei n.º 472 de 31 de Agosto de 1848 elevou a villa á comarca com a simples denominação de *Ipú*, com que foi elevada á cidade pela lei n.º 2098 de 25 de Novembro de 1885. Faria no seo *Dic.* diz que *ipú* é tambem raiz e planta medicinal; mas não tenho destas conhecimento (Vide *Jangada)*.

IPUAÇU : *Ety.* :—ipú grande, de *ipù* e *açú* grande —Da corruptéla deste nome é que vem *Iboaçú*, povoação na Granja. Com effeito quem examinar essa localidade ainda pode descobrir vestigios de um *ipú grande*, resultado das modificações que soffreram com os tempos os rios *Ubatuba*, *Camoropim* e *Timonha*, que a limitam.

IPUÇÁBA : riacho, nasce na Ibiapaba, forma uma cascata acima da cidade do Ipú, e despeja no rio *Jatobá*. *Ety.* : — sangradouro do ipú, corruptéla de *ipú* e *sara* carregar, levar, despejar.—Pompêo chama impropriamente *Ipú* a este riacho, no seo *Dic. Top.*.

IPUÉIRA : lagôa rasa e alongada no meio das varzeas, formada pelo inverno, e que desapparece, acabado este; ou, como diz J. Galeno, *Sen. Pop.*, P. 276, é o logar do campo, que se enche d'agua no inverno, conservando-a por alguns mezes — *Ety.* : — agua retirada, de *i* agua e *puyr* retirada. Martius cit., P. 504; ou poço d'agua, de *i* e *pueira* poço. Moraes cit., verbo *Giboia*. A povoação de *Ipueiras* no Ipú foi elevada á villa pela lei provincial n.º 2036 de 25 de Outubro de 1883, e á freguezia por outra n.º 2 de 27 de Outubro do mesmo anno. Mas a lei n.º 2071 de 2 de Agosto do anno seguinte passou-a á povoação como d'antes.

IRACÈMA : romance e heroina : *Lenda do Ceará* por J. de Alencar. E' um dos nomes mais populares entre

nós. *Ety.* : — vocabulo guarani, que significa — *labios de mel*, de *ira* mel, e *tembe* labios se fez *iracéma*. *Tembe* na composição altera-se em *ceme*, como na palavra *ceme-yba*. J. de Alencar. *Irac.* cit., P. 164.

Guardei sua imagem n'um longo suspiro
D'um sonho cruel ;
Pedi ás florestas um canto, um poêma,
E ouvi o seo nome : formosa *Iracéma*
Dos labios de mel.

(D.or Josè Nogueira, *Iracéma).*

IRAPUÁ *(rufricus, Latreille)* : abelha virulenta e braba, grande e negra ; faz colmêa nas arvores. No tempo de grandes seccas, as abelhas selvagens perecem á falta de nutrição. Mas esta se refugía na carnaúba ; faz sua colméa no tronco,ordinariamente entre as folhas seccas que cercam este. Como a colmêa é muito solidamente construida de um betume negro composto de uma mistura de argila e bosta, e finalmente estes insectos, muito colericos,defendem a todo transe sua propriedade, não se pode desalojal-a sinão pelo ardil e pelo fogo. Assim, á noite, põe-se fogo no tronco da palmeira, ella asphixia-se : pode-se então colher com facilidade, e sem damno algum para a carnaúba, o mel muito grosso e delicioso. M. de Macedo, *Notice sur le Palmier Carnaùba*, P. 15, Nota 1.a — *Ety.* : — favos de mel convexos, corruptéla de *yra* mel, e *puàm* redondo, por causa da forma redonda da sua colmêa. Martius cit., P. 504 e J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 168 — Prefiro : corruptéla de *eira-puâ* abelha levantada, porque mora em arvores ou sobre galhos—B. Caetano, *Vocab.* cit. 175—J. de Alencar cit., e Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1.o, P. 219, escrevem *Arapuá* contra a etymologia.

ITACARÁNHA : olho d'agua potavel, que abastece a cidade da Viçosa —*Ety.* ;—pedra aspera, de *itá* pedra, e *caranhe* arranhar.

ITACURUMÍ : serrote a 9 leguas da villa do Camocím, estudado em 1878, de ordem do goveruo imperial, pelo

engenheiro inglez Julius Revy para a construcção de um açude publico — *Ety.* : — pedra com filho. de *itá* pedra e *curumí* menino ; porque ao lado do cabeço principal se apresentam rochedos menores. Martius cit., P, 538 e Milliet—Escreve-se commumente *Itaculumí*, mudado o — *r* em *l*.

ITÁNS : povoação em Baturité—*Ety* :—pedra polida. C. de Magalhães, *O Selv*, cit., P. 28. Prefiro : *itá* concha, colher, o que tem forma de concha ou colher ; o que colhe, o que apanha, modificado de *tar* colher, ou de *itâ*. Tambem significa sino. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 177.

ITAPÁÍ : arraial no Acarape, caminho da Estrada de Ferro de Baturité. *Ety.* :—pedra com pequeno lascão ou fenda ; de *itá* pedra, *poc* lascar, e *i* pequeno.

ITAPIPÓCA: villa na fralda da serra da Uruburetama. *Ety.* :—pedra rebentada, de *itá* pedra e *pipóca* rebentar.

ITAQUATIÁRA : pico elevado na serra da Uruburetama. Diz Pompêo, *Dic. Top.*, que o barometro marca ahi 69 gráos, e o thermometro 23 — *Ety.* : — pedra pintada, de *itá* pedra e *coatiára* pintada. B. Rodrigues, *Ens. de Scien.* cit., T. 3, P. 35, Nota, C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, P. 288, Nota 1.ª e P. 291, Nota 2.ª, e Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brasil*, T. 2, P. 371.

ITARÈMA : monte perto da serra de Maranguape, em que Mathias Beck, habil aventureiro hollandez, em 1649 suppoz ter encontrado as minas de prata que, segundo a tradição, já havião sido descobertas por Martim Soares Moreno. José Hygino, *Rev. do Inst. Archeol.* e *Geog. Pern.*, 1886, P. 19—*Ety.* :—pedra de cheiro agradavel, ou cheiro agradavel de pedra, de *itá* pedra e *rema* cheiro agradavel. Hoje não ha mais noticia de tal monte.

ITATÍNGA : serrote de 122 metros de altura em Mecejana — *Ety.* : — pedra alva, de *itá* pedra e *tinga* branca, Martius cit., P. 538—Não sei em que se fundou Sylvio Romero para dizer nos seos *Cantos Populares*, T. 1.º, P. 25, Nota, que significa *pedra azul !*

J

JABORANDÍ *(pilocarpus sennatifolius)*: arbusto cujo fructo contém uma só semente, com cheiro aromatico— As fôlhas são potente sudorifico. incisivo, muito empregado no estado insipiente das febres, nas constipações do peito, nos rheumatismos ligeiros : alexiterico, diuretico, sialogogo. È altamente echthyotoxico — Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.º, P. 173, Nota 1.ª, P. 184 e 189 — Mastigadas servem para acalmar dôres de dentes. Chernoviz, *Formulario*—Segundo as ultimas experiencias, o alcalvideé remedio tambem para as affecções oculares, do figado, para o beri-beri e febres amarellas. D.or J. Pereira Guimarães, *Carta à Gazeta de Noticias da Côrte* de 6 de Março de 1880 — A raiz serve para curar mal das gengivas. Moraes cit. — Ha de trez qualidades: *Betys*, *Pitarran*, que o povo chama — *Aperta-mão*, e o popular *João-brandi*. Barão de Villa Franca, *Note sur les plantes utiles du Brésil* — É abundante nas serras da Aratanha, Baturité, Ibiapaba e Meruóca — *Ety.* : — Martius, P. 397, apenas diz que *ja* é provavelmente contracção de *iba* arvore ; e o mestre escreve — *yaborandí* ou talvez *yaguarandí* nome dado ás arvores, difficil de explicação. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 567 — Explico por corruptéla de *iba* arvore, *ob* por *bo* fôlha, e *ndi* particula que serve para mostrar o uso de alguma cousa : arvore cujas fôlhas são de muito prestimo ou uso. Moraes escreve *Jaborandiba*, e Pompêo *jebarandi*, *jaburandi* e como no texto.

JABOTÍ *(testudo tabulata)* : especie de kagado, das mattas, differente do *jurára*, *kangapára* e *tartaruga*, que vivem nos lagos e rios, C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, P. 88, Nota 3.ª — A carne é muita sadía, e o figado, grande em sua quantidade, é o mais regalado comer que a natureza crêou — S. Estacio da Silveira, *Relação Summaria das Cousas do Maranhão*, P. 25 — É difficilimo de morrer : esquartejado, separado do casco, ainda manifesta vida ; pelo que usa-se de matal-o primeiro n'agua fervendo para depois tratal-o. (Vide *Camboatá*).

—Entre os indigenas era o symbolo da gravidade, prudencia e sabedoria. C. de Magalhães cit., P. 185 — A' uma especie oblonga chamão *Mussudn*. G. Dias, *Dic.* cit. — *Ety.* : — *yy-abuli-tì* o que tem folego tenaz, persistente. B. Caetano, *Vocab.* cit , P. 564. G. Dias tambem escreve *Jabolim*.

JABURÚ *(mycteria americana)* : ave ribeirinha. G. Dias, *Dic.*—Maior do que o pirú e menor do que a êma, sem cauda, de um alvo acinzentado, bico grande, esverdeado e forte, com a ponta meio curva e aguçada ; as pontas das azas pretas, o dorso tambem preto e uma coleira avermelhada ; as pernas altas e amarelladas ; nutre-se de peixe. É tristonho e solitario, raras vezes se vê aos pares, e aninhão-se em arvores excessivamente altas. Ha uma especie menor e rara, *jaburú-moléque*, porque tem as pernas e a pelle pretas — *Ety.* : — abreviatura de *ayapirú*, de que se fez — *yabirù*, *yaburù* o papo inchado, a repleta, a infatuada, ou a catadora, a esgaravatadora. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 564.—Tambem se escreve *Jabirú*.

JÁCA : fructa. G. Dias, *Dic.* É como uma grande abobora coberta de uma casca, que parece com lixa muito grossa ; tem dentro uma massa amarellada, quasi como gomma de ôvo, fibrosa, entre a qual, como gommos ou bagos, está a parte que se come e é muito doce, forrando um caroço que, cozido, come-se tambem, e é agradavel. Moraes cit.—Na Azia e Brasil tambem chamam-na *durião*. Ha a molle e a dura, conforme os bagos são molles ou duros — *Ety.* : — *yà* fructa, e *acá* caroço ; fructa de caroço.

JACÁ : cesto de cipós como cassuás. G. Dias, *Dic.* ; feito de taquáras. Aulete, *Dic.* — *Ety.* : — *ajacâ* : *aiyacà* busca, grãos, ajuncta grãos. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 54.

JACAMÍ *(psophia crepitans)*: ave do tamanho de uma gallinha, côr escura, cacarejando e fazendo repetidas mesuras. Conhece os hospedes ; e o mais interessante é que nunca se esquece desta cerimonia uma só vez por

dia. Tem o bico muito comprido, leva em constante zunido á apanhar moscas. S. de Frias cit., P. 92 — É um artista de admiravel perfeição: seo rouco, ainda mesmo ouvido de perto, figura vir de longe e impregnado de suave melancolia dos sons, que atravessam um longo espaço. Nada mais saudoso e contemplativo do que ouvir, em uma noute de luar, diversos bandos de jacamins cantar, a horas certas, sua pousada monodía. Domesticado se apaixona pela pessoa que o anima, a ponto de ter ciumes quando alguem se aproxima della. Possúe mais a rara qualidade de não consentir brigas entre aves domesticas, sem que logo intervenha para apazigual-as; pelo que os meninos o chamam *juiz de paz*. Quando as gallinhas tiram os pintos, elle os toma á força para crêar e zelar com um extremo paternal excessivo. Dias Carneiro, *Poézias*, *Notas*, P. 225. Ha de muitas espècies, mas todas conhecidas pelo rumor que fazem no papo, ou, como pretendem outros, na barriga, quando se aproximam á gente. G. Dias, *Dic.* A especie mais commum é súra, de pernas compridas e finas, de um preto luzidio, pescoço longo, e o bico amarellado. Passa horas, ás vezes, suspenso n'um pé só, rodando e fazendo misuras; donde veio o chamar-se vulgarmente *jacamí* ao homem mezureiro—*Ety.*:—*y-acâmí* a que tem a cabeça pequena; ou *y-og-amì* a caseira, a que em casa se acostuma; *y-acâ-mi* a que move a cabeça, a mezureira. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 565.

JAÇANÃ *(parra jaçanã)*: ave aquatica. J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 144 — Do tamanho de uma juritî; preta, com uma pequena protuberancia carnosa encarnada sobre o bico; pernas altas, finas e azúes; dedos muito compridos; a unha do pollegar tambem comprida e aguda, com esporões nas azas. Ha outra de um rôxo avermelhado, porém mais pequena e sem protuberancia. È muito procurada pela belleza de sua plumagem: papo vêrde, dorso cinzento, cauda curta, azas grandes, bico delgado e testa esverdeada.—*Ety.*:—corruptéla de *ñahanã (ñ-eça-enâ* que está de olho alerta—ou erguido.) B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 312—Moraes escreve *Jacana*. (Vide *Japiaçóca)*.

JAÇANAHÚ : lagôa muito conhecida, no caminho de Arronches para Maranguape pela estrada de rodagem.—*Ety.* :—agua da jaçanã, de *jaçanã* e *hù* agua.

JACARANDÁ (*machœrium sp.*) : arvore da madeira rija, de construcção, aromatica, que vale ouro em folhetas. Macedo, *Noções de Corog. do Bras.*, T. 1.°, P. 143. Attráe a vista pela elegancia de sua folhagem pennada, com flôres amarellas. Walppœus cit., P. 219 — *Ety.* : — *y-acang-rantâ* o que tem cabeça dura ; ou *heaquâ* cheiro e *rantâ* forte. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 565 e 572.

JACARÉ (*caimán fissipes*) : animal. A couraça escamosa que o reveste, é chapa onde não entrão mesmo as balas da melhor espingarda. Pode estar uns 40 dias sem alimento algum. Em alguns lagos, em que dura a sêcca, vive enterrado na areia ás pilhas — S. de Frias cit., P. 176 —

> ..... Ao mar lançou-se
> Enorme amphibio, jacaré medonho,
> Raiz da creação, mesclada féra
> Que o ar respira como as aves livres,
> E o pégo habita dilatados annos!

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 1.°, C. 11, P. 249).

Põe os ovos, duros e asperos, sobre ninhos de gravetos, na praia, e constantemente os guarda com a vista, donde veio o dizer-se que os choca com os olhos, quando é o sol que disso se encarrega. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 89 —

> Simulado kaimán, co'a vista immovel
> Em loura praia, protegendo os ovos,
> Que os raios zenithaes almos fecundam,
> Contra as aves arranca, e contra o vento,
> Cioso de que a prole se não gore.

(Porto Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 2, P. 261).

No Amasonas a onça tem tal fascinação sobre elle que

come-lhe a cauda sem se mover; salta no rio ou lago, puxa-o para a terra, vira-o uma e muitas vezes, dá-lhe na queixada, mette-lhe as garras no ventre e martyrisa-o á imitação do gato antes de devorar o rato. Depois de haver assim martyrisado o enorme e possante amphibio, que alli está quiéto, immovel e como que fascinado, pula sobre elle, e começa a devoral-o pela cauda. Terminada a primeira refeição cobre com fôlhas a parte encetada, e afasta-se da victima, certa de que a encontrará no mesmo logar quando voltar. Si por alli acontece passar alguma pessôa embravece-se o jacaré, abre a guéla enorme e ameaça atirar-se contra o viajor; entretanto que espera, sem fazer o menor movimento, sem tentar sequer fugir, que volte de novo a onça para acabar de devoral-o. Não sei explicar esta especie de fascinação, que exerce a onça sobre esses gigantes dos lagos e *igarapés*. Creio que duvidosa não seria a victoria em favor delle se ousasse travar luta corporal com a onça, porque é prodigiosa a força que tem o jacaré na cauda e nas queixadas. Entretanto não ha exemplo de haver tentado semelhante acommettimento; deixa-se cobardemente agarrar pela onça, e morre sem tentar a mais pequena resistencia. Parece a onça conhecer a fascinação que exerce sobre elle, assim como respeitar as terriveis phalanges de dentes, que lhe enchem as queixadas. Antes de saltar n'agua, quando tem de atravessar algum rio, uiva duas ou trez vezes, como para annunciar a sua passagem, e os jacarés, que seriam capazes de devoral-a se a não conhecessem, fogem espavoridos para o fundo dos rios ou lagos — Conego Francisco Bernardino de Souza, *Pará e Amasonas no Brasil Illustrado*, N.° 3, P. 46 — Ha de 3 especies: o *tinga*, de papo amarello, branco e preto, que é o menor, e a sua carne bem preparada dizem que é saborosa; o *pardo*, esverdeado claro; e o *curua* esverdeado escuro, com as escamas escabrosas e catinguento —Moraes escreve *jacaréo* ou *jacaréu*, e diz que o de *papo amorello* ataca a gente. Por este motivo chamaram-se tambem de *papo amarello*, allusão á essa especie de jacaré atrevido, aos liberaes da Regencia trina, que em 1832 atacaram a

Constituição, pretendendo reformal-a por um *Golpe de Estado*, como passou para a historia—*Ety.* :—abreviatura de *hechacarê* o mirador—B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 565—Mas haveria jacaré no Ceará ? Pelo menos é a tradição corrente, attestada por antiquissimos nomes de logares, como *Jacarecanga*, *Jacarehy*—Os da especie pequena, diz Pompêo, ainda se encontram nos pantanos junto ao litoral—*Ens. Est.*, T. 1.°, P. 214—Os francezes chamam o *jacaré-Caimàn* e os inglezes—*Alligator* ; mas os *dicc. port.* de Constancio, Faria e Aulete já trazem *Caimão*, de que já usaram Porto Alegre *(Kaimán)* e F. Varella *(Caimán)*, *Obr. Compl.*, T. 2, — *Eu Amo a Noite*, P. 216

JACARECÁNGA : morro no litoral e riacho no suburbio da capital, conhecido e apreciado pela excellencia de suas aguas (Vide *Tipuhú)*—*Ety.* :—cabeça de *jacaré;* de jacaré, e *acanga* cabeça—J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 187 e Martius cit., P. 507. Outros querem que lhe viésse o nome da conformação do morro á maneira da cabeça do jacaré, visto do mar. (Vide *Jacaré).*

JACAREHY : lagôa pequena, a 2 legoas da capital, no municipio de Mecejana ; nunca sécca, e tem logares de lamaçal, em que submerge tudo quanto cáe. E' piscosa—*Ety.* : — agua de jacaré, de *jacaré*, e *hy* agua. (Vide *Jacaré*).

JACÚ (*penelipidæ*) : ave. G. Dias, *Dic.* Sustenta-se das flôres da craúba, páu d'arco (*ipé*), etc.—Ha de diversas qualidades : *jacutinga* (*penelope leucoptera*), porque tem brancas as pennas do meio das azas ; *jacupêba*, *jacupéma* ou *jacupemba* (*penelope superciliares*). Nas florestas do Amasonas ha o *jacú-açú* (*penelope christata*) e o *cujubi* (*penelope cumanensis*), da cabeça branca, pernas vermelhas, que canta de madrugada. C. de Magalhães, cit., P. 169, Nota. A vianda deste jacú suppre, pelos desertos, a falta de gallinha para os doentes. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, P. 404, Nota — *Ety.* : — vem do grito imitativo do passaro. E. Liais cit., P. 132 ; ou o que traga, engole fructas, de *yà* fructa, e *cù* comer

— B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 565 — Povoação no municipio de Canindé.

JACUMÃ : páu em cruz fincado á beira da costa, no qual se colloca um homem como espia, para avisar os pescadores de rêde da vinda ou passagem do peixe — È um termo, neste sentido, muito conhecido dos nossos homens do mar — *Ety.* : — *yakumã* pôpa ou talvez o remo que, movido pelo timoneiro, servia de leme. J. Verissimo cit., P. 43. Mas G. Dias, *Dic.*, e Martius, P. 508, dão por leme—A significação do vocabulo no Ceará é sem duvida já translata.

JACUNDÁ : peixe de escama d'agua dôce, de um palmo de comprimento mais ou menos, tão manso que ás vezes se deixa pégar á mão. Não é gostoso mesmo estando gordo. — *Ety.* : — corruptéla de *ñacundá* o que tem boca grande, ou antes — *ña cû etá* o que traga muito. Nome de peixe. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 311.

JACURUTÚ (*bubo magellanicus*) : ave, do tamanho de uma gallinha, noctivaga, côr pedrez ; os guinchos arremedão gargalhadas de mofa. G. Dias, *Dic.* O povo tem o seo canto por agoureiro—*Ety.* :—*ñacurutú*, nome onomatopaico, B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 313 — Rio, nasce na serra das Cobras em S. Quitéria, e despeja no Acaracú, depois de um curso de 16 legoas. Suas aguas são excellentes.

JACURUTUÓCA : lagôa no municipio de Maranguape —*Ety.* :—ninho de jacurutú ; de *jacurutù*, e *ôca* casa.

JAGUARIBÁRA : horda selvagem que vagava nas proximidades do rio Jaguaribe. Araripe, *Hist.* cit., P. 16 — *Ety.* : — senhor do jaguaribe, de jaguaribe e *jàra* senhor ; porque presumia dominar as margens do rio.

JAGUARÍBE : a maior bacia da Provincia ; nasce nos Inhamuns,e despeja no oceano depois de um curso de 130 legoas. Na estação invernosa adquire grande volume d'agua e uma largura maior de uma legua, mas sécca todos os annos, ficando apenas grandes poços e uma corrente subterranea a poucos palmos abaixo das areias. Pompêo, *Dic. Top.* — O seo leito mostra que o rio devia

ser em outro tempo mais caudaloso, é que as alluviões tem espalhado as suas aguas, encaminhando-as sobre terras arenosas, que as embebem, antes da sua embocadura no mar. Talvez que com alguns diques nos pontos, onde a corrente se reparte, se remediaria este inconveniente, e o rio teria um curso regular, que offereceria meios de transportes faceis, com o que cobraria muito mais actividade o commercio interno da Provincia. Milliet cit. — Por trez vezes, debalde, se propoz na Camara dos Deputados a canalisação do S. Francisco para o Jaguaribe: em 1835 França Leite, em 1848 Marcos de Macedo, em 1877 Alencar Araripe e o autor deste *Vocabulario*: obra monumental e utilissima que, tornando este rio navegavel, viria previdencialmente em salvação da Provincia em tempos calamitosos de sêcca. — Tambem debalde a lei provincial n.° 1532 de 7 de Agosto de 1873 concedeo previlegio exclusivo por 45 annos para o estabelecimento de pequenos barcos a vapor para o transporte de passageiros e mercadorias entre as immediações dos logares *Fortinho* ou *Chapéo* e a cidade do Aracatí — O primeiro nome do Ceará foi *Paiz do Jaguaribe*, e o deste rio — *S. Lourenço*, do nome de uma fortaleza que os portuguezes construiram em sua foz — C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, *Pref.*, P. 15, Nota e P. 553, Nota 6. — *Ety.*: — abundancia de onça, de *jaguar* onça, e *iba* abundancia. J. de Alencar, *Irac.* P. 167;—rio jaguar, assim chamado, não como o *Tigris* (grande rio da Turquia d'Asia) pela rapidez e força da corrente, mas pela multidão de féras, que lhe frequentavam as margens. R. Southey cit., T. 6, P. 394; — rio de onça. Martius cit., P. 508, C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, *Pref.*, P. 71, Silva Guimarães, *Vocab* cit., P. 23, Pompêo *(jaguar-yg)*, *Ens. Est.* cit., T. 1, P. 27; —cão máu, de *jagoára* cão, e *ayba* máu, Frei Maranhão cit., P. 70. Parece-me preferivel: terra de onça. de *jaguàra* onça e *igbig* ou *ibi* terra. Malta cit., P. 249.

JAGUARÍBE-MIRÍM: *Ety.*:—jaguaribe pequeno, de *jaguaribe* e *mirim* pequeno. Braço do rio Jaguaribe, por isso lhe foi applicado o diminutivo. Á sua margem ficam a villa e comarca do mesmo nome.

JAGUARURÁNA : tribu tapuia,que vivia a 60 legoas da Ibiapaba nos arredores da Fortaleza, alliada aos portuguezes, mas inimiga dos *Guainacés*. Padre A. Vieira, *Rel. das Miss.* cit., Cap. 9, e Ayres do Cazal cit. — Mas Araripe, P. 16, pensa que *Guainacés* e *Jaguararánas* são denominações particulares dos *Anacés*; porquanto nos documentos antigos, que consultou, não encontrou o nome de sua habitação. Inclino-me á esta opinião. *Ety.* : —jaguaribe manso ; assim como *Guanacés* gente estimada ; o que condiz com a denominação e indole dos *Anacés*.

JAIBÁRAS : rio, nasce na Ibiapaba, e entra no Acaracú, pouco acima de Sobral. *Ety.* : — provém de *yaib* brénhas. B. Caetano, *Vocab.*, P. 569.

JAMACARÚ : especie de cardo agreste e espinhoso ; vegeta de preferencia nas praias ; dá flôres amarellas e cheirosas, e um fructo encarnado, apreciado dos viandantes pela sua frescura refrigerante. Segundo Chernoviz cit., é peitoral, com propriedades anti-escorbuticas, e a planta assada tambem é remedio para os tumores glandulares— *Ety.* : — de *ja* fructo, *ma* ligado, *caa* páu e *aru* do verbo *rub* eu tenho : fructo que está ligado ao páu, como acontece com este cardo, que dá o fructo no páu como a jaqueira. C. Aulete diz que é o mesmo que *mandacarú* e *cumbeba*, e Chernoviz — que é o mesmo *jaramacarù*, *mandacarú*, *urumbeba* ou *cumbeba* e *figueira da India* — Moraes escreve *jamaracú*.

JANAGÚBA : arvore, cujo leite, muito viscoso e medicinal, serve para curar quebraduras e hernias estranguladas. Tão viscoso é o leite que com elle pégão-se passarinhos deitando-se-o n'arvores em que se essentam e donde não podem mais sahir — *Ety.* : — corruptéla de *ñandí* leite e *uba* arvore ; arvore que dá leite.

JANDÁIA : ave, menor do que o papagáio, á cuja familia pertence. Tem o peito, encontros e cabeça coloridos de amarello-avermelhado brilhante ; ponta das azas azúes, e o resto da plumagem vêrde. Domestica-se facilmente, e aprende uma ou outra palavra — *Ety.*: — vem do guarani *ñendai* (nome dado a diversos passaros

gritadores) Braz Rubim cit., P. 372. E' preferivel a do mestre: do tupi *ñendáya*, de *ñeê-etá-aîb* que falla muito e mal. B. Caetano. *Vocab.* cit., P. 335 — É forçada a de J. de Alencar: — periquito grasnador; de *neng* fallar, *antan* duro, forte, aspero, e *àra* desinencia verbal, que exprime o agente—*nh' ant ára*, substituido o *t* por *d*, e o *r* por *i* tornou-se *nhandáia*, donde *janddia*. *Irac.* cit., P. 173.

JANDAÍRA: abelha de côr escura avermelhada; fabrica mel excellente e medicinal—*Ety.*:—contracção de *jemonha* que fabrica e *yra* mel: a que fabrica mel. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 163.

JANDIRÓBA *(feuillea trilobata)*: planta trepadeira, de effeito medicinal energico. Nasce á beira dos brejos, dá uns *cabacinhos* (nome por que é mais vulgarmente conhecido entre nós), applicados á molestias syphiliticas — Dos caroços desses *cabacinhos* diz C. Aulete que extráe-se luz em Pernambuco — Chamam-se tambem *paulistas*—*Ety.*:—de *ñandì* azeite e *rob* amargo; arvore de que se tira azeite amargo. B. Caetano, *Vocab.*, P. 313.

JANGÁDA: pequeno barco de pescaria, e de embarque e desembarque de pessôas e mercadorias. Compõe-se de seis páus de *piúba* (vide), vulgarmente conhecida por *páu de jangada:* os dous do centro chamam-se *Meios*, os immediatos *Bordos*, e os dous ultimos *Memburas*. Mas quando o do meio é bastante grosso já tenho-a visto de cinco, com os quaes Guimarães Junior, *Sonetos* e *Rimas*, P. 161, cantou *A Jangada*: —

> Cinco páus mal seguros e enlaçados
> Rompem os ventos perfidos e irosos:
> Nelles confiam mais que venturosos
> Dous pescadores nús e desgraçados.

São seos acessorios: *Banco de Véla*, que serve para sustentar o mastro grande e a Véla; — *Carlinga* tabolêta com furos em baixo do *Banco de Véla*, em que prende-se o pé do mastro, mudando-se de um para outro, conforme a conveniencia da occasião; — *Bolina* taboa que, entre

os dous *Meios* e junto ao *Banco de Véla*, serve para cortar as aguas e evitar que a *Jangada* descáia para sotavento; *Véla* uma grande e unica, de algodãosinho, de fórma de um triangulo isosteles, cosida n'uma corda junto do mastro, o que se chama *palombar a véla*; assim como *limar a véla*, para ficar bôa, enchel-a de *limo vêrde*; o que se consegue com o *limo* de páu e a agua salgada, ficando exposta ao sereno: Uma véla *bem limada* dura por uns dous annos, mais ou menos; — *Ligeira* corda prêsa á ponta do mastro e nos *Espéques* para segurar aquella; — *Retranca* vara que abre a Véla; — *Escota* corda amarrada na ponta da *Retranca* e nos *Caçadores*: para encher a véla de vento pucha-se a *Escota*; — *Caçadores* dous tornos pequenos na pôpa; — *Espéques* dous tornos de seis palmos com uma travessa, e no meio uma forquilha; — *Forquilha* para cada pescador amarrar nella uma corda e, quando preciso, segurar-se derrêando o corpo para o mar, e assim *aguêntando a quéda da jangada*; — *Espéques* e *Forquilha* para nelles collocar-se o *Barril d'agua*, a *Quimanga*, a *Cuia de Véla*, a *Tapinambaba*, o *Samburá* e o *Bicheiro*; — *Tauaçú* pedra grande furada, prêsa n'uma corda, que serve de ancora; e *Çaçangar* o acto do jangadeiro sondar o logar em que está para lançar n'agua a ancora; — *Quimanga* cabaço em que se guarda a comida; — *Cuia de Véla* concha de páu com que se molha a *Vèla* quando venta, donde o dito popular — *Emquanto venta agua na véla*; — *Tapinambàba* (vulgarmente *pinambàba*) maçame de linha com anzões; — *Samburá* cêsto da bôca apertada em que se guarda o peixe; — *Bicheiro* grande anzól préso n'um cacête, com que se pucha o peixe pescado para cima da *Jangada*, afim de não quebrar a linha; — *Banco de Governo* á pôpa, no qual se assenta o mestre e amarra-se o *Tauaçú*; — *Macho* e *Femêa* dous calços á pôpa, onde mette-se o remo, servindo este de léme. (Vide J. Galeno, *Lend. e Canç.* Pop., P. 271); — *Giràu* (Vide) estrado préso aos dous *Espèques* para, nas *Jangadas* de embarque e desembarque, collocaram-se as bagagens e passageiros, e desta forma não serem molhados; — *Araçanga* (Vide *Buraçanga*) cacête com que se mata o peixe pes-

cado ; — *Ipú árama* com que é prêsa a linha ao anzól para o peixe não cortal-a ; — *Goiçama* (Vide) linha fina sem anzól para pescar agulha para isca ; — *Atapú* (Vide *Itapú)* buzio grande com que o jangadeiro chama os freguezes á compra do peixe—As Jangadas maiores tem de 6 a 7 metros de comprimento, e duram dous annos mais ou menos. São lançadas ao mar sobre rólos de cajueiro por ser a madeira mais duradoura — Na ordem ascendente temos a *Balsa*, que é a reunião de algumas *Jangadas*, convenientemente ligadas, destinadas á longas viagens, de provincia á provincia. Na ordem descendente temos o *Paquete* que é a *Jangada* menor ; o *Coringa*, menor do que o *Paquete*, e o *Bote*, unico que não tem *vêla*, pelo que foi tambem o unico, que escapou á maldição de Camões, *Lus.*, C. 4, E. 102 : —

> Oh maldito o primeiro que no mundo
> Nas ondas *vêla* poz em sêcco lenho !
> Digno da eterna pena do Profundo,
> Si é justa a justa lei que sigo e tenho.
> Nunca juiso algum alto e profundo
> Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
> Te dê por isso fama nem memoria ;
> Mas comtigo se acabe nome e gloria.

A *Jangada* no porto da Fortelèza tornou-se legendaria pelos relevantes serviços que prestaram os jangadeiros á libertação de escravos na Provincia, não se prestando por fórma alguma ao embarque dessa mercadoria humana ; pelo que no dia 14 de Março de 1884 trez delles, Francisco José do Nascimento (depois alferes da guarda nacional), Francisco José de Alcantara e José Felix Pereira Barbosa, embarcaram para a Côrte no paquete *Espirito-Santo*, conduzindo a *Jangada Libertadora*, que foi recolhida, como reliquia patriotica, ao Muzêu Nacional — *Ety.* : — Em parte alguma, sinão na America, principalmente na famosa terra da S. Cruz, diz Varnhagen, se encontram barcos com tal forma e apparencia. *Panorâma*, T. 12, P. 376 — No Brasil, porém, só se encontram desde o Maranhão até Alagôas. Mas a

palavra é conhecida na Asia e Europa, desde a mais remota antiguidade, antes mesmo do descobrimento do Brazil. No *Magnum Lexicon Novissimun Latinum et Lusitanum*, e no *Novissimo Diccionario Latino-Portuguez* de Santos Saraiva, encontra-se já *ratis, is* com a significação de *jangada de pàus que antigamente servia de barco*. É licito, portanto, acreditar que Horacio já a conhecia quando na *Ode* 3.° do Liv. 1.° disse : —

Illi robur, et æs triplex
Circa pectus erat, qui fragilem truci
Commisit pelago *ratem*
Primus :

(Traducção : Tinha fortaleza e ambição de dinheiro no peito aquelle que primeiro commetteo ao mar revolto a fragil *jangada)* — Constancio, *Nov. Dic. e Etym. da Ling. Port.*, e Faria. *Nov. Dic. da Ling. Port.*, dizem que a etymologia vem provavelmente do verbo latino *jungo, ère* juntar, atar, e da terminação *ada : jangada* janga maior — Na Asia tambem era conhecida, significando o *Naire* que por certo premio empenhava sua fé de livrar, defender e proteger ao portuguez á custa de sua vida. (Vide *Panorama*, T. 1.°, 1837, P. 119) Nem mesmo na America do Norte era ignorada. Na *Evangelina* de Longfellow (Traducção de F. Doria), Cap. 2, P. 97, a proposito dos miseros naufragos do perfido commandante Winslow, lê-se : —

De exules era uma troça : co' a *jangada*
Da naufraga nação se pareciam,

J. Bonifacio (senador) canta em um dos seus *Sonetos* o *Jangadeiro da Gallilêa ;* Durão, *Caramurù*, C. 3, E. 54, já contempla a *jangada, fabricada de lenhos*, no Deluvio Universal ; e tanto E. Zóla, *L'Assomoir*, T. 1.°, P. 92, como Alberic Segond, *Dia de S. Nunca*, P. 117, nos fallam da celebre *Jangada da Meduza*, naufragada em 1816 na costa d'Africa no banco de Arguim. *(Vide Panorama*, T. 2, 1838, P. 178). Mas tudo isto será sufficiente para determinar que *jangada* no Ceará não seja

vocabulo da lingua indigena? Não sem duvida ; mas o Dr. G. Studart, em artigo na *Quinzena* n.° 11, P. 82, refutando um meo no n.° antecedente,captivou-me assás, mas infelizmente não convenceu-me, asseverando, fundado na antiguidade do termo, que este era de origem aziatica. Este argumento não colhe ; pois tambem antiquissimo é *Nicodemos*, appellido do judéu generoso e compassivo, que fez modestas honras funebres a Jesus Christo, dando-lhe um lençol para amortalhar-lhe o cadaver e um sepulchro para o guardar. Entretanto é este o mesmo nome que deram os *Mundurucús*, do Amazonas,-á sua aldêa ! Porque deram esses indios à sua aldêa um tal nome, não o sei dizer, responde A. M. G. Tocantins, que lá esteve com elles. Presumo, acrescenta o intrepido engenheiro, que a *identidade de nome nada mais seja do que o effeito de mero acaso* (Vide *Estudos sobre a Tribu Mundurucús* na *Rev. do Inst.*, T. 40, P. 75.) Tambem muito antigo é o vocabulo *mameluco*, que no arabe quer dizer—escravo; no Oriente—os rapazes christãos que se apanhavam na guerra ou que por tributo se davam á Porta (Moraes,Dic.); no Mogol—escravos comprados que os Sultões do Egypto, successores de Saladino, tomavam para guarda de sua pessoa (M. Edom, *Resumo da Hist. Sagr.*, P. 337, N. 2); em algumas terras da Peninsula—o filho do christão com moura (Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1,P. 172),e já celebrado por Camões (*Lus.* C. X, E. 32) como uma raça no Egypto :

> De esperas, basilicos e trabucos,
> A Cambaicos crueis e Mamelucos.

Mas, não obstante isto, Candido Mendes, que nada disto poderia ignorar, mostrou-se antes inclinado a crêr que *mameluco*, no Brasil, (o filho do europêo com tapuia,) provinha de alguma expressão *tupi*. (Vide *Notas para a Hist. Patr.* cit., P. 226).—Synthetisarei as rasões em que apoiei minha opinião e agora fortifico-a : 1.ª Porque a palavra se decompõe e explica conforme com as regras da lingua geral ou tupi da costa : de *ñan*, *yan*, *jan* correr, *ig* agua, e *ára* (corrompida por euphonia em *áda*)

desinencia verbal que exprime o agente; vindo, por tanto, a principio— *ñan ig ára*, *yan ig ára*, *jan ig ára*, e por fim *jangada* a significar literalmente—*aquillo que corre n'agua*;—2.ª Porque na construcção da nossa *jangada* não entra uma só peça de ferro; o que prova ser ella invenção exclusiva do indigena, que não conhecia esse metal, mas não obstante sabia, elle somente, dar a esse barco a solidez necessaria. prendendo os páus com fortes cavilhas de madeira rija. Ainda hoje o nosso jangadeiro *scisma* tanto com o ferro na *jangada* que, si nella apparece algum prego, rejeita-a certo de que está *caipóra*, não lhe dará mais pescaria; 3.ª Porque quasi todos os nomes dos accessorios ou partes componentes da jangada são indigenas;—4.ª Porque a todo o estrangeiro causa admiração a nossa *jangada*. A atrevida jangada de Pernambuco, diz Varnhagen, ainda hoje acommette nossos mares, *com pasmo do viajante europêo*, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sobre uns tóros ligeirissimos, mal unidos, que vão quasi debaixo d'agua, navegando dias e dias, longe da vista da terra (*Hist.* cit., T. 4, P. 171). Nada do que vimos neste dia (no Recife), refere Henri Koster, excitou tanto a nossa admiração como as *jangadas* vogando em todas as direcções. O effeito que produzem estes barcos grosseiros é tanto mais singular quanto percebemos, mesmo á pequena distancia, somente a véla e os dous homens, que o dirigem. (*Voyages Pittoresques, Scientifiques et Historiques en Amerique, Brézil*, T. 1. Cap. 1.º, P. 4.ª). Tivemos esta manhã (17 de Abril de 1865), dizem M.me e Mr. L. Agassiz, mui grande distracção. Encontrámos (Recife) muitos destes barcos que se chamam *catimarons (jangadas)*, frageis embarcações de pescaria, dirigidas por pescadores que parecem, nesta costa, verdadeiros amphybios. Seo batel consiste em alguns ligeiros troncos de arvores ligados uns aos outros, e sobre os quaes passa a vaga a cada instante sem que estes homens pareçam de qualquer forma inquietar-se. Pescam, andam, assentam-se, bebem, comem, dormem sobre estas 4 ou 5 travezinhas mal unidas, tão socegadamente e a seo gosto, na apparencia, como nós no meio do luxo do nosso poderoso navio.

Voyage au Brézil, P. 32);—5.ª Porque o estrangeiro forma da sua *jangada* ideia muito diversa da *nossa*: ou é —umas cannas atadas com juncos e flexiveis vergonteas á maneira de uma balsa. (A. Knivet, *Narração da Notavel Viagem no anno de 1591 da Inglaterra ao Mar do Sul, na Rev. do Inst. Hist.*, 1878, P. 227); ou—de 40 pés de comprimento e 25 de largura, mais ou menos, com plataforma e altura de 2 pés acima do nivel do mar, feita em um dia e por um só homem, com acommodações para dezenas de pessoas (J. Verne, *O Chancellor, Diario do Passageiro J. R. Kazallon*, P. 90); ou—feita de taboas embricadas e bem empregnadas de resina a ferver, com portas e janellas, salas de visita e de jantar, quartos, varanda, cosinha, sendo precisos 2 annos para a sua construcção! (J. Verne, *A Jangada*. Parte 1.ª, P. 95);—6.ª Porque a semelhança de um vocabulo com o de outra lingua não pode determinar a identidade de etymologia. A mor parte cahe sobre raizes cuja semelhança se explica, ou pela onomatopéia, ou por outras rasões tiradas da propria natureza da ideia. Ernesto Renan, *Histoire Général des Langues Semetiques*, P. 447. E' assim que, por onomatopéia, a parte das visinhanças de Belém, no Pará, traz por origem *Capira* ou *Karipira* nome de um chefe indigena que alli existio (C. Mendes, *Notas para a Hist. Patr.* cit., P. 86, N. 18.) E' assim tambem que do vocabulo guarani *quiririog*, *quiririó* (*queri-iru-yeô* por *yemô* a que ou com que dorme se deita, B. Caetano, *Vocab.*, P. 438) se fez *leôa*, cobra do litoral á que se attribúem ferocidade e valentia que não passam de fabula: *quiririog* transformou-se em *iririog*, depois em *iririôa*, *ririôa* (já forma bunda), *iriôa*, *riôa* (idem, *r* brando, quasi *l*) *leôa*. A palavra tomou a forma portugueza mudando o *g* em *a* na terminação, e trocando o *r* fraco (como todo *r* tupí ou guarani) pelo *l*. (Vide Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 4, P. 270, N. 1.ª) Leôa na Europa, significando a femêa do leão, será dicção portugueza; mas no Brasil, com o significado de cobra, será de origem guaraní.—Finalmente é ainda assim que, por onomatopéia, e pela propria natureza da ideia, de *jaguar-tyryc* onça de evitar ou de fugir (a preta, a mais terrivel) fize-

ram os portuguezes — *tigre* corruptéla de *tyryc* com quéda do vocabulo primordial *jaguar*; de modo que a onça preta, entre nós, por ser a mais feroz e assemelhar-se ao *tigre* tanto no physico como no nome, ficou sendo conhecida geralmente por *tigre*, animal que não existe no Brasil (E. Liais cit., P. 458). Desta forma a palavra *tigre*, dicção portugueza, applicada a animaes ferozes e parecidos, tem etymologias diversas: como *tigre*, propriamente dito, vem do grego *tigris* (Moraes cit.), como onça preta do *Brasil* vem do tupí *tyryc*. Neste sentido poderia accumular innumeros exemplos, mas bastão estes trez. Assim tambem a palavra *jangada*, dicção portugueza, applicada a barcos com tal ou qual apparencia, tem etymologias diversas: como barcos antiquissimos pode vir de—*janga* e *âda*, como quer Moraes, ou de *jungo* e *âda* como querem Constancio e Faria; como barco cearense, porem, do feitio e prestimo por nós descriptos, vem sem duvida do tupi—*ñan-ig-âra*, de que os portuguezes fizeram, por onomatopéia e pela propria natureza da ideia—*jangada*. D'Asia veio-nos simplesmente a *dicção*, não a *etymologiu*.—E' precisamente o caso:—

Alfana vient d'Equus sans doute;
Mais il faut avouer aussi
Qu'en venant de lá jusqu'ici
Il a bien changé sur la route.

JANGURUÇÚ: lagoa no municipio de Mecejana. *Ety.*:— onça grande, corruptéla de *jaguar* onça, e *uçú* grande.— Ha tambem *Janguruçúsinho*, já traduzido para o portuguez o *mirim*, nome de um corrego no mesmo municipio.

JAPECÂNGA: *(omilax japecânga)*; cipó de espinhos (J. Galeno, *Lyra Cearense* cit., P. 102); cheio de nosinhos. do qual se fazem excellentes chibatinhas de mão. —Cresce tanto que J. Verne o dá, no Pará, com legoas de comprimento! (A *Jangadâ* cit., P. 32).—E' a salsaparrilha do paiz—Barão de Villa Franca, *Note sur les plantes utiles du Brésil*, e Chernoviz, *Formulario* cit.— *Ety.*:—corruptéla de *yuapecang*, *iaupecang* e *ibapecang*

arvore de espinhos ou de púas. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 596—Os indigenas chamavam *Juapecanga*. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, P. 418, Nota 2.ª

JAQUITIRANABÓYA: *(fulgora laternaria)*: insecto semelhante á cigarra, grande, com a cabeça do feitio da de cobra; anda aos pares—E' tão venenosa que affirmam que a sua mordedura é mortal; foge do fumo da roupa queimada—Cunha Mattos, *Corog. Hist. da Provincia de Goyaz*, na *Rev. do Inst.*, T. 38, P. 7. Mas não ha exemplo algum que justifique essa fama de venenosa. (Vide Walppœus cit., P 369 e Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.º, P. 216 e Nota 1.ª)—*Ety.*:—do guarani *ñaquirâ* cigarra e *mboi* cobra; por allusão se diz que a sua mordedura é mortal—Braz Rubim cit., P. 372—Pompêo escreve *Tiranaboia*, Cunha Mattos *Jequitiranaboya*, e outros *Gitiranaboia*; mas a orthographia etymologica é a do texto.

JARACATIÁ *(carica)*: arvore fructifera do mato virgem, tambem chamada *mammão do mato*, *mammão brabo*, *mammota* e *ibiruba*. C. Aulete cit. O leite é de um effeito seguro na cachexia paludosa e obstrucções abdominaes com hydropezia. Barão de Villa Franca, *Note sur les plantes utiles du Brésil*. O fructo é amarello e doce á semelhança de um mammão pequeno oblongo. —Quando maduro é grato ao paladar, e verde serve para doces e outras preparações culinarias. *Rev de Hort.* cit, 1878, P. 228.—O succo emprega-se na opilação. Chernoviz, *Form.* cit.—*Ety.*:—como a arvore é espinhosa nota-se na composição *hatî*, donde *catî*; é nome dado tambem a *Cactus*. B. Caetano, *Vocab.* P. 573—G. Dias, *Dic.*, escreve *jacaratiá*.

JARARÁCA: *(bothrops)*: cobra, acinzentada, com manchas côr de café; muito venenosa—

> Vôa entre outras com forças horrorosas,
> Batendo a agúda cauda a jararáca,
> Com veneno, a quem fere, tão presente,
> Que logo em convulsão morrer se sente.
>
> (DURÃO, *Caramurú*, C. 7, E. 56).

A mordedura mata no fim de 24 horas, si bem que se possa com remedio ás vezes evitar a morte. Anchiêta, *Carta* cit., P. 286.—E' antidoto o entrecasco do angelim, tomado internamente e applicado á mordedura; e já li em um jornal que o era tambem uma pillula grande de limão e mercurio.— Diz J. de Alencar que, sorprendida pelo incendio, arremessa-se furiosa contra o fogo e rompe estortegando-se pelo campo abrasado. *Til.* T. 4, P. 78.—

O fogo despertou as jararácas,
Inimigas do fogo, que dormiam.
Eil-as silvando vem, o fogo investem,
Debatem-se com elle; ora recúam,
Erguem-se inchadas, cahem sobre as fogueiras,
Aquella já salta, e a cauda o chão açoita;
Ora em torno se arrastam té que o extinguem.
Só esparsos carvões e cinzas restam.

(Magalhães, *Conf. dos Tam.* cit., C. 4.°, P. 112).

Ha engano neste juiso. Pelo menos no Ceará a cobra, inimiga do fogo, é a *surucucú* (Vide). A *jararáca* ás vezes chega até ás casas, e não mostra tal aversão ao fogo — Cruza-se com a *surucucú*, pelo que torna se difficil a classificação dos hybridos, que se encontram. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 94 — Ha de 2 especies: a *preguiçosa* (*craspedocephalus brasiliensis*, e da cauda branca (*craspedocephalus lanceolatus*) — *Ety.* :— corruptéla de *yara* agarrar e *roag* envenenar: que envenena a quem agarra, B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 573— Tambem chamada — *mboya-apeti* cobra que fere com o rabo. B. Caetano cit., P. 263 — Habita tanto nos logares seccos como humidos. Walppœus, cit , P. 319.

JARARACUÇÚ : *(lachesis mutus)*: cobra, de um verde negro, comprida, delgada, e muito venenosa. C. Aulete cit. Amiga dos brejos — Seo veneno é terrivel, tanto pela acção rapida, como pela propriedade que tem de volatisar o sangue, e fazel-o sudar pelos póros. Pompêo, *Geog.*, P. 460, e *Ens. Est.* T. 1, P. 214 — Offerece como phenomino predominante de sua mordedura

uma grande tendencia para a grangrena. E. Liais cit., P. 67 — *Ety.* :—*jararáca grande*, de *jararáca*, e *uçú* grande, não por ser maior, mas por ser mais grossa.

JATAÍ (*hymenea martiana*) : arvore bella e frondosa, que destilla uma gomma assucarada—Emprega-se na asthma. Barão de Villa Franca, *Note sur les plantes utiles du Brésil*—O fructo é desagradavel, mas os indios o comem ; com a resina, chamada *jutay-cica*, invernisam a louça, e das cascas fazem suas *ubás*, em que andão embarcados. G. Dias, *Dic.* cit.; assim como dessa resina se servem para allumiar—Chernoviz, *Form.* cit.—*Ety.* : — *jatai*, contracção de—*y—á átâ* arvore do fructo duro. B. Caetano. *Vocab.* cit., P. 584. Nicoláu Moreira, *Indicações Agricolas*, P. 55, e C. Aulete cit., escrevem *jetay*, e G. Dias cit.,—*jutay*, e outros *jatahy* (Vide *Jatobá*)—Ha tambem uma abelha do mesmo nome (*trigona jaty*), menos braba do que a *uruçú* ; gentil e arruivada, abundante em delicioso mel, cujos favos guardam os perfumes das flóres. Taunay, *Céos e Terras do Brasil*, P. 111, e J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 164—*Ety.* :—*iatai (ei—etá—ei* abelha de muito mel). B. Caetano cit., P. 184 e 174—É a mesma *Jaty* — Walppœus cit.. Diz Martius, P. 458. que essa abelha tem este nome, porque é nessa arvore *(Jatai)* que ella faz o mel.

JATOBÁ : (*hymenea bourbazil*, L.); arvore frondosa. A fructa é como uma fava, com um palmo de comprimento, mais ou menos, cheia de farinha ou massa, que se come. Moraes cit. Da casca extráe-se excellente azeite para luz. A resina é preferivel ao angico para molestias pulmonares—*Ety.* :—contracção de *jatahy*, *oba* folha e *á* augmentativo : jatahy de grande copa. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 182 — Ha uma qualidade menor, *Jatobal*, cujo fructo é mais doce—Diz C. Aulete que esta arvore é a mesma *jetaí* ou *jatai*.—*Jatobá* serra e serrote no municipio de S. Quiteria.

JERERAHÚ : lagoa, que deo o nome ao sitio, no municipio de Maranguape, afamado pela excellencia das suas laranjas (Vide *Tipuhú*) — *Ety.* :— lagoa das marrécas. de *jereré* ou *ireré* marréca, e *hú* agua — J. de

Alencar, *Irac.*, P. 184 — Era interessante o ardil com que o indio pegava marrécas nas lagoas : — lançava cabaços nas lagoas até que se avesassem a elles, e depois mettia-se pela agua com um cabaço na cabeça e buracos nos olhos, e chegando á ellas mansamente, as ião mergulhando pelas pernas, e debaixo d'agua lhes torcia a cabeça. Estacio da Silveira cit., P. 26.

JERICOACOARA : enseáda historica entre Acaracú e Granja, onde em 1611 já esteve ancorada a esquadrilha de Jeronymo de Albuquerque, quando este foi expulsar os francezes do Maranhão. Pompêo, *Dic. Top.* cit.—Ahi em 1613 o mesmo Jeronymo de Albuquerque lançou os fundamentos de um povoado, a que chamou *N. Senhora do Rosario.* Macedo, *Liç.* de *Corog.* cit., T. 2, P. 68 — Ahi tambem os hollandezes, aproveitando-se das vantagens de uma posição estrategica, assenhorearam-se do terreno, e levantaram um pequeno forte, cujas ruinas ainda se vê em baixa maré. A. Bizerra, *Folhetim*, na *Constituição*, n.° 36 de 31 de Maio de 1885—*Ety.* :— buraco de aves variadas, de *jeru* ou *ajeru* ave, papagáio, *guá* variada e *coára* buraco. Martius cit., P. 510 ;— enseáda da varzea dos papagáios, de *jerú* papagáio, *çuá* varzea, e *coára*. J. de Alencar, *Irac.* cit., P. 188;—bahia das tartarugas, corruptéla de *jararacoára*. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1, P. 328, Macedo, *Liç.* cit., T. 2, P. 68 e *Hist. do Bras.* P. 49 ;— cabo das tartarugas. Theberge cit., P. 24. É mais tradiccional : buraco das tartarugas, corruptéla de *jurará* tartaruga e *coára*. Estacio da Silveira cit., Lisboa, *Obras*, T. 2, P. 76, C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2, *Pref.*, P. 53, e *Obr.* P. 6, Nota 3 e P. 39, Nota 1.ª, Pompêo, *Ens. Est.*, T. 2, P. 258.

JARITACACA: *(mephitis ulester)*: No *Jornal do Commercio* e no *Diario Official* da Côrte vem publicada a seguinte noticia do Dr. Emmanuel P. Frank sobre este animalsinho, a qual é tão interessante que a transcrevo integralmente :— « Nas minhas viagens pelo interior do Brasil, tive occasião de observar, pela primeira vez nas margens do Amazonas e mais tarde na extremidade opposta do imperio, um curioso animal chamado no norte

Jaritataca ou *Maritataca* e no sul *Zorilho*. Deste animal encontram-se duas especies, desde a Patagonia até as Montanhas Rochosas; uma que se acha no sul é grizalha, a outra tem a côr preta, com uma bella lista branca, que lhe corre ao longo do dorso, e acaba na cauda em forma de bandeira. Esta ultima especie acha-se em quasi todo sertão do Brasil, e é maior que a primeira. O animal de que tratamos, é carnivoro, gosta muito de caçar pintos, que sabe apanhal os muito bem, assim como coêlhos, lançando-lhes á entrada das covas algumas gotas do seo liquido; immediatamente o coêlho corre para fóra afim. de não morrer asphixiado, e a *maritataca* o apanha. As gallinhas cahem do poleiro e servem de pasto á *maritataca*. Quando ella não encontra tão delicados manjares, cava minhócas nas varzeas, servindo-lhe bem as compridas unhas; isto acontece principalmente nas noutes de luar, nas quaes o observador attento poderá vel-as dansando em pé sobre suas patas trazeiras e agarrando-se duas a duas pelas mãos, ao som de um pequeno grito monotono, mas não desagradavel. Parece estranho este facto, e não acreditei nelle sinão depois de tel-o observado. Foi somente por acaso que na ultima viagem, que fiz aos sertões de Minas, estudei mais de perto este animal. A unica defeza que possúe consiste em uma vesicula volumosa, munida de dous canaes, que acabão em outros tantos orificios, collocados de cada lado da cauda. Nesta vesicula segreda um licor amarello, de um cheiro activissimo e tão penetrante, que não ha desinfectante, nem mesmo chloro, que possa fazer desapparecer completamente. A menor particula deste liquido, que o animal pode, por um simples aperto muscular, lançar á grande distancia e com jacto certeiro, espalhado no ar, empesta o por tal sorte que faz fugir todos os viventes, até mesmo o urubú, que não prima pela delicadeza do olphato. Esta unica arma basta-lhe; não foge ella do homem, nem da onça, nem mesmo da jararáca. Este ente é o unico que não respeita a ninguem, e é por todos respeitado: respeito mephitico, entendamos-nos. Tendo morto na caça uma *maritataca*, decidi-me a fazer-lhe a autópsia, o que só consegui com extraordinario esforço

de vontade. Não sahi, porém, incolume da tentativa; uma gota tão somente do conteúdo vesicular, que me cahira na camisa, poz-me em tal estado de desespero, que vi-me obrigado a abandonar toda minha roupa. a sacrificar minha barba e cabellos, para livrar-me do terrivel miasma, que nelles se tinha aninhado. Tudo durante trez semanas, até a agua que bebia, parecia-me inficionada. Notei que o liquido concentrado tinha cheiro muito menos desagradavel do que misturado com agua: espalhando-se, porem, no ambiente, os seos effluvios eram infernaes. Sentindo o cheiro de perto parecia-me que ferrea mão apertava-me a fronte, e teria por certo desmaiado, si assim continuasse. Tão energicas proprieda-des, particulares a todos os antipasmodicos, tanto animaes como vegetaes, taes como almisçar, castorio, assafetida, me fizeram suppór que este liquido teria effeitos anti-pasmodicos, ainda maiores do que todos os outros até hoje conhecidos. Sendo tempos depois consultado por pessoa que soffria terriveis ataques de asthma, aconselhei o uso do repugnante remedio. Bastava guardar algumas gotas em um frasco fechado a esmeril e cheiral-o somente por um instante, quando sentia aproximar-se o ataque para ver-se livre delle. O doente a principio tinha repugnancia; cedeo, porém, depois, por ter ainda mais medo da molestia do que do remedio. Apoz poucas applicações achou-se o doente curado. Os ataques foram-se tornando mais raros, espaçando se cada vez mais até desapparecerem de todo. Cumpre me dizer que se pode extrahir quasi incolume o liquido, empregando-se alguma cautella.»—*Ety.* :—senhor do fedor da ourina, de *yara* senhor, *tick* ourina, e *caca* ou *taca* fedor. J. Luccok cit., P. 5 — Si fór *maritacáca* ou *maritatàca* pode ser—fedor da barriga, de *marica* (alteração da palavra portugueza—barriga pelo indigena. B. Caetano *Rev. Bras.*, T. 4, P. 26) e *caca* ou *taca*.— Luccok escreve *m ritafede*, e dá a *jaratacáca* pelo mesmo *cangambá*, differente da *maritacaca!*—Pompêo (*Ens.* T. 1, P. 211, N. 3) —*jaritacáca*, vulgarmente *maritacáca*. Entre nós o *cangambá* é a mesma *jaritacáca* ou *maritacáca* (Vide).

JUÁ : fructo do *juazeiro*, carnudo, do tamanho de um muricí, porém mais comprido, amarello esbranquiçado, a casca aspera e gosto menos agradavel; é empregada contra a tisica pulmonar—*Ety.*:—*jud* fructo espinhoso e fructo amarello, nome dado ás bagas de diversas solaneas de calice espinhoso e ás mesmas solaneas. B. Caetano. *Vocab.* cit., P. 596 ;—variação de *cui*, modificado em *gui*, *quá*, designação dos indios a todo fructo carnudo. Martius cit., P. 378 ;—fructo amarello, de *yub* amarello e *uá* fructo. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit.; P. 94. É inacceitavel : de *cahâ* herva. Pizarro, *Solamina* cit., P. 77—*Serra* no municipio de Soure, e *riacho* tributario do rio *Cauipe*.

JUAZEIRO *(zizuphus juazeiro*, M.) ; arvore abundante nos terrenos alluviaes argilosos do sertão ; nunca despe a folhagem, e em outubro, no maior rigor da secca, renova a folha, que é um alimento nutritivo para o gado. Seo entrecasco serve para curar chagas. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1, P. 173, Nota 3.ª — Na sêcca de 1825 observou-se um phenomino botanico, que não consta se tenha repetido, ao menos com tanta abundancia. O *joazeiro* distillava das folhas mel em tal quantidade que a gente pobre colhia-o para alimentar-se e vender. Pompêo, *Memoria sobre o Clima e Sêccas do Ceará*, P. 21 — O entrecasco presta-se tambem, como sabão, á lavagem da cabeça, e a cinza á lavagem da roupa —*Ety.* :— arvore do *juá*, de *juá* e a terminação portugueza *eiro*, que significa arvore, posposto ao nome de fructo.— Tambem ha *Juá-mirim*, mais pequeno, abundante nas margens do Jaguaribe — *Juaseiro*, povoação no Crato.

JUBÁIA : riacho e povoação na serra de Maranguape —*Ety.* :— agua saudavel, corruptéla de *ig* por *gi*, *ju*, e *dia* saudavel ; anteposto o *b* por euphonia.

JUCÁ *(lucuma gigantea)*: arvore que fornece boa madeira de construcção. Servem-se do entrecasco, como angico, para toda qualidade de offensas physicas, feridas, contusões, etc., e usam como xarope contra as catharráes agudas e chronicas. Pompêo, *Ens. Est.* cit.,

T. 1, P. 173, Nota 5—Da arvore extrahio-se ultimamente a *jucáina*, xarope com diversas applicações medicinaes, approvado pela Junta de Hygiene da Côrte — O páu é tão rijo que delle servião-se os indios para matarem suas victimas — *Ety.* :— por esta rasão deram-lhe o nome de *jucá* matar. J. de Moraes, *Hist.* da *Comp. de Jesus* cit., Cap. 41 e G. Dias, *Dic.*—Do páu passou o nome ao riacho no termo do *Tauhá*, e tambem á tribu, que occupava as margens desse riacho, muito guerreira, amiga da guerra para ter occasião de matar, donde lhe veio o nome. J. de Alencar, *O Sertanejo* cit., T. 2, P. 187 — Aldêada em 1727 foi depois d'ahi retirada pela destruição que fazia nos gados dos colonos visinhos. Pompêo, *Dic. Top.*— Em 1761 foi reunida ás dos *Cariris* e *Cariús* para povoar a nova villa do Crato. Theberge cit., P. 7. — O logar do antigo aldeamento foi elevado á freguesia por Provisão de 13 de novembro de 1783 e inaugurada a 13 de Março do anno seguinte com a denominação portugueza de *Arneiroz*, que ainda conserva. Araripe cit., P. 4 — (Vide *Inhamuns*).

JUÇÁRA *(euterpe linicaulea)*: palmeira tão rija que della os indios faziam trincheiras mais seguras que as mais bem reguladas fortalezas. Seos espinhos grandes e duros servem de agulhas de fazer meias. *Thesouro Descoberto* cit., P. 350. Tambem significa comichão, coceira, frieira. Martius, P. 59. E' neste sentido que temos este vocabulo— *Ety.* :— em tupí contracção de *iba* arvore e *yukára* que come (que faz comichão). B. Caetano, *Vocab.* P. 597. (Vide *Açahí.*)

JUNDIÁ : peixe de escama semi-ossea, que vive no lodo dos rios e lagos : é dos chamados do *mato* (Vide *Camboatá*). Semelhante ao *acary*. B. Rodrigues, *Rev.* do *Inst.*. cit., P. 84 — *Ety.* :—B. Caetano dá tres : de *ñandi—á* o que brota ou deita azeite (*Vocab.*, P. 313) ; de *hatîcî* hirto, crespo, se fez *ñantiá*, *ñandiá*, *yandiá*, nome dado a peixes barbados, como bagres. (*Idem*, P. 315) ; cabeça de aspiral, por causa das barbas. (*Idem*, P. 597) — Tambem se escreve *Jandiá*, e ha uma especie menor — *Jandiaí*.

JUNDUÍ: aránha pequena, branca e tão venenosa que diz o povo que mata a planta em que faz a teia.

Si a branca junduí agasalhado
Deu acaso á folhinha d'uma atteira,
O seo galho a rejeita.....

(J. GALENO, *Lyra Cearense* cit., P. 100.)

Ety. :— de *ñandú*, *yandú* aranha, e o diminuitivo *i* pequeno. Aranha que faz teia nas casas. B. Caetano, *Vocab.* P. 570 — Tambem escreve-se *Janduí*.

JURÉ: riacho no municipio do Ipú — É tradicção que em suas margens se tem achado boas amethystas e ouro de subido quilate. Pompêo, *Dic. Top.* — Já o governo imperial, por Dec. n.° 3779 de 12 de Janeiro de 1867, concedeo previlegio por 30 annos para a exploração de minas de ouro, chumbo, soda e outros mineraes—*Ety.*:— vazilha de rã, da contracção de *jui* vazilha e *ruré* rã. Martius cit., P. 511.

JURÉMA *(acacia juréma)*: arvore de porte mediano, com a haste principal e ramos de côr escura, tendo em sua superficie rigidos espinhos; flores brancas. Os fructos empencados representam vagens, que tem poucas sementes. Almeida Pinto., *Dic. de Bot. Bras.* cit.— A casca é amarga e muito adstringente; usa-se internamente em decocção contra as dyarrhéas, hemoptises e enterorrhagia; externamente, ainda em decocção e em emplastro contra as ulceras atonicas e putridas, hemorrhagias externas, e para vigorar os tecidos flacidos— *Ens. de Mat. Med.* e *Therap. Bras.*, P. 61—O cozimento em banhos é remedio contra as inchações erysipelatosas. Chernoviz, *Formulario* cit.— As sementes ou mesmo toda planta passam por venenosas, excepto as raizes, que são tidas por contraveneno (Barão de Capanema) — A casca é tonica de natureza estupefaciente. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1.°, P. 173, Nota 2.ª — É tambem nome de uma bebida celebre do indio, tanto pela preparação, como pelos effeitos. Quando os portuguezes aportaram pela primeira vez ao Brasil, o segredo da prepara-

ção da *jurêma* era confiado á uma donzella consagrada a *Tupán*, a qual, como as antigas vestaes da Roma de Numa Pompilio, devia, sob pena de morte, guardar perpetuamente a virgindade. Este costume já forneceo assumpto a um dos mais bellos episodios de Alencar em sua *Iracema*. *Ens. de Mat. Med.* e *Ther. Bras.* cit. — Antes de partirem para a guerra, os indios consultavam os seos *pagés* de um modo original. Embriagavam-se com a *jurêma*. Eram os sacerdotes que presidiam á mysteriosa elaboração desse licor sagrado, que possuia as propriedades do *hatchisch*, inspirava sonhos deliciosos áquelles que o bebiam. Quando acordavam do extasi, os indios ião contar aos *pagés* o que tinhão sonhado, e pela explicação dada desses sonhos é que se decidia a empreza, e o meio de a levar ao cabo. Desta forma, com estes simples oraculos, os sacerdotes selvagens, não menos habeis do que os civilisados, exerciam sempre na tribu um dominio incontestado. P. Chagas, *Virg. Quaraciába*, P. 257 —*Ety.* :— espinho de cheiro agradavel, de *jú* espinho, e *rema* cheiro agradavel. J. de Alencar, *Irac.*, P. 168.

JURITÍ (*peristera frontalis*) : ave, de côr vermelha escura, avinhada ; muito timida, vive nas mattas e se arrecèia de campos abertos. Walppœus cit., P. 330 — Boa caça, mas tão arisca que as que nascem em casa fogem para o mato logo que crescem.—Tem o canto saudoso e triste, celebrado pelos poetas.

A jurití suspira sobre as folhas seccas
Seo canto de saudades ;
Hymno de angustias, fervido lamento,
Um poêma de amor e sentimento,
Um grito de orphandade.

(Casimiro de Abreu, *Primavéras, Juriti*, P. 82.

E geme a jurity nas assomadas.

(F. Varella, *Obr. Compl.*, T. 2, *Narração*, P. 171)

Ety. :— seo nome deriva-se de sua mansidão : *juruce* é affavel. J. Luccok cit., P. 10.; *juriti* nome generico das pompas : apparece *yeruti*, *yuruti*, *yuriti*, etc. B. Caetano, *Vocab.*, P. 589.

JURUBÉBA : arbusto espinhoso. G. Dias, *Dic.* cit. — A fructa é do tamanho e côr do fructo do murici verde ; amarga, mas excellente remedio contra febres intermitentes, ictericias, hepatites chronicas. Chernoviz, *Form.* cit. — É tonico aperiente, muito usado principalmente como desobstruente nas affecções do figado, opilações e hydropezias, usada na infartação de visceras, e é estomachico ; tem ainda propriedades depurativas. As fructas podem ser administradas em conservas ou electuario. Pompêo, *Ens. Est.* cit., T. 1, P. 173, Nota 4, e P. 196 — Ha de muitas especies : *braba* (*solanum bravia*), tambem chamada *jurupetinga* ; *juribeda* ou *jupeda nill* (*solanum paniculatum*), e do *Pará* (*solanum mamosum*). Moraes e C. de Magalhães, seguindo a Velloso, escrevem *urumbeba*, Pompêo —*juripéba* ou *jerovéva*, e o mesmo Chernoviz — *juripéba* ou *jupéba* — *Ety.* :—Esta ultima dicção de Chernoviz faz crer que o vocabulo anda corrompido de *jú* espinho e *péba* chato ; espinho chato, pelo achatamento especial do espinho deste arbusto.

M

MACACHÉIRA : espirito maligno dos caminhos, que sorprendia os viandantes. Magalhães (*Conf.* cit. C. 4.°, P. 113), ou que seguia e acompanhava os guerreiros em suas marchas. (G. Dias, *Bras.* e *Ocean.*, P. 103)— *Ety.* : — corruptéla de *mo-canco-ser* o que gosta de cansar a gente, ou de *mo-can-gy-ser* o que gosta de enfraquecer a gente ou de *mo-cañy-ser* o que gosta de fazer a gente perder-se ou andar erradia (B. Caetano, *Notas aos Indios do Bras.*, P. 99), ou finalmente de *ibagacuera*, contracção de *îb-ibá-gacuera* virado para o céo ; qualificativo em *aipí macachera* provém de outra raiz (B. Caetano, *Vocab.* P. 185—(Vide *Aipim*)—*Ety.* : — vocabulo

portuguez, corruptéla de *cheira-mal!* J. Luccok, P. 27 — R. Southey, T. 1.°, P. 327, seguindo a Philippe Beaver, dá a batata por indigena do continente hespanhol, comquanto cultivada n'Africa e desconhecida nas Indias Occidentaes. Talvez venha da contracção de *mimoî-gàricuera* o que foi embebido d'agua; mandiôca de molho. B. Caetano, *Vocab.* P. 280 — Diz C. Aulete que no Norte do Brasil chama-se o *aipim macuxeza* !

MACAMBÍRA *(encholirïi sp.)*: bromelia, de cujas folhas extrahem-se fios para rede ; ou especie de ananaz bravio. G. Dias, *Dic.* Dá uma batata de que usam em farinha por tempo de fome. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 205, N. 1.ª—*Ety.* : —embira de rede, de *amaca* rede de dormir e *mbira*. Martius, P. 512 (Vide *Inuçú).*

MAÇARANDÚBA *(lucuma procera)*: arvore, produz um fructinho doce, que se come. O leite é bom para molestias do peito. S. de Frias, P. 272 — A madeira é de construcção. — Emprega-se vulgarmente como synonimo de cacête, talvez por ser usado o deste páu. G. Galeno, *Lend. e Canç. Pop.*, P. 411 — *Ety.* : — corruptéla de *mocèn* derramar, *ranhe* logo e *uba* arvore : arvore que distilla um liquido chamado *gutta percha.* Martius, P. 514—Diz Labre, P. 37, N. 2, que ainda não é conhecido o processo para preparar esse liquido.

MACAÚBA *(acrecomia sclerocarpa)*: palmeira espinhosa ; seo fructo é um coquinho, cuja casca cobre uma polpa adherente, amarella e doce, debaixo da qual ha um caroço muito duro, contendo uma amendoa, que se come. O espinho serve para almofada de renda — Do tronco extráhe-se uma fecula muito nutritiva, semelhante ao sagú, e tanto o pericarpo gommoso, como os caroços de consistencia rija, são comestiveis, e fornecem oleos com applicação culinarias. *Rev. de Hort.*, 1879, P. 14—*Ety.* : — arvore de leito pensil, de *amaca* (agora na lingua geral *maquira)* rede de dormir, e *uba* arvore. Martius cit., P. 512 — No norte da Provincia chama-se *macajúba*, e no Rio Grande do Norte — *macaíba.*

MALÓCA : aldêa, tribu, horda. *Ety.* : — corruptéla de *moró* gente, e *óca* casa : casa de gente. J. de Alencar, *Ubir.* P. 171 — Esta palavra ainda não vem nos diccionarios portuguezes, mas encontra-se frequentemente nos chronistas, e é muito usada. Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 4.°, P. 246, nota 1.ª, portanto, não tem rasão para duvidar da origem indigena do vocabulo, só porque no *tupi*, *guaraní*, *cayuá* ou *xocrem* não ha—*l*--letra desconhecida no alphabeto brasilico--Ha innumeros casos de vocabulos tupís em que o — *r* — corrompeu-se em — *l*, — como em *curumí* corrompido em *culumí* — De *malóca* já temos *amalocar* aldêar os indios em *malócas*. Outros escrevem *molóca* mais etymologicamente ; mas a orthographia do texto é a mais corrente (Vide Martius, P. 61, Amazonas, Nota 17, e B. Rodrigues, *Ens. de Scien.* T. 2.° P. 8 e T. 3, P. 10).

MANACÁ *(franciscea uniflora)* : — flôr, e tambem nome que se dá á moça mais bella de uma festa. G. Dias, *Dic.* cit. — É flôr de um arbustinho silvestre conhecido pelo nome de *Flôr da Quaresma*, *Flôr de Santa Maria* ou do *Natal* ; forma touceira. É de duas côres, branca pura ou tinta de rôxo, ou todas de côr rosea purpurina ; tem as pontas redondas e parecem jasmim. Pela belleza de duas côres no mesmo pé, pelo cheiro suave que derrama, podia esta planta ser ornato dos nossos jardins. Almeida Pinto cit. — A raiz é medicinal, e o cozimento produz lethargos. Martius cit., P. 399. — Tonico anti-febril e muito empregado contra a syphilis inveterada, e ultimamente contra o colera-morbus.— Pompêo. *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 176, Nota 1.ª — Planta nativa, muito conhecida em todo o Ceará, cuja raiz empregada, segundo Baêna, pelos indios para produzirem uma sorte de delirio furente, ou mesmo loucura persistente, é usada quasi como especifico contra o rheumatismo arteçular. Em alta dose produz escurecimento da vista, confusão de ideias, delirio inconstante, tremores, opéra como emeto-cathartico, e em doses refractas determina abatimento, sentimento de frio ou frescura. É na minha opinião optimo succedaneo da digitalis ou da de-

daleira: e já hei-o empregado com vantagem em hypertrophias e outras lesões do coração. Passa por contraveneno, e chama-se *mercurio dos pobres* nos sertões do nosso imperio — Pompêo cit., P. 181—*Ety.* :—abreviatura de *maneaqua* ramalhete cheiroso,feixe cheiroso, nome dado a diversas flôres odôras. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 217.

MANDACARÚ : é o mesmo *jamacarú* (Vide).

MANDAPUÇÁ *(mouriria puçá)* : arvore fructifera do mato virgem ; vegeta de preferencia nos taboleiros ; o fructo amarello, do tamanho de uma pitomba, com caroços, terminando por uma especie de corôa, come-se, e é de um doce agradavel a polpa que cobre os caroços — *Ety.* : — *manda*,. feixe, rolo, amarrado, e *uá* fructo, interposto um — p por euphonia ; fructo de feixe, allusão á disposição engenhosa dos caróços — Moraes escreve — *manpúsa*, Faria como no texto e tambem *madapuçá*, J. Luccok, P. 19 —*mandapussá*, e C. Aulete *mandapusa*.

MANDIÓCA *(jatropha manihot)* : planta pequena ; a raiz, formada de grandes tuberculos carnudos e ováes, dá a fecula alimenticia chamada *farinha*. É a mais importante riqueza vegetal da nossa terra; é mais necessaria e occupa um logar mais importante na alimentação do nosso povo do que a batata na Inglaterra — Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 208, Nota 1.ª — Si Céres mereceo um logar na mythologia da Grecia, com maior rasão se devia esperar a deificação de quem ensinou aos seos irmãos o uso da mandióca. Esta raiz comida crúa ou de qualquer modo que não se lhe extráia o succo que tem, é veneno lethal ; ora, difficilmente se concebe como selvagens poderam jámais descobrir que d'aqui se prepara um alimento sadío. R. Southey,Hist. cit., T. 1°, P. 325. D'ahi a lenda de S. Thomé, e a apotheóse dos poétas —

Foi Sumé ou Thomé, como é mais certo,
Que era branco e trazia longas barbas,

Quem mostrou aos tupís como extrahindo
Da mandióca o succo venenoso
Se fabrica a farinha e a tapióca.
(MAGALHÃES, *Conf. dos Tam.*, C. 5, P. 145).

É sustento commum, raiz presada,
Donde se extrahe com arte util farinha,
Que saudavel ao corpo, ao gosto agrada,
E por delicia dos Brazis se tinha.
Depois que em bolandeiras foi ralada,
No *Tapeti* se espreme e se convinha,
Fazem então a *puba* e a tapióca,
Que é todo o mimo e a flôr da mandióca.
(DURÃO, *Caramurú*, C. 7, E. 28).

A mandióca que Thomé Sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta:
Que sempre o que é feliz se difficulta.
E parece que a terra d'amorosa
Se abraça com o seo fruito deleitosa;
Della se faz com tanta actividade
A farinha que em facil brevidade
No mesmo dia sem trabalho muito
Se arranca, se desfaz, se coze o fruito;
Della se faz tambem com mais cuidado
O beijú regalado
Que feito tenro por curioso amigo
Grande vantagem leva ao pão de trigo.
(BOTELHO DE OLIVEIRA, *A Ilha da Maré.)*

C. Mag. cit., P. 133 e *Rev. do Inst. Hist.*, T. 36, P. 499, refere outra lenda, do *Mandi*, em Santarem, no Pará. Quando faltava mandióca, os indios recorriam a *uru-ouri-iba*, especie de palmeira, cuja madeira rachada socada e pulverisada, dava uma sorte de farinha, que se chamava de *pàu* nome, que restrictamente significativo no seo emprego originario, se applica agora com menos propriedade á farinha da mandióca. R. Southey cit., P. 328 — Segundo Macgraf, *Hist.* cit., P. 123, ha 23 qualidades de mandióca; e, segundo o *Imp. do Bras.*

na Exp. de Vien.. 1873, P. 181, ha 30 — *Ely.* : — Não é facil de explicar a etymologia desta dicção, que se acha modificada em outras linguas. Que é do *abñeenga* não resta duvida, mas o notavel é que, sendo um dos vocabulos mais espalhados e usados, não vem no geral dos *Vocabularios* e no *Dic. Port. e Bras.*, por exemplo, trata-se de *typyrati*, *nypuba*, *carina*, farinhas de *mandióca*, mas a menor referencia a esse nome, que dá-se como se fosse portuguez ou de outra procedencia. B. Caetano, *Vocab.* cit. P. 217. O seo nome ou é corruptéla de *mbaîhog* folhas da arvore do Céo, *ybaî* arvore do Céo, e *hog* folhas, allusão a Sumé, applicado depois á raiz. (*Vocab.* cit., P. 217 e 227); ou, independente de lendas e com simplicidade grande, pode-se suppôr que de *mitynog* desenterrado vem *mindiog* ou *mandiog* e até *ibamindiog* contracto e significando fructo desenterrado. A contracção ou elisão das iniciaes é facto certo ; falta mostrar a lei della. (*Vocab.* cit. P. 270)--Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 1.°, P. 591, diz que vem de *mandioc.* Em algumas partes do Rio de Janeiro chama-se *mandiócas* aos que nós chamamos *matutos*. Sylvio Romero, *Contos Populares*, T. 1.°, *Introd.*, P. 23.

MANGÁBA (*harconia sp.*) : fructo agreste dá *mangabeira*, maior do que a *cajá*, de côr verde amarellada quando maduro. com pintas pardas e gosto saboroso. Na sua *Ilha da Maré* Botelho de Oliveira cantou o com propriedade : —

A mangava mimosa,
Salpicada de tinta por formosa,
Tem o cheiro famoso ;
Como se fôra almiscar oloroso ;
Produz-se no mato
Sem querer da cultura o duro trato,
Que como em si toda bondade apura.
Não quer dever aos homens a cultura.
Oh que galharda fructa e soberana
Sem ter industria humana !
E se José as tirára dos pomares
Por ambrozia as pozéra entre os manjares !

Dá excellente doce e aguardente muito apreciados. Diz Walppœus, P. 249, que posta em conserva chega até os mercados da Europa. De manhã em jejúm, comida em demasia, embebeda. A arvore *(mangabeira)* vegeta de preferencia nos logares arenosos, como taboleiros; e o logar onde cresce chama-se *mangabal*. Martius, P. 536 — Notou o botanico Ferreira que o seo leite tem a propriedade e prestimo da gomma elastica. G. Dias, *Dic.* Mas é de qualidade inferior e de mais difficil extracção do que o da *maniçoba*—*Ety.*:—do guarani *mangá* mangaba—Braz Rubim cit., P. 374;—do part. *mang*, *mangab* logar, tempo, modo de atar, amarrar, enfeixar. E' fructo cujo leite fornece borracha. B. Caetano, *Vocab.*, P. 217.

MANGARÁ: a tubera de que nascem certas plantas: o *mangará* da bananeira. C. Aulete. Entre nós é o caixo da bananeira ainda em embryão, ou como diz G. Dias, *Dic.*, é a batata da bananeira.—*Ety.*:—de *ibá carú* fructo redondo, ou fructo cascudo; nome dado a diversos caladium, Begonias. B. Caetano, *Vocab.*, P. 217.

MANGERIÓBA *(cacia occidentalis)*: arbusto medicinal, de cujas sementes a pobreza serve-se como de café. A raiz dá tinta; e diz Pompêo que é usada em bebida como ante-febril, e a folha para banhos, e tambem como emplastro sobre os engorgitamentos visceraes, e as sementes torradas como café para as pessoas que soffrem pobreza de sangue. *Ens. Est.*, T. 1.º, P. 172, Nota 3.ª—*Ety.*:—*mang*, feixe, *ri* muitas vezes, *oba* fructo: fructo muito enfeixado, allusão á sua vagem comprida e toda disposta em caroços.

MANIÇÓBA *(jatropha sp.)*: arbusto de 2 a 4 metros, lactifero e de caule nodoso. Sangra quando ferido. Os grêlos tenros come-se em guizados. O liquido da folha, fervido e fermentado, pode reduzir-se a vinagre, ou ficar bastante coalhado e doce para servir de mel. R. Southey, Hist. cit., T. 1.º, P. 236 — O arbusto produz uma batata semelhante á *mandióca*, que dá uma gomma usada nos tempos de fome. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.º, P. 204, Nota 3.ª — *Ety.*: — folha da mandióca, G. Dias, *Dic.*

Prefiro: rosto, semelhança ou feição da mandióca, de *manioc* mandióca e *çoba* rosto, semelhança. Araripe Junior, *Jacina A Marabá*, P. 313— A *maniçoba* é tão parecida com a folha da mandióca que illude; e, como a desta embebéda o animal que a come; é preciso cuidado para não confundil-as.— Ha tambem a *maniçobinha*, maniva braba, cujas raizes, tuberosas e interior formado de uma substancia compacta, frouxa, aquosa, não dão fecula. No tempo de carestia o povo serve-se da massa para fazer farinha. Almeida Pinto cit.

MANIPÉBA: a mais notavel especie de mandióca; pode conservar-se 3 e mais annos na terra sem alterar-se e cresce tanto que um só pé dá uma carga de batatas. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 208, N. 1.°—*Lty.* :—mandióca fina, de *mani* mandióca e *pèba* chata e, por extensão, pequena, fina, allusão ás folhas, differentes das da mandióca.

MANIPUÉIRA: agua que distilla a mandióca ralada e exprimida, á que tambem se chama *tucupim*. G. Dias, *Dic.* Essa agua ou succo é um veneno violento, contém acido prussico em abundancia. Chernoviz, *Formulario*, verbo *Tapióca* — Os colonos por tel-o como nocivo costumavam a principio expremer a mandióca em lojas e logares subterraneos, onde menos probabilidade houvesse de algum accidente. R. Southey, *Hist.* cit., T. 1.° P. 326 — Das experiencias do Dr. Ferain, feitas em Cayena e lidas em 1761 na Academia das Sciencias de Berlin, resultou conhecer-se que a distillação priva a esse succo das suas propriedades venenosas, e que é nas primeiras onças do liquido distillado que o veneno parece achar-se. De 50 libras de succo distillado extrahio elle 5 onças de um liquido extremamente venenoso. Foram dadas 35 gotas desse liquido a um escravo envenenador, condemnado á morte, o qual succumbio de violentas contorsões, dando gritos horrorosos. O Padre Simão de Vasconcellos cit. diz que o succo do ananaz é antidoto; e Pison (*Medicina Bras.*, L. 1°, Cap. 2°, P. 19) que a manipuéira o é ás ophtalmias — Uma cataplasma da mandióca com esse succo era reputado excellente remedio para aposthemas; igualmente se administrava

contra lombrigas, ás feridas antigas para comer-lhes a carne chagada, para limpar o ferro, e como antidoto incomparavel a certos venenos e a mordeduras de cobras. R. Southey cit —Entre nós usa-se com grande proveito do café amargo como antidoto ao veneno da manipuéira na gente — *Ety.* :— de *mani* manidióca, com o preterito *puer* que foi : a agua que se expreme da massa da mandióca ralada para fazer farinha : o pó que assenta dessa agua é a gomma, a *manipuéira* é veneno para bois e porcos. Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 8.°, P. 121 —Sylvio Romero, *Contos* cit., T. 1.°, P. 47, Nota, escreve *manipeira* (!) caldo da *mandióca* depois de extrahida delle a *tapióca* ou povilho.

MANÍVA : pé da mandióca. G. Dias, *Dic.*— Entre nós é mais propriamente o pedaço do páu da mandióca, que se enterra nos matumbos ou covas para nascer ; ou, depois de sêcco ao sol e batido ou esmagado para alimentar animaes. — *Ety.* :— páu da mandióca, de *mani* mandióca, e *iba* páu. De *maniva* já se fez o verbo popular *desmanivar*, que quer dizer — decidir a questão. Araripe Junior, *Luizinha*, P. 244.

MAPINGUÍNHO : qualidade de fumo apreciado e procurado no nosso mercado—*Ety.* :—De *Baependy*, em Minas, era importado esse fumo que, pela sua boa qualidade em relação ao nosso (Vide *Acaràpe*) teve grande procura, e começou de chamar-se, para distinguirem do outro, *fumo* de *Baependy*. Com a tendencia do povo a abreviar os nomes, passou-se a chamal-o simplesmente *baependy*, depois *baependim*. Já na lei do orçamento provincial n.° 570 de 11 de Dezembro de 1851, art. 11, encontra-se corrompido em *mapendim* ; e por ultimo como no texto, já inteiramente aportuguezado—*Baependy* é vocabulo tupí, com diversas significações : ou —qual é tua cousa ? Que queres tu ? de *mbâe* cousa, *pe* interrogativo, e *ndè* tua. Martius cit., P. 492 ;— ou — quem és tu ? de *abà - pé—ndè*. G. Dias, *Dic.*, verbo Pê ; ou finalmente—máu caminho. de *mbàe* cousa ruim, *ndy* preposição com, em companhia, e *pe* caminho. Freire Allemão cit., P, 353.

MAPIRÚNGA *(eugenia tinctoria)*: fructa silvestre, pequenina, muito pretinha e doce—*Ety.*:—fructa prèta, corruptéla de *uá* fructa e *pixuna* preta — Outros escrevem *mapurunga*.

MARACÁ : instrumento das solemnidades religiosas dos indios, privativo dos *pagés*, emblema symbolico da divindade. Vinha a ser uma cabaça de cuia, cheia de pedrinhas, enfiada em um cabo de páu e corôada de pennas de *guarás* : quando a moviam ou achocalhavam fazia um ruido como o das matracas das egrejas, que até no nome se lhe parece. Varnhagen, cit., T. 1.°, P. 113—Devia semelhar aos sceptros dos antigos truões, Os *pagés* tocavam-no para annunciar qualquer solemnidade, e enchiam no de fumo de tabaco, que sahia depois pelos orificios, que representavam os olhos e as orelhas, quando queriam dar os seos oraculos. P. Chagas cit., P. 254—Entre os *tapuios* uma tribu poderosa tomava o nome de *maracá*, e devia ser sem duvida a nação sagrada. Fernão Diniz, *Os Indios* — Do ruido do *maracà* veio o chamarem tambem a cascavel — *maracà-bóia*, ou simplesmente *maracá* cobra de maracá, pelo chocalho que tem na cauda. Por ampliação do sentido directo dá-se este nome ao chocalho feito de lata e cheio de pedrinhas, que serve ás crianças de brinquedo. G. Dias, *Dic.*--Neste sentido é vocabulo e objecto de grande uso entre nós — *Ety.*:—era todo instrumento de corda ; de sopro era *mimby*. B. Caetano, *Ens. de Scien.* T. 2, P. 119 — ; de *marâ* o que ha ou haverá, o como será, e *cá* marcar. B. Caetano, *Vocab.* P. 228.

MARACAJÁ: gato pintado como onça, grande e feroz: dá-se no Malabar e no Brasil ; do couro fazem sapatos— *Ety.* : — o que grita como maracá, de *maracá*, e *já* ou *yá*, um dos tempos do verbo *aé* dizer, fallar— Tambem é conhecido no tupí pelo nome de *jaguarandi*, corruptéla de *jagua-ro-ndi* : *jaguá* que envesga os olhos, sendo *ndi* uma particula que se ajunta para indicar uma acção habitual, e *re*, significando envesgar os olhos, pelo habito deste animal de contrahir as pupillas. E. Liais cit., P. 463 e 465 ;—gaiteiro, frauteiro, e tambem

nome de gato brabo. B. Caetano, *Ens. de Scien.* cit., T. 2.°, P. 119—Tambem é conhecido por—gato do mato (G.. Dias, *Dic.)*; ou — gato brabo (Varnhagen, P. 101 e 254).

MARACANÁN (*conurus*): ave, maior que a jandáia; cabeça cinzenta, corpo verde, pés negros e olhos vermelhos. — G. Cias, *Dic.*, diz que é papagáio amarello! Então não é a nossa—*Ety.*:—o que imita o maracá, de *mbaracú* e nã semelhante, pela vozeria dessas aves; ou contracção de *paracúu anâ* papagáios colligados, conjunctos, porque andam sempre em bando. B. Caetano, *Vocab.*, P. 220—C. Aulete escreve *maracanhà!*

MARACANAHÚ: lagôa no caminho de Baturité, pela Estrada de Ferro. Estação, ponto de bifurcação para Maranguape—*Ety.*:—agua da maracanã, de *maracandn* e *hú* agua.

MARACUJÁ (*passiflora maliformis*, e *tacsonia sanguinea*, Juss.): fructo conhecido. G. Dias, *Dic.* — Frei Durão, porém, no seo *Caramurú*, C. 7.°, E. 37 a 40, cantou-o de modo singular: —

Nem tu me esquecerás, flôr admirada,
Em quem não sei, se a graça, se a natura
Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
Uma formosa e natural pintura:
Pende com pomos mil sobre a latada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago fresco, doce e rubicundo,
Que o sangue indica que, salvara o mundo

Com densa copia a folha se derrama,
Que muito á vulgar Era é parecida,
Entre-sachando pela verde rama
Mil quadros da Paixão do Author da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulsos da graça, que a comida,
A pintar sobre a flôr aos nossos olhos
A cruz de Christo, as chagas e os abrolhos.

E' na fórma redonda, qual diadéma,
De pontas, como espinhos, rodeada,
A columna no meio, e um claro emblema
Das chagas santas e da cruz sagrada:
Vêem-se os trez cravos e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr é branca, mas de um rôxo exangue,
Salpicada recortada o pio sangue.

Prodigio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mysterio se retrata!
Onde em meio das trevas a fé brilha
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana especie, Deos piedoso trata,
E faz que quando a graça em si despreza,
Lhe prégue co' esta flôr a natureza.

As raizes são narcoticas, anti-histericas e sedativas. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 182.—Ha de diversas qualidades: *maracujá-açú*, de garapa, de cobra, *peróba*, de coruja, de estalo, de moxila, de mamão, da matta, e *maracujá-mirim* ou de garapa, o melhor de todos, a que se refere Durão cit., e Botelho de Oliveira na sua *Ilha da Maré*:

O maracujá tambem gostoso e frio
Entre as fruitas merece nome e brio;
Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado,
E' bello cordeal, e como é molle
Qual suave manjar todo se engolle.

Por isto tambem é vulgarmente conhecido por *maracujá-suspiro*, denominação poética e natural, porque como que se o engole em um suspiro! *Ely.*: — *Le fruit de la passiflore*. S. Anna Nery cit., P. 151; — a flôr da paixão e seo fructo, de *maracá* o Deos Penate, que era feito da casca deste fructo. J. Luccok, cit., P. 24; — corruptéla de *maracá-cui-iba* arvore do fructo maracá

(*crepitaculum magicum referens*) Martius cit., P. 400— Preferivel : — fructo que faz vaso, que dá vasilha, corruptéla de *mborucujá*. B. Caetano, *Vocab.* P. 255 —

MARAJAITÍBA : ribeira do rio *Ceará*, em cuja margem esquerda os hollandezes fundaram o Forte de cinco pontas, chamado *Schoonemborch* Varnhagen, *Hist. cit.*, T. 1.°, P. 401 — Segundo J. Brigido, *Res. Chron.* cit., P. 13, é o riacho *Pajehú*, antigo *Ipojuca* ou Telha, que atravessa a Capital. Inclino-me á opinião de C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, *Introd.*, P. 71, que pensa que o rio em que os hollandezes projectaram estabelecer esse Forte não é a pequena ribeira do Ceará, mas outro rio mais ao sul, talvez o *Jaguaribe*, em cuja foz tambem os portuguezes tiveram um Forte chamado *S. Lourenço* ; sendo para notar, acrescenta, que *Jaguaribe* quer dizer rio de *onça*, e entre este e o *Apody* havia pelo litoral um logar chamado habitação de onças, equivalente de *Marajaitiba* —Ora basta a significação da palavra para mostrar a improcedencia de Varnhagen e J. Brigido ; pois, sem um monumento litterario de mór valia, não é crivel que se désse esse nome á ribeira do *Ceará* ou á do *Pajehú*, que não consta que em tempo algum fossem frequentadas de onças, e por tanto podessem merecer semelhante nome.

MARANGUÁPE : serra, rio, cidade e comarca a 3 legoas da Capital por um ramal da Estrada de Ferro de Baturité—Por C. R. de 24 de Outubro de 1752 o capitão-mór Luiz Quaresma Dourado obteve permissão para explorar livremente minas de prata nessa serra, descobertas por elle e dous filhos (Vide *Itaréma*)— *Ety.* : — arvore que de nenhuma maneira se come, de *mara* arvore, *angai* de nenhuma maneira, e *guabe* comer. Martius cit., P. 514 ;—talvez guerreiro, sabedor da guerra, abreviatura de *moramonhang* fazer guerra, ou o substantivo simples guerrear, de que se fez o verbo composto, e *coaub* sabedor. J. de Alencar, *Irac.*, P. 183 — Em datas de antigas sesmarias encontra-se escripto *Maraguaba*, de que *Maranguape* já deve ser corruptéla, e que significa — arvore de comer, ou de fructo que se

come; de *mara* arvore e *guabe* comer — Penso que é esta a verdadeira etymologia — Ha tambem o rio *Maranguapinho*, já traduzido o *mirim*, e é braço do *Ceará*.

MARITACÁCA: o mesmo que *Jaritacáca* (Vide).

MECEJÁNA: villa a 2 legoas da Capital—J. Alencar, *Irac.*, P. 186, o dá por nome tupí, e o decompõe: o que fez abandonar ou foi occasião ou logar de abandonar; de *cejar* abandonar, a desinencia *ana* indicativa da pessoa que exercita a significação do verbo, e a particula *mo* do verbo *monhang* fazer. Mas não tenho duvida em ser o nome portuguez; e a razão de decidir é simples e evidente. Por C. R. de 6 de Maio de 1758 mandou o Marquez de Pombal elevar a villas as aldêas dos jesuitas, que contassem mais de 50 fogos, com denominações de logares de Portugal. Entre outras foi a aldêa *Paupina* elevada á villa pelo Ouvidor geral de Pernambuco, Bernardo Coelho da Gama Passos, no dia 1° de Janeiro de 1760 com o titulo de *Villa Nova Real de Mecejana d'America*. Só pelo titulo vê-se que o nome é de Portugal; e nem é crivel que no Brazil houvesse quem, sem interesse algum, contrariasse uma ordem positiva do poderoso ministro. O mesmo J. de Alencar escreve *Mocejana*, como Barba Alardo cit., P. 263; mas C. Mendes, *Memorias cit.*, *T. 2.°*, *Pref.*, P. 16, Nota 3, diz que é erro não escrever *Messejana*. Entretanto a orthographia do texto é a mais corrente e já é official — E' tambem lagôa á entrada da villa, celebre pela salubridade de suas aguas.

MERUÓCA: serra, freguezia e villa—As proverbiaes uberdade do solo e amenidade do clima já foram decantadas, em prosa pelo Dr. João Ribeiro no seo romance *Carlos*, P. 9, e em verso pelo conselheiro Bandeira de Mello na sua poézia *Lembrança da Patria*:

Quam doce é contemplar no ethereo assento,
De cór de opála, a matutina nuvem,
Quando sobre a neblina branqueando,
Qual niveo chamalote desdobrado,
Da Meruóca oscilla ao pé da encosta,
E como que se abraça ao seo rochedo!

Ou quando pelos céos, ao puro sopro
Da viração, correndo em destilada,
Graciosa reflecte as varias formas
Nos liquidos christaes, ou fundos póços,
Nunca exhauridos pela mão fervente
De longo estio que os sertões abrasa!

— *Ety.* : — casa de mosca, de *merú*, mosca, e *óca* casa. Martius cit., P. 515, e J. de Alencar, *Irac.* cit , P. 180.

MINGÁU: das sementes do algodão *(mundy)* os indios faziam o *mingáu*, nome que tambem adoptámos, applicando-o a papas feitas de outras feculas. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°. P. 486 — *Ety.*: — de *mîgáu* com a mesma significação. J. Verissimo cit., P. 45 — O Padre Luiz Figueira, na sua *Arte de Grammatica* cit., P. 80, escreve *mingaú*, e traduz tambem por papas ralas. E' o part. do verbo *cau*, *mingab* esmigalhada, papas, sopa. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 280.

MINHÓCA: verme vulgar, que vive debaixo das pedras em logares que lentejam, ou em buracos na terra. —*Ety.* : — de *miñóg*, part. de *og* tirado, extrahido, arrancado—B. Caetano, *Vocab.*, P. 270. —

MIRÍM: rio ao sul da cidade do Acaracú, E' o Aracatí-mirim, mais conhecido por *Mirim* — *Ety.* : — pequeno, pouco — G. Dias, *Dic.* — E' o diminutivo mais commum dos indigenas. C. de Magalhães cit., P 7.

MOÁMBA : palavra que appareceo entre os retirantes no periodo da ultima sêcca, de 1877 a 1879, e generalisou-se extraordinariamente com a significação de velhacada, furto, esperteza — *Ety.*: — Em Ives e Capello, *Viagens de Benguella á terra de Iáca*, T. 1.°, P. 11 e 69, encontra-se a estampa de uma especie de cesta comprida, usada n'Africa pelos naturaes para as suas viagens, como a nossa *maca*, chamada *Mu-homba*. Mas não é neste sentido innocente que se deve tomar o vocabulo do uso cearense — Sua etymologia vem do verbo *moang*, que faz no partecipio *moâ-hab* o que faz *sombra*, o que resguarda, o que apprehende. O mesmo verbo encontra-se com a significação apropriada na *Rel. da Miss.*

do Padre Vieira, Cap. 13: Igreja de *moanga Igreja falsa*, *morandubas dos Abarés* patranhas dos Padres. *Morandubas* tambem vem do mesmo verbo *moang*, de que *moâ-hab* é uma variação, corrompida facilmente em *moamba*, como no texto.--Em Martius, P. 65, *móanga* tambem significa fingimento.

MOÇAMBÉ: arbusto da familia das capparidéas — Habita os logares frescos do sertão: emprega-se o cozimento da raiz nas catharráes, tosses, tisica e febres intermittentes. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 175, N. 4 —O banho da mesma raiz é muito diurético — *Ety.*: — corruptéla de *pó* raiz e *çaimbé* arranhadora, allusão a pequenos espinhos que tem o arbusto nas folhas e galhos.

MOCÓ *(cavia rupestres)*: animalejo menor do que a cotía, mas como esta bôa caça — Quando está parado põe-se sempre de cócoras, donde veio-lhe o appellido popular de—*mané de cócras* — *Ety.*: — abreviatura de *mocoí* dous, porque este animalejo anda aos casaes. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 99 — *Páu de mocó*: arvore que cresce entre as pedras e nunca perde a folhagem que, principalmente pela sêcca, é sempre d'um verde escuro: dá tuberculos; seus ramos queimados produzem uma fumaça que céga a quem se expõe á sua acção. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 177, N.° 2 — Da raiz extrahe-se gomma alva, de que alimenta-se a pobreza nos máos tempos; e da fructa tira-se uma lã, macía, que serve para travesseiros—Veio-lhe o nome da predilecção que tem o *mocó* á esta arvore — Chama-se tambem *mocó* o pequeno surrão da pelle felpuda do coélho, com a fórma mais ou menos do animalejo.

MOCORORÓ: succo do cajú fermentado. No Maranhão é aloá de arroz. G. Dias, *Dic.*, Excellente depurativo — *Ety.*: — talvez onomatopaica, da fervura do liquido em certo gráu.

MOCOTÓ: arteculação—*Ety.*: —corruptéla de *mbcoçog* fazer jogar, fazer oscillar, fazer mover. Termo vulgar. B. Caetano, *Vocab.*, P. 245—E' tambem sapo gran-

de, preto dos lados, do qual se conta que engole brazas. G. Dias, *Dic.* cit.

MOÇÚ : peixe semelhante á lampreia. G. Dias, *Dic.* E' morêa muito pequena, habita nos riachos, mais habitualmente na lama e lócas ; lisa, de couro, amarello pardo. Chamam-na peixe-cobra, por ser parecida com a cobra. Labre, *Noticia do Rio Purús*, P. 36, N. 13— E' coberta de um musgo ou lodo, que a torna escorregadia a ponto de não se poder pégal-a á mão ; donde chamar-se *moçú* o que nos escorréga das mãos: Escorregou como um *moçu—Ety.* :—de *mboçú (ibá-hú)* que come o fructo de arvore. Tambem nome de uma cobra. B. Caetano, *Vocab.* P. 263 — *O mussúm que simula atra serpente* — P. Alegre, *Colombo*, T. 2.°, C. 29, P. 254 — G. Dias escreve *mussúm* ; mas a orthographia do texto é a de B. Caetano.

MOMBÚCA (*trigona mombuca*) : especie de abelha pardacenta, que fabrica grande quantidade de mel. A cêra é medicinal e o *cerol* muito procurado pelos sapateiros para encerar a linha.—Ha de duas qualidades : *açú* e *mirím*. Martius, P. 461 —*Ety.* :—gerundio de *mombug* furando—Martius, *Vocab.* P. 284—Nicoláu Moreira cit., escreve *mambuca* e Martius, P. 463, tanto desta forma como da do texto.

MONDÉ : metter, recolher : tronco, prisão : armadilha para apanhar animaes — G. Dias, *Dic.* Armadilha *para apanhar* caça, laço, fojo, trapeira, alçapão. Vulgo *mundéu* ou *mundéo*. B. Caetano, *Vocab.*, P. 297—*Ety.* : — De *mudê* com a mesma significação e sem corrupção. J. Verissimo cit., P. 46—Não será corrupção de *pó* mão e *hé* prender : agarrar pela ou com a mão ? (Vide B. Caetano cit., P. 146, verbo *Gundé.*)

Aqui tens a gente de Hanigagia
Que a ema venceu, e o lepido veado !
Ingenhosa e guerreira em seos folguedos
Prima a graça e destreza a par do invento :
Foi ella quem primeira ao papagáio
Ensinou a cantar, e a jacutinga
No *mondé* recolheo com outras aves !

(P. Alegre, *Colombo*, T. 2.°, C. 27, P. 228.) Martius, P. 69, e G. Dias escreve *mondé*, que é mais usual. (Vide *Arapuca*.)

MOQUÉCA: guizado de peixes miúdos, cozinhados de mistura com farinha de mandióca, e assados na braza em folhas de bananeira — *Ety.*:— Será termo guaraní, tupí ou africano? Calam-se os lexicos. Macedo Soares, *Rev. Bras.* T. 4.°, P. 265. Vem de *mokéca* ou *pokéca* embrulho—G. Dias, *Dic.* De *poquê*, *mboquê* embrulhar. J. Verissimo cit. P. 45—Estar de *moquéca* é estar de pé dormente, sem se importar de cousa alguma. G. Dias, *Dic.* cit.

MOQUÉM: simplesmente o assado envolto em folhas e feito sobre a braza. J. de Alencar, *Ubir.*, P. 201. A maneira por que os indigenas conservavam a caça para não apodrecer, quando andavam de viagem. Nas cabanas a tinhão no fumeiro. J. de Alencar, *Irac.*, P 172—*Ety.*:—corruptéla de *mocúen* assar na labereda. G. Dias, *Dic.*, Martius cit, P. 516—De *mokãe* seccar, enxugar, tostar. J. Verissimo cit., P. 45—De *moquêm* já temos os verbos do nosso uso *moqueur* e *amoquecar*. (J. de Alencar, *Ubir.* cit); assim como *amoquecar-se* por encolher-se, embrulhar se.

MORORÓ: especie de cipó (Martius, P. 401); mas entre nós é páu liso, muito forte e duradouro, escolhido por isso para curráes e cercas. A folha, grande e macia, presta-se muito, quer secca quer verde, á alimentação do gado—*Ety.*:—*moro* nutrir, alimentar, e *rô* produzir: arvore que serve de alimentação, allusão ás folhas.

MUCÁMBA: criada que ajuda á ama nos mysteres domesticos—*Ety.*:—derivado do *abanheenga mukumby* a que mostra a mama, a que dá leite, significando *ultrix*, *nutrix* e posteriormente *ministra*. No sentido de *ministra* na Bahia usam de *mumbanda* em vez de *mucama*; e *mumbanda* vem de *mo-ubâ quæ vestit*, *quæ vestem induit*. B. Caetano, *Ens* de *Scien.*, T. 2.°, P. 140—Entre nós ouve-se antes *mucumu*, que já vem em Moraes, Aulete e outros.

MUCÍCA : açoite que o pescador dá com a linha quando o peixe morde a isca. G. Dias, *Dic.*, — *Ety.* :— *muziki*, *muziki*, *muciqui*, *mussiquì*, *muziqui* — *motus hamatoris in virgam dum piscem sentiat hamum cepisse*, Martius, P. 464— E' vocabulo de uso frequente na pescaria.

MUCUÍM (*especie microscopica do genero trombidium*) : mosquito pequeno. Polvora — G Dias, *Dic.*— Insecto minimo rubro, cuja mordedura na pelle faz molestissima dór. Debella-se com aguardente. S. de Frias cit., P. 227—*Ety.*:—do guaraní *picuii*. Braz Rubim cit., P. 375 :—de *mo* em *coom* arder e *i* pequeno Martius cit., P. 463 ;—alteração de *mocuû*, *mocoô* fazer arder, pungir, queimar. Mosquito. B. Caetano, *Vocab.* cit , P. 270.

MUCUNÃ : trepadeira, dá uma grossa fava, que contém sementes do tamanho de óvos de pombo. Em tempo de penuria o povo serve-se desta fava mediante longo processo, lavando-a em 9 aguas, e da raiz, que é semelhante á da mándióca; porém, por mais cautella que tenha, cedo ou tarde se manifestam os effeitos toxicos dessa planta : a inchação geral, pallidez, tonteiras, emfim completa anemia e anazarca são os seos effeitos. Pompêo, *Ens. Est.*, P. 175, N. 8.ª—*Ety.* :—*moçû* amarrar, corda, e *nâ* semelhante, parecido com corda : trepadeira.

MUCURÍPE : enseada e povoação no litoral, á uma legoa de distancia a leste da capital, com um bom ancoradouro, estudado em 1875 pelo celebre engenheiro inglez Sir John Hawkshaw. Em 1610 Martim Soares Moreno, para fortificar a costa muito frequentada por navios francezes, teve ordem para levantar e levantou no logar—*Ponta do Mucuripe*—um presidio fortificado,com uma ermida á N. S do Amparo (que ha muito não existe) Macedo, *Noç.* de *Corog.* cit., T. 2.º, P. 67 — E nesse mesmo logar foi mais tarde levantado tambem um *pharol*—*Ety.* :—fazer alguem alegre, de *corib* alegrar, e *mo* particula ou abreviatura do verbo *monhang* fazer, que se junta aos verbos neutros para dar-lhes significação

passiva. J. de Alencar, *Irac.* P. 181;—logar do mucury, de *mucury* ou *mocury* arvore do litoral de um fructo cheiroso que se come. Martius, P. 401. A verdadeira é: logar abundante de mocó, de *mocó* e *ipe* logar onde abunda alguma cousa. Ainda hoje, os mais antigos habitantes do logar guardam a tradicção da grande abundancia desse animalejo que ahi existio — Mantenho a orthographia do texto por já ser official — Ha tambem com este nome uma serra na freguezia de S. Anna, 5 legoas ao norte da cidade, com 6 legoas de extensão, bastante alta, que serve de balisa aos navegantes, que demandão o porto do Acaracú. Pompêo, *Dic. Top.* Deste prestimo, igual ao do pharol na *Ponta do Mucuripe*, veio-lhe o nome.

MUDUBÍM: planta, cujas folhas assemelham-se ás do feijão da Hespanha, e tem os ramos ao longo do chão; planta-se á mão, cada pé dá um grande prato de amendoís, que nascem nas pontas das raizes. Essas amendoas comidas, assadas ou cozídas, são aphrodiziacas, assim como prestam-se a confeitos e doces. Dellas extrahe-se oleo para o cabello e para a comida.—*Ety.*:—Moraes a dá por planta leguminosa da Angola; Durão, *Caram.*, C. 7.°, E. 34—por mato do Brasil; Chernoviz, *Form.*, por originaria do Brasil, transportada para as Antilhas, Africa, etc.; e Labre cit., P. 38, N. 9 ª, diz que foi encontrada pelos indios do Amazonas no estado silvestre, e cultivaram-na em seo proprio interesse. E' vocabulo guaraní—Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 445, N. 41; —corruptéla de *mendobi*, *mandobi* ou *mandubi* estar em montão, de *mâ* montão e *ubi* estar Montoya, *Vocabul. y Tezoro de la Lang. Guar.*;—ou corruptéla de *mandubi*, fructo enterrado ou sepultado, de *ybá* enterrado, sepultado e *tyby* fructo B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 217 —O demonstrativo prenominal— *t* de *tyby* por estar intercalado não é estranho que se mude em *nd*, a mudança de *y*, ora em *u* ora em *i*, é natural e frequente, e a quéda da inicial *y* muitò usual. B. Caetano, *Notas aos Indios do Brasil* de Fernão Cardim cit., P. 101.

MUGÁNGA: especie de abobora grande. *Ety.*:—

Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 4.°, P. 265, tem duvidas si vem do guaraní si do bunda*nganga*. Tambem tenho-as. Vocabulo usado nos nossos centros como synonimo de *gerimú*: diz-se muito:—*mugango assado* ou *cozido*, por jeremú assado ou cozido.

MULUNGÚ (*erythrina corallodendron*), L.) : arvore, cuja altura varía entre 5 e 10 metros, casca lisa, folhas compostas e flores grandes, de um bello colorido vermelho; na epocha da florescencia despe-se de suas folhas cobrindo-se de flores rubras. O fructo é uma vagem curva, com 10 a 15 millimetros de comprimento sobre 5 de largura, mais ou menos, brotando uma ou mais sementes rubras com uma nodoa negra sobre a parte lateral. Pela sua leveza servem-se della os nossos sertanejos para *cavalletes* de atravessar os rios nas suas enchentes, tal como o cantou Bandeira de Mello na sua *Lembrança da Patria* cit.:—

> O fôfo molungú, que atropellado,
> Sem saber, como nós, qual riba o espera,
> Desce á mercê da rapida corrente,
> Depois que o cavalgou alegre turba,
> Na loucura feliz dos primos annos!

—O extracto do cortex provoca um somno reparador. Caminhoá, *Plantas Toxicas do Brasil*, P. 87; e é tido por famoso medicamento contra as hepatites chronicas e obstrucções do figado. Almeida Pinto cit., P. 327 — O cozimento do entrecasco, para bebida e como banho, é usado para combater qualquer excitação do systema nervoso, e se emprega como calmante. Chernoviz, *Form.* cit.—Tambem servem-se do entrecasco para dôres de dentes e engorgitamentos visceraes, que sobrevem ás febres. O entrecasco ainda usado em chá é excellente narcotico contra as insomnias mais rebeldes. Pompéo, *Ens. Est.* T. 1.°, P. 175, N. 2.°—*Ety.*:—Martius, P. 380, tem o vocabulo por oriundo de uma das linguas dos negros; mas G. Dias, *Dic.*, o dá por tupí. E' corruptéla do guaraní ou tupí—*murungú*, nome de arvore natural do paiz da familia das leguminosas. Entre os brasileiros é

frequente, como lapso de lingua, ouvir-se a transformação do *l* em *r*, e vice versa. Valle Cabral, *Gazeta Litteraria*, da Côrte, T. 1.º P. 347—G. Dias, *Dic* , verbo *Mamid*, escreve *molongó* ; e Pompêo — *murungú*, ou como no texto, que é a orthographia commum.

MUNDAHÚ : rio, nasce na serra da Uruburetáma, e despeja no mar depois de um curso de 25 legoas de curso, formando porto a 40 legoas ao noroeste da Capital. E' tambem povoação. *Ety.* :—agua de peixe *mandi*, de *mandi* e *hú* agua. *Fluvius piscis Pimelodi maculati.* Martius, P. 513 ;— rio tortuoso, de *mondé* cilada e *hú*, por causa das grandes voltas que dá. J. de Alencar, *Irac.*, P. 180—E' esta a verdadeira—A orthographia do texto já é official.

MUNGÚBA (*bombax mungúba*): arvore, madeira. G. Dias, *Dic.* Attinge um grande desenvolvimento, quer em altura, quer em grossura ; e, apezar da sua madeira ser molle e esponjosa, é empregada em canôas, que com o correr dos annos, e com o limo que cria por fóra, torna-se de muita duração. Refere Robert Hogg que Christovão Colombo, em sua viagem á America, encontrou em Cuba uma canôa desta madeira de 90 palmos de comprimento e largura proporcional, que podia accommodar 150 homens. Cresce tambem n'Asia, principalmente em Cantão, onde os Chins a denominam *Macmain*, e utilisam-se da madeira. Não se aproveitando aqui a madeira, desprésa-se tambem a linda seda, que seos fructos soltam aos caprichos do vento. Raro é aquelle que se utilisa da paina, que todo imperio importa, e que só o valle do Amazonas podia para todo elle fornecer, constituindo uma industria e um grande ramo de commercio. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 117— E' frondosa como a oiticica e como esta resiste á sêcca. Da entrecasca os indios faziam cordas para amarras de canôas e escotas de véla. (G. Dias, *Dic.*, verbo *Mautamutá e Cordas*). Dá um fructo cheio de cotão, semelhante ao da *Samaúma*, com a differença de ser negro ; e delle extrahe-se excellente oleo para luz ; assim como fazem-se bolos saborosos — Da arvore veio o nome á uma parte da serra de Maran-

guape e á uma fazenda no municipio da Pacatuba com Estação na Estrada de Ferro de Baturité—*Ety.* :—árvore associada, de *mung* associada e *uba* arvore, porque a *Mungúba* vegeta com outras, fazendo até mattas — G. Dias, *Dic.*, escreve *Monguba* e *Monguba-i*, e B. Rodrigues (*Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 37) como no texto, que é a orthographia etymologica. Muitos escrevem *Mungubeira*, mas é errado (Vide *Carnaúba* e *Oiti*). No Maranhão é conhecida por *Mamoirana*.

MUQUIRÂNA : especie de piólho ou lendea, que se agarra á pelle. Termo vulgar — *Ety.* :— corruptéla de *mbiquiraî* lendeas do piolho de pelle, ou de *nam-oquirâ* piólho que se agarra á pelle, de *yâ-mbi-quiraî* lendeas do couro cabelludo. B. Caetano, *Vocab.*, P. 234 e 312. — Ouve-se entre nós *mucurâna*.

MURICÍ (*byssomina verbasifolia*, Kth.) : fructa silvestre, pequena como a ginja, mas amarella, com muito bom cheiro e gosto. Moraes cit. Della faz-se uma saborosa bebida chamada *cambica* (Vide), especie de crême deliciosissimo. Araripe Junior, *Luizinha*, P. 242—Chamam-no mantimento de pobre, porque é fructo de que muito se utilisa a pobreza para sua alimentação. Martius cit., P. 516. O *muricizeiro* dá em moitas, de preferencia nos terrenos arenosos, como praias e taboleiros—*Ety.*:—corruptéla de *imbiriti* arvore que emitte liquido. B. Caetano, *Vocab.*, P. 234.

MURIÇÓCA : insecto pernilongo. G. Dias *Dic.*; cria-se n'agua. C. Aulete, *Dic.* Atravez do panno da lã chupa o sangue. R. Southey, *Hist.* cit., T. 6, P. 360—*Ety.* :— de *pir-y-çog* o que fura a pelle, ou *mberú-y-çog* a mosca perfuradora. B. Caetano, *Vocab.*, P. 232 — Parece-me poder tambem traduzir-se a que fere a gente, corruptéla de *moró* e *çuu* ou *çoc* morder—Martius, P. 464, escreve *muruçoca*, *murusoca* e *murisoca* ; e Luccok, P. 31,—*murisoca*— No Pará e Amazonas chama-se *carapanã* — Amazonas cit., N. 3.ª— Quando á noute se aproximam os *carapanãs* costuma-se dizer no Pará *oikê ióri moroçoc* ahi vem picar a gente; o que é tomado em sentido figurado, como entendendo-se que *moriçoc* é o nome proprio

de taes mosquitos. Faria, *Comp.* cit., P. 19— Nota *a*— Em horas certas se encarregam de atormentar o viajante. Si atacam em grandes bandos, produzem irritações, que ás vezes provocam febres. J. Pinkas, *Rev.* da *Socied. de Geog.* do *Rio de Janeiro*, T. 3', P. 306.

MURITIAPUÁ : lagoa em Mecejana—*Ety.* :— de *muriti*, *buritî* e *puàm* ilha : ilha do buritî. J. de Alencar, *Irac.*, P. 184.

MURUÁNHA : mosca pequena, azulada, persegue os animaes. *Ety.* :— corrupção de *muruanja*. Martius, P. 464 — Parece-me preferivel — ferrão de mosca ou mosca de ferrão, corruptéla de *merú* mosca e *tanha* dente, com suppressão do — *t* por euphonia.

MURURÚ : vocabulo muito empregado em estylo vulgar como synonimo de quebramento, amollecimento do corpo : estou de *mururú*, isto é, com o corpo amollecido, moído—*Ety.*: — fazer humido, de *mù* fazer, e *rurù* humido. C. de Magalhães cit., P. 86 ; ou corruptéla de *mborurù* fazer encher, fazer amollecer molhando. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 256—Tambem herva de folhas largas, grossas, arredondadas e lustrosas, tão abundantes em certos lagos, pantanos e rios do Maranhão, que impede-lhes a navegação. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 414, N. 2 — Parece ser o nenuphar. G. Dias, *Dic.*

MUTÚCA : moscardo, mosca grande, cuja mordedura faz sangue ; persegue os animaes. G. Dias, *Dic.*—Tem um ponto escuro redondo em cada aza, e a mordedura muito tremenda ; encontra-se nos logares pantanosos. J. Luccok cit., P. 30 — *Ety.* :— do verbo *cotuca* picar. Martius, 9. 464 ; ou *mbotug* furar. B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 106.

MUTÚM (*crax urumutum*) : ave, do tamanho de um pirú pequeno, todo preto, excepto o bico e as pernas, donde seo nome—O canto é lugubre :—

Ouvio-se do mutúm o assento lugubre.

(P. Alegre, *Colombo*, T. 2.°, E. 29, P. 259.)

Ety. :— *mutúm* escuridão, negrume. J. Luccok cit., P. 11 ;—corruptéla de *mbir tû* o que tem pelle negra. Entretanto alguns dão como onomatopaico, B. Caetano. *Vocab.* cit., P. 232.

N

NAMBÍ : orelha, argola, aza de qualquer vaso. G. Dias, *Dic.* — *Ety.*: — de *na-ambí* pelle de união, orelha. B. Caetano, *Vocab.*, P. 298 — Já é vocabulo admittido vulgarmente como synonimo de troncho da orelha : — *egua nambí*, a que só tem uma orelha. G. Dias, *Dic.* e outros escrevem *namby*, que não me parece bôa orthographia (Vide *Nota* no fim.)

NAMBÚ *(rhynchotus rufescens)*: ave dos campos ou das capoeiras, muito timida, de côr escura arruivada, á que se dá constante caça, pelo afamado sabôr da sua carne. Walppœus cit.. P. 332. Sura, de pés vermelhos. Os óvos são roxos, do tamanho dos de pombo, mais ou menos ; e, quando tiram os filhinhos vão correndo logo. Quasi não vôa, corre muito fazendo certo ruido ; do que lhe veio o nome — Diz o povo que seo canto é igual ao sorriso, indica as horas : tantos sorrisos, tantas horas. J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 280. Canta a horas certas da noute. C. de Magalhães cit., P. 170. Canta como que marcando as notas: *tá*, *tá*, *tá*, *tá*, e váe repetindo cada vez mais depressa até parecer uma só nota—Diz-se que, quando perseguida, suppõe-se escondida e livre do perigo si póde apenas occultar a cabeça ; pelo que é facil pegal-a; donde veio comparar-se o incautocom a nambú —Talvez por isso diga J. Luccok, P. 11, que é apanhanhada por meio de gritos —Ha a *açú*, grande. branca, e a *sururina*, tão esquiva que ainda não poude ser domesticada, embora tirada em casa de ôvo encubado por uma gallinha. Amazonas cit., Nota 28 — *Ety.* : — *inambú* ou *ynambú* ; *y-am-bur* a que emerge em pé, a prumo ; *y am* a que se levanta *bú* estrondando: *n* interposto só por euphonia. A corredeira, a que corre ; de *ñamdú (ñ ãn* corre *ho* vae, ou *ñan* corre *tu* estrepitante, ou *ñan ub* perna de correr. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 173 e 313—G. Dias, *Dic.*, escreve *inhambú*.

OITÍ : arvore grande, de folhas miúdas. O fructo é do feitio e tamanho de um ôvo de gallinha, mais ou menos; amarello-abronzeado, quando maduro; é muito cheiroso. Cobre o caroço uma massa gostosa amarellada, que é o que se come—*Ety.:—Oitî, îtî (îb* arvore e *tir* erguida) arvore alta, crescida, elevada, tambem chamada *guitî*. B. Caetano, *Vocab.*, P. 211. Escreve-se geralmente *oitizeiro*, significando o pé do *oitî*; mas é erro, porque no vocabulo do texto já se contém a significação de arvore.

OITIBÓ: ave nocturna, especie de coruja, que canta no *oitî*. E' escura a sua plumagem, e o seo todo triste e melancolico. Pertence á uma familia de passaros, que está para as andorinhas, como as aves de rapina nocturnas para as diurnas. Vive solitaria, evita a luz, e só ao anoutecer é que sáe do seo retiro em busca de insectos crepusculares e nocturnos, seo habitual alimento. Dias Carneiro, *Poézias*, *Notas*, P. 225. Tem o canto lugubre — Araripe Junior *Jacina* cit., P. 323 — Os indios ouviam como agouro o piar do *oitibó* e tinhão-lhe, como os antigos européos, certo receio e até respeito, e nunca o matavam. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.° P. 123—*Ety.*: —vem o nome da voz da ave. Martius, P. 465 — *Oitibó* sôa como grito que sáe da sombra do oití. Dias Carneiro cit.—Póde-se bem decompôr — grito do oití, de *oitî* e *bú* grito, allusão ao seo viver no oití, donde canta. Sem rasão Martius escreve *noitibó*; assim como Teixeira de Mello, confunde-a com o *bacurâu* (Vide).

OITICÍCA *(pleragina umbrosissima, Arr.)*: arvore gigantesca, propria das margens dos rios e dos terrenos alluviáes, á cuja sombra recorrem os viventes nas horas de intensa calma; dá um fructo muito oleôso, de que se tira grande quantidade de óleo para tinta e luz — Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 202, N. 1.ª, *Geog.*, P. 515 — Um pouco leitosa tambem, de folhas maiores do que as do *oitî*, com pello branco nas faces, e ainda nos ramos superiores. Almeida Pinto cit.--Do fructo extrahe-

se azeite, que exála cheiro desagradavel, mas serve para luz. — *Ety.* : — *oití* de que se tira resina, de *oití* e *icig* (*i* agua e *cîg*, *hîg* ou *cîb* pegajoso) resina. B. Caetano, *Vocab.* cit., 198 e 211.

P

PÁCA *(cœlegenis páca)*: animal de quasi 2 pés de comprimento, olhos pardos e a ponta do focinho annegrada ; é de um ruivo aloirado no lombo e ilhargas. A carne é muito saborosa, assemelha-se ao leitão no gosto e no tamanho á lebre. Vive nos bosques nos covís ; sua voz parece-se com o grunido do porco. Sáe de noute em procura de alimento, raizes, vegetaes e fructas. Devasta cannaviaes. Hourloup e Duval cit., P. 80, n° 8— Faz grande sociedade com a *surucucú*, de sorte que da muita união destes dous animaes resultou a fabula, que ha entre tapuios, de que as pácas procedem dessa cobra. Gonçalves da Fonseca, *Prim. Explor. dos Rios Madeira* e *Guaporé*, 1747, por ordem do Governo, C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 401—*Ety.*:—de *pag* acordar — B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 109 ; — a experta: *Vocab.* cit., P. 358 ; de *pac* acordar, despertar, tirado do costume desse roedor de despertar ao anoutecer. Quando alguem o vê diz ; *iguê-pac*, despertou. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., Pag. 102 e 359.

PACATÚBA : villa e comarca a 5 legoas da Capital pela Estrada de Ferro de Baturité, na fralda da serra da Aratanha—*Ety.* : — logar abundante de páca, de *páca*, e *tuba* logar abundante. Martius, P. 517 : — couto das pácas. J. de Alencar, *Irac.*, P. 184.

PACÓVA *(musa paradisiaca*, L.*)* : planta aziatica e brasileira, cujo tronco consta de várias sobrecápas e folhas que o corôam grandes e largas ; produz o fructo em caixos que consta de varias pencas as quaes, presas ao talo, chama-se *mangará* (vide). Moraes cit. — As *pacóvas* da terra foram um dos primeiros alimentos que mais se generalisou no Brasil, em quanto da ilha africana de S. Thomé não se transportaram, as quaes por

isso ainda hoje tem este nome. Alguns pés desta planta ao abrigo da choupana ou *tujupar* de um colono, asseguravam a subsistencia sem trabalho ; pois, como diz um contemporaneo, parece que a bananeira que alguns crêem ser a Figueira do Paraiso Terreal, foi a planta dada ao homem para excepção do preceito de dever elle ganhar o sustento com o suór do seo rosto. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 170.

As bananas famosas na doçura,
Fructas que em cachos pende e cuida a gente
Que fóra o figo da cruel serpente.

(Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 44).

Mas o Padre Ventura, em uma *Humilia* nos seos *Sermões*, sustenta, com a tradicção da Egreja, que a fructa do Paraiso era o — *figo* — Cresce, com effeito, sem trabalho, offertando os seos cachos abundantes e nutritivos, e em certas estações bastaria ella só para supprir a mór parte de todos os cereáes; pois, segundo os calculos scientificos de Mr. Humboldt, a mesma porção de sólo, empregada na cultura da bananeira, produz 50 vezes mais substancia alimenticia do que se fôra plantada de cereáes. Fernão Diniz, *Os Indios*.

As bananas no mundo conhecidas
Por fructo o mantimento appetecidas,
Que o céo para regalo e passatempo
Liberal as concede em todo tempo.
Competem com maçãns ou baonezas,
Com peros verdeaes, ou camoezas ;
Tambem servem de pão aos moradores
Si da farinha faltam os favores ;
E' conducto tambem que dá sustento
Como se fosse proprio mantimento ;
De sorte que por graça ou por tributo
E' fructo, é como pão, serve em conducto.

(Botelho de Oliveira, *A Ilha da Maré.)*

— Da *pacóba* faziam os indios o vinho *pacoy*, e faz-se hoje excellente vinagre. E' fructo tanto agradavel ao velho como ao menino.

A banana fluente, grato cibo
Do ancião e da infancia deleitada.

(PORTO ALEGRE, *Colombo*, T. 2.°, C. 29, P. 251).

—*Ety.* : — entre os chiquitanos — *pacauh*, os piacás— pacohua, os mondurucús—*pacová*,os oyampis—pacone. Severiano da Fonseca, *Viag. ao Redor do Bras.*, T. 1.°, P. 367, N. *B.*— Vocabulo tupí, de que fizemos *pacóva*, por que é conhecida a banana em todo imperio. C. de Magalhães cit., P. 29 ;—do guaraní—*pacó-bá* fructo da folha de enrolar. B. Caetano, *Vocab.*, P. 358, Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 1.°, P. 591 — *Pacoveira* arvore da pacóva, bananeira.

PAÇÓCA : comida substancial e saborosa, constante de carne assada com farinha, batida no pilão até delir. Usa-se de mistura com certas fructas, como banana, laranja, mamão, e até com café — *Ety.* : — cousa batida, pilada, corruptéla de *mbáe* cousa e *coçoca* socar, pilar, pisar —

PACOTÉ : arvore frondosa, da flôr amarella. Dá uma fructa maior do que a do algodão, dentro da qual ha uma fibra sedosa, com que se enchem colchões — Tambem dá embira de que se faz corda conhecida pelo seo nome — *Ety.* : — embira de prender, corda ; de *pacob* folha de estender, embira, e *hê* prender, amarrar —

PACOTY : rio, nasse da serra de Baturité, e lança-se no oceano 2 legoas abaixo do Aquiraz, depois de um curso de 25 legoas. Pompêo, *Dic. Top.* — *Ety.* : — para o mar, de *pa* contracção de *paraná* mar e *coty* ou *coti* para : voltado para o mar. Martius, P. 517 — O rio é realmente voltado para o mar, mas como são quasi todos; e além disto *paraná* significa rio grande, e não mar. Prefiro — rio das pacóvas, da abreviatura de *pacóba* e *y* agua, interposto o—*t*—por euphonia. J. de Alencar, *Irac.*, P. 181.

PACUJÁ : povoado em Sobral — *Ety.* : — fructa da pacóva, da abreviatura de *pacóva* e *já* fructa.

PAJÉ : sacerdote, propheta, medico e tambem feiticeiro. Martius, P. 78, G. Dias, *Dic.*, C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 475, N. 1.ª — Desta forma o vocabulo, que significa sacerdote, os catechistas rebaixaram a designar tambem—feiticeiro. Lembra *diabulus* que, remontando á fonte etymologica, váe ter ao mesmo radical de *zeus*, *jupiter*, *jovis* etc. B. Caetano, *Notas aos Indios do Brasil* cit., P. 106 —D'ahi a distinção em *pajé catú* ou bom, e *pajé ayba* ou máu. O 1.° corresponde ao medico, e o 2.° ao feiticeiro, mandigueiro, que falla com o diabo, etc. *Thesouro Descoberto no Amazonas*, 2.ª Parte, na *Rev. do Inst.*, T. 40, P. 497 — Sem embargo, porém, dessa distinção. todos os *pajés* entre os *mundurucús* erão irremissivelmente punidos com pena de morte. Tocantins cit. P. 107—*Ety.* :—de *paijé* o que diz o fim *(qui dicit finem)*, propheta, oraculo, medico, curandeiro, feiticeiro. B. Caetano, *Vocab.*, P. 363 e *Ens. de Scien.* T. 1.°, P. 38—A orthographia mais commum é *pagé*, mas é contraria á etymologia—De *piayé* se fez *piága*, que é o mesmo vocabulo corrompido. G. Dias, *Bras. e Ocean.* cit. P. 108—

Vossos deoses, ó Piágas, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
(G. Dias, *Cantos. O canto do Piága*, P. 12.)

E' corrupção de *piaye;* bastou que se mudasse o *y* em *g*, por erro de impressão, para tornar-se *piaye*, donde *piága*, cujos cantos tanto que fazer tem dado aos litteratos e romancistas. B. Caetano, *Ens. de Scien.* cit.

PAJEHÚ : riacho que atravessa a capital, despejando no mar—Formava antigamente na sua barra uma cambôa, pela qual entravam embarcações miúdas, dando desembarque a leste da fortaleza no espaço agora occupado pela casa de banhos da municipalidade. J. Brigido, *Res. da Hist. do Ceará*, P. 13 — Em 1836 o Presidente, senador Alencar, fez em sua fóz uma re-

preza, aguada publica, que ainda se conserva, reparada em 1878 pelo Prasidente conselheiro José Julio — *Ety.*: —agua do pajé, de *pajé* e *hú* agua.

PANACÚ : cesto comprido e.tambem carro. G. Dias, *Dic.* Este vocabulo já se encontra nos *dicc. port.* com a significação de cesto comprido com as bordas voltadas para dentro. — *Ety.* :—Moraes fál-o derivado de *panicú*, e Faria de *panica*; mas a verdadeira é: vaso forrado, corrupção de *ubânacû*. B. Caetano, *Vocab.* P. 360 — Muitos escrevem *panacúm*, porém a orthographia mais correcta é a do texto. B. Caetano, *Nota aos Indios do Bras.*, cit., P. 6.

PANÁN : especie de cação de grandes beiços. Segundo o povo, os beiços, postos á entrada de formigueiros, matam ou afugentam as formigas. J. Galeno, *Scen. Pop.* P. 274 — *Ety.* : — *panâ* o que bate, allusão aos grandes saltos que dá este peixe quando pescado.

PANÊMA : debalde, em vão. Mastius, P. 78, e G. Dias, *Dic.* Sem prestimo. Silva Guimarães cit., P. 33. Usado vulgarmente por poltrão, pobre, sem espirito. Araripe Junior, *Luizinha*, P. 239—*Ety.*: — do *guaraní panê*, contracção de *îba nê*, *îba rê* privado de fructos, esteril, pobre, falho, falto, inutil, sem prestimo. B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 360—Em *tupi-panéma* ruím, inutil, J. Verissimo cit., P. 46.

PAPUÁN : capim rasteiro, de folha larga, venenoso. Tinguija os animaes que o comem—*Ety.* :—capim rasteiro, de *caa* capim, e *puâ* deitado, estendido.

PARACURÚ : nome com que o Parasinho passou á villa. A lei provincial n.° 16 de 14 de Agosto de 1874 transferio a séde da villa para o *Trahiry* com a denominação de — N. Senhora do Livramento— *Ety.* : — lagarto do mar, de *pará* mar e *curú* lagarto.

PARAÍBA *(simaba versicolor*, S. H.*)*: arvore que os indigenas tinhão por venenosa ; suas folhas e casca são muito amargas ; pelo que o cozimento desta serve em lavatorios para matar piôlhos tanto no homem como sobretudo nos animaes. Chernoviz cit. — A semente é

usada exteriormente em banhos como antipsorico. Pompêo, *Ens. Est.* T. 1.°, P. 196—E' a arvore frequentada pela *jaquitiranabóia—Ety.*:—arvore má, alteração de *ibîrá* arvore e *ibae* má, *in malam partem*, allusão ao veneno que os indios attribuião ao vegetal.

PARASINHO : pequena enseáda ao norte da barra do rio *Ceará*, onde se abrigam jangadas e canôas de pescarias. Pompêo, *Dic. Top.* Outr'ora *Parnamirim* (vide). C. Mendes, *Memorias* cit. T. 2.°, P. 166, N.° 4 e P. 182, N.° 2. Mas hoje é vulgarmente conhecida por *Paracombuco*, pela fórma da *combuca* que toma a enseáda —Povoação a 16 legoas da Capital, elevada á villa com a denominação de *Paracurú*. (Vide) — *Ety.* : — mar pequeno, de *pará* mar, e *mirim* já tradusido para o portuguez.

PARIPUÉIRA : povoação no Aracati—*Ety.* :— nome hybrido: *pari-ipueira* voz do *tupi hy-pabe* agua—tudo, e a terminação portugueza *eira* — Martius cit., P. 520.

PARNAMIRÍM : é o mesmo que *Parasinho* (vide) — *Ety.* : — contracção de *paraná* rio, e *mirim* pequeno. Mas em geral é o canal do rio grande que fica apertado entre ilhas (C. de Magalhães, P. 7) ; ou o canal que entra outra vez no mesmo rio donde partio (Walppœus cit., P. 67, N.° 1); ou finalmente — braço de rio ; porção estreita de um grande rio formado e apertado entre ilhas durante o curso ; furo que communica dous rios, ou as aguas de um mesmo rio no meio do qual se atravessam ilhas. (J. Verissimo cit., P. 46.)

PATATÍVA *(fringilla plumbea, v. Newied, ou sporephila plumblea, Cab.):* pequeno passaro gracioso, de côr plumblea ; bom cantor e muito apreciado, sobre todos os afamados do Crato —

> As patativas, que o saudoso canto
> Imitão, requebrando com sons varios.
>
> (Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 65).

E a patativa se desfaz em trenos
Junto á beira dos rios.

(F. VARELLA, *Obr. Compl.*, T. 1.°, *Gualter o Pescador*, P. 172).

Tem vida muito longa. Vive até 20 annos em gaióla. Walppœus, P. 328—Ha tambem uma qualidade preta, com o pescoço e o peito brancos. Dizem que estes são os machos, e os cinzentos as femêas — *Ety.* : — corrupção de *tatag* estalar e por extensão trinar, e *îb*, *iva* chefe : o principal dos cantores, allusão ao canto da ave.

PATUÁ : caixa, arca, canastrinha quasi da feição de um bahú. G. Dias, *Dic.* Nome ainda usado no norte para designar os mesmos objectos, productos da industria indigena, aproveitada pelos colonisadores. J. de Alencar, *Ubir.*, P. 183. Mas no sentido commum indica uma camandula ou oração escripta, enrolada em panno com alguma veronica de latão, prêsa a um cordão para dependurar no pescoço. Ha infelizes que acreditam tão sinceramente na influencia de taes *patuás mandingas*, que, uma vez de posse delles, suppõem-se invulneraveis, assassinos muitas vezes que se tornam perigosissimos, por viverem persuadidos de que não ha mal que possa entrar-lhes. Araripe Junior, *Luizinha* cit., P. 240 —Serve tambem para a gentalha supersticiosa guardar remedios e cousas que dizem livral-a de tiros, feridas, ferros, balas, e servem para amarrar os senhores. Moraes cit. — *Ety.* : — contracção de *patiguà*, de *hupatiguà* o que pertence á rêde ou á cama ; cêsto, caixa, canastra, bahú — B. Caetano, *Vocab.*, P. 362 — G. Dias, *Dic.*, escreve—*pataud*.

PATURÍ *(anas viduata)* : especie de pato, menor, muito abundante e apreciado pelo sabor da carne, aliás muito rhéumôsa : o macho é quasi sempre de um rôxo mais preto com uma colheira azul ferrete ; e a femêa de um pedrez sujo—*Ety.* : — voz hybrida, composta da palavra portugueza *pato* e do diminutivo tupi *i*, interposto o *r* por euphonia? (vide Martius, P. 467.) Será onomatopaico, do grito estridente desta ave, como que dizendo este nome? Nada encontrámos nos *dicc. port.*

PAÚL: terra encharcada em agua, pantano. brejo; no plural *paúes* e não *paúles*. Moraes cit. — *Ety.*: — C. Aulete e Lacerda o dão derivado do latim *palus, údis* o paúl; mas é apenas corruptéla de *ipaué*, e este de *hy pabe* agua tudo; donde os brasileiros tiraram *paúes* para qualquer agua estanque ou alagadiço. Martius, P. 502, verbo *Hypaua*. Não encontrei *ety.* nos outros *dicc.* port. (Vide B. Caetano, *Vocab.* cit., P. 363, verbo *Paû.)*

PAUPÍNA: lagôa insignificante, mas muito piscosa a um quarto de legoa além de Mecejána (Pompêo, *Dic. Top.)*—*Ety.*: — Parece a Pompêo, *Dic.* cit. e *Ens. Est.*, T. 2.°, P. 273, provir da tribu *paupina* que alli se aldêara; mas a tribu que alli primeiro povoôu a antiga aldêa, já tendo esta o mesmo nome, foi a dos petiguáres (C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 467, N. 2.ª) Nesta mesma *Nota* C. Mendes diz que o vocabulo é corruptéla de *Pai-Pina*, nome em que os indios corromperam *Padre Pinto*, veneravel catechista, cujos ossos foram alli sepultados; mas na P. 62, *Notas* ao *Pref.*, rectifica o seo engano. Qual então a *ety.*? Na sua *Memoria* cit., P. 263, o ex-governador Barba Alardo escreve—*Parápáo-pinna*, e traduz por *lagôa-grande redonda com páos em roda;* o que é de todo ponto inacceitavel; pois, alem do mais, a *Paupina* é lagoa insignificante e, por tanto, não podia merecer dos indios o incabivel qualificativo de *parà* mar, etc. Mas a orthographia *parà-páo-pinna* faz reportar á primitiva origem que deve ser *paracáu* papagáio e *pinà* listrado ao comprido e, por ampliação, pintado ou contrafeito, nome de algum cacique que o déu á lagôa, como a cunhã *Porangaba* (Vide), déu o seo á outra lagôa da aldêa visinha. No dominio colonial *paracáu* corrompeo-se muito naturalmente em *parapáu*, mudado o *c* em *p*, por mais euphonico ao ouvido civilisado; e por fim, cahidas as syllabas primordiáes *parà*, ficou a ultima formando, com o nome seguinte, *paupina*, dicção aportuguezada, euphonica e abreviada, conforme com o uso dos colonos. No tupí são frequentes os exemplos de vocabulos abraviados por quéda de syllabas (vide *Pirão*); e no portuguez mesmo, como em *kilogramma*,

que já é medida conhecida somente por *kilo*. (C. Mendes, *Notas para a Hist. Patr.* cit., P. 104).— Tambem frequente no tupí é a mudança de uma syllaba final longa em breve (Vide *Pacóva*) — Da lagôa passou o nome á aldêa, e tambem a um serrote que fica ao lado (Vide *Mecejána*.)

PAVÚNA : lagôa que deo o nome á povoação no municipio da Pacatuba—*Ety.*:—corrupção de *pixúna* preto. Martius, P. 520. Talvez nome de algum cacique, que morou á margem da lagôa.

PECAPÁRA (*podoa surinamensis*) : especie de marréca, mas do bico gallinaceo; cór rôxa escura, acinzentada por baixo. As pennas são impermeáveis. Muito arisca e sagaz ; nada e mergulha com destreza e por tanto tempo que ás vezes parece ter desapparecido de todo.—

Vôou incauta e perdeu-se
Neste lago a pacapára.

(J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 100.)

Tem os pés tortos para dentro, e que não a sustentam sufficientemente em terra; d'ahi o viver constantemente n'agua, e chamar-se *pecapára* o que tem os pés tambem tortos como ella—Come-se, mas a carne tem o gosto de peixe, sua alimentação constante.—*Ety.* :— pato torto, aleijado, de *ipéca* pato, e *apára* torto, aleijado— Escrevem, por tanto, contra a etymologia : J. Galeno—*pacapára* ; Araripe Junior, *Luizinha*, P. 238 — *precapára* ; Teixeira de Mello, *Rev. do Inst.*, T. 49, P. 53, — *pacaparra*, e Walppœus, P. 395, — *picapára*, ou *patiahus d'agua*. Só Pompeo, *Ens. Est.* cit., T. 1.º P. 213, escreve como no texto. A orthographia de Teixeira de Mello é de todo inadmissivel, tanto pela *ety.*, como pela indole da lingua, que não admitte consoantes dobradas, sobretudo o—*r*, que é sempre brando. (Vide *Tobajára*.)

PEITÍCA : ave pequena, de côr avermelhada, e caude comprida. Canta aos pares : e, como canta muito alto, á toda hora do dia e da noite, e com enfadonha insis-

tencia, passou-se a chamar familiarmente *peitica* á pessôa impertinente assim como ao duende, que nos persegue de dia e de noite—*Ety.* : — seo nome vem do seo canto, que parece dizer—*peitica*—No Pará é conhecida por *matinpereira* ou *matintapereira*, corrupção de *matyperere*.

PÉMA : camoropim pequeno, ou que passa do mar para a agua-doce—*Ety.*:—variação de *apéba* chato. (G. Dias, *Dic.*, verbo, *çapó*, C. de Magalhães cit., P. 126, N. 2) e por extensão — pequeno. (Vide *Manipéba*).

PERÁU : depressão repentina que apresenta o fundo de um rio : buraco no leito de um rio ou lago, a parte mais funda de um rio ; sumidouro—*Ety.*:—Diz Moraes que vem do francez *perreau* caldeirão mui fundo, poço fundo d'agua. Mas a sua verdadeira *ety.* é abreviatura do guaraní *îperáu* caminho falso d'agua, fundo, sorvedouro d'agua ou rio (B. Caetano, *Vocab*, P. 205) ; de *pé* caminho, e *ráu* fingido, falsamente. J. Verissimo cit., P. 47 —

PERÉBA : chaga, fistula, (G. Dias, *Dic.*) pequena ferida, sarna, erupção herpetica (J. Verissimo, P. 46) Ainda não vem nos *dicc. port.*, porém já é muito usado como synonimo de ferida insignificante, de nenhuma profundidade, cicatrisando. —*Ety.* :—signal ou mancha de sarna, cicatriz, chaga com casca, ferida velha, marca; de *pé* casca e *reb* alterado de *rub* manchado, pinctado, solto. B. Caetano, *Vocab.*, P. 371—De *perèba* já temos *perebento*, cheio de peréba.

PERERÉCA : termo vulgar ; synonimo de cousa pequena, insignificante : um *pereréca*, um *pererequinha* para significar cousa minima—*Ety.* :—do verbo *pererег* onomatopaico : bater as azas, patinhar, ir aos saltos. B. Caetano, *Vocab.*, P. 371—Tambem póde ser do guaraní *guereré*. especie de rã pequena, esbranquiçada ; sua voz consta de um gemido desentoado; frequenta as arvores. Braz Rubim cit., P. 375—No norte já se usa vulgarmente *pererécar*, significando — cahir e revirar. C. de Magalhães cit., P. 77.

PERNAMBUQUÍNHO: enseáda na costa, perto da barra do *Aracatí-açú*, na qual fundeão barcos pequenos — Pompêo, *Dic. Top.* — *Ety*: — Pernambuco pequeno, já tradusido o diminutivo *mirim* — São diversas as ety. dadas ao vocabulo *Pernambuco*: bôca do mar, de *paraná* mar e *buca* corrupção da palavra portugueza boca. Frei Maranhão, P. 78. Nota *d*; rio comprido, de *para-nã* rio e *mbucú* ou *pucú* largo, longo, Malta, P. 254; mar furado. G. Soares, *Noticia do Brasil;* mar cavando os rochêdos, ou oceáno que entra com violencia pelos escolhos (recifes), de *paraná* mar e *por* arrebentado. Martius, P. 520—

> Em o meyo desta obra alpestre, e dura,
> Hua boca rompeo o mar inchado,
> Que na lingua dos barbaros escura
> *Paranambuco*, de todos é chamado.
> De *Para na* que he mar, *Puca* rotura,
> Feyta com furia desse mar salgado,
> Que sem no deriuar, commetter mingua,
> Coua do mar—se chama em nossa lingua.

(Bento Teixeira Pinto, Prozopopêa, dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, Noua Luzitania etc., Descripção do Recife de Pernambuco).

—braço do mar, de *paraná* e *mbô* ou *mbuk* braço, Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1, P. 38, N., e *Sumé, Lenda, Panorama*, T. 12, P. 349, N. 2; furo ou lingua do mar, corrupção de *paranabuc* ou *paranabucú* (C. Mendes, *Memorias*, T. 2, P. 68, Notas), ou irrupção, sahida ou boca para o mar, de *paranabuc*. Desta palavra os portuguezes, talvez pela phonetica nazal dos indigenas, entenderam P*ernampuc* e por corrupção P*ernambuco* (C. Mendes, *Notas para a Hist. Patr.*, P. *303)*. Preferivel: rochêdo cavado das aguas do rio ou mar, derivado de *Paranabuca*, palavra do idióma dos indios Cahetés, que estavam de posse deste paiz no tempo em que foi descoberto. Milliet de S. Adolphe, *Dic. Geog.*, Hist., e *Descrip. do Brasil—Pernambuquinho* é tambem povoação na serra de Baturité.

PERÓBA *(aspidosperma)*: arvore, madeira de construcção muito branda e luzidía, J. Luccok cit., P. 20 — *Ety.:* — do guaraní *pirog* casca e *yrob* amargosa. Braz Rubim cit., P. 375 — Prefiro: arvore da casca amarga, *iperob* por *ib* arvore, *pe* casca e *rob* amarga. B. Caetano, *Vocab.*, P. 205—No Av. do ministerio da Marinha n.° 254 de 4 de Novembro de 1825 vem escripto P*aroba*. Talvez erro typographico.

PETÉCA: especie de volante ou supápo (bóla) feito de palha de milho, que as crianças lançãõ ao ar com a palma da mão. D'aqui se originou a phrase, hoje vulgar, fazer *petéca* de alguem. G. Dias, *Dic.* — *Ety.*: — gerundio do verbo *peteg*, bater. B. Caetano, *Vocab.*, P. 171—P*etequear* já é muito usado em Minas e S. Paulo por jogar. C. de Magalhães, P. 76.

PETIGUÁRES: tribu da raça tupica, do Rio Grande do Norte. Acompanhou a Pedro ou Pero Coelho de Souza ao Ceará em 1604, e o expulsou do seo estabelecimento em Jaguaribe; mas depois tornou-se fiel alliada dos portuguezes sob o commando de Camarão e Jacaúna —J. de Alencar, *Irac.* P. 167 — Diz Gay, *Hist.* da *Rep. do Parag.*, P. 57, que era a tribu mais cruel de toda raça tupí; mas eram grandes lavradôres de seus mantimentos, de que estavam sempre providos, e eram caçadores bons e tão frecheiros que não erravam tiro; grandes pescadores de linha no mar e nos rios. Cantavam, bailavam, comiam, bebiam e fallavam como os tupinambás — G. Soares, N*oticia do Brasil*, Cap. 13 — *Ety.:* — senhores dos valles. *Ibi* significa terra; *ibitira* veio a significar serra ou terra alta — Aos valles chamavam os indios *ibi-tira-cuá* cintura das montanhas. A desinencia *jára* senhor, acrescentada, formou a palavra *ibyticuára*, donde *pytiguàres*. J. de Alencar cit.— Araripe, *Hist.*, P. 15, escreve potiguar, e dá outra *ety.*: de *potí* camarão e *uára* comedôr: comedôr de camarão— Penso que a mais natural é: senhor do fumo, de *petùm* fumo, de que eram lavradores e *uára* senhor — C. Mendes, *Memorias*, T. 2, *Pref.* P. 66—Outros escrevem arbitrariamente *potiguáras*, *potyguarès*, *petiguarès* ou

pitogoarés : são uma e mesma casta de indios, que habitavam desde Pernambuco até Piauhy, e ainda além, como querem alguns — Abrêu e Lima, *Sinopsis Chronologica da Hist. do Bras.*, P. 52, N. 1.ª

PETAGUARY : corrego na serra d'Aratanha—*Ety.* : —agua dos petiguáres, de *pètiguar* e *y* agua— E' tambem povoado (S. Antonio de) e serrota, do prupo da Aratanha, a qual se destaca por um pequeno valle ao norte, com meia legua de extensão, muito cultivado de café — Tanto o nome do povoado como do corrego e da serrota, é uma recordação de que os P*ytagoarys* (Petiguáres) habitaram suas proximidades. C. Mendes, *Memorias*, T. 2, *Pref.* P. 28, Pompêo, *Dic. Top.*

PIÁBA : peixinho d'agua dôce, de escáma, abundante nos rios e lagos ; dão dentadinhas ou beliscões. A nossa terá 3 pollegadas de tamanho, quando muito; mas as dos rios e lagôas de Campos, no Rio de Janeiro, são semelhantes á sardinha e tão saborosas como esta. Teixeira de Mello cit. P. 55—*Ety.*:—do verbo *pi-hab* torcer pelle, beliscar—B. Caetano, *Vocab.* P. 374 e seguinte.

PIAÇÓCA *(parra jaçanán L.)*, especie de *jaçanán* ; vôa pouco, com as pernas cahídas—*Ety.*:—pé escondido, de *pi* pé e *açoaq* escondido ; porque esta ave, quando pousa, geralmente occulta uma perna — B. Rodrigues, *Rev. do Inst.*, P. 64 — Já se ouve *japiaçóca* (Vide *Jaçanán.)*

PIÁU : peixe de escáma ; tem a cabeça gorda, é excellente—Labre cit., P. 36, N. 10—D'agua dôce, roliço e escuro com listras mais escuras—Os maiores são chamados de *vara*,porque andam em cardumes; crescem até 2 palmos—*Ety.* :—de *ipiáu* o que tem pelle manchada, sardento ; nome de peixe de pelle sardosa—B. Caetano, *Vocab.*, P. 174 e 374.

PICHAÍN : *ety.*: de *apichain* rugoso, crespo, aspero ; enrugar, encrespar : pelle crespa, cabêllo grênho — B. Caetano, *Vocab.*, P. 238 e 375—Usamos com applicação somente ao cabello : cabello *pichain* é o *carapinha*. Termo vulgar.

PICHURÍ *(nèctandria ou ocotea pychurim major)*: planta ; dá uma fava do mesmo nome, muito medicinal — *Ety.* : — de *pichîrí (pî-cîrî* pelle lisa, escorregadía) sujo de suor, de humidade, de oleo ; nome de planta— B. Caetano, *Vocab.*, P. 375.

PICÚ : rio pequeno em Soure—*Ety.* : — de *apicú ou apicúm* corôa de arêa, que cobre a maré ; dunas. Martius cit., P. 81.

PINDAÍBA : vara de anzol : nome dado aos arbustos de que os indios usavam tirar essas varas — Quando o indio nada tinha que comer ia pescar com a sua vara desse arbusto ; donde o anexim popular muito conhecido entre nós : *Estar na. Pindaíba*, significando não ter recurso algum—*Ety.*:—de *pindá* anzol, e *îb* vara — B. Caetano, *Vocab.*, P. 376, e Martius, P. 404.

PINDÓBA *(coccus australis)* : especie de palmeira de côcos pequenos e duros, que cobrem com a casca uma bôa amendoa. Os indios com as palmas cobrem as suas *tejupáres*, e fazem esteiras, que servem de portas. G. Gias, *Bras. e Ocean.* cit., na *Rev. do Inst.* cit., P. 142 —*Ety.*:—folha da palmeira *pindá*, de *pindá* e *ob* folha. Martius, P. 404 e G. Dias, *Dic.* Melhor :—folha de palmeira, palma em geral, nome tambem da mesma palmeira. Vem de *mi* esconder, tapar, e *tob* folha para esconder ou tapar, porque os indios se serviam para cobrir suas choupanas. B. Caetano, *Vocab.*, P. 377 — *Pindóba* tambem chama-se a palmeira nova.

PIPÓCA : milho que estála rebentando em flôres quando lançado sobre a cinza ou a arêa quente — *Ety.*: — *abatixi popóc* milho que estála, de *abatixí* milho e *popóc* estalar : donde a palavra *popóc*. G. Dias, *Dic.* Preferivel : gerundio de *pi-pog* pelle rebentada ; estalando a pelle, a ou para estalar, B. Caetano, *Vocab.*, P. 376, 378 e 411.

..... O babado milho
Em tostadas espigas, em cangica,
Em macías *pipócas*. rebentadas,
Quaes brancas flôres, no burralho intenso.

(P. Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 253)

De *popóc* já temos *popocar* abrir arrebentando (C. de Magalhães, P. 77), ou borbùlhar, bulhar, ferver em borbotões (J. Veríssimo cit., P. 49), já corrompido em *pipocar* e *papocar*. Ouve-se muito : o milho *pipócou*; a corda *papócou*.

PIQUÍ (*caryocar brasiliense*) : arvore e fructo. Este é espherico, grosso, com uma ou mais cavidades, contendo caroços e uma substancia gorda ou oleosa, em grande quantidade, de que os habitantes dos sertões do norte do imperio se servem como alimento e como condimento. *Rev. de Hort.* cit., P. 22— *Ety.* :— espinho da pelle, de *pi* pelle e *ki* espinho, allusão aos espinhos do endocarpo. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 184 ; ou antes : — de *piquir* o tenro de dentro ou do interior. B. Caetano, *Vocab.*, P. 395—Labre cit., P. 42, diz que os habitantes do Amazonas chamam á esta arvore *piquiá* ; e Nicoláu Moreira cit., P. 54, confunde-a com a arvore do sêbo, ambas diversas.

PIQUIÁ (*aspidosperma olivaceum*): arvore; não cresce muito, nem engrossa como o páu d'arco, aroeira e angico. No fim do inverno cahem todas as folhas, que são substituidas por flores rôxas ou amarellas. *Imp. do Bras. na Exp. Univ. em Vien. d'Austria*, P. 36—Ha uma qualidade chamada *marfim*, porque toma esta cór quando sécca. E' madeira mui rija e apreciada em construcção.

> Aureo pequiá com claras vistas,
> Que n'outros lenhos por matiz se engasta.
>
> (Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 52).

Ety. :— *piquihá*, *pequiá*, *piquí*, *piquy*, de *pé* pelle, *ki* espinho e *uá* fructo ; fructo de pelle espinhosa, allusão aos espinhos do endocarpo. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* P. 184— E' preferivel : de *apequiá* casca manchada ou suja, de *apé* casca e *quiá* manchada ; ou de *pi* do interior, do imo, *te* corpo e *â* de *ang* que envolve. B. Caetano, *Vocab.*, P. 39, 378 e 424—Moraes e Roquêtte escrevem *Pitiá*.

PIRÁ : peixe em geral, mas especialmente o de pelle, porque o de escáma é designado na costa ou em tupí por *cará* ou *acará*—Tambem qualidade especial de peixe do mar, semelhante á taínha no feitio e tamanho, mas de escaminhas tão miúdas e difficeis de tirarem-se que costumão primeiro passar-lhes limão para facilitarem a extracção. E' gostoso quando gôrdo—*Ety.*:—de *pi-rá* o que tem pelle ou cutis, o que é nú, limpo ; ou de *pir* pelle e o suffixo—*a* : ser de pelle. B. Caetano, *Vocab.*, P. 378 e 518, verbo *Timbó*.—G. Dias, *Dic.*, escreve *pyrá* e como no texto.

PIRAÇÚNGA : serrota no municipio de Canindé, em cuja encosta, que olha para E. N. E., ha uma mina riquissima magnetica—Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 159, N. 1.ª—*Ety.* :—páu deitado, corruptéla de *ymira* páu e *çanga* estendido.

PIRAGÍBE : sobrenome de familia—*Ety.* :—espinha de peixe, corruptéla de *pirajiba*. A. Knivet cit., P. 268 ; ou braço de peixe, talvez espinha. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 290, N. 1.ª; ou barbatana, braço de peixe. B. Caetano, *Vocab.* P. 381 — Tambem pode ser : peixe cozido, de *pirá* e *yíb* cozido.

PIRANGY : rio de pouca agua ; nasce no Quixadá, e lança-se no mar entre Sucatinga e Paripuéira no logar chamado *Barra* do *Pirangy*—*Ety.* :— rio vermelho, de *piranga* vermelho, e *y* agua. Martius, P. 522.e C. Mendes, *Notas para a Hist. Patr.* cit., P. 84 — Realmente ha logares em que a agua deste rio é vermelha.

PIRÁNHA (*serrasalmo piránha*) : peixe de escáma, d'agua doce, cór de perola — E' o terror dos nadadores. — Cresce até palmo e meio, com 2 terços de largura ; tem a boca grande, guarnecida, como a dò tubarão, de serrilhas de dentes agudos, que cortam como navalha. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 215, N. 1.ª—Pequenas, como são, devóram o corpo do animal mais volumoso, dentro de curto espaço, porque se juntão aos milhares, em cardumes cerrados, tumultuosos, innumeraveis. Detestam as aguas lodosas, são inoffensivas quando se nada por

entre ellas são, mas tornão-se excessivamente carnivoras se chegão a provar sangue. Uma simples arranhadura é o bastante para que ellas sejão perigosissimas. S. de Frias cit., P. 74.— Refere C. de Magalhães cit., P. 162, que no combate naval do *Alegre*, no Rio da Prata, por occasião da abordagem do vapor *Jaurú*, cahiram á agua alguns paraguayos feridos; attrahidas pelo sangue as piranhas os devoraram quasi vivos, deixando em poucos minutos os esqueletos limpos—*Ety.*;—contracção de *pirá* peixe e de *anhanga* diabo. Araripe Junior, *Jacina A Marabá* cit., P. 323;—dente de peixe, de *pirá* e *sainha* dente; thesoura. Martius, P. 468, G. Dias, *Dic.* cit.;— de *pirâi* o que agarra, corta, despedaça, a thesoura, a tenaz, a torquez, o alicate, o peixe piranha. Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 8.°, P. 122, B. Caetano, *Vocab.*, P. 379 — Nome primitivo da actual villa do Principe Imperial—Disse-me pessoa de criterio que a mudança do nome foi devida ao desejo de verem si assim acabavam-se tantas intrigas, que delaceravam o logar.

PIRÃO: farinha de mandióca fervida em caldo de carne ou peixe. A este chama-se *escaldado*, e ao feito d'agua fria—*pirão d'agua*, ou *solto*. Já se encontra em todos os *dicc. port.*, e é de uso commum em todo Brasil —*Ety.*:—do guaraní *mbaipira* maçamorra, isto é, o *pirão*; porque dizem que antigamente os indigenas dessa nação mataram um hespanhol, o devoráram cozido, e do caldo fizeram *pirão*. E assim essa denominação cahio em proverbio, por haverem achado muito sabôr na comida; mas, depois, fazendo a separação de *mbai* de *mbaipira*, limitaram, para designar o hespanhol, as primeiras syllabas, e as ultimas o *pirão*. C. Mendes, *Notas para a Hist. Patr.*, P. 91;— corruptéla do guaraní *ty-pyrô*, de *ty* sumo, *pi* apertar e *rô* pór: pór a remôlhar, fazer sôpas. Braz Rubim cit., P. 377—E' preferivel: de *tipirô* pór de môlho, ensopar (*tipi* afundado, mergulhado, e *rô*, *rû* pór) se fez o partecipio *mindipirô—mitipirô* ensopado, vulgo *pirão*. B. Caetano, *Vocab.*, P. 528 — Com a quéda das duas primeiras syllabas ficou *pirô* de que se fez *pirão*. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1.°, P. 486 — O Padre Luiz Figueira, *Arte de Gram.* cit., P. 80,

ainda escreve—*mindypirô* papas grossas, e Faria, *Comp.* cit., P. 12,—*marapyron*.

PIRAPÓRA : riacho na serra de Maranguape, celebre pela limpidez, frescura e salubridade das suas aguas, que proporcionam deliciosos e famosos banhos nos logares das cachoeiras—*Ety.* :—São muitas: salto do peixe, de *pirá* peixe e *pòre* salto—J. de Alencar, *Irac.*, P. 183, Frei Maranhão cit., P. 252 ;—peixe que salta, de *pirá* e *pó* saltar. Gay cit., P. 59 ;—salto do peixe ou logar ônde o peixe habita, de *pirá* e *pòre* salto, ou *pòra* habitante :—*locus ubi pisces saltant aut habitant*. Martius, P. 522— A do mestre: o que tem peixe. B. Caetano, *Vocab.*, P. 63 e 412.

PIRAÚNA : peixe preto, escuro, vulgarmente *mèro*. G. Dias, *Dic.*, e Martius, P. 470—A nossa *piraúna*, porém, é differente do *mèro* na cór e no tamanho: é avermelhada e cresce pouco mais de um palmo a maior ; ao passo que o *méro* é escuro e cresce do tamanho de um *tubarão*. Desta forma ao nosso peixinho não é applicavel a —*Ety.* :— peixe preto, de *pirá* peixe, e *úna* preto. B. Caetano, *Vocab.*, P. 381 — (*Vide Una.*)

PIRIQUÁRA : barra do rio S. Gonçalo, no *Trahiry*, com curráes de pescaria, muito abundante de peixe— *Ety.* :—corruptéla de *pirá* peixe, e de *coára* buraco : loca de peixe. *Puteus piscium*. Martius, P. 522.

PIRIQUÍTO : papagáio muito pequeno, conhecido e apreciado. — *Ety.* :— do francez *perroquet* papagáio, diminutivo de *Pierre* Pedro ; porque, como notou Ménage, sempre foi uso dar nomes de homens ás aves : ave semelhante ao papagáio, mas mais pequena — Constancio, Lacerda e Faria, *Dicc.* cit.— Martius, P. 467, tem duvida si é voz tupica ; e B. Caetano, *Vocab.* P. 396, escreve *pi-rî-quí-tì* passaro pequeno verde ou azul, vulgo piriquíto ? Para mim não resta duvida que o vocabulo é indigena, mas onomatopaico : o *piriquito* diz claramente este nome — Ha uma especie muito interessante e mais rara, a menor, muito verde, do bico branco e curto. O macho tem os encontros de um azul lindo. Vive pouco —Chama-se *tapacú*, porque é *suro* ; mas uns, para evi-

tarem um som desagradavel a ouvidos pudicos, escrevem *tapacúm*, e outros—*sem cáuda*, como fez T. de Mello (Vide *Rev. do Inst.* cit. T. 49, P. 52.)

PIROCÁIA : lagôa em Arronches—*Ety.*:—peixe queimado, de *pirá* peixe, e *cáia* queimado.

PITANGA (E. *pitanga*, L.) : fructo acido ou agridoce, côr escarlate, do tamanho da jinja, porém mais chato, canallado—Moraes cit.—

As pitangas fecundas
São na côr rubicundas
E no gosto pícante comparadas
São d'America jinjas desfarçadas.

(Botelho de Oliveira, *A Ilha da Maré.*)

As pitangas com côres golpeadas
Dão refrigerio na febril secura.

(Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 44.)

Ety. :—sorver cheiro, de *piter* sorver e *ang* odor — Martius, P. 404 ;—corruptéla de *ibipiranga* pelle vermelha, de *pi* pelle e *piranga* vermelho, allusão a epicarpo da fructa. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.*, P. 105 — Melhor : fructa vermelha, de *ibá* fructa, e *piranga*. B. Caetano, *Vocab.*, P. 187 — *Pitanga* não designa somente a fructa, affixo ás palavras peixe, madeira, passaro, etc., servia tambem de designar objectos, em que a intelligencia do barbaro como que não acertava com outra qualidade mais que a da cór. Nos proprios nomes dos rios se descubria sua curteza de idéias. Uns eram designados pela apparencia de suas aguas, donde vem termos tantos rios, vermelhos, negros, pretos, claros ou brancos e verdes ; outros por alguma ossada de homens ou de animal, que achava á sua margem, como *jacaré canga* (vide) Varnhagen, *Hist.* cit., P. 110—Com a mesma orthographia tem significação diversa—criança de peito ; e, portanto, *ety.* tambem diversa : de *piter* chupar e *ang* alma ; ou porque as criancinhas atrahem e deleitam a quem as vê ;

ou porque absorvem porção d'alma dos paes—J. de Alencar, *Irac* , P. 189.

PITAR : tomar ou chupar o tabaco—*Ety.* :—de *petyar* tomar o *petùm* (tábaco) — De *pitar* já temos *pituda*, *piteira* e *pito* (cachimbo). B. Caetano, *Notas aos Indios* de Fernão Cardin, cit., P. 107, Varnhagen, *Hist.* cit., T. 2.°, P. 446, e Moraes cit. *Pito* já empregamos familiarmente como synonimo de advertencia, carão : passei-lhe um *pito*.—Temos tambem *piteira*, especie de *cactus*, cujas folhas chamam lancêtas ou espadas, tem as pontas tão duras e agudas que furam facilmente como qualquer instrumento perfurante.—

> Sobe a lança virente da piteira,
> Dentre longas espadas . . . .

(P. Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 30, E. 290)

PITIMBÚ : logar na Serra da Ibiapaba, cabeceira do rio Timonha—*Ety.*:—de *piter* chupar, e imbú arvore do imbú *(spondias)* — *Sugere fructum spondiœ*. Martius, P. 522.

PITÓMBA *(meleagrinex pernambucana)*: fructo da *pitombeira (sapindus esculentus)*, consistente em um caroço redondo e pequeno, coberto de uma polpa delgada, doce e branca, com uma casca grosseta amarellada. Moraes cit. Os poétas foram infiéis na pintura que delle fizeram : Botelho de Oliveira, *Ilha da Maré*, descreve-o impropriamente dourado e cheiroso !

> As pitombas douradas se as desejas
> São no gosto melhor do que as cerejas ;
> E para terem o primor inteiro
> A vantagem lhe levam pelo cheiro.

Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 44, não foi menos infiel, pintando-o como gemma de ovo !

> As flagrantes pitombas delicadas
> São, como gemmas d'ovos, na figura.

A amendóa (caroço) é perniciosa ás aves de creação : e tenho notas da producção de effeitos toxicos, produzidos da sua ingestão no estomago em creanças. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 182—*Ety.* :—de *piter* chupar e *ôbá* fructo : fructo de chupar, allusão á côdea que se come, e é gostosa.

PITÍNGA : especie de camarão pequeno e branco que serve de isca na pescaria. Hoje, por extensão, qualquer peixinho que sirva de isca.— *Ety.* :— corruptéla de *petinga* branco, claro. J. Verissimo cit., P. 48—Em Moraes lemos que é tambem especie de mingáu, de mandióca mal lavada e de máu cheiro, como indica *tinga*, que significa fedor ou fedorento na lingua geral.

PITÚ : camarão pardo, quasi preto, com uma lista esbranquiçada no lombo — Habita nos rios. O *pitú-açú* tem um dente, que se costuma deitar ao pescoço das crianças como remedio para a dentição—*Agahí pitú-açú!* é expressão familiar de affirmação que nos sabe . . . .— *Ety.* :— casco preto, de *pi* pelle, casca, casco e *u* abreviatura de *una* preto, escuro.

PITUÍM : catinga de podre — *Ety.* :— de *ypití* forte, muito e *yú* podre ; donde o vocabulo brasileiro *pituim*. Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 4.°, P. 256 ; ou *pitúi*, do interior que extravasa, cheio, farto, trasbordante — B. Caetano, *Vocab.*, P. 400—*Pituim* já é vocabulo vulgar entre nós.

PIÚBA (*apeida cymbalanea*): arvore comprida, muito direita, com a casca muito verde e lisa. A madeira é molle e branca, e a casca se esfolha muito bem—G. Soares, *Not. do Bras.* cit. — Varnhagen, *Panorama* cit., T. 12, P. 376, diz que em nenhuma outra parte, sinão na terra da S. Cruz, cresce esta arvore extraordinaria. Mas Julio Verne, *Hist. dos Grand. Viaj.* e *das Grand. Viaj.*, P. 171, diz tambem que no dia 29 de Julho de 1585, o explorador Davis verificou no sitio da bahia *Gilbert* a presença de uma enorme quantidade de madeira de jangada, entre a qual cita uma arvore inteira, que não teria menos de 60 pés de comprimento — No Ceará ha de má qualidade na serra de Baturité ; pelo

que os nossos jangadeiros, todos os annos, vão-se fornecer em Alagoas, onde a ha da melhor qualidade e em abundancia.—*Ety.* :—contracção de *apeíb* arvore de canôas, jangadeira. B. Caetano, *Vocab.*, P. 200—Tambem pode ser : arvore de pelle, de *pi* pelle e *úba* arvore.

PIXÁNA : gato. G. Dias, *Dic.*, e Martius, P. 82 — *Ety.* : — o que belisca, o que arranha, do verbo *pixane* arranhar, beliscar—E', alem disto, a voz por que este animal acóde mansamente—O gato foi domesticado pelos indios do Perú. C. de Magalhães cit., P. 32.

POÁIA (*cephaelis ipecacuánha*) : é a mesma *ipecacuánha* (vide)—*Ety.*:—raiz contra veneno; da contracção de *cipó* raiz e *ayba*, *aya* veneno, mal. Martius, P. 377 e 404 — Pode tambem ser contracção de *cipó* e *áia* saudavel : raiz medicinal—*Aioo*, diz o mesmo Martius, P. 377, no dialecto meridional significa — curar.

POCÉMA : vozeria, algazarra. Móraes e C. Aulete — *Ety.* :— bater de mão ; de *pó* mão e *cemo* clamar ; porque os indigenas acompanhavam o vozear com o bater das palmas e das armas, fazendo grande alarido nas occasiões solemnes, como em começo de batalha, ou nas expansões de alegria. J. de Alencar, *Irac.*, P. 170, A. Vieira, *Cartas*, T. 2.º, P. 31.

PÓITA : corda feita da *gargaúba*—*Ety.* :— de *pooita* gerundio de *pooî* (de *pó* fio, *oî* elle está ?) emmaranhado, a ou para emmaranhar—B. Caetano, *Vocab.*, P. 409.

PORANGÁBA : lagôa á uma legoa da capital, a qual dêo o nome á antiga aldêa dos indios *algodões (amanay)* —*Ety.* : — belleza — Martius, P. 83, e G. Dias, *Dic.* — Pompêo, *Dic. Top.*, escreve *parangaba* e dá-lhe a mesma significação ; mas C. Mendes (*Memorias*, T. 2, *Pref.*, P. 15, N. 2) com a mesma orthographia *(parangaba)*; que, considera corrupção de *payangaba*, dá-lhe a significação de *padrinho*, tambem sem fundamento, como depois, nas mesmas *Memorias* reconhecêo (P. 67). Igualmente Barba Alardo; P. 262, não tem base para traduzir o vocabulo por—*agua que se parece com cunhã bonita*; pois *porangaba* é apenas o nome de uma cunhã bonita,

que deo-o á lagôa deste sitio, e ultimamente a um poêmeto de J. Galeno — A aldêa passou em 1759 á villa com a denominação de *Arronches*, do nome de uma villa de *Leiria*, em Portugal, já decantada por Camões, *Lusiadas*, C. 3.° E. 55, e C. 8.°, E. 19 — A lei provincial n. 2 de 13 de Maio de 1835 extinguio a villa, annexando o termo ao da Capital; mas a de n.° 2097 de 25 de Novembro de 1885 restabeleceu a categoria de villa com a denominação de *Porangaba*. (Vide *Tipuhú*).

PORANGABUÇÚ : lagôa no caminho de Arronches, á meia legoa da capital—*Ety.*:—porangaba grande, de porangaba e *uçú* grande.

PORÂNGO : cuia ou cabaço vasío — *Ety.*: — corruptéla de *porongo* ou purungo, e este de *porog* com a significação dada — B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 109.

POTÁBA : dadiva, quinhão, quóta, offerta, porção que cabe na mão, ração, punhado — G. Dias, *Dic.* — Termo vulgar: boa *potaba* — *Ety.* : — do guaraní, composto de *pó* mão e *ta* colher ; parte, porção, o que cabe na mão. Braz Rubin cit., P. 378; ou participio do verbo *potar*, *mbotar* (*po-tar* colher á mão, o que colhe a mão, colher o que ha) — B. Caetano, *Vocab*, P. 423.

POTÓ : insecto, expelle um liquido caustico, produzindo chagas dolorosas, que saram difficilmente. E' tambem planta medicinal, cuja raiz tem um principio summamente acre: usa-se da raiz contuza para fazer rubefacção na pelle. Pompêo *Ens. Est.* cit., P. 177 — *Ety.* : — alteração de *tatá* fogo.

POTIHÚ : rio em Baturité —*Ety.*:— rio do camarão, de *potí* camarão, e *hú* agua.

PRÊÁ (*cavia apereá*) : especie de rato (G. Dias, *Dic.*); mas sem cauda e melhor alimento. (C. Mendes, *Memorias*, T. 2.°, P. 515, N. 2.ª); tem pescoço curto e grosso, e a cabeça conica ; as orêlhas pequenas e redondas ; os olhos salientes e vivos. São plantigrados, de pés curtos, com 4 dêdos nas patas anteriores e 3 nas posteriores ; as unhas curtas, mas muito fortes — E' timido, mas pru-

dente. Quando sahe de seo escondrijo é sempre com a maior cautéla, olhando para um e outro lado, para depois dar pequenas carreiras em busca das hervas de que se alimenta — Walppœus, P. 287 e 288—Os préás compõem uma pequena tribu, cujas especies se multiplicam nas regiões em que existem numerosos campos cultivados—Ahi fazem grandes estragos—*Ety.* : — abreviatura de *aperêá*, comprehendido por F. Cuvier no nome generico d'*Anœma* que quer dizer *agradavel*. E. Liais cit., P. 471 e 540.

PRÉCABÚRA : lagôa pequena entre Mecejana e Aquiraz, a qual desagua no mar.—*Ety.* :—lagôa cheia de pato, da corrupção de *ipéca* pato, e *ipura* cheio — A lei provincial n.° 615 de 19 de Setembro de 1854 escreve impropriamente *preacabura*, que queria dizer — cheia de *prêá*, denominação que não assenta n'uma lagôa.

PREAÓCA : serra entre Aquiraz e Cascavel, a 5 legoas do mar—*Ety.* :—tóca ou covil de prêá; de *prêá*, e *óca* casa, por extensão tóca, covil—Martius, P. 523.

PRIMAMÚNA : lagôa em Mecejana —*Ety.* : — logar de peixe preto, de *pirá* peixe, *mame* logar, e *una* preto.

PÚBA : mandióca enterrada na lama até amollecer (Moraes) ; ou que se deixou muito tempo n'agua corrente (G. Dias, *Dic.*) — *Púba* applica-se hoje a todas as batatas—*Ety.*:—corrupção de *pyba*. B. Rodrigues, *Rev. Bras.*, T. 9, P. 49, Nota—Vem do participio *pur* ferver ou fermentar: *puba* fermentado, apodrecido. B. Caetano, *Vocab.*, P. 426.

PUÇÁ : rêde pequena, feita do fio do *tucúm*, com a qual pescavam os indigenas *tainhas (paratîs)*, e mais peixes. que com a enchente da maré entravam pelos esteiros. G. Soares, *Noticia* cit. Part. 2.ª Cap. 134, e Varnhagen, *Hist.* cit. T. 1.°, P. 177—Rêde de pescar— Martius, P. 84, e G. Dias, *Dic.* — Entre nós é vocabulo mais usado como significando labyrinto grosso e cheio —*Ety.* : — de *apîçá* ou *pîi-hab* o com que ou em que se debulha, joeira, salpica, ou melhor o participio de *pug*

furar—*puhab* esburacado, rendado : rêde, renda, crivo. B. Caetano, *Vocab.*, 390—Moraes escreve *poçá* contra a etymologia.

PUCUMÃN : fuligem, aliás pendurucalho de fuligem, pendente das chaminés—*Ety.*:—corrupção de *ape humâ* superficie toda negra, casca ennegrecida. B. Caetano, *Vocab.*, P. 81 — Termo vulgar.

PUNARÉ : rato grande do mato, do tamanho de um prêá, mas melhor caça e com rabo grande cabelludo amarellado; pelo que é tambem conhecido vulgarmente pelo appellido de *rabudo* — Differe do *guabirú* em ser maior e viver sempre no mato—*Ety.* : — corruptéla de *pîyaré* o que fica ou está pégado ao fundo, ao principal, ao corpo, allusão á grande cauda do animal.

Q

QUÊM-QUÊM : formiga grande e preta, cuja dentada é dolorosa pelo córte que dá. Carréga os óvos e se aninha na superficie da terra. B. Rodrigues, *Rev. do Ins.* cit., P. 67 — *Ety.* : — alteração de *aquêquê*, especie de formiga. B. Caetano, *Vocab.*, P. 45 — Vem da radical *quir* cortar, repetida, do uso do indigena para ás vezes formar o augmentativo : muito cortante, ou que corta muito — *Quêm-quêm* é tambem o nome, por que nos nossos centros é conhecido o *cancão* (Vide). Chamam-o assim do canto, que parece dizer estas palavras— (Vide *Tentém).*

QUICÉ : faca — Martius, P. 60, G. Dias, *Dic.*, C. de Magalhães, P. 19 — Faca pequena. J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 280—Termo vulgar com a significação de faca pequena gasta pelo uso — O indigena não a fazia de ferro, que não conhecia, mas da *taquâra* que, preparada ao fogo, tornava-se tão cortante como o proprio metal. Araripe Junior, *Jacina A Marabar*, P. 318 — *Ety.* :—de *quír* cortar, e *hé* aguçado, instrumento aguçado e cortante ; faca. B. Caetano, *Vocab.*, P. 435.

QUIRÍ : arvore, de cujos galhos fazem-se afamados cacêtes ; pelo que já o cacête é conhecido vulgarmente

por *quiri*—*Ety.* : — arvore que corta, fere, ou com que se corta ou se fére; de *quir* cortar, e *i* abreviatura de *ib* arvore.

QUIXABA : porco do mato—*Ety* : — de *quichab* cortadura, evidentemente do participio *quihab* e *quichár* o que corta—B. Caetano, *Vocab.*, P. 434—(Vide *Caetitù* e *Capivára*).

QUIXADÁ : villa e freguezia florescentes, e ainda mais si fosse concluido o grande açude, que em 1886 começou o engenheiro J. Revy a construir de ordem do governo imperial. —*Ety.* : — a mesma do vocabulo seguinte.

QUIXARÁ : tribu tapuia, tambem conhecida por *Quixadá*, que habitava o interior da capitania, especialmente a barra do rio *Sitiá*. Araripe, *Hist.*, P. 5—*Ety.*: — Oh eu sou senhor ! de *qui* oh, *xe* eu, e *uára* senhor. Martius, P. 524 — Corrompeo-se em *Quixadá*, conservando o nome primitivo a um povoado entre S. Matheus e Santa Anna do Brejo Grande.

QUIXELÓ : tribu tapuia, que se entregava com paixão á rapina. Tão depressa se deixou aldêar na missão da Telha *(Iguatù)* como abandonou-a para ir pilhar e roubar. Foi reunida ás dos *Canindés* e *Baturités* para povoar a villa deste ultimo nome — Theberge, P. 7, Araripe, P. 15—*Bom Jesus do Quixeló*, nome da antiga aldêa, creada freguezia pela lei provincial n. 1429 de 14 de setembro de 1871—*Ety.*: da corrupção de *qui* oh, *xe* eu e *ró* amargo, revolto, turbulento : oh eu sou turbulento, trefego, incorrigivel.

QUIXERAMOBÍM : cidade, comarca e rio a 40 legoas da Capital. O rio nasce do coração do grupo central das serras do oéste da Provincia, banha a cidade e engrossa o *Banabuihú*, depois de um curso de mais de 30 legoas, pelos sertões mais ricos em pastagens e criação. Pompêo, *Dic. Top.*—A cidade foi por largo tempo uma povoação de pastores, até que por Provisão de 15 de Novembro de 1755 foi creada freguezia com a invocação de Santo Antonio de Padua, e por Carta Regia de 13 de Junho de 1789 — villa, com a denominação de *Villa Nova do*

Campo Maior de Quixeràmobím, "para o fim, dizia a Carta, de se recolher á ella os vadios, malfeitores e vagabundos, que infestam o paiz com roubos, assassinatos e toda qualidade de crimes atrozes, sob pena de serem considerados relapsos. e suas prisões recommendadas a todas as autoridades civís. e militares."—*Ety.* :—O vocabulo está profundamente corrompido. Em 1704, diz Araripe, P. 65, os indios chamavam *kinaré* e os colonos *kiaremobím* ao rio que então se descobria — Por outro lado diz Theberge no seo *Esboço* cit. publicado no *Diario de Pernambuco* de 1862; « Tenho para mim que a denominação de Quixeramobim, applicada a esse local, tira antes a sua raiz destes indios (*Quixarás*) do que da palavra que significa *carne gorda*; pois persuado-me que já existia a denominação do rio *Quixeramobím* anteriormente ao facto de saber-se que seo valle produzia carne gorda, ou por outra, que era proprio para a criação de gado.» Na edicção official de 1870, porém, o *Esboço* supprimio este periodo, que aliás dava noticia da signlficação tradiccional do vocabulo — As outras *ety.* não satisfazem : Oh meos outros tempos ! de *qui* oh, *xere* outro, *amonbine* tempo : *oh ego alio tempore !* Comminação. *Quos ego alio tempore.* Martius, P. 524, J. de Alencar, *Irac.*, P. 182 :—vacca gorda, Milliet cit. Prefiro : carne gorda, não só por ser a unica tradiccional, como porque se explica regularmente por corruptéla de *quirán* gorda e *mbiú* carne. A lei provincial n.° 22 de 4 de Junho de 1835, elevando a villa á comarca, e a de n.° 770 de 14 de Agosto de 1856 elevando-a á cidade, manteve apenas a denominação de Quixeramobím—João Dias Paes Lemos, um dos mais esforçados promotores da nossa independencia nacional, foi agraciado por D. Pedro I com o titulo de Marquez de *Quixeramobím*, mas do nome de uma sua fazenda no municipio de Itaguahy, provincia do Rio de Janeiro.

QUIXÓ : armadilha para pégar animaes pequenos, e nisto differe da *arapúca*, que serve para pégar aves, (vide), alem de que esta é armada na superficie da terra, e o *quixó* em buraco—*Ety.* :— de *quir* cortar e *çôo* caça, animal — o que corta ou mata a caça.

S

S :— O indigena não conhecia esta letra ; porque, como já dissemos em outra parte (vide *Açahì* e *Assarè*) e explicaremos melhor na *Nota* final, a lingua repelle o sibillo que lhe é proprio. Mas usamos della, em vez do *c* cedilhado, sem contradicção alguma ; porque, sendo o nosso trabalho um *Vocabulario Indigena em uso na Provincia, etc.*, devemos respeitar o *uso* que, assim como faz lei, pode tambem consagrar esta innovação, que já foi acceita por autoridades respeitaveis.

SABIÁ (*turdus sabiá*) : ave avermelhada cinzenta, do papo branco, cujo canto Gonçalves Dias, natural do Maranhão, tanto celebrisou na sua *Canção do Exilio*, escripta em Coimbra.—

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá ;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Casimiro de Abreu não se mostrou menos apaixonado do seo canto nas suas *Primaveras*, *O Meu Lar*, P. 78—

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus ! não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

As especies mais conhecidas são : *sabiá-cóqua*, a que o vulgo chama *sabiá-côco* ; *sabiá-tinga*, conforme é branco ou ruivo (Martius, P. 472) ; *sabiá-gongá*, do papo avermelhado ; *sabiá-cica*.—

E o hymno, os uivos, e a palavra amiga
Do verde sabiásica, em cujo peito
As rouxas lasiandras se estamparam !

(P. Alegre, *Colombo*, T. 2, C. 29, P. 259.)

o *sabiá da matta*, pardo, do papo branco, é de todos o mais afamado, sobretudo o de Alagoas e Bahia : exalta-se á vista d'agua, de que é apaixonado.—

E o pardo sabiá, flauta dos rios.

(P. ALEGRE cit., C. 30, P. 290)

Na terra os sabiás sempre são mudos,
Mas junto d'agua tem a voz que é encanto.

(DURÃO, *Caramurú*, C. 7, E. 65.).

—*Ety.* :—contracção de *haabiá* (*haâ-pĺi-har* aquelle que resa muito), nome geral dado a tordos e aves cantoras congeneres. B. Caetano, *Vocab.*, P. 147—No Amazonas é conhecido por *uirachué* passaro chorão, de *uira* passaro, e *chué* chorão. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 114— E' tambem nome de uma arvore, do páu fino ; a madeira muito usada em cercas e cercados. Vem seo nome da cór da casca, parecida com a da ave.

SABORÁ : materia amarrellada dos favos novos da abelha. B. Rodrigues, *Rev. Bras.* cit., T. 9, P. 48, N. 2.ª —*Ety.* :—corruptéla, ou de *heborá* o que ha de ter mel ; ou de *teborá*, de *teiporá* o que vae ser mel ; amago da colmêa, o mel amargo ou de máu gosto, a comida das abelhas. B. Caetano, *Vocab.*, P. 61 e 493.

SACY : avezinha, parda, do tamanho de um pombo ; seo canto, triste e lugubre, é mais frequente á noute do que durante o dia (Lamartinier)—Os indios suppunham-na mensageira do céo (J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 102) e era tida por sagrada, porque recebia em si as almas dos mortos (*Avis apud indianos Goyatacos sacra habita, quippe quæ mortuorum hominum animas in se reciperet*) Martius, P. 474 (Vide *Guaynumbi*) — *Ety.* :— o que é mãe das almas, de *hà*, *hung* alma, e *cy* mãe, nome de beija-flor, colibri, de um animal e de uma especie de demonio. Para este ultimo pode o nome vir de *acy*, dóer, no relativo *haci*, com o *h* fixado em *ç* : *haci* o que faz doer ou dor. B. Caetano, *Vocab.*, P. 86.

SAGUÍ (*chrisothrix entomophaga*) : o menor da especie *simia*. Martius, P. 472 — A carne passa por saborosa iguaria entre os selvagens. Walppœus cit., P. 270 —O povo crê que este animalsinho morre de fazer-se-lhe carêta, donde o comparar-se vulgarmente o cobarde ao *saguí*— *Ety.*:— corruptéla de *çayuí* macaco pequeno ou macaquinho. B. Rodrigues, *Rev. Bras.* cit., P. 110. Preferivel : olho que mexe, corrupção de *eçá* olho, e *coí* mexer : experto, vivo, attento. B. Caetano, *Vocab.*, P. 85 —Tambem se vê *sauhy* em J. Pinkas, *Rev. da Socied. de Geogr. do Rio de Janeiro*, T. 3.°, P. 304, e *saguim* em C. Aulete, B. Rodrigues e no proprio B. Caetano, que dá tanto esta como a orthographia do texto. Preferi a do texto por mais etymologica e commum.

SAMAÚMA (*eriodendron samaúma*, Mart) : arvore gigantesca, vegeta nos terrenos frescos. Dá uma fructa do feitio de um cacáu, dentro da qual ha uma fibra sedosa, côr do algodão— *Ganga da India*, de que se fazem excellentes colchões—Em logares apropriados á sua vegetação é arvore importante, estende os galhos quasi horisontaes á grande distancia do solo e fascina a vista com a massa arrojada de seo tronco e galhos enormes e a formosura de sua folhagem. Walppœus cit., P. 209 — *Ety.*: —corruptéla de *çam-hab* pellos, felpas, pennugem, e *ib* arvore : arvore de fibras filamentosas. B. Caetano, *Vocab.*, P. 87—Escreve-se tambem *samaúba*, que é melhor orthographia.

SÁMBA : dansa popular ao som da vióla, do pandeiro e de improvisos. Nem se imagina o desesperado saracoteio, no qual todo corpo estremece, pulsa, sacode, gira, cambaleia, como se quizesse desgrudar-se. J. de Alencar, *Til*, T. 4.°, P. 54—Silvio Romero, *Rev. Bras.* cit., T. 1.°, P. 198, dá esta dansa por privativa dos homens das praias e margens dos grandes rios. No Ceará, porém, podemos asseverar que a ha em toda parte, tanto no littoral como no centro, distante de praias e rios — *Ety.* : — Araripe Junior, *Luizinha* cit., Notas, declara não conhecel-a. E' de origem africana. J. Verissimo cit., P. 21;— adoração a Deos, termo africano. Cannecatim,

Coll. de Obs. Gràm. sobre a Ling. Bunda ou *Angolense*, e *Dic. abrev. dá Ling. Congueza*;—é um verbo *conguez* da 2.ª conjugação, que significa adorar, invocar, implorar, queixar-se, rezar. No *angolense* ou *bundo*, igualmente, rezar, é *cusamba*: na conjugação do verbo perde a syllaba inicial do presente do infinito; de sorte que, além deste tempo e modo, em todos os outros o termo bundo é *samba*, *mussambo*. E' uma dansa religiosa, como é *candombe*, uma ceremonia do culto, dansa, honra e louvor da divindade, homenagem semelhante á de David, psalmeando e dansando em frente do tabernaculo, dansa como a dos sacerdotes de todas as religiões primitivas, uma funcção hieratica, Macedo Soares, *Rev. Bras.* cit., T. 1.º, P. 592, e T. 4.º, P. 245—Segue-se a palavra do mestre: Outras considerações me levam a pôr em duvida que sejão angolenses muitos vocabulos dos quaes o Sr. Macedo Soares cita na pag. 592 do 1.º Tomo desta *Revista*, dentre os quaes alguns até me parecem ser do *tupi*, levados para a Africa pelos portuguezes depois que começou o trafego dos escravos negros. Entre elles apontarei *samba*, que é uma dansa, *mucamba*, *catinga*, *tanga*, etc.—B. Caetano, *Rev. Bras.* cit., T. 3, P. 35—*Samba*, de *çam* ser ligado, fazer liga, unir-se, conjugar-se; dansa em que faziam roda, dando as mãos. B. Caetano, *Vocab.*, P. 87—Póde tambem ser corrupção de *huyb* flecha e *ymbo* fuso, de que se fez *suumba* e depois *samba*. Nesta dansa vertiginosa quando o dansador sáe, parte como uma *flecha* e move-se, *sarapateando*, como um fuso. Pode ser que da semelhança proviésse o vocabulo.

SAMBAÍBA *(cecropia concolor)*: arvore, a folha é tão aspera e consistente que serve de lixa para alisar a madeira. E' o nosso cajueiro brabo, de que se tiram chibatas muito fortes, e cuja casca tem o mesmo prestimo que o *macacú mirim* no Pará: os pescadores mettem as linhas de pescar no succo resinoso, que extrahem da entrecasca, afim de se lhes não desgastar tão depressa —O cozimento das folhas é adstringente, e emprega-se em banhos contra a inchação das pernas e do escroto.

Chernoviz, *Form.* cit.— *Ety.*: — corrupção de *hobâibîb* arvore de folha aspera, vulgo *sambaíba*. B. Caetano, *Vocab.*, P. 165.

SAMBAÍBÍNHA *(davilla americana)*: arbusto, cujas folhas tem o sabor amargo e as flôres um cheiro desagradavel —Tem as mesmas propriedades medicinaes da *sambaíba* (vide) Chernoviz, *Form.* cit. — *Ety.*: — sambaíba pequena, já traduzido o diminutivo *mirim*.

SAMBAMBÁIA *(Steris caudata)* é herva parazita (cabello vegetal), de que se fazem suadores de cangalhas, e que tem prestimo medicinal—*Ety.*:—contracção de *caa-amby-aioo frutex fructu muciliginoso medicinali.* Martius, P. 389.

SAMBURÁ: cesto com orelhas, da bôca apertada, em que o pescador guarda o peixe que pesca (J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 272), ou em que o pobre guarda suas provisões — Já vem em Moraes e Aulete, e tambem em alguns poétas—

Ai! vejão como é bonita
Co' as tranças presas na fita
Co' as flôres no samburá!

(C. DE ABREU, *Primaveras*, *Moreninha*, P. 92.)

— *Ety.*: — segundo uns é vocabulo africano, segundo outros *tupí*. J. Verissimo cit. P. 24—E' tupí, corrupção de *namby* orelha e *urú* cesto: cesto de orelhas. J. de Alencar, *Ubir.*, P. 183.

SANHAÇÚ *(tanagra auneapilla)*: ave pequena, canóra, de côr cinzenta plumbea, com azas de côr azul esverdeada. Alimenta-se com formigas. Walppœus, P. 327 —*Ety.*:— de *sahy* (vide) e *açú* grande — B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 115.

SANHARÃO: especie de abelha impetuosa; faz a colmêa n'arvore em forma de um *piston*, mas só fabrica cêra. Costuma atacar de preferencia os cabellos e embaraçal-os; donde o chamar-se vulgarmente *sanharão* o cabello embaraçado—*Ety.*:— de *sanhé* impeto e *ró* em-

baraçar ou misturar (vide Martius, P. 472) — Melhor: corruptéla de *eçañaró* olhos arremetter, nome dado ás abelhas e vespas — B. Caetano, *Vocab.*, P. 111.

SAPÉ *(anetherum bicorne)*: herva, nasce nas terras cansadas, de folhas compridas e estreitas; dá um pendão branco, com que se cobrem palhoças, e trava tanto que faz as terras más. Moraes cit.—E' diuretico (Chernoviz cit.), mas dizem que a raiz enthisica os animaes quando empregada em alcochoado de cangalhas. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 115 — *Ety.* :—seo caminho ou caminho delle, de *ça* seo e *pé* caminho. Martius, P. 524, e G. Dias, *Dic.*, P. 155, letra *R*. A verdadeira: contracção de *eçapé* o que allumia: graminea que servia para cobrir casas e fazer fachos. B. Caetano, *Vocab.*, P. 88 — *Sapé* já se emprega como synonimo de casinha ou choupana.—

O balanço da rede, o bom fogo
Sob um tecto de humilde *sapé*.

(F. Varella cit., *A Roça*, P. 126.)

De *sapé* já temos *sapezal* logar onde cresce o *sapé*. Martius, P. 536.

SAPÉCAR: tostar, queimar mal—*Ety.* :—do guaraní *hapeg*, composto de *ha* pello, *pé* superficie, chamuscar, e a desinencia portugueza *ar*: queimar levemente com chamma. Braz Rubim, P. 378. Sylvio Romero, *Rev. Bras.*, T. 6.°, P. 214. B. Caetano, *Vocab.*, P. 481 — Ainda não vem nos *dicc. port.*, mas é vocabulo muito usado, assim como o subst. derivado *sapéca* sova, pisa— No Pará ouve-se *saberecar*, *saperecar*, *saprecar* e *sabrecar*, em geral com o *r* final imperceptivel; mas *suprecar* é a mais geral e a que, parece, tende a supplantar as outras. J. Verissimo cit., P. 49.

SAPIRÁNGA: nome usual de uma molestia d'olhos, que gasta as pestanas, póndo as palpebras vermelhas — *Ety.* :—de *eçá* olhos e *piranga* vermelhos. J. de Alencar *Irac.*, P. 184. E' a mesma ety. de *sapiron* choro continuo de 3 dias, honra com que os indios distinguiam as

exequias dos seos defunctos illustres. Araripe cit., P. 85. — Planta tinturaria (*bignònia sarm. indit.*) Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.º P. 202 — Lagoa em Mecejana.

SAPÓTA (*achras sapòta*) : fructa muito apreciavel pelo sabor adocicado. E' do tamanho de um côco pequeno da Bahia ; a casca é uma pellicula parda areienta — *Ety.* :—fructa da raiz, de *sapó* raiz e *a* fructa, interposto o *t* por euphonia.

SAPOTI (*achras*) : é a *sapóta* (vide) pequena, do tamanho de uma *guaiába*, mais ou menos—E' muito apetecido de certas aves—

. . . . . o pardo e doce
Sapoty, que desperta os sons canoros
Do meigo sabiá, do gaturamo.

(P. ALEGRE, *Colombo*, T. 2.º, C. 29, P. 252.)

—*Ety.* :—de *sapóta*, e o diminutivo *i* pequeno.

SAPUCÁIA (*lecythis ollaria*) : arvore ; onde ella mais vegeta tem 15 pés de altura, boleada em arcos naturaes de ramos que, afastado cada um para o seo lado a 3 metros do chão, reunem-se a 30 pés, enrolam-se no tronco como filamentos de uma columna em aspiral, e cuja cabeça se abre n'um ramo vegetal, que as plantas parasitas pintam de amarello escarlate e branco. J. Verne, *A Jangada* cit., P. 1.º, P. 68 — Pela sua cópa é muito procurada dos macacos ; assim como o tronco dos queixadas—

O campo da selva, a sapucáia,
Amor da simia e do voráz queixada,
Que faminto lhe abate cerceo tronco.

(P. ALEGRE, *Colombo*, J. 2.º, C. 29, P. 252.)

— Dá um fructo osseo do tamanho e com feição de um côco. J. de Alencar, Nota ao *Guarany*.

Deo co' a cabeça de um contra a do outro,
Que batendo quebram-se estalando,
Como estalam batendo as sapucáias.

(MAGALHÃES, *Conf. dos Tam.* cit., C. 1.º, P. 76)

—Da mesma arvore os indigenas faziam cordas. G. Dias, *Dic.*, P. 48; e da entrecasca excellentes embiras e estopa para calafetar navios—J. Verne cit.—A casca emprega-se na ictericia, hepatite e affecções chronicas das visceras abdominaes. Chernoviz, *Form.* cit. — Vegeta em todo imperio esta arvore. B. Rodrigues cit. — E' lignifera e de construcção. Pompéo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 199.—*Ety.*:—Malta cit., P. 252, diz que vem de *çapó* raiz e *cáia* queimada, mas confessa que ignora o motivo desta *ety.*—Deriva-se da corrupção de *sopiá (çopiá)* ôvo e *acajá* arvore de floresta, e deve significar—acajá com sementes em um ninho de aves. A semelhança do grande fructo em forma de póte e das sementes nelle contidas, com um ninho de ôvos, deo naturalmente motivo a chamar-se *sapucáia* á gallinha domestica, importada da Europa. Martius, P. 378 — Significando gallinha dão-lhe ainda outra *ety.*: o que grita, por tomar o indigena o canto do gallo para significar a gallinha. C. de Magalhães cit., P. 52, e C. Mendes, *Notas para a Hist. Patr.* cit., P. 108—B. Caetano: em tupí gallinha, aliás o gallo (o gritador), do verbo *sapucáí* gritar, clamar; arvore, de *sapucaya* fructo que faz saltar o olho, contracção de *ia* fructo, *eça-pucá-i* que tem saltamento do olho. *Vocab.*, P. 89, 144 e 183.

SAPUPÁRA: sitio de canna em Maranguape, em cujo engenho distilla-se a aguardente, que já se chama vulgarmente—*sapupára*—*Ety.*:— raiz torta, de *çapó* raiz, e *apára* torta.

SAQUARÊMA: lagôa; deo o nome á uma villa na provincia do Rio de Janeiro, a qual tornou-se celebre na politica do paiz a ponto de dar tambem o nome, em todo o imperio, ao partido que actualmente se chama conservador (Vide esta *Revista*, P. 32, Nota 40)—*Ety.*: — sem peixe, corruptéla de *sagoa* peixe *eyma* sem. Martius, P. 524.

SARACÚRA: é a nossa *sericóia*, assim chamada no sul—J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 144—*Ety.*: — (Vide *Sericóia)* — Tambem planta *(bignónia hirtella)*, tempe-

rante e adstringente, empregada contra as diarrhéas chronicas. Chernoviz, *Form.* cit.

SARARÁ : formiga vermelha de azas, que emerge á luz nos dias de sol depois das chuvas ; do tamanho da de roça. Gosta muito de dôces—Chama-se vulgarmente *sararà* á pessôa do cabello vermelho, da côr desta formiga—Entre o povo formiga de aza passa por agoureira como os côrvos n'antiguidade. A. de Freitas—*Lendas e Superstições do Norte do Brasil—Ety.* :— formiga nascida da luz do dia, contracção de *içá* formiga, *ara* dia e *rá* nascer—B. Caetano, *Vocab.* P. 478 e 486—E' tambem nome de passaro — S. de Frias cit., P. 106.

SARIÊMA *(dicolophus cristatus, de Illiger)* : ave da alvura e tamanho da garça — Muito menor do que uma *êma*, donde o chamarem-na vulgarmente *semiêma* meia êma— Tem longas pernas vermelhas ; vive ao sol ; nutre-se de formigas, de lagartos e de fructos carnosos. A sua carne é apreciada pelos habitantes do sertão, que a comparam á do pato silvestre. Walppœus, P. 336 — Passa por destruidora das serpentes. J. Verne, *A Jangada* cit., P. 78—Tem o piar triste, alimenta-se tambem de cobras, pelo que se cria domesticamente em róda das casas. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 115—*Ety.* : — corrupção de *hariabde* christa ou topete em fórma de espiga, armado em christa ou christado em espiga. E' esta a significação quasi literal em *abañeenga* do nome desta pernalta, com quanto Azara dê o nome como onomatopaico do grito da ave. B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 1.°, P. 41, e *Vocab.*, P. 90;—a que tem christa B. Rodrigues cit. — Walppœus escreve *seriêma*, assim como Faria, *Dic.*, e J. Galeno *(Lyra Cearense*, P. 144) que diz que *sariêma* se diz vulgarmente — E' o contrario : o verdadeiro nome etymologico é *çariêma* mudado no texto —Pedro Posser cit., P. 254, escreve *sary-emá*, e diz que é nome indigena, donde os francezes fizeram o seo *cariama.*

SARIQUÉ *(dedelphis)* : da ordem dos marzupiáes, especie de *gambá* (vide). Martius, P. 448, e Araripe Junior, *Luizinha*, P. 248 — *Ety.* : — ventre fendido, de

righé ou *rigué* ventre e do verbo *çaça* ou *sasa* atravessar. (E. Liais cit., P. 316); porque a femêa tem sobre o ventre uma especie de bolsa em que traz os filhos quando pequenos. C. Aulete cit. — Escreve-se tambem *sariguêa*, *sarohé* ou *saruê*, que é o mesmo.

SAÚNA: peixe do mar, de escama, pequeno e depreciado—*Ety.*:— olhos pretos, de *eçá* olhos e *úna* pretos. Tem os olhos muito pretos, donde lhe veio o nome — Tambem nome de um passarinho pintado de branco e preto. O canto parece-se com o da gallinha chóca.

SAÚVA *(atta cephalotes)*: formiga grande, castanha escura quasi negra. cabeçuda, armada de formidavel torquez ou mandibulas; terrivel, pelo que della se servião os indios para pôrem á prova a valentia dos noivos: o que supportava sua mordedura era o escolhido—Ferra esta formiga na carne com tanta ou mais valentia, relativamente, que cães de fila; porque estes vem a largar, e ella não larga ainda que a matem, e antes perderá a cabeça, ficando com as torquezes cravadas na carne do que soltar a prêsa; por isso usam della alguns cirurgiões quando querem coser alguma cicatriz com segurança—*Thez. Desc. do Amas.* cit., P. 169—E' damninha á lavoura, donde o nome de *formiga de roça*, Martius, P. 474 — As mandibulas tem tal consistencia que, no silencio da noite, quando ellas estão em actividade, destruindo, por exemplo, as folhas de um arbusto, ouve-se perfeitamente o estalido das frondes decepadas por espodões animaes. Alf. de Freitas, *Est.* e *Obs. sobre as Formigas*, P. 19—Uma plantação de milho destinada a alimentar um pessoal de mais de cem pessôas, foi por estes insectos devorada em poucas semanas. C. de B. no *Diario Official* da Côrte, n.° 121 de 2 de Maio de 1885— No Maranhão (é historico) tal damno faziam antigamente ás plantações que os Religiosos de S. Antonio propozeram acção de fôrça contra ellas para fazel-as despejar de suas casas! Lisbôa, *Obras*. T. 3.°, P. 174, 516 e seguintes—As feméas chamam-se *tanajuras* (vide) e a casa *tapicoê*, de *tací* formiga, *picoê* escavado, ou de *tapii* choça, casa, e *coê* ôca. B. Caetano, *Vocab.*, P. 482

—*Ety.* :— Póde ser qualquer : — *formiga voracissima, agros devastans, ideo* vulgo a *Praga do Brasil* vel *Rey do Brasil. Nomen ab uû comedere et sapuá vel sapyá, velociter.* Martius, P. 485, verbo *Usaubao* ; corrupção de *içá* formiga e *yba* páu ; formiga que faz mal á lavoura. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit. P. 66 e 67, Nota, verbo *Carudra* ; de *içá* e *ub* ou *îb* chefe, principal : formiga mestra. Montoya, Gram. *y Dic. (Arte, Vocab. y Tesoro de la Lengue Tupi ó Guarany ;*—de *hab* cortar e *îb* arvore : corta arvore ; ou de *içá* e *ubáe* que come : formiga devoradora. B. Caetano, *Vocab.*, P. 497 e 549.

SERICÓIA : ave quasi amphibia, de côr amarella avermelhada, do tamanho da *zabelê* ; bico e pernas grandes, com uma protuberancia carnosa sobre o bico, perto da cabeça ; sustenta-se de peixe ; e distingue-se pela carreira veloz — Canta invariavelmente ao pôr do sol, como que despedindo-se do dia, segundo a crença popular.—

Escuta, filha, a estas horas,
Que a sombra deixa as alturas,
Lá cantão as saracuras
Junto aos lagos côr de azul...

(F. Varella cit., *A Volta*, P. 220.)

— E' tambem crença popular que advinha chuvas —

E junto das selvas, na beira dos lagos,
Gentís sericóias cantando diziam :
Que breve das chuvas as gottas sem conta
Aquellas areias e mattas teriam.

(J. Galeno, *Lyra Cearense, Porangaba*, P. 89).

— E' tambem crença vulgar que, quando cantam agrupadas á roda dos charcos, dizem :—

Tres potes, tres potes.
Tres potes e um côco só —

E' tão real esta crença que nos nossos centros esta ave é vulgarmente conhecida por *tres potes* — (Vide Theophilo Braga nos *Cantos Populares* de Sylvio Romero, T. 2°, P. 206)—*Ety.* :—seo nome é onomatopaico ; vem do seo canto—(Vide *Saracura).*

SERNAMBÍ : nome que dão os indigenas á qualquer porção que se encontra de conchas (*itans*), quer pelas margens dos rios, quer pelas praias — B. Rodrigues, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 25 e Nota—Especie de concha de que se faz cal, queimada em fornos. Rayol (Barão de Guajará) *Motins Politicos*, T. 4.°, P. 336 — Especie de crustaceo. Martius, P. 474 e 543 — Tambem residuos e os pingos, que cahem da borracha no chão, ou a 3.ª qualidade da borracha—S. de Frias cit., P. 237—*Ety.* : — A palavra, hoje corrupta, pode ter duas traducções, uma exprime perfeitamente o pensamento do indio, outra, parecendo traduzil-o melhor, nada explica—Quanto á mim quer dizer :— *restos da vazante*, e não *orelha de caranguejo*. Com effeito, quando estudei o caracter do indio, uma das cousas que mais me chamava a attenção era a propriedade na applicação das phrases. A contracção das syllabas deo a suppressão de lettras, que a difficuldade phonetica fez com que o civilisado formasse uma palavra quasi differente da primitiva. *Sernamby* derivase de *seryc* vazante da maré, e *sembyr* restos. Parece ser esta a verdadeira traducção ; mas esta, nada exprimindo em relação ao objecto, affasta-se do genio da lingua, que tão bem aqui explica a origem. Com effeito é sempre depois que vasa a maré, que nos pontos onde encontrei os *sernambys* ainda influe, que se encontram as conchas que ficam pelas praias, como *restos* ou como *refugo do mar*. Dão tambem pela semelhança este nome aos *restos* que se perdem no processo da coagulação da gomma elastica, e que formam a borracha ordinaria. B. Rodrigues cit.— E', portanto, inacceitavel a *ety.* de S.ª Anna Nery cit , P. 116, N. 2.ª,—*orelha de caranguejo.*

SICURÍ : cação — Martius, P. 475 — Especie de tubarão. O da galha preta é tão terrivel que, quando cahe em um curral, acommette ligeiro e impetuoso os pesca-

dores, que precisão de matal-o primeiro para poderem entrar e despescar—*Ety.* :—de *ci* pégar e *coryb* ligeiro : o que péga, o que acommette ligeiro.

SIÓBA : excellente peixe do mar, de escáma arroxeada, semelhante á *carapitanga*, com a differença que esta tem a escáma vermelha—*Ety.* :—corruptéla de *çoo* carne e *ib* principal : a melhor carne ou melhor das carnes, allusão á excellencia da carne deste peixe— Em Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.º, P. 216, encontra-se *seriôba !*

SIRÍ : caranguejo do rio ou do mar. Martius, P. 474 —O *candêia*, assim chamado, porque sahe á borda do mar onde se pesca com *candêia*. Moraes cit. Mas o nosso *sirí* é diverso do caranguejo no feitio, na côr e no gosto : maior, mais chato, esbranquiçado, pernas mais finas ; menos gostoso e apreciado—*Ety.*:—o que se arreda, anda para atraz ou recúa ; de *cirig* escorregar, deslisar-se : *ci-cy* liso, *rì* fluir. B. Caetano, *Vocab.*, P. 94.

SIUPÉ : pequeno rio, em cuja barra se acha a povoação do seo nome, e forma o pequeno porto do *Pecém* a 7 legoas da Capital—*Ety.* :—logar de caça, de *çôo* caça e *ipé* logar (J. de Alencar, *Irac.*, P. 180 ;—ou caminho da caça, de *çóo* caça e *pé* caminho—B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit. P. 379. J. Milliet cit. escreve *Cioppé*, e J. de Alencar *Soipé.*

SOCAR : *ety.* :—do guaraní *çog* pilar, bater com páu, malhar etc. Dir-se-ia que vem do verbo portuguez *socar*, mas a mim me parece o contrario, porque nem em Diez vem este verbo, nem nos *dicc.* vem a *ety.* de *socar* pilar, como o empregam em portuguez. B. Caetano, *Vocab.*, P. 95—De *socar* temos *sóca* a 2.ª producção da canna. A 1.ª chama-se *folha* e a 3.ª *sesóca.*

SOCÓ *(ardea egretta)* : ave aquatica cinzenta ; alimenta-se de peixe, e é quasi do tamanho da *sericóia*, com as pernas, pescoço e bico maiores — O *socó-boi* é o maior da especie, com umas pintinhas pretas, assim chamado de uma especie de urro que dá. Tem um viver triste e um vôo pesado e desengraçado — Na comarca do Saboeiro é o nome dos *politicos conservadores*, e dos *libe-*

racs o de *carrapato*—*Ety.* :— de *socá* os que comem aos sócos. J. Luccok cit. Verdadeira: corrupção de *çog-hó bae* vae batendo ou batendo vae, ou manquejando: nome dado a diversos pern'altas, e no interior do Brasil tambem á Rhea americana. B. Caetano, *Vocab.*, P. 165.

SUAÇUAPÁRA *(cervus rufus):* veado galheiro, de chifres espaçosos, pasta nos matos; por isto chamado *veado do mato*. E' tambem conhecido somente por *Apára* (vide)— Do tamanho de uma novilha. C. de Magalhães cit., P. 164—*Ety.*:—veado torto, de *suaçú* veado e *apára* torto, por causa dos chifres tortos—*Suaçú* compõe-se de *teçá* ou *ceçá* olho e *açú* grande, referencia aos grandes olhos do veado. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 118; ou testa grande, de *suhá* testa e *açú*, por ter o veado a testa e a cabeça grandes (Alexandre Rodrigues Ferreira); ou *çúu* mastigar e *açú* grande: ruminante. G. Dias, *Dic.*

SUCATINGA: povoação no municipio do Cascavel, cortada por algumas lagoas, inclusive a *Salgada*, notavel por crystalisar sal quasi igual ao das salinas da praia sem aliás communicar com o mar! Nos seos terrenos tem-se encontrado grandes ossadas fosseis de animaes antediluvianos. Pompêo, *Dic. Top.*— *Ety.* :— mato de caça, de *suu*, corruptéla de *çoo* (pronunciado á ingleza), e *linga* mato rasteiro.

SUÇUARÁNA (*felis concolor*, L.): onça pequena (Araripe Junior, *Luizinha*, P. 243); cruzamento da canguçú com a tigre — E' de todas a menos offensiva, não obstante Varnhagen (*Hist.*, T. 1.°, P. 96), para significar sua fereza, chamal-a *leôa d'America*—Ha de 2 qualidades: vermelha, *suçuarána* propriamente dita, e *massaróca*, por causa de uma *massaróca* que tem na cáuda — E' a especie mais abundante na Provincia. Quando lhe falta carniça nas mattas tem-se dado casos de procurarem-na nos povoados. Ainda em dias de Junho de 1885 foi morta uma *suçuarána*, a tiro e a cacête, dentro da cidade do Aracatí, na *Cacimba do Povo*, onde fôra beber agua! (o facto é verdadeiro: não só referira-o a *Gazeta do Norte* do tempo, como asseverou-m'o pessôa de ele-

vado criterio, testemunha ocular, em carta de 18 desse mez e anno)—*Ety.* :—corrupção de *cucuacuara*, *cuguacarana* e *soasoarana* ; de *çú* alimento, *cuacu* encobrir, e *ara* terminação muitas vezes empregada para designar habito : *o que encobre o seo alimento ;* pois a *suçuarána* tem com effeito o costume de occultar a preza sob folhas sêccas para comel-a de novo quando tem fome ; habito que de todos os grandes felinos d'America só ella possúe. É. Liais cit., P. 460.—

Assim nas selvas cautelosa encobre
A onça astuta com floridas ramas
O veado que á noute trucidara,
Furtando aos olhos do colono o crime.

(P. Alegre, *Colombo*, T. 1.°, C. 4.° P. 125.)

Parece-me preferivel : de *suaçú* veado e *rana* falso, feita a referencia á côr do pello desses carnivoros, mostrando que, si bem tenha a côr do veado, comtudo não o é (B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 118) ; ou corrupção por metathesis de *suasurãn similis cervo*, ou talvez *qui cervi villos seu lanam (scilicet habet)*, B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 108.

SUCUPÍRA (*bowdichia virgiliodes*, Mart.) : arvore magestosa, cresce muito, levantando garbosamente seos enormes ramos.—

Dá-me um plectro bizarro e magestoso,
Alto como os ramos da sicupira.

(Castro Alves, *Espumas Fluctuantes*, *Coup. d'Etrier.*, P. 235.)

—A madeira é propria para construcção naval, e, por sua rigidez, della se fazem carros de boi e outras obras fortes— E' um aperiente energico : usa-se da casca, que é amarga, e sub-adstringente, depurativo — Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 190 e 198 — *Ety.* :— corruptéla de *hapó* ou *sapó* raiz, *pi* ou *pira* crúa, pela semelhança que tem a casca da raiz com a côr da carne crúa — Com ef-

feito as raizes são rôxo-escuro ou côr de carne, donde tambem vem o nome de *sapopira-vermelha*. Entre os productos da *sapopira* ha o que vulgarmente se chama *cerveja de sapopira*, que é um liquido que corre do alburno das arvores velhas quando cortadas, que não só tem o gosto de cerveja, como cobre-se de uma espuma espessa — Bebem essa cerveja contra os males do estomago. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 67—Durão, (*Caram.* C. 7, E. 52) escreve *supopira*, Magalhães (*Conf. dos Tam.*, C. 4, P. 107) *sacupira*, Chernoviz (*Form.*) *sebipira* ou *sucopira*, Walppœus — *sucupira*, Pompêo (*Ens.*, T. 1.°, P. 190, 198 e 19) *secupira* ou *sucupira*, C. Alves cit. *sicupira*; assim como B. Rodrigues — Preferi a orthographia do texto porque, não sendo nem uma etymologica, esta é ao menos a mais commum até como sobrenome de familia.

SUCURIJÚ *(bôa aquatica)*: tanto este nome como os de *sucuriú*, *sucurijuba* e *sucury*, são denominações de uma só cobra, a *Boaçú* (Vide). C. de Magalhães, *O Selv.* cit., P. 164, fez-lhe a discripção. A nossa não é menor, engole um bizerro. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 214—

Porém, d'entre um paúl qual massahyba enorme,
Que o lenhador possante a custo só derruba,
Um vulto de serpente a s'enroscar nos ares
Roncando firma o bote, — audaz sucuruiúba!

Ao boi se lança e colhe-o; e ao estalar dos ossos,
Que quebram-se a ranger na funda selva escura,
Com a lingua que tremúla afoga o pello fulvo,
Ao visco que poreja a maxilla impura.

De trago em trago sorveo-o... e hibernal á sombra
Da arvore vetusta, em que, cheia, adormece,
Do boi que resta? No ar, como um alfange, as pontas,
Em semi-circ'lo boca, ao dia que amanhece.

(Mello Moraes Filho, *Cantos do Equador).*

— As lontras são suas maiores inimigas. Ayres do Cazal, T. 2.°, P. 74 — Diz o Padre Anchieta que ella mata os animaes mettendo-lhe a colla no anus ; outros que enrola o rabo em algum tronco para melhor segurar-se e segurar a prêsa—*Ety.*:--vem de *suakara* ilharga e *jú* espinho ; porque na parte inferior do terço da cauda occultam-se transversalmente, sob as escamas, duas unhas corneas de um a dous decimetros, distantes uma da outra um decimetro pouco mais ou menos, com as quaes enrola-se aos troncos das arvores, quando salta sobre a prêsa, para sustentar o impulso que soffre esticada pela anta, por exemplo. Os indios não a matam, porque a tem por *mãi d'agua*, mas apreciam muito as unhas, que para elles é um talismán — B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 55 — Tambem pode ser corrupção de *hucuriyù* a tragadora. B. Caetano, *Vocab.*, P. 84 — E ainda : animal roncador, de *sôo* animal, *curu* ou *cury* roncador, e *jú* suffixo ; porque o grito desta serpente é medonho. (Vide J. de Alencar, *Irac.* P. 175).

SÚRA: gallinha ou outra qualquer ave sem rabo. J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 273— *Ety.* : — contracção de *súu* animal e *apára* torto, aleijado — No sul chama-se tambem *súra* o ordenança ou soldado, que acompanha os ministros ou qualquer autoridade. Pacheco Junior, *Rev. Bras.* cit., P. 394.

SURUBÍM *(platistoma lima)*: peixe especial do rio S. Francisco, e d'agua dôce ; grande e saboroso. Alguns tem-se encontrado de um metro e 50 centimetros de tamanho e de 135 libras de pêzo. A carne é um pouco dura, branca e ligeiramente amarella — Graty. cit., P. 313. Além da opinião corrente entre os indigenas, que este peixe protege os filhos conservando-os nos bronchios, Reinhard affirma que o *stegophilus insidiosus* vive como parazita na cavidade bronchial do *sorobím*. Walppœus cit., P. 366 — A ser exacto, não ha que duvidar de Soleyman quando descreve um méro pescado no mar Larevy dos Arabes ou mar de Oman, em cujas entranhas se encontrou outro mais pequeno, que continha em si outro ainda menor, ambos vivos—J. Verne,

Gr. Viajens e *Gr. Viajantes*, Cap. 2, P. 38—Ha de 3 qualidades--esbranquiçado, escuro e pintado. Este tem a pelle branca prateada, manchada de preto azulado—*Ety.* :— corruptéla de *coryb* ligeiro—Martius, P. 475;—do guaraní *surubi*. B. Rodrigues, *Rev. Bras.*, T. 6.°, P. 379— Melhor: pelle lisa ou de escorregar, de *çurú* escorregar e *bi* pelle — B. Caetano, *Vocab.*, P. 97 — Nos nossos rios não ha este peixe; mas o seo nome passou ao gado, que imita a sua côr. (J. de Alencar, *O Sertanejo* cit., T. 2°, P. 341) : *boi-surubim*, é nome que se ouve em todo nosso sertão.

SURUCUCÚ *(lachesis rhombata*, ou *cotalus mutus)*: esta denominação indica a semelhança com a sua congenere de cascavel, de que, porém, se differencía pela ausencia do chocalho, donde a denominação especifica *muda*. Walppœus, P. 349—A pelle, segundo Ayres do Casal, é alcatifada com semetria, malhada de cinzento sobre o branco, a cauda armada com dous ferrões e a mordedura apenas curavel. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 401, N. 2.ª — E' tão venenosa que depois de morta, o dente é mortifero — Baéna, *Ens. Corog. do Pará* cit. E' curta, grossa e preguiçosa ; não ataca o homem, sem ser atacada, tornando-se então feroz, si chegam a perseguil-a — Vive nos logares sombrios das mattas. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 117 — E' muito inimiga do fogo : costumam fazer fogueiras nas mattas para matal-as, porque ellas lançam-se ao fogo para apagal-o. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 214 — (Vide *Páca* e *Jararáca).*—

Já vistes contorcer-se uma serpente,
lançada viva de um incendio á chamma,
empinar-se na cauda,
enroscar-se, voar,
ao sentir estalar
escama por escama?
silvar buscando victima
co' os olhos chammejantes?

ir enroscar-se impavida
ás chammas coruscantes,
e na indomavel furia
morder rubro carvão ?

(THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*, P. 41).

— *Ety.* : — provavelmente de *sururú*. J. Luccok cit., P. 24—"Nomen significat": *vertens horsum vorsum, a sururú et coco vel cocotyg*. (Martius, P. 476): virando de frente para cá—Tambem arbusto espinhoso— J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 144.

T

TÁBA: aldêa (G. Dias, D.), ou, mais litteralmente, o logar onde faz-se a patria — *Ety.* : — de *tama* patria, berço, e a desinencia *ába*, indicando o logar, modo, instrumento da cousa — J. de Alencar, *Ubir.*, P. 170.

TABATÍNGA: povoação na serra de Maranguape e sitio na cidade da Viçosa para sempre celebre pela horrorosa hecatombe na noite de 6 de Outubro de 1878 de uma familia de 19 pessôas assassinadas e cremadas ! — *Ety.*:—corruptéla de *taud* barro e *tinga* branco. B. Rodrigues—*Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 11, N. 2.ª e *Estampa* 13 e N. 2.ª; barro branco (B. Caetano, *Vocab.* P. 468, S. Anna Nery, *Le Pais des Amasones*, P. 116, N. 1.ª, e Faria cit., P. 11), para branquear casa. (Martius, P. 525) e de que se servem as indias do Pará na pintura das cuias. (G. Dias, *Dic.*) Para lhe dar mais tenacidade e cohesão na edificação mistura-se-lhe no Pará a gomma liquida da sorveira — R. Southey, *Hist.* cit., T. 6.° —, P. 322, Nota.

TABÓCA : nome de uma especie de canna ou taquára rodeada de púas mui solidas. Moraes. E' Vocabulo que já vem nos dicc. port. e muito usado—Levar *tabóca* diz-se hoje d'aquelles a quem sáe malograda alguma tentativa. G. Dias, *Dic.*—*Ety.* : — corruptéla de *itag-bog* o que estala rebentando ou rebenta estalando; ou de *tabog*

que se fende; ou de *itá-bog* fende pedra, do uso destas taquáras mui rijas em escavar com agua as pedras para fendel-as. B. Caetano, *Vocab.*, P. 177 e 469 — E' inacceitavel : casa de aldêa, de *taba* aldêa, e *ôca* casa. Martius, P. 525.

TAÍNHA (*globio cyprinus*) : peixe d'agua dôce, de escama, do feitio e tamanho do pirá, porém melhor e mais apreciado — Abunda no mez de Junho, épocha em que desóva e engorda— B. Rodrigues, *Rev. do Ins.* cit., P. 119— As melhores são as afamadas do rio *Cocó* — A especie maior os indigenas chamavam *curimán* e a menor *paratí*. C. Mendes. *Notas para a Hist. Patr.*, P. 134, N. 34. Chamam *paratí* (peixe branco, de *pirá* peixe e *tî* branco) pela sua carne branca. B. Caetano, *Vocab.*, P. 380. (Vide *Tipuhú*).

TAÍPA : parêde de esteios gravados com ripas, varas ou cipós e cheios os vãos de barro molle, com que depois se emboça e alisa a parede— *Ety.* : — do vocabulo arabe *tabiá*. Moraes cit.— Me parece antes abreviatura de *taipaiba* parede (com quéda da ultima syllaba), de *itá* pedra e *peba* chata. Passou o vocabulo para o portuguez pela necessidade de destinguir esta parêde grosseira da do uso civilisado — de pedra e cal ou tijollo e barro.

TAMANDUÁ (*myrmecophaga tetradactyla*) : animal do corpo alongado, coberto de longos pellos, cauda longa tambem pillosa, patas provídas de fortes unhas. O focinho é longo e tubuliforme. A lingua delgada, comprida, cylindrica e muito portatil. E' com o auxilio deste orgão que elle toma a sua empreza alimentar. Introduz-na nos formigueiros e, apoz alguma demora, retira-a coberta de formigas é deglute assim de cada vez grande porção desses insectos e suas larvas. Walppœus, cit., P. 296.—

> Hirsuto tamanduá soltando a lingua
> á formiga, flagello da cultura.
>
> (P. ALEGRE, *Colombo*, T. 2.º, C. 35, P. 406.)

As especies mais notaveis: *tamandúá*-bandeira (*myrmecophaga jubata*) assim chamado por causa da cauda, que é comprida, forrada de crinas pardacentas; quando anda levanta-a parecendo uma bandeira. (J. Verne, *A Jangada* cit., P. 163), e *tamanduá-mirim* (*myrmecophapa didactyla*). O *bandeira*, ou tambem *açú* grande, já é rarissimo na Provincia (Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 212, N. 2.ª); é inoffensivo si não o aggredem; mas repelle a aggressão de modo engenhoso e triumphante; pois é—

. . . . . animal fraco
Que não ousa atacar, mas que manhoso
Deitado espera o aggressor incauto,
E abraçando-o lhe crava as curvas garras.

(MAGALHÃES, *Conf. dos Tam.* cit., C. 2.°, P. 41.)

Emilio Carrey diz que com essa compressão o proprio tigre morre asphyxiado (J. Verne cit.). Ao avistar a onça, percebendo o risco, deita-se immediatamente de costas e abre os braços. A féra, ignorando a sorte que a espera e julgando facil a bôa presa, salta-lhe ao pescoço; elle abraça-a com a furia do desespero, e mata-a quasi sempre, morrendo com ella. S. de Frias cit., P. 176—*Ety.*: —comedor de formigas. J. Luccok cit., P. 6;—caçador de formigas, de *taixi* formiga e *mondé* caçar. Martius, P. 478; de *taixi mondúá* caçador de formigas. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 119 — Melhor: corrupção de *tacêmonduar* caçador de formigas; ou por syncope ou crase de *tasymonduar* fez-se *tamanduá* caçador de formigas. B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 1.°, P. 66 — Chamam-no tambem *cumbiri* lingua fina, corrupção de *cû* lingua e *mirì* pequena, fina. B. Caetano, *Vocab.*, P. 81.

TAMANJUÁ: insecto cabelludo que destróe as plantações: penetra no tronco da planta, sobretudo do feijão, e sáe no olho, deixando-a morta — *Ety.*:— insecto pelludo que espicaça a planta, de *tama* de pello, *ju* espinho e *á* fructo, por ampliação — planta.

TAMATIÃO (*bucco capensis*) : especie de garça azul, abundante nas margens do rio *Acaracú*.—*Ety.* :—alteração de *timatiâi* o que tem bico de gancho, allusão ao seo bico grosso, pontudo, rasgado até os olhos, chanfrado nas extremidades e guarnecido de grandes cerdas. (B. Caetano, *Vocab.*. P. 477). C. Aulete escreve *Tamatiá*, e Moraes *Tamátia*.

TAMBORIL : villa central da Provincia — *Ety.* :— Tambor pequeno que se toca nas festas das aldêas. Não era, como diz Eduardo Perié (*Bibliotheca Luso-Brasileira* P. 49, N. 1.ª) fabricado com uma cabaça ou um côco — Um exemplo dessa especie de *timbale* pode-se ver em G. Dias, *Dic.*.—verbo *Tambora*. E' vocabulo que já se encontra em todos os *dicc. port.*, sem a etymologia, e usado dos melhores poetas mesmo em Portugal. —

Feitas bebés, comendo um keque.
Tocando frauta ou *tamboril*,
Ou arrastando a aza em leque
Ingenuamente ás onze mil.

(G. JUNQUEIRO, *Velhice do Padre Eterno*, P. 176.)

—*Ety.* :—vocabulo hybrido : tambor pequeno, de *tambora* já corrupção pelos indigenas da palavra portugueza *tambor*, e do diminutivo tupí *mirim*. De *tambora-mirim* ou *tambor-mirim* fizeram os colonos a dicção inteiramente aportuguezada — *tamboril* e até *tamborim* sobrenome de familia.— A arvore, de que faziam os indios esses tambores, muito apropriada por sua leveza e porosidade, teve tambem o nome de *tamboril*, á cuja abundancia deve a villa seu nome — No norte do Piauhy chama-se á esta arvore *timbaúba*, que no Ceará é muito differente— Diz Moraes que *tamboril* é tambem uma especie de peixe. E por tal Gil Vicente, em seos *Autos*, appellidou a um collega de rotundo abdomen.—

E Garcia de Resende,
Feito peixe *tamboril*,

TAMBUÉIRA : mandióca pequena e mal grada, e assim a canna que cresceu mal e os gomminhos muito curtos e de muitos nós — Moraes e Aulete. Mas no Ceará é — a espiga de milho onde estão presos os grãos ; é o mesmo que sabugo (Faria *Dic. cit.*), ou melhor — a espiga do milho falhada, de grãos pequeninos, fanados, murchos. Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 8.°, P. 121 — *Ety.* :— abreviatura de *catanguéra* ou *catambuéra*, de *acá* caroço, grão, *tang* tenro, fresco, novo, viçoso, robusto, com o preterito *cuer* na 1.ª forma, e *puer* (mudança natural e constante do *p* em *b*) na 2.ª — Macedo Soares cit.

TANAJÚRA : formiga de azas, preta e grande, regula do tamanho de uma vespa, de 2 a 3 centimetros de comprimento, a cabeça grande, e a cintura em completa desproporção com o abdomen, que é enorme—Esse abdomen, assado ou frito, é ainda hoje um petisco muito da predilecção dos naturaes ; mas comido em demazia dá diarrhéa. Os tupinambás apreciavam-no tanto que eram chamados *tatá-tanajúras* comedores de formiga — Era a *tanajúra* para elles a formiga por excellencia ; por isso chamavam-na *uça-eté*. (*Ivo d'Evreux* e *Claudio d'Abbeville* cit.) —Diz B. Rodrigues (*Rev. do Inst.* cit., P. 66) que a *tanajúra* é a femêa da *saúva* (vide) ; mas o Barão de Capanema (*Rev. de Hort.* cit., 1877, P. 76) a dá por formiga de ambos os sexos, que em Outubro, Novembro e Dezembro sahem das trevas para o ar, e em consideravel altura fecundão, morrendo o macho ; e a femêa assentando-se em logar apropriado para novo formigueiro, começa por decepar as azas e penetrar no chão, seguindo-se o trabalho da producção, etc. — Em S. Paulo as tanajúras são hoje uma fonte de renda para muitos industriosos, que se occupam em vestil-as, em costume da moda, ou caricaturando algum personagem conhecido, e as vende depois por bôa somma como curiosidade. Tive ensejo, accrescenta Alfredo de Freitas cit., C. 3.°, P. 43, de ver duas dessas formigas que estavam collocadas dentro de uma caixinha sobre cuja tampa se lia a seguinte inscripção : *Formigas Tanajúras vestidas. Unico deposito. S. Paulo, Brazil. Jules Martin.— Ety.* :— tenra

comida, de *tang* tenra e *jura* alteração de *yurú*, *yurub*, do verbo *u* comer: allusão ao petisco do abdomen.

TÁNGA: pedaço de panno com que os escravos cobrem as partes pudendas, enrolando-o na cintura, pendente como uma fralda. Constancio, *Dic. Port.*—Moraes estende-o tambem aos indios—*Ety.*:—vocabulo *africano* Varnhagen, *Hist.*, T. 1.°, P. 459; saiote. Cannecattim cit.; vem do *bundo* ou *congo* como uma forma accidental do verbo conguez *canga*, ligar, amarrar numeros. etc. Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 1, P. 592 e T. 4, P. 249;—ou nos veio d'Africa ou do latim *tzanga*, que se encontra no seguinte passo do Cod. Theor.: *usum tzangarum atque bracharum intra urbem venerabilem nemini liceat pallium.... præcipimus inheberi.* Pacheco Junior, *Rev. Bras.*, T. 5.°, P. 404; *tanga* era uma moéda aziatica portugueza do valor de 3 vintens; porque uma *tanga* custava esse valor deo-se-lhe com o uso esse nome, do mesmo modo por que tambem no Brasil os *bragáes* eram equivalentes nas forragens a certos dinheiros ou soldos. Moraes cit. E' vocabulo de origem americana, tupi, levado para a Africa pelos portuguezes depois que começou o trafico dos escravos negros (B. Caetano, *Rev. Bras.*, T. 3.°, P. 35): de *ang* envolver fez-se *t'ang* com o prefixo *t* envoltorio, vulgo *tanga*. B. Caetano, *Voeab.*, P. 478—De *tanga* já temos *tangar* cobrir-se á roda da cintura com *tanga*. C. Aulete.

TANGUÉRA: rio, nasce da serra da Aratanha, passa o valle da Sapupára e o sitio que delle tomou o nome, e despeja no rio Maranguape, engrossando o rio *Ceará*—*Ety.*:—corrupção de *teongoéra* defuncto.

TAÓCA: formiga chamada de correição (Martius, P. 88 e G. Dias, *Dic.*), vermelha e inoffensiva, não obstante dizer Moraes que é preta e a sua mordedura dóe e queima! Gosta muito de doce; pelo que tambem é vulgarmente conhecida por *formiga de assucar.*— *Ety.*:— de *to og* a que tira folhas, formiga, vulgo correição — B. Caetano, *Vocab.*, P. 480 — Moraes escreve *tayóca*, como tambem a chama o povo.

TAPÉRA : aldêa velha, sitio abandonado (G. Dias, *Dic.*, Martius, P. 83, e Graty, P. 199, N. 2.°), que tinha para com os tupís uma influencia horrivel. Sua mente subrescitada enchia-os de visões hediondas, a que raro podia uma alma forte resistir. Araripe Junior, *Jacina* cit., P. 291 — Chama-se hoje *tapéra* a um simples sitio ou roça, que não tem dono. Varnhagen. *Hist.*, T. 1.°, P. 116—Mesmo assim a imaginação popular ainda enche as *tapéras* de espiritos e visões maleficas. Nenhum sertanejo dormirá n'uma casa abandonada, ainda que esteja em bom estado, prefere dormir no campo, ao ar livre, ou debaixo de uma arvore. Dias Carneiro cit., P. 224 — *Ety.* :—contracção de *taba* aldêa, e *pûera* preterito, que passou : logar onde esteve o povo. Montoya cit. ; ou povo que foi, participio de *tab* — B Caetano, *Vocab.*, P. 481, — Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 3.°, P. 228 e T. 8.°, P. 123.

TAPERY : lagôa no municipio de Mecejana, caminho da Pacatuba — *Ety.* :— agua da tapéra, de *tapéra* e *hy* agua.

TAPETÍ : manga de esteira para preparar a mandióca. Martius, P. 93 e G. Dias, *Dic.* Feita de talas de *uarumã* ou *gurumã*, Dr. F. da Silva Castro, *Gazeta Medica da Bahia*, 1863, n.° 39 — E' instrumento engenhoso: collocavam os indios a massa dentro, uma ponta amarravam no galhô de uma arvore.e a outra em uma pedra grande; de modo que, com o pêso, a manga elastica alongava e apertava ao mesmo tempo a massa, fazendo correr toda a *manipuéira.—Ety.* :—de *tipiti* (*ti* liquido, *pi* premer e *iti* lançar) espremer, metter em prensa, escorrer, distillar ; prensa, espremedor ou espremedouro. B. Caetano, *Vocab.*, P. 506 e 511 — Outros escrevem tambem *Tupetim*.

TAPIÓCA : bolo da gomma da mandióca, meio sêcca, cozido no forno ou fogareiro. Para o sul confundem-na com a farinha da mandióca, como se vê da *Exposição do Bras.* em Vienna cit., P. 181 — corrupção de *typyog*, *typyoc* sedimento precipitado, coálho, coalhado, o que se extráe do liquido ; do radical *ỹ* agua, correr, *ty* li-

quido, o que corre. Macedo Soares, *Rev. Bras.*, T. 8.°, P. 121, N. 1.ª; de *ti* sumo, *pi* apertar, *a* torcer, o cozido, deixando o caldo. Braz Rubim cit., P. 385,— Melhor: de *tipiog-tipiar*, de *tipi* precipitado e *ar* cahir: coalho, coalhado. B. Caetano, *Vocab.*, P. 528 — Não acho procedente a observação de J. Verissimo, P. 50 — G. Dias, *Dic.*, escreve *Typióca*, e Macedo Soares diz que no Paraná ainda se diz *Tipióca*.

TAPÚIA: *ety.* :— literalmente—fugido da aldêa, de *taba* aldêa e *puyr* fugir, J. de Alencar, *Irac.*, P. 182; do guaraní *tapui*, composto de *tapi* cousa comprada e *teú* geração: nome por que os guaranís designavam os contrarios. Braz Rubim cit., P. 382. Preferivel: o que anda desgarrado, de *tabi* errado, desviado e *har* que anda ou turba dos apanhados, de *tapíi* part. de *tar* tomar, comprar, colher e *cíi* multidão. B. Caetano, *Vocab.*, P. 469 e 483. Livremente: contrario ou inimigo, Varnhagen, *Hist.*, T. 1.°, P. 448; gentio. G. Dias, *Dic.*

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Fazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo;
Frechas e arco no braço armipotente;
Nas mãos um dardo de páo santo agudo;
Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
Tal a imagem dos cruéis tapúias.

(Durão, *Caramurú*, C. 4, E. 26.)

A principio *tapuia* era o vocabulo com que se designava genericamente todo e qualquer indigena, ainda que oriundo de raça diversa (Lisboa, *Obras*. T. 2.°, P. 198), os proprios europêos em estado de guerra (G. Dias, *Bras.* e *Ocean.*, P. 10, N. 1.ª), ou os indios vencidos pela raça invasora, a dos tupinambás (P. Chagas, *A Virg. Guar.* cit., P. 255, N. 16). Hoje já está admittido nos *dicc.*

port. (Moraes). Diz-se *tapúio* o homem gentio, e *tapúia* a mulher gentia. (Martius, P. 88, N. 2.ª) No Pará já é synonimo de *servo*: pede-se, engaja-se um para seo *tapúio* ou *tapúia*, conforme é homem ou mulher indigena. Amasonas cit., N. 14

TAPURÚ: insecto branco, formado da *manipuéira*, do succo venenoso da mandióca em estado putrido, e tão venenoso como este. Sêcco e reduzido a pó, as indigenas com elle matavam os maridos, e os escravos os senhores, misturando-o na comida. R. Southey, *Hist.*, T. 1.º, P. 326 e Nota. Hoje chamamos *tapurú* a qualquer insecto, venenoso ou não.—*Ety.*:— de *tapêrú*, *taporú*, *literalmente* — *o que devóra lã ou felpas*; o que come raiz; bicho, verme, insecto. B. Caetano, *Vocab.*, P. 481 e 483.

TAQUÁRA: canna braba. Das especies a maior chama-se *açú*, grande em altura de muitas varas, grossa e solida, em cujo ôco os indios faziam comida. Moraes. Corresponde ao *bambú*.—*Ety.*:—páu ôco, de *itá* pedra, ferro e páu duro, e *quára* ou *cuára* buraco. Macedo Soares, *Rev. Bras*, T. 8.º, P. 125, N. 1.ª Melhor: de *quar* com *a* preposto e *t* fixo—*taquar*—o furado, o ôco, o acanudado ou tubular; ou de *aqua* ir em ponta, *t-aqua* o que vae em ponta (pontuado, alongado), *taqua r* o que tem ou dá pontas, farpas etc.; as *taquáras* eram usadas especialmente para fazer pontas de flechas. B. Caetano, *Vocab.*, P. 484 — G. Dias, *Dic.*, escreve *Tacuára*.

TAQUARÍ: canna braba fina—*Ety.*:—taquára fina, de *taquára* e *i* diminutivo pequeno, fino. C. de Magalhães cit., P. 8.

TATAÍRA *(trigona tataira)*: abelha pequena e vermelha; faz a colmêa no páu; a picada é temida em rasão do *erythema* que determina com producção de phlycternas. Walpœus, P. 380 — *Ety.*:— mel de fogo, de *tatá* fogo e *yra* mel Martius, P. 474; ou abelha de fogo, de *tatá* e *eira* abelha. Malta cit., P. 256. Em tupí—mel de fogo, de *tatá* e *ira*, e tambem nome da abelha que o faz. B. Caetano, *Vocab.*, P. 487.

TATAJÚBA *(maclusa tinctoria)*: madeira preciosa de tinturaria. A lei provincial n.° 6 de 17 de Maio de 1835, art. 3, impoz 50 réis por cada arroba deste páu no acto da exportação; mas no anno seguinte outra de n.° 25 de 19 Agosto revogou-a—*Tatajúba* logar em Santa Quiteria, onde o naturalista João da Silva Feijó, de ordem régia, estabeleceu uma officina para refinar salitre, aproximadamente 400 arrobas, que colheu de uma mina em 3 annos. Pompêo, *Dic. Top.* Da mina ha uma planta topographica—*Ety.* :— corruptéla de *itá* pedra e tambem páu duro e *juba* amarello : (Martius, P. 528) : páu amarello, de que se extráe tinta amarella, como do páu brasil — a encarnada.

TATÚ *(dasypus longicaudus)* : animal conhecido. G. Dias, *Dic.*—Seo corpo é coberto de uma couraça solida, formada por uma carapuça ossea composta de escamas polygonaes. A cauda é igualmente coberta de escamas, que em algumas especies se reduzem a tuberculos. Walppœus, P. 298 — Cava um buraco e desapparece com admiravel presteza, e basta que elle consiga enterrar parte do corpo para ser difficil arrancal-o— Toda minha força, accrescenta E. Liais, P. 350, foi insufficiente para arrancar pela cauda um, que começára a cavar, sendo-me preciso o auxilio de um negro forte — Mas acredita o povo, que mettendo-se o dêdo no anus, cede facilmente. Ha de diversas qualidades, mas nós somente temos 3 : *tatù eté* ou verdadeiro, tambem chamado *tatù veado* e *tatù gallinha*, pela excellencia de sua carne ; *tatù apára* ou *bóla*; porque, ao simples contacto, toma a fórma de uma bóla, que se póde lançar ao longe como outra qualquer, empregando o animal nessa transformação uma força tal que seria decepado o dêdo, que ficasse entre elle e as bordas do seo casco, sendo insufficiente a força de dous homens para abril-as. Tal é a propriedade do casco para se contrahir que, diz o mesmo E. Liais, tocando com a ponta do escapello no de um *bóla*, mais de uma hora depois de morto, já separado do corpo, o casco fechou-se bruscamente pela metade. Por isso mesmo é tido pelo povo como tendo *pauta* (pacto) com o demonio —

..... Vimos o demo
N'um tatú encarnado, porque em bóla
Rolando nos fugío, como se fôra
De bombarda um pellouro vomitado.

(P. ALEGRE, *Colombo*, T. 2.°, C. 34, P. 379.)

— O *tatù péba*, isto é, chato ; porque, quando não póde enterrar-se, achata-se á terra para ficar protegido pela sua couraça—(E. Liais cit) ; ou allusão ao casco que não é bem convexo, e sim um pouco achatado na parte superior. Buffon deo-lhe o nome de *encoberto*, porque geralmente vive nas tócas que cava, e donde só sáe para o seo pascigo nocturno. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 119 — E' o que mais cava e com mais rapidez, sempre tem uma multidão de caminhos subterraneos. E' encontrado nas sepulturas ; por isto o povo acredita que come cadaveres, e tem-lhe repugnancia á carne. Em contraposição ao *verdadeiro* chamão-no vulgarmente falso ; donde muitos suppôrem erradamente que *p ba* significa *falso*. No *tupi* falso é *rana* (Vide *Suçuarána*) — *Rabo de tatú* planta, cujo succo, muito gommoso, emprega-se contra a thisica. Chernoviz, *Form.* O povo diz: — Dous tatús não fazem casa n'um só buraco ; *lingua de tatú* por faca de ponta — Araripe Junior, *Luizinha*, P. 244 — *Ety.*: — F. Cuvier deo-lhe o nome de *priodonte*, que quer dizer—*dente de serra*, pela analogia dos seos com os de uma serra — E. Liais cit. ; — armadilha, Montoya e J. Luccok cit., Melhor : de *tu* por *ca* casco, escama e *tu* póde ser por *tou toó* abs. de *oó* encorpado, denso. B. Caetano, *Vocab.*, P. 490.

TATÚMONDÉ : povoado no districto de Arronches— *Ety.*:—mondé de tatú, de tatú e *mondé* armadilha.

TAUÃPE: povoado no caminho de Maranguape — *Ety.*: —logar de barro amarello. de *taud* barro amarello, e *pe* logar. J. de Alencar, *Irac.*, P. 189.

TAUHÁ : povoação, elevada á villa em 1802 com a denominação de S. João do Principe: mas ainda é conhecida pelo nome indigena—*Ety.*:—barro amarello—

G. Dias, *Dic.* A verdadeira orthographia é *Tauá*; respeitei a do texto, porque é official.

TEJÚ : lagarto. G. Dias, *Dic.* A banha é excellente remedio, sobretudo a do *tejuaçú*, (Vide) para inflammações, e feridas na garganta — *Ety.* : — o que come ; ou de *teîú* ou *teiyú*, litteralmente *teiy* gentalha e *u* comida: comida da gentalha, da tropa : lagarto. B. Caetano, *Vocab.*, P. 358, verbo *Pacú*, e 515 — Uma pequena especie de cipó ou excellente contraveneno — Significa : deixae-o comer. J. Luccok, P. 240 — A batata tem o nome do proprio lagarto por lhe servir de antidoto ao veneno da cobra—Outros escrevem tambem *Tiú* e *Teiú*.

TEJUAÇÚ *(tupinambus nigropunctatus)* : lagarto grande e verde — Sua arma é a grande cauda, com que se defende e açoita, desapiedadamente, a propria cascavel. Quando mordido por este reptil cura-se incontinente comendo o antidoto, que é a batata, chamada *teú* do seo nome. Curado volta reanimado á luta até matar o inimigo ás chicotadas. A banha é muito medicinal, e o coiro muito procurado para artefactos—*Ety.* : — *tejú* grande, de *tejú* (outros escrevem *tiú* ou *teiú*. G. Dias, *Dic.)* lagarto, e *açú* grande. (Vide *Tejú).*

TEJUBÍNA: lagarto verde, pintado,dos campos; cresce ás vezes até ao comprimento do camaleão pequeno. Tem o feitio da lagartixa, com a differença da côr e tamanho — *Ety.* : — *tejú* ou *teiú* pintado, de *tejú* lagarto e *pignhá* pintado, listrado.

TEJÚCO : lameirão, atoleiro, tremedal de mangue. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 115, N. 3— *Ety.* : — corrupção de *tyjùca* lama, barro podre. Martius, P. 92, S de Frias cit., P. 178—De *tejùco* já temos *tejucal* lameiro e *entejucar* enlamear.—G. Dias, *Dic.*, e Martius cit., escrevem *tyjùca*. Varnhagen *(Hist.* T. 2.°, *Pref.*, P. 13) *tujùco*, mas reconhece que a orthographia do texto é mais euphonica, e B. Caetano *(Ens. de Scien.*, T. 1.° P. 67 pr.) — *tyjug lutum*, no Brasil *tyjuka* ; mas no *Vocab.* P. 547, escreve *tyjuco*, de *ti* liquido e *yug* podre ; lama, lôdo, lamaçal.

TEJUPAR: cabana, choupana ou palhoça dos indigenas, com duas aguas, que tocão no chão, com tapamento de palha. Era coberta de pindóba de sapé ou de juncos. Araripe Junior, *Jacina* cit., P. 306 — O *jupá* feito de esteira *(tupés)* serve de porta ao *tejupar*. B. Rodrigues, *Ens.* de *Scien.*, T. 2., P. 13, N. 2.ª— *Ety.*: — do guaraní *teijù* e *upaba* logar de muitos, logar publico. Cabana, palhoça, rancho pequeno. Braz Rubim cit., 383— Melhor: corruptéla de *teyi* gentalha e *upab* pousio, morada.—É a óca miseravel, fóra da malóca—B. Caetano, *Vocab.* P. 515— G. Dias, *Dic.*, escreve *tejupaba* e nos *Cantos*, P. 650, *tejupaba* ou *tejupab*. Preferi a orthographia do texto, por mais adoptada e euphonica— Varnhagen, T. 2.°, *Pref.*, P. 16 — J. Verissimo cit., P. 51, já escreve *Tejupá*.

TEMTÉM: ave pequena, cantôra. G. Dias, *Dic.* cit. (Vide *Cancão)*—

> De um *temtêm*, escondido na andiróba,
> Escutava o cantar, que tudo imita.
>
> (P. ALEGRE, *Colombo*, T. 2.°, C. 34, P. 388.)

— Do tamanho de uma rolinha, toda vermelha, bico e cauda pequenos, com uma cocoruta parda, como o capote. Faz o ninho grande e comprido, quasi todo de espinhos — *Ety.*: — seo nome é onomatopaico, vem do canto, que parece dizer *temtém*.

TETÉO: passarinho pernilongo, de côr arroxeada como a da rôla, papo preto, encontros brancos, e tem no alto da cabeça uma penna maior, assim como a modo de pennacho. O biquinho é comprido, e apenas come lôdo e bichinhos d'agua. Quasi não dorme; passa a noute com o pé erguido e as azas abertas: quando cáe o pé elle desperta, e o mesmo acontece se fecha as azas; pois estas tem um ferrãosinho, que o fére. Assim não póde pegar no somno; e ao menor barulho grita e vôa dos alagadiços onde vive. Não pousa nas arvores; tem os dêdos tão curtos que não seguram-se nos galhos. J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 140—Acompanha a quem o dis-

perta de muito perto, passando perto da cabeça, donde a versão popular que elle tira o chapéo de quem o aggrede—*Ety.*:—seo nome é onomatopaico, vindo do seo canto, que diz perfeitamente—*tetéo*— G. Dias, *Dic.*, escreve *Téo-téo*, e Pompêo, *Ens. Est.* T. 1.°, P. 213, — *Petéo*, talvez erro typographico.

TIBÁU : morro de arêa na costa da Provincia, o qual lhe serve de extrema com a do Rio Grande do Norte. Pompêo, *Dic. Top.* — *Ety.*: — de *ityc* derrubar e *pabe* tudo; tudo cahido *(Sylva tota cœsa)*. Martius, P. 529— Pompêo escreve Tibáo, e Martius de ambos os modos — Parece-me, porém, que o vocabulo não é indigena ; mas corrupção de *Theobaldo*, velho que ahi residiu em remotos tempos. Pelo menos esta tradicção me foi transmittida e garantida por pessôas de criterio, e devo por lealdade entregal-a ao leitor.

TIMBAÚBA : arvore; a madeira é molle e leve, mas o tronco engrossa tanto que ás vezes dous homens não o abarcão. — Dá uma fructa muito amargosa, que bota espuma, de que o povo se serve, como sabão, para lavar a cabeça (Vide *Tamboril)* — Tambem é lagôa ou brejo no municipio do Crato, no qual, cavando-se uma cacimba, com a agua, que sáe da terra, vem peixe ; o que prova que existe massa d'agua subterranea coberta pelos paúes, que formam os brejos. Em algumas partes esses novos terrenos formam ilhas fluctuantes. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 2.°, P. 109, N. 1ª—Lagôa tambem no municipio de Arneiroz, na qual se encontram, em escavações, grandes fosseis de dimensões gigantescas. Pompêo, *Dic. Top.* — *Ety.* : — arvore do *timbó*, de *timbó* (vide) e *uba* arvore — Martius, P. 529, escreve *Timbauva*, e Gay, P. 406, *Timbahuva*.

TIMBÓ *(physalis heterophylla)*: é nome generico no Brasil na linguagem popular e applica-se á todas as plantas empregadas para envenenar o peixe em póços de pescarias; é peculiar ao sul do imperio, e substituido no norte pelo de *tingui* ou *barbasco*. Chernoviz, *Form.* Este arbusto é conhecido por *timbó-peixe*: serve não só para embebedar o peixe, como tambem dizem que tem

effeito sedativo, collocado em cataplasmas sobre dôres rheumaticas das arteculações—Tambem triturado e deluido em agua aproveita á extincção dos formigueiros. C. de B. no *Diario Official* cit. O *timbó* ataca geralmente no homem o cerebro e os rins. O peixe apanhado por esse processo, posto que não offenda a quem o come, comtudo em poucas horas fica deteriorado. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 127 — *Ety.* : — do guaraní *timbó* espuma, porque esfregando-se esta planta deita espuma. Braz Rubim cit., P. 384. Melhor : o que tem côr branca ou cinzenta *(tî* ser branco e *bor* ter) : vapor, fumo, exalação, perfume, cheiro. E' nome dado a varias plantas, cujas emanações enebriam ; assim como a arvores e madeiras. B. Caetano, *Vocab.*, P. 518—C. Aulete diz que *timbó* é mais conhecido pelo nome de *canapú*, e em Pernambuco pelo de *bate-testa !* E' rio no municipio da Pacatuba.

TIMBOAÇÚ : rio, nasce no Itacurumí e despeja no porto do Camocim — *Ety.* :— timbó grande, de *timbó* e *açú* grande.

TIMBÚ : especie de gambá (vide). J. Luccok cit., P. 6.—*Ety.*:—focinho preto, de *tî* focinho e *û* preto; ou de *tî* focinho e *bú* furar. B. Caetano, *Vocab.*, P. 136 pr. e 519.

TINGUÍ *(Jacquinia tinguí)*: arbusto muito conhecido, não só pela virtude narcotica de embebedar o peixe (Varnhagen, Hist., T. 1.°, P. 117), como o gado a ponto de tambem matal-o. (J. de Alencar, *O Sert.*, T. 2.°, P. 341.) O peixe *tinguijado* não faz mal a quem o come (Aulete), e o gado escapa, sangrando-se logo ou cortando-se-lhe as orelhas— Tem uma semente cuja amendoa produz um oleo concreto, de que se faz promptamente sabão de inferior qualidade com uma dissolução alcalina a ferver. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 178, N. 1.ª— O cozimento das raizes é excellente remedio contra as sarnas. Descourtils, *Flora Pittoresca e Medicinal das Antilhas*, T. 3, P. 144 — *Ety.* :—agua branca ou de espuma, de *tî* branco e *ig* agua; trovisco. (B. Caetano, *Vocab.*, P. 519); ou agua fetida, de *tinga* fetida e *i* agua,

porque o tinguí amassado deita um licor de máu cheiro, que embebeda. D'ahi *tinguijar* embebedar o peixe com *tinguì*, *tinguijada* pescaria com *tinguí*, e *tinguíjado* peixe embebedado com *tinguí*. Moraes cit.— C. Aulete escreve *tingui* (sem assento), B. Caetano *tinguî* e Lacerda *tinguí*, como Moraes; mas manda que não se pronuncíe o *u*. A pronuncia geral é a do texto — (Vide *Timbó*.)

TIPÓIA : antigamente—pedaço de rêde em que as indigenas traziam os seus filhos ás costas, como ciganos, escanchados nos quadris. Fernão Cardin, cit., P. 10 — Na conversação emprega-se como synonimo de rêde pequena. J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 101 ; e no estylo chulo por faxa. J. de Alencar, *Irac.*, P. 188—Era fabricada da casca do *tauarí* ou *tuirí*, de que tiravam tiras. Walppœus, P. 255.—*Ety.*:—vocabulo africano. Varnhagen, *Hist.*, T. 1.°, P. 458, Lacerda, *Dic.*; da Angola e do Brasil. Moraes; *tipoi*, *tipoia* camisa sem mangas, vocabulo *alheio*. Martius, P. 90, N. 2.°; do guaraní *tupoi* vestido de mulher. Braz Rubim cit., P. 386. Vem de *tupai*, depois *tupoi*, *tipoi* o que pende das côxas, do quadril—B. Caetano, *Vocab*, P. 359 e 546, e *Notas aos Índios* de *Fernão Cardin*, P. 120 — Já vem em todos os *Dicc. Port.*

TIPUHÚ : corrego no municipio de Aquiraz, o qual deo o nome á uma fazenda que tornou-se afamada pela excellente farinha que fabricava. Dizia-se muito que devia viver feliz quem possuisse estas cinco cousas: *tainhas do Cocó*, *farinha do Tipuhú*. *agua da Jacarecanga*, *cunhãs da Porangaba e laranjas do Gererahú* — *Ety.*:—agua do tapúia, corrupção de *tapuia* e *hú* agua.

TIQUÁRA : sumo de qualquer fructo com farinha, agua e assucar. G. Dias, *Dic.* No Ceará é com a rapadura— *Ety.* : — o aguado, a cousa que leva agua, feita com agua; de *ty* liquido e *quar*, *quára* forma de *harara*—ar exprimindo o modo de ser — J. Verissimo cit., P. 52—No Pará chama-se *Xibé*, em Minas *jacúba* (termo africano), de que já se fez o verbo *enjacubar*, tomar a jacúba (vide Carlos Ottoni, *Viagem ao Rio S. Fran-*

cisco, P. 46)—Entre o povo já *tiquára* anda corrompido em *diquáda*— G. Dias, *Dic.*, escreve *Tycoára*.

TITICAR: termo vulgar; bater, tocar na cousa, empurrando-a, movendo-a aos pouquinhos: *titicar* à castanha, é expressão muito usada dos meninos no jôgo da castanha do cajú—*Ety.*: — de *titica* o palpitar. *Tagica titica* pulso. *Ceça titic*, pestanas. G. Dias, *Dic.*

TOBAJÁRA: tribu da raça tupica, que dominava a serra da Ibiapaba; cultivava a mandióca, o milho e outros legumes (Vide *Tocarijús*). Alfonse de Beauchamp, *Hist. du Brez.*, T. 1.°, P. 44 —*Ety.*:—muitos escrevem *tabajáras* e dão-lhe conseguintemente *ety.* e significação differentes: senhores das aldêas ou aldeões, de *taba* aldêa e *jára* senhores. Varnhagen, *Commentarios* ao *Roteiro* de Gabriel Soares, Nota 13, e *Hist.* cit., T. 1.°, P. 101, Gay cit., P. 78, Frei Maranhão, P. 78, G. Dias, *Dic.* verbo *Póra*, P. 145, e J. de Alencar, *Irac.*, P. 164— Mas G. Dias, que no logar citado escreve *tabajára* e traduz por senhores das aldeias, e em *Notas* aos seos *Cantos*, P. 646, justifica extensamente essa ety. e tradução, no seo mesmo *Dic.* cit., P. 172, escreve *tobajára* e traduz por cunhado do homem, e no *Bras.* e *Ocean.*, P. 14 e 33, Nota 30, mantendo a mesma orthographia, traduz por cunhados dos Tupís! C. Mendes (Notas para a *Hist. Patr.*, P. 231, Nota) *admira-se desta tradução, e com a orthographia tobajára*, substitúe-a por senhores da terra— Como nome de tribu não é de certo apropriado *tabajára*, por isso que não seria distincção entre povos que, com raras excepções, viviam todos em tabas. Quadra mais a lição *tobajára*—fronteiro, por isso que é uma distincção mais natural. (Vide Malta cit., P. 255). Os *tobajáras*, eram os indios principaes do Brasil e pretendiam ser elles os primeiros povoadores e senhores da terra—

Posto que os Tabajáras se acreditem
Os primeiros senhores desta terra,
E orgulhosos por isso assim se chamem.

(MAGALHÃES, *Conf. dos Tam.*, C. 5.°, P. 144.)

O nome, que tomaram, o mostra; porque *ára* (*jára*) quer dizer senhores, *toba* rosto, e vem a dizer que são senhores da terra, que elles tem pela fronteira do mar, em comparação do sertão : e na verdade elles sempre senhoreáram grande parte da costa do mar — Padre Simão de Vasconcellos, *Noticias Curiosas e Necessarias do Brasil*, Liv. 1.°, n.° 156 — Sobreleva que na dicção *Tobajára* estão de acordo os maiores mestres da lingua : antigamente—Vieira, *Rel. da Miss.* cit., José de Moraes *Hist. da Comp. de Jes.*, e Jaboatão, *Orbe* Serafico, T. 1, *Dig.* 2, Est. 13; nos nossos tempos—B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 7 e 119, traduzindo tambem o vocabulo por adversario ou fronteiro — Pompêo, *Dic. Top.* e J. Catunda, *Estudos de Historia do Ceará*, P. 27, escrevem *tabajarras* contra a indole da lingua, que não dobra consoante alguma, principalmente o — *r*, que é sempre brando, como em *querer*. C. de Magalhães cit., P. 14, e Faria, *Comp.* cit., P. 2.

TÓCA : buraco de animaes, escondrijo, covil, cóva. —*Ety.* :—do francez *toucquet* canto. Constancio, *Dic.* ; do hespanhol *tueca*, C. Aulete ; do latim *lócas*, do allemão *loch*. Sylvio Romero, *Rev. Bras.*, T. 5.°, P. 494 ; do latim *toga*, que entre os comicos na linguagem popular de Roma significava — residencia, morada. Pacheco Junior. *Rev. Bras.* cit. A verdadeira : o que cobre ou tapa, do verbo *og* cobrir, tapar com o demonstrativo geral--*t*. Este vocabulo passou para a linguagem vulgar brasileira com grande ampliação de significação : *tóca* é synonimo de furna, caverna, buraco, escondrijo, morada. B. Caetano, *Notas aos Indios do Brasil* de Fernão Cardin, P. 24, e *Vocab.* cit., P. 534. J. Verissimo cit., P. 22 — De *tóca* já temos *entocar* metter na *tóca* e —

TOCAIA : espera para surprender alguem ou alguma cousa ; escondrijo, onde se mette alguem para fazer a espera.— *Ety.* :— vem de *tóca* (vide) — Este vocabulo passou para o portuguez, donde tambem se formou o verbo *tocaiar*, que quer dizer esperar espreitando alguem para atacal-o quando passa pelo logar. C. de Magalhães cit., P. 77, J. Verissimo cit., P. 53,e Braz Rubim, P. 386 —Varnhagen, *Indios Bravos*, P. 37, escreve *tucajar*.

TOCARIJÚ : tribu tapúia da serra da Ibiapaba, celebre pelo barbaro assassinato do venerando Padre Francisco Pinto (1.° catechista que veio ao Ceará) no dia 11 de Janeiro de 1608 — Pompêo no seo *Ens. Est.*, T. 2.°, P. 258, diz que os assassinos foram os *tobajáras*, que aliás foram os vingadores da morte do santo varão! (vide Padre Vieira, *Rel. da Miss.* cit., Cap. 1.°, e José de Moraes cit., Cap. 5.°,)—*Ety.* :—espinho occulto, de *tocari* participio de *to-car* encobrir, occultar, e *jú* espinho : etymologia que muito se conforma com a indole perversamente refolhada e traiçoeira desses barbaros—Outros escrevem *tacarijús;* mas preferi a orthographia do texto por ser a do Padre Vieira, grande mestre da lingua, e que residio muito tempo na Ibiapaba — Theberge cit. e J. Brigido. *Res. Chron. para a Hist. do Ceará*, P. 47. escrevem *tucurijús*, o que não é sinão erro typographico.

TORÉM : flauta, tambor, caixa de guerra – *Ety.* :— no 2.° significado pode vir de *tu* bater ou batido, no 1.°, porém, como tambem se diz *borê* ou *mborê*, talvez se reporte a *tìbùreê* com quéda da syllaba inicial — B. Caetano, *Vocab.*, P. 546—Tambem pode vir do guaraní *toré* cousa descorde, voz desentoada, Braz Rubim, P. 384. Outros escrevem *toré*, flauta feita de tabóca. Faria *Dic.* Diz Martius, P. 482, que chamavam *torèm*, porque era feito da pelle da cauda do animal *toró*, de que os indios faziam suas tubas.—No Ceará *torém* é arvore alta de folhas largas e do páu ôco como a tabóca ou taquára, mas sem a mesma consistencia, da qual os indios faziam um instrumento de festa, especie de *maracá*, chamado *torém* do nome da arvore. Do instrumento passou tambem o nome á *dansa* dos mesmos indios, celebrada ao toque desse instrumento. (Vide *Boré.*)

TRAÇÁNGA : formiga preta, maior do que a *tracuá.* Não é damninha ; mas a dentada dóe muito. Quando se assanha faz tamanho ruido que se ouve perfeitamente. —*Ety.* :—contracção de *tarará* soar, estalar, *icá* formiga e *çanhe* dente : formiga de dente que estala, allusão ao barulho que fazem essas formigas.

TRACUÁ : formiga de côr vermelha ou preta. A vermelha causa os mesmos estragos que o copím ; e da casa, lavada em cinza de cacáo, se faz isca — G. Dias, *Dic.*— Aninham-se nas raizes das orchideas, nas bromelias e nos páus e cipós, preparando uma materia para sua vivenda, semelhante ao *amodou*, e que serve para isca de fogo, pelo que é conhecida por *isca de tracuá*, de que usam muito os indios. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 67 —*Ety.* :—de *tara-cu* que devóra espiga, ou de *tara-guar* devoradora de espigas. B. Caetano, *Vocab.*, P. 486 — G. Dias cit. escreve *taracuá*.

TRAHIRA *(syodus)* : peixe das cabeceiras dos rios e aguas paradas. E' de pelle parda-escura, muito voraz, e cuja carne, posto que saborosa, é muito espinhosa. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., P. 128 — E' pequeno e d'agua doce. J. Galeno, *Lyra Cearense*, P. 144—*Ety.* : — contracção de *tareira* (*tá-reí* arranca pello). B. Caetano, *Vocab.*, P. 486.

TRAHIRY : rio pequeno, que faz barra no mar a 30 legoas ao norte da Capital. A lei provincial n.° 1604 de 14 de Agosto de 1874 transferio para a povoação deste nome a séde da freguezia e villa do *Paracurú* com a denominação de N. S. do *Livramento* ; mas outra n.° 1669 de 19 de Agosto do anno seguinte mudou a denominação pela de Villa do *Trahiry—Ety.* :—rio das trahiras, de *trahira* peixe deste nome e *y* agua—J. de Alencar, *Irac.*, P. 180.

TRAPIÁ (*cratœva trapiá*, L.) : arvore, dá um fructo amarello e redondo semelhante ao do maracujá *suspiro*, mas de inferior qualidade—E' anti-syphilitico. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 177, N. 5.°—*Ety.* :—fructo de papagáio, contracção de *tarabé* especie de papagáio (Martius, P. 530) e *á* fructo.—E' tambem serra em S. Mathéus.

TREMEMBÉ : tribu, pacifica e inoffensiva, cujo Principal ou Cacique era *Tatuguaçú* Tatú Grande. Vieira, *Rel.* cit. Cap. 5.— Occupava a costa desde a foz do Jaguaribe até ao Maranhão. Eram habeis nadadores: arremettiam a nado contra os tubarões com um páu agudo, que lhes encaixavam pela guéla a dentro, com o que os

traziam á terra e tiravam delles os dentes para flechas. Varnhagen, *Hist.* cit., T. 1, P. 117. Tal a sua pericia em natação que eram por isso appellidados *peixes racionaes*. C. Mendes, *Memorias* cit., T. 2.°, P. 190, N. 1.ª, P. 444, N. 1.ª e P. 468, N. 4.ª— Foram aldêados pelos Jesuitas e depois transferidos para Almofala, termo do Acaracú. A moéda de que serviam-se em suas transações era *mimbós*, novellos de fio de algodão. Barba Alardo, *Memoria* cit., P. 272 — Hoje estão confundidos na massa da população civilisada. Araripe cit., P. 27 — *Ety.* :— de *memby* gáita, *occe buzina*. Martius, P. 530; de *teremembé*, em tupi, tumultuario, amotinado. B. Caetano, *Vocab.*, P. 459. A' uma tribu pacifica repugna semelhante *ety*. Prefiro: vagabundo, nome dado pelos *tobajáras*, que habitavam as aldêas — Varnhagen cit., P. 101, Gay cit., P. 78.

TRUÇÚ: serra no Inhamuns; rio, nasce na serra do Flamengo, termo do Saboeiro, dos riachos *Quinculé*, *Amoré*, *Faël*, *Quinqué* e *Areré*, e despeja no Jaguaribe abaixo do *Iguatú*—*Ety.*:—contracção de *turuçú* grande, naturalmente em relação ao *Truci* (que muitos chamam e escrevem *Tricy*) e que deve-se traduzir por menor, rio que nasce no *Thaué* e despeja no Jaguaribe.

TUBIBA: abelha pequena, preta; tem ferrão com que muito fere. Faz a colmêa no páu — *Ety.* :— corrupção de *caba* vespa, abelha e *iba* má, allusão á mordedura.

TUCANGUÍRA (*cryptaceus causticus*): formiga preta cuja picada é muito dolorosa. G. Dias, *Dic.* A picada pode produzir febre. C. de Magalhães cit., P. 273, N.; ou, como diz J. Pinkas cit., P. 306, actúa como ferro em braza sobre a epiderme. E' do tamanho de uma caba ou de um maribondo; tem como este um ferrão no abdomen, cuja ferroada, além de muito dolorosa, é venenosa. Produz dôres intensas, febre, e chega mesmo a causar a morte. Cumpre notar que a sua mordedura produz effeitos aphrodisiacos, e que a união immediata dos sexos faz cessar as dôres e os seos effeitos. Anda aos pares; aninha-se no chão. B. Rodrigues, *Emancipação dos Mauhès*, *Rev. da Exp. Antrop.*, 1882, P. 10, e *Rev. do*

Inst. cit., P. 67 — Felizmente vive em isolamento, e é encontrada com superior difficuldade. Alfredo de Freitas, *Estudos* cit., Cap. 4.°, P. 69—Tem grandes mandibulas; della serviam-se os *Mauhès* para ensinar a fortaleza aos mancebos cruciados com a sua mordedura. Martius, P. 482—*Ety.* :— C. de Magalhães escreve *tucandira* e diz que no Sul chamão-na *çaracutinga*, B. Rodrigues *tocandyra*, Martius *tocânguira*, *tocanguibura* e *tucanguira*, Walppœus, P. 378, *tocandirá*, e G. Dias como no texto. Pela lição de B. Rodrigues pode-se explicar por — ferrão duro no abdomen; da corruptéla de *tì-cang* ferrão osseo, duro, e *guir* parte inferior, baixo— Em B. Caetano, *Vocab.*, P. 394, encontra-se *tucángi* arvore de ferir.

TUCÃNO *(ramphestos)*: ave. G. Dias, *Dic.* Do tamanho de um marrecão, singular pela grandeza deforme do bico, curvo e dentado, que em algumas especies é 4 vezes maior do que a cabeça. E' preto, com o papo vermelho e amarello; deste se faz enfeite para senhoras. O manto do nosso Imperador é guarnecido do arminho do papo. Moraes cit.—*Ety.* :—de *tuca* esmurrar, bater, allusão á defeza de que se serve. J. Luccok cit., P. 12; de *tutug* bater frequente, onomatopaico: nome dado a um tucáno e passarinhos vulgo *picapáu*; ou antes — de *tí* bico e *cang* osseo: bico osseo. B. Caetano, *Vocab.*, P. 541 e 546.

TUCÚM *(astrocaryum tucuma)*: palmeira, cujas folhas guarnecem o espique em espaços alternados e direcções differentes, e fornecem fibra superior. Walppœus, P. 221 — Essa fibra ou fio preparado pelo indio com a resina da almecega era fortissimo. J. de Alencar, Nota ao *Guarani*. Della serviam-se para fazer suas redes de pescar, para cordas de arco e outros misteres, que Porto Alegre, *Colombo*, T. 2.°, C. 29, P. 252, resumio :—

. . . . . o cacho escuro
Do cerdoso *tucùm*, amor dos brejos,
Linho da selva, preador dos peixes.

—*Ety.* :— que fére, corrupção do verbo *tu, tug* ferir e *jú* espinho, ou *t-ucû* o que se alonga— B. Caetano, *Vocab.*, P. 541.

TUCUNDÚBA : povoações no termo de Soure, comarca de Maranguape, e no do Acaracú—*Ety.* :—logar do *tucúm ;* de *tucúm* palmeira deste nome, e *tuba* logar. Martius, P. 530.

U

UBÁIA : fructinha silvestre, pouco maior do que uma ameixa, amarella, quando madura e um tanto azêda, mas gostosa—*Ety.* :—fructa agradavel, de *uba* fructa e *dia* agradavel. J. de Alencar, *Irac* , P. 173— Pode tambem ser : *ubáia* ou *uvdia* fructa azêda, de *ibá hai* fructa está azêda — B. Caetano, *Vocab.*, P. 184 — Diz Aulete que é fructo da *ubaiamuchama !*

UBAJÁRA : celebre caverna no termo da Granja, sobre a serra da Ibiapaba, tão profunda que ainda ninguem poude chegar á sua extremidade ; apenas conhece-se uma pequena área, limitada por um ribeiro, que corre nesse vasto antro, inaccessivel aos curiosos por falta de ar, de modo a apagarem-se as luzes ; sendo necessario, para depois acertar-se com a sahida, que se marque o terreno por onde se tenha passado E' uma das maiores cavernas de que ha noticia, inclusive a Mamouth nos Estados-Unidos. Tão alta que á sua cupula não attinge um foguete, como já se teve occasião de verificar. Diversas pessôas tem penetrado nella e deixado no salão principal do seo antro os seos nomes escriptos na rocha. Em 1855 escreveo o seo o Padre Manoel de Medeiros, mais tarde Bispo de Olinda — Pompêo falla em uma mina de cobre nesse logar *(Dic. Top.)*, e em uma rica pedra preciosa que o inglez Dixon achára na gruta (*Ens. Est.*, T. 1.°, P. 164, Nota) ; e Theberge em uma mina abundante de prata, (*Esb.* cit., Part. 1.ª, P. 169—O Dr. João Francisco de Lima, medico em Sobral, percorreu minuciosamente a gruta, e della deixou curiosa noticia, que publicou-se no *Cearense* n.° 412 de 14 de Março de 1851 ; assim como

Antonio Bizerra, na *Constituição* citada. — *Ety.* :— senhor da canôa, de *ubá* canôa e *jára* senhor : nome de um cacique que por muito tempo habitou a cáverna — Pompêo (*Dic* cit. e *Ens. Est.*, T. 2.°, P. 226) escreve *Ubajárra* contra a indole da lingua (Vide *Tobajára*). Já se escreve tambem *Bajára* com quéda da vogal inicial.

UBATÚBA : povoação no municipio da Granja, a 18 legoas da cidade — *Ety.* :— feitoria de vestido, de *oba* vestido e *tyba* feitoria (fabrica) — Frei Maranhão cit., P. 80 — Mas esta significação repugna a selvagens tão estranhos, como eram os nossos aos usos civilisados — E' preferivel : logar da canôa, de *ubá* canôa e *tuba* logar. Martius, P. 531, e Malta cit., P. 256.

UMARY (*geoffroya sp.*, L.) : arvore leguminosa (Martius, P. 531), utilissima no nosso centro, por causa do fructo, que se come cozido, e é grande refrigerio da pobreza como alimentação substancial, sobretudo reduzida á gomma, que é peitoral e vermifugo. A arvore é grande, frondosa ; a folha miúda serve de excellente sustento ao gado—Ainda usa-se da folha cozida para curar diarrhéa. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 178, N. 2.ª — No principio do inverno verte tanta agua dos olhos que molha a terra: o que é bom signal de inverno para os sertanejos — E' freguezia e villa na comarca de Lavras.— *Ety.* :— corrupção de *ib*, *uba* arvore e *ri* correr, manar e *y* agua : arvore que distilla agua.

ÚNA : rio no municipio da Granja—*Ety.* :— emprega-se na composição em logar de *pitúna* negro, preto, escuro. Rio preto ou negro diriam os indigenas — *yg* ou *y'-ùna* : nós dizemos *úna* simplesmente, porque o *yg* se acha traduzido na palavra portugueza, que se lhe acrescenta : *Rio-U'na*. G. Dias, *Dic.*, C. de Magalhães, P. 87. Convém notar que este vocabulo nem sempre significa preto, mas tambem a côr aproximada do preto. *Ex.* :— *Araúna* arára azul ferrete : *Tapanhúna* cafuz, que é a côr de azeitona ; *Piraúna*, que é peixe avermelhado. Corresponde ao adjectivo *niger*, *nigra*, *nigrum* latino, que tambem nem sempre significa *negro*, mas ás vezes a cór proximada. *Ex.* :—

O formose puer, nimium ne crede colori :
Alba ligustra cadunt, vaccinia *nigra* leguntur.
(VIRGILIO, *Egloga* 2.ª, v. 18.)

O *nigra* ahi não significa *negro*, mas a côr do vacino, quando se colhe, que é a do lyrio azul ou da violeta rôxa.

URÚ : cesto tecido da palma da carnaúba com bandoleira da mesma palma, para trazel-o a tiracôlo, como os soldados as patronas, onde guarda-se um indispensavel (Vide G. Dias, *Dic.*)— *Ety.*:—de *yrú* o que contém ou traz, continente, cesto, caixa. B. Caetano, *Vocab.*, P. 209 — E' tambem uma ave das nossas serras, cujo canto parece dizer *urú*, donde lhe veio o nome, J. Galeno, *Scen. Pop.*, P. 273 — Em algumas provincias é conhecida pelo nome de *Capoéra*. Beaurepaire Rohan, *Gloss.* cit., P. 415 — E' ainda o nome de uma formiga preta, pequenina, mas cuja mordedura dóe muito. Habita as arvores a que é fatal — Seo nome vem da sua casa, do feitio de um *urúsinho*.

URUBÚ : ave conhecida. G. Dias, *Dic.* Nasce branco, mas quando cresce fica preto — Temos de 3 qualidades : preto *(cathartes brasiliensis) camiranga*, (que quer dizer cabeça vermelha, por causa de uma carnosidade vermelha que tem na cabeça) e *urubútinga*, *(cathartes papa)* que quer dizer urubú branco, que é o urubú-rei (Moraes, *Dic.*), não obstante o povo confundil-o impropriamente com o preto. E' este um dos mais bellos passaros das florestas do Brasil : o mais formoso sem duvida em côres e plumagem ; o aspecto, porém, e os habitos são de legitimo corvo. E' do tamanho de um ganso. Tem olhos grandes e redondos ; íres de brilhante alvura ; palpebras vermelhas ; bico como o dos urubús : comprido curvado e de um alaranjado vivo. Abaixo do bico expande-se uma caruncula carnosa, que cahe de um lado e d'outro, de côr tambem alaranjada. Desde o olho até esta carnosidade, a pelle núa pucha para rôxo. Acima da cabeça ha uma parte completamente desnudada, rubra, com pennasinhas tão pequenas e separadas que parecem pel-

los. Por baixo dos olhos e do pescoço sahem carunculas unidas e compridas, de um escuro claro e que, em forma de arco, vão ligar-se acima da nuca, unindo-se então n'um filete carnoso, que desce por traz do pescoço até á base do peito. E' vermelho claro em cima, preto no meio e amarello em baixo. As côres da cabeça são realçadas por um fundo negro do ébano, que bem se pode chamar a moldura. O pescoço é totalmente desnudado de pennugem. A pelle parece pelle de luvas : é amarello vivo na frente, côr que cambía insensivelmente para vermelho carregado. Esse pescoço nú e tão bem colorido sahe de um collar de pennas acinzentadas, que parecem vir das costas e se reunem no peito, a formarem novamente uma linha de separação, que se esbate pouco acima da barriga. O collar semelha um ornato de mulher. O resto das pennas é branco, excepto nas extremidades das azas, que são pretas. Os pés são brancos. Hercules Florence cit., P. 376 — Este urubú não deve só o nome de rei ás côres brilhantes das pennas ; outra circumstancia deo origem a appellidarem-no—*rex vulturum* (rei dos abutres). Conta Alcides d'Orbigny que um bando de urubús que em volta do corpo d'um animal desputa entre si a posse dos pedaços que lhe arrancam, ao ver o urubú-rei que se approxima, retiram-se á distancia de alguns passos. Fui muitas vezes testemunha deste facto, e posso affirmar que em frente de nenhuma outra ave as especies mais pequeninas dos abutres abandonam a presa, como fazem em frente do urubú-rei. Tão depressa o enchergam, por mais entretidos que estejam, todos se retiram, e ao vel-o approximar-se como que o saúdam levantando e abaixando alternadamente as azas e a cauda. Toma o urubú-rei o logar que ellas lhe cedem, e todos aguardam silenciosos que haja por bem retirar-se. Pedro M. Posser, *Maravilhas da Creação*, P. 16 — E' crença indigena que este urubú sobe além das nuvens, e que as flechas ornadas com as suas pennas não erram o alvo; assim como que a supplica escripta com ditas pennas é ouvida. O urubú branco é a bondade, o negro o mal. S. Anna Nery, *Le Pays des Amasones*, P. 69, B. Rodrigues, *Rev. Bras.*, T. 9, P. 40, Nota. Além disto acredi-

tam tambem os indigenas que a espingarda com que se matou um urubú negro fica inutilisada. J. Verissimo cit , P. 62—*Ety.* :—ave voraz, de *urú* ave e *uú, vu* comer — Martius, P. 485, e S. Anna Nery cit., P. 68 ; — comedor de carnes podres e voraz, donde seo nome de *û* comer. J. Luccok, P. 12. Prefiro : *îribú*, de *y-ré bur* ou *y-né-bur* o que exala fetido. B. Caetano, *Vocab.*, P. 558.

URUBURETÃMA : serra alta e fertil, sobre a qual está situada a villa da Imperatriz a 18 legoas ao noroeste da Capital — *Ety.* :— ninho de urubú. J. de Alencar, *Irac.* P. 180 ; casa de urubús. Pompêo, *Dic. Top.* :— casa de muitos urubús, corrupção de *urubú-reté-taba*. Martius. P. 532.

URUCÚ *(bixa orleana.* L.) : planta. tinta vermelha. G. Dias, *Dic.*, Martius, P. 95 — A planta é medicinal, usada como tonico e como peitoral. Pompêo, *Ens. Est.*, T. 1.°, P. 178, N. 3—*Ety.* :— Parece ser *i-rí-cú* liquido d'arvore ; mas attendendo-se já ao uso de pintarem os corpos, de adubarem a comida com ella, pode ser *ub rocú* pincta pernas, ou *ú rocú* faz tragar comida. Tambem pode ser *yu rocúi* vaso ou cuia de espinho, da forma e modo de ser do fructo ; assim como de *rocuí* queimar fez-se *urucú* vermelhão. B. Caetano, *Vocab.*, P. 456 e 558.

URUÇÚ : abelha amarella escura (Pompêo, *Ens. Est.* T. 1.°, P. 219), do tamanho da jandaíra ; faz a colmêa no chão e produz muito e bom mel—*Ety.* :— corruptéla de *eira* abelha e *uçú* grande, por causa do mel grosso, espesso, abundante, que dá esta abelha. B. Caetano, *Vocab.*. P. 176 e 559— J. de Deus, *Dic. Pros.* e Moraes escrevem *oruçú*, e diz esta que é uma abelha parda ou negra, mais brava que a *jatahí* !

URUPÉMA : peneira para escorrer a maniva, a massa humida da mandióca, ou para peneirar milho, feijão, arroz, etc.— Havia outras feitas de canna braba (*ubá*) mais largas, maiores e fortes, de feição de esteira que, em vez de gelozias e portas, tapavam as janellas e portas das casas pobres—*Ety.* :—tecido de *urú*, de *urú* pa-

lha de que se faz este objecto, e *pema* tecido, crivo de urú—Moraes, *Dic.* e Braz Rubim cit., P. 290—Melhor: cesto chato, de *irú* cesto e *peb* chato: peneira, crivo. B. Caetano, *Vocab.*, P. 210. Moraes escreve *urupema* ou *urupembu*, e G. Dias, *Dic.*, *gorupema*, *urupema* ou *urupemba*. Nós chamamos indistinctamente *urupema* ou *urupemba*.

X

XARÁ: a pessôa que tem o mesmo nome que nós; o nosso homonymno. Meu ou minha *xará*. Tratamento muito usado, principalmente entre mulheres.—*Ety.*: — de *xhê-xê* meu, minha, e *têra* nome, com a substituição ou mudança do *t* em *r*, como é natural no *tupí*, fez-se *xé-rêra* o meo nome, o nome de mim, por corrupção *xêra*, como se diz no Pará, e *xará* como usamos. (J. Verissimo, P. 54.) Entre nós ouve-se mais *Xarapim*.

XEXÉO *(cassicus)*: passarinho preto, do papo encarnado e bico branco. De madrugada já começa a cantar. Como o *Tordo dos Remedios (turdus polyglotus)* dos norte-americanos, tem a habilidade de arremedar e imitar a voz de todos os mais passaros, que afinal corrompem o canto, continuando a ouvil-o—*Ety.*:—seo nome é onomatopaico; vem de seo canto, que parece dizer exactamente *xexéo*.

XIXÁ *(jiluantea emetica?)*: arvore e fructo. Arvore linheira, de folhas curtas e dentadas; cresce e engrossa muito. Deita um fructo,como uma amendoa que se come; mas a flôr exála um cheiro fetido insupportavel, semelhante ao das fezes escrementicias— *Ety.*: — fructo repulsivo! de *xi* ou *chi* interjeição *Olá!* servindo para chamar, ameaçar e renegar, e *uá* fructo. Mudou-se o *u* em *x* por euphonia. C. Aulete e G. Dias., verbo *Tambóra*, escrevem *xixi*, nome d'arvore.

Z

Z : (Vide *Nota* no fim).

ZABELÊ *(crypturus noctivagus)*: especie de nambú, porém maior, do tamanho de uma franga ; corpo avermelhado, e pés vermelhos — Vive em terra mariscando com as gallinhas domesticas. Walppœus, P. 331 — Bôa caça.

> Entre as volateis caças mais mimosa,
> A Zabelê, que os francolins imita.
> E' de carne suave, deliciosa,
> Que ao tapúia voraz a gula incita.
>
> (DURÃO, *Caramurú*, C. 7, E. 61.)

Tem o canto saudoso—*Ety.*:—seo nome é onomatopaico; vem do seo canto, que parece dizer *zabelê*. Faria, *Dic.*, escreve *Zabelez* !

NOTA

Os indigenas não conheciam todas as letras do nosso alphabeto, e de algumas do seo conhecimento não se serviam como nós.

O facto chegou a dar origem a verdadeiras extravagancias.

Faltavam-lhes o *F*, *L* e *R*, diz G: Soares, porque não *tinhão nem fé*, nem *lei*, nem *rei*. *Tratado Descriptivo do Brasil*, *Part. 2.ª*, *Cap.* 150. O que, acrescenta o Padre Simão de Vasconcellos, me faz duvidar da sua salvação, porque isso me indica não serem capazes de terem nem *fé*, nem *lei*, nem *rei*! *Noticias Curiosas do Brasil*, P. 21. Ou de viverem sem *fé*, nem *lé*, nem *ré*, como se pronunciava. G. Dias, *Bras.* e *Ocean.* na *Rev.* do *Inst.*, 1867, P. 96, N. 127.

Mas basta ligeira reflexão para mostrar que valor se deve dar á tão extravagante opinião, como si os *Tupis* devessem ter palavras portuguezas ou que os vocabulos dos dous idiómas, correspondentes áquellas ideias, devessem de necessidade começar pelas mesmas iniciaes, ou que *enfim podessem existir* homens sem religião, sociedades sem leis e guerreiros sem chefes! G. Dias cit., P. 136.

Era preciso que as primeiras palavras da infancia fossem por todo universo as mesmas, afim de entrever-se resquicio de uma lingua universal; não se póde, por tanto, pretender que os Brasís não tivessem nem Deus, nem Lei nem Rei, pelo facto de terem de menos algumas letras do alphabeto, quando nada disto lhes faltava, como se vê em *Tupá* Deus, *Tecó* Lei, *Tubichdba* Chefe. Malta cit., P. 243.

Sobreleva que ao alphabeto indigena não faltava o *r*; o que elle não tinha era o *r* forte como o nosso; o indigena pronunciava-o brando como no verbo portuguez *querer*. B. Caetano, *Ens. de Scien.*, T. 2.°, P. 119, C. de Magalhães, P. 14, G. Dias, *Bras. e Ocean. Obr. Posth.*

T. 7°, P. 121 e 171, Macedo, *Liç. de Hist. do Bras.*, P. 561, e Faria, *Comp. da Ling. Bras.*, P. 2.ª

O que os indigenas não conheciam em absoluto era o *s*, pela simples rasão de repugnar á lingua o sibillo que lhe é proprio. Em vez delle usavam do c cedilhado. B. Caetano, *Vocabutario*, G. Dias, *Dic. Tup.*, C. de Magalhães cit., P. 14, e Faria cit., P. 2. Mas, não obstante, sendo geralmente admettido e por autoridades do valor de Martius e outros, entendi que não devia repellir o *uso* com acceitação até official; e por isto o adoptei tambem.

Pela mesma rasão não fazião o plural, como nós, com o acrescentamento do *s*, mas sim da particula *etá*. *Ex*: *Apyába* homem, *Apyabaetá* homens. A dicção plural com *s* em algumas palavras já é corrupção portugueza, como em *Apujarés*, *Aquigiros*, *Inhamuns*, etc.

Igualmente não tinhão o *z*, que era substituido pelo *c* cedilhado, como assevéra Anchiêta, citado por Southey, *Hist. do Bras.*, T. 1.°, P. 320. O *uso* tambem o tem admittido, mas em rarissimas palavras. Entre nós só conheço *Zabelé*, orthographia e dicção mais communs.

Outra particularidade desta lingua: não dóbra consoante alguma, nem mesmo nella encontrão-se originariamente duas consoantes, ou duas letras liquidas ou mutuas. G. Dias, *Dic. Tup.*, verbo *Brã*, Faria, P. 2.ª, *in fine*. Alguma excepção é méra corruptéla portugueza, pela figura cráse ou metáthese.

Ainda uma observação, que não encontrei em autor algum, mas que o estudo me fez recolher como exacta. Sempre que o — *i* — final significar agua, ou cousa que o valha, deve ser substituido por *y*; porque no tupí e guaraní esta letra ou o—*u* são as significativas de liquidos. Ao contrario, deve-se escrever com *i* final (com assento ou sem elle) todo vocabulo que não envolver ideia de agua. *Ex.*: *Taquari* taquára fina ou taquarí, *Taquary* rio da taquára.

Esta orthographia não só me parece philologica, como tem a vantagem incontestavel de definir bem os vocabulos, distinguindo-os.

O Autor.

PAGINAS	LINHAS	
120		— A nota 6.ª que devia estar nesta pagina acha-se á pagina 119.
120	3	— da nota 8.ª — Onde lê-se —,confirmada em 1821—leia-se : confirmada em 1721.
120		— A nota 9.ª que lê-se nesta pagina devia estar na pagina 121.
121		— A nota 9.ª que devia estar nesta pagina acha-se na 120.
155	8	— Onde lê-se por qrprte do fiouuo — leia-se : por parte do pouuo
170	7	— Onde lê-se — do cappitam major — leia-se : do ditto cappitam major.